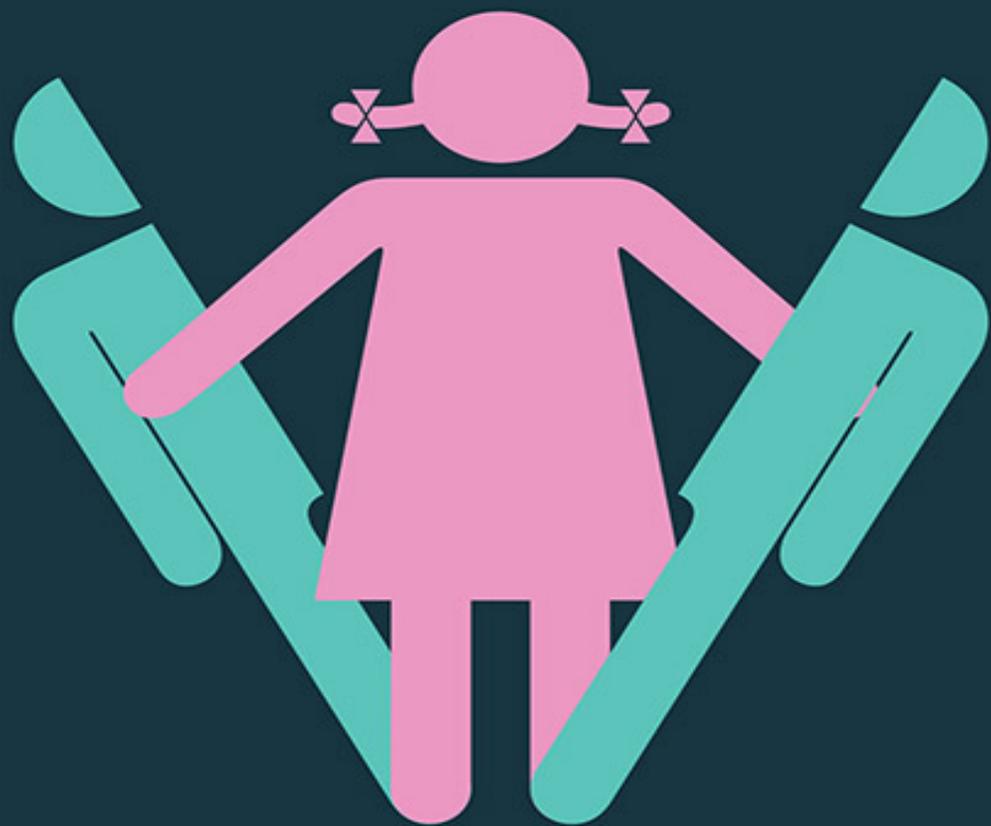


a arte de ser normal



lisa williamson

ROCCO
JOVENS LEITORES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



a arte de ser normal



lisa williamson

*tradução de
Cláudia Mello Belkassaf*

ROCCO
JOVENS LEITORES

É recomendada a leitura do e-book *A arte de ser normal* com a configuração de Fonte da Editora ativada.

Para Isla

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Agradecimientos](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)



1

Numa tarde, quando eu tinha oito anos, minha turma recebeu a tarefa de escrever o que a gente queria ser quando crescesse. A srta. Box passou pela turma toda, pedindo para cada um se levantar e compartilhar o que tinha escrito. Zachary Olsen queria jogar futebol na Premier League. Lexi Taylor sonhava em ser atriz. Harry Beaumont planejava ser primeiro-ministro. Simon Allen desejava tanto ser Harry Potter que, no período anterior, tinha feito um raio na testa com uma tesoura de artes.

Mas eu não queria ser nenhuma dessas coisas.

O que eu escrevi foi:

Quero ser uma menina.



2

Os convidados da minha festa estão cantando “Parabéns pra você”. Não está nada bonito.

Minha irmã mais nova, Livvy, quase não está cantando. Aos onze, ela decidiu que as festas de aniversário em família são tragicamente vergonhosas, deixando minha mãe e meu pai berrando o resto da música, a voz fina de soprano da minha mãe em conflito com a voz monótona de barítono do meu pai. É tão ruim que o Phil, o cachorro da família, sai do seu cesto e foge com certa repulsa no meio da música. Não o culpo; a festa toda é meio deprimente. Até os balões azuis que meu pai passou a manhã toda soprando parecem pálidos e tristes, especialmente os que têm “Catorze!” rabiscado com marcador preto. Nem tenho certeza de que os eventos que se desenrolam na minha frente podem ser chamados de festa.

– Faça um pedido! – diz minha mãe. Ela inclina o bolo para eu não perceber que está torto. “Feliz Aniversário, David!” está escrito em pasta americana vermelho sangue e as sílabas “sário” ficaram espremidas porque ela deve ter calculado mal o espaço. Catorze velas azuis contornam a borda do bolo, pingando cera na cobertura amanteigada.

– Anda logo! – pressiona a Livvy.

Mas não quero que me apressem. Quero fazer isso direito. Eu me inclino para a frente, ajeito o cabelo atrás das orelhas e fecho os olhos. Bloqueio o lamento da Livvy, os elogios da minha mãe e o barulho do meu pai mexendo nos ajustes da câmera, e de repente tudo parece meio abafado e distante, um pouco parecido com a sensação de afundar a cabeça na água da banheira.

Espero alguns segundos antes de abrir os olhos para soprar todas as velas de uma vez só. Todo mundo aplaude. Meu pai solta uma bomba de confete,

que não “explode” direito, e, quando ele tira mais uma do pacote, minha mãe já abriu as cortinas e começou a tirar as velas do bolo. O momento passou.

– O que você desejou? Alguma coisa idiota, aposto – retruca minha irmã de um jeito acusador, enroscando uma mecha de cabelo castanho-dourado no dedo do meio.

– Ele não pode te contar, boba, senão não vai se realizar – diz minha mãe, levando o bolo para fatiar na cozinha.

– É – comento, mostrando a língua para a Livvy. Ela retribui o gesto.

– Onde estão seus dois amigos, mesmo? – pergunta ela, dando muita ênfase à palavra “dois”.

– Já te falei que o Felix está na Flórida e a Essie, no Leamington Spa.

– Que pena – diz a Livvy sem a menor empatia. – Pai, quantas pessoas vieram na minha festa de onze anos?

– Quarenta e cinco. Todos de patins. Uma carnificina total – resmungo meu pai de um jeito amargo, tirando o cartão de memória da câmera e inserindo na lateral do notebook.

A primeira foto que aparece na tela é minha e estou sentado na cabeceira da mesa com um cartaz exagerado que dizia “Aniversariante” e um chapéu de festa pontudo de papel. Meus olhos estão fechados e minha testa está brilhando.

– Pai – resmungo. – Você tem que fazer isso agora?

– Só vou tirar os olhos vermelhos antes de mandar as fotos por e-mail pra sua avó – diz ele, clicando com o mouse. – Ela ficou arrasada por não poder vir.

Isso não é verdade. A vovó joga bridge nas noites de quarta-feira e não perde isso por ninguém, muito menos pelo seu neto menos preferido. A Livvy é a preferida da vovó. Mas, pensando bem, a Livvy é a preferida de todo mundo. Minha mãe também convidou a tia Jane e o tio Trevor e meus primos Keira e Alfie. Mas o Alfie acordou hoje com manchas esquisitas no peito, que podem ser de catapora ou não, então eles pediram desculpas, e só ficamos nós quatro para “comemorar”.

Minha mãe volta para a sala de estar com o bolo fatiado e o coloca de volta na mesa.

– Olha quanta coisa sobrou – diz ela, franzindo a testa enquanto analisa as montanhas de comida remexida. – Vamos ter bolinhos de salsicha e

doces fondados até o Natal. Espero que eu tenha filme plástico suficiente pra embalar tudo.

Ótimo. Uma geladeira lotada de comida para me lembrar de como eu sou absurdamente impopular.

Depois do bolo e de muito filme plástico, hora dos presentes. Dos meus pais eu ganho uma mochila nova para a escola, o box de DVDs de *Gossip Girl* e um cheque de cem libras. A Livvy me dá uma caixa de chocolates Cadbury Heroes e uma capa vermelha brilhante para meu iPhone.

Então nós nos sentamos no sofá e assistimos ao filme *Sexta-feira muito louca*. É sobre uma mãe e uma filha que comem um biscoito da sorte encantado que as faz trocar de corpo uma com a outra. Claro que todo mundo aprende uma lição valiosa antes do inevitável final feliz, e, mais ou menos pela centésima vez neste verão, eu sofro porque minha vida não consegue seguir a trama de um filme adolescente divertido. Meu pai apaga na metade do filme e começa a roncar alto.

Naquela noite, não consigo dormir. Fico acordado durante tanto tempo que meus olhos se acostumam ao escuro, e eu consigo ver os contornos dos pôsteres nas paredes e a sombra minúscula de um mosquito voando pelo teto.

Fiz catorze anos, e o tempo está se esgotando.



3

É a última sexta-feira das férias de verão. Na segunda-feira, eu volto às aulas. Tenho catorze anos há exatamente nove dias.

Estou deitado no sofá com as cortinas fechadas. Meus pais estão no trabalho. A Livvy está na casa da melhor amiga, Cressy. Estou vendo um episódio antigo de *America's Next Top Model* com um pacote de cookies com o dobro de chips de chocolate equilibrado na barriga. Tyra Banks acabou de dizer a Ashley que ela não vai ser a próxima top model da América. A Ashley se afoga em lágrimas e as outras garotas a abraçam apesar de terem passado quase o episódio inteiro falando do quanto a odiavam e queriam que ela saísse. A casa é brutal.

As lágrimas da Ashley são interrompidas pelo som de chave na porta da frente. Eu me sento e coloco com cuidado o pacote de cookies na mesa ao lado.

– David, cheguei – avisa minha mãe.

Voltou mais cedo da reunião.

Franzo a testa enquanto a ouço tirar os sapatos e largar as chaves no prato perto da porta. Depressa, pego a coberta de crochê aos meus pés, puxando-a sobre o corpo e enfiando-a embaixo do queixo, e me posiciono pouco antes de minha mãe entrar na sala de estar.

Ela imediatamente faz uma careta.

– O que foi? – pergunto, limpando migalhas de cookies da boca.

– Você pode abrir as cortinas, David – diz ela, com as mãos nos quadris.

– Mas aí eu não consigo ver a tela direito.

Ela me ignora e marcha até a janela, abrindo as cortinas com força. O sol do fim de tarde inunda a sala, fazendo o ar parecer empoeirado. Eu me encolho no sofá, protegendo os olhos.

– Ah, pelo amor de Deus, David – comenta minha mãe. – Você não é um maldito vampiro.

– Talvez eu seja – resmungo.

Ela solta um muxoxo.

– Olha – diz ela, apontando para a janela. – Está um dia lindo lá fora. Você realmente prefere ficar deitado no sofá o dia todo no escuro?

– Correto.

Minha mãe estreita os olhos antes de se abaixar perto dos meus pés.

– Não me surpreende que você esteja tão pálido – comenta ela, passando o dedo no lado do meu pé descalço. Eu chuto a mão dela.

– Você prefere que eu fique deitado no sol o dia todo e desenvolva um câncer de pele?

– Não, David – responde ela, suspirando. – O que eu *prefiro* é ver você fazendo alguma coisa nas suas férias em vez de ficar dentro de casa vendo essas porcarias. Se você não está assistindo à TV, está no quarto com a cara enfiada no computador.

O telefone toca. Salvo pelo gongo. Quando minha mãe se levanta, a coberta agarra no seu anel. Estico a mão para puxar a coberta, mas é tarde demais: ela já está me analisando com um olhar inquisidor.

– David, você está usando minha camisola?

É a camisola que minha mãe levou para o hospital quando teve a Livvy. Acho que não a usou desde então; meus pais costumam dormir pelados. Eu sei disso porque já esbarrei com eles no corredor no meio da noite vezes suficientes para ficar marcado pelo resto da vida.

– Achei que ela ia me deixar quentinho – respondo rapidamente. – Você sabe, como aquelas roupas que os homens árabes usam e parecem vestidos compridos.

– Hummmmm – resmungo minha mãe.

– É melhor você atender – digo, apontando para o telefone com a cabeça.

Mantenho a camisola durante o jantar, achando que vai ser menos suspeito assim.

– Você está todo esquisitão – diz a Livvy, com os olhos semicerrados com uma leve aversão.

– Para, Livvy – diz minha mãe.

– Mas ele está mesmo! – protesta minha irmã.

Minha mãe e meu pai trocam olhares. Eu me concentro em equilibrar ervilhas no garfo.

Depois do jantar, subo para o quarto. Pego a lista que fiz no início das férias e me sento de pernas cruzadas na cama com ela na minha frente.

Coisas para fazer neste verão, por David Piper:

1. Deixar o cabelo crescer o suficiente para fazer um rabo de cavalo.
2. Ver todas as temporadas de *Project Runway* em ordem cronológica.
3. Ganhar do papai no jogo de tênis do Wii.
4. Ensinar o Phil a dançar para que a gente se inscreva no *Britain's Got Talent* ano que vem e ganhar 250 mil libras.
5. Terminar meu trabalho de geografia.
6. Contar à mamãe e ao papai.

Tive uma semana gloriosa porque consegui prender meu cabelo num minúsculo rabo de cavalo. Mas as regras da escola exigem que o cabelo dos meninos não passe do colarinho, então, na semana passada, minha mãe me levou ao cabeleireiro para cortar tudo. Os itens dois e três foram cumpridos com facilidade nas duas primeiras semanas de férias. Eu logo percebi que o número quatro era uma causa perdida; Phil não é um artista nato.

Os dois últimos vêm sendo adiados. Treinei o sexto várias vezes. Tenho um discurso todo preparado. Recito na minha cabeça quando estou no banho e sussurro na escuridão do meu quarto quando vou dormir. Outro dia, coloquei meus brinquedos velhos, Big Ted e Barbie Sereia, no travesseiro e contei para eles. Eles foram *muito* compreensivos.

Também já tentei escrever. Se os meus pais procurassem direito, encontrariam infinitos rascunhos guardados nas gavetas da minha escrivaninha. Semana passada, consegui terminar uma carta. Não só isso, mas quase a empurrei por baixo da porta do quarto deles. Eu estava ali, agachado perto do vão, ouvindo os dois conversando enquanto se preparavam para dormir. Eu só precisava dar um empurrãozinho e pronto; meu segredo ficaria ali deitado no carpete, pronto para ser descoberto. Mas, naquele instante, foi como se minha mão tivesse congelado. E, no fim, eu simplesmente não consegui e voltei correndo para o meu quarto, com a carta ainda na mão e o coração martelando alucinado no peito.

Minha mãe e meu pai gostam de pensar que são muito modernos e mente aberta só porque viram o Red Hot Chili Peppers tocar em Glastonbury uma vez e votaram no Partido Verde na última eleição, mas não tenho tanta certeza. Quando eu era mais novo, costumava ouvir os dois conversando sobre mim quando achavam que eu não estava escutando. Eles sussurravam, dizendo um ao outro que era tudo “uma fase”, que eu ia “crescer e superar”; exatamente do mesmo jeito que alguém fala sobre uma criança que faz xixi na cama.

A Essie e o Felix sabem, é claro. Nós três contamos tudo uns para os outros. É por isso que este verão tem sido tão difícil. Sem os dois para conversar, às vezes eu sinto que estou prestes a explodir. Mas eles saberem não é suficiente. Para que alguma coisa aconteça, tenho que contar à minha mãe e ao meu pai.

Amanhã. Vou contar para eles amanhã. Definitivamente.

Logo depois de terminar o trabalho de geografia.

Salto da cama, abro a porta alguns centímetros e escuto. Minha mãe, meu pai e a Livvy estão no andar de baixo vendo TV. O som abafado de risadas enlatadas sobe pela escada. Apesar de eu ter quase certeza de que vão ficar lá até o fim do programa, coloco uma cadeira sob a maçaneta. Satisfeito porque não vou ser interrompido, pego o pequeno caderno roxo e a fita métrica que mantenho trancados na caixa de metal no fundo da gaveta de meias. Eu me posiciono em frente ao espelho pendurado atrás da porta do quarto, levanto a camiseta sobre a cabeça e tiro a calça jeans e a cueca.

Preciso de uma inspeção.

Como sempre, começo pressionando a palma das mãos contra o peito. Quero que esteja macio e esponjoso, mas o músculo sob a pele parece duro como pedra. Pego a fita métrica e meço os quadris. Nenhuma mudança. Sou reto de cima a baixo, como uma régua humana. Completamente o contrário da minha mãe, que é cheia de curvas carnudas – quadris, bumbum e peitos.

Em seguida, me encosto na porta e meço minha altura. Um metro e sessenta e oito centímetros. De novo, nenhuma mudança. Solto um minúsculo suspiro de alívio.

Desço até meu pênis, que eu odeio com ardor. Odeio tudo nele: o tamanho, a cor, o modo como sempre o sinto *pendurado* ali, o modo como ele tem mente própria. Descubro que ele cresceu dois milímetros inteiros desde a semana passada. Verifico duas vezes, mas a fita métrica não mente. Franzo a testa e anoto.

Eu me aproximo do espelho, de modo que o vidro fica a apenas alguns centímetros do meu nariz, e tenho que me esforçar para não ficar vesgo. Primeiro, passo os dedos no queixo e nas bochechas. Alguns dias, eu juro que consigo sentir os pelos empurrando a pele, afiados e espinhosos, mas, por enquanto, pelo menos a superfície continua macia e lisa. Faço um biquinho e desejo que meus lábios sejam mais carnudos e mais vermelhos. Tenho a boca do meu pai: fina, com um arco do Cupido bem destacado. Infelizmente, pareço ter herdado quase tudo dele. Deixo de fora o cabelo (castanho lamacento e rebelde, não importa quantos produtos eu passe nele), os olhos (cinzentos, sem graça), o nariz (pontudo) e as orelhas (de abano), e viro a cabeça devagar até ficar quase de perfil, para admirar minhas bochechas. Elas são proeminentes e altas – praticamente a única coisa de que eu gosto no meu rosto.

Por último, inspeciono minhas mãos e meus pés. Às vezes acho que odeio essas partes mais do que tudo, até mais do que minhas partes íntimas, porque elas estão sempre lá, à vista. São desajeitadas, peludas e tão pálidas que quase chegam a ser translúcidas, como se a pele fosse uma massa fina esticada sobre veias azuis como teias de aranha, e dedos compridos e ossudos. E o pior é que são enormes e estão ficando cada vez maiores. Meu sapato novo da escola é dois números maior do que o do ano passado. Quando experimentei o sapato na Clarks no início das férias, me senti um palhaço de circo.

Dou uma última olhada no espelho, para o desconhecido que está me encarando. Estremeço. A inspeção desta semana acabou.



4

– Leo! – chama minha irmãzinha, Tia, no andar de cima. Fecho os olhos e tento bloqueá-la. Faz calor. Já está quente há alguns dias. O termômetro pendurado na cozinha marca trinta e três graus. Todas as janelas e portas estão abertas e, mesmo assim, estou morrendo. Estou deitado no beliche da minha irmã gêmea Amber, lambendo um picolé de framboesa. Minha língua ficou azul. Não sei por quê. Até onde eu sei, as framboesas são vermelhas.

À noite, eu durmo na cama de baixo do beliche, porque a Amber sente claustrofobia, mas, quando ela não está por perto, gosto de ficar na cama dela. Se você se deitar com a cabeça perto da janela, não dá para ver as outras casas nem as latas de lixo nojentas nem a velhinha doida que fica no quintal da frente da casa dela gritando por horas a fio. Só dá para ver o céu e as copas das árvores, e, se você se concentrar muito, quase dá para se convencer de que não está em Cloverdale.

– Leo! – grita de novo a Tia.

Suspiro e sento. A Tia é minha irmã mais nova. Ela tem sete anos e é uma chata. Minha mãe deixou que ela comprasse um par de sapatos de salto alto no último aniversário e, quando não está vendo TV, sai tropeçando pela casa com eles, falando com sotaque americano.

O pai da Tia se chama Tony. Ele está na prisão, cumprindo pena por contrabandear bens roubados.

Meu pai se chama Jimmy. Sinto saudade dele.

– Leo, estou com fome! – resmunga a Tia.

– Então come alguma coisa!

– Não tem nada em casa!

– Sinto muito!

Ela começa a chorar. É de rasgar os tímpanos. Suspiro e empurro meu corpo para fora do beliche.

Encontro a Tia ao pé da escada, com lágrimas grossas escorrendo pelo rosto. É baixinha para uma criança de sete anos e magra como um lápis. Assim que ela me vê, as lágrimas cessam, e ela abre um sorriso bobo enorme.

Ela me segue até a cozinha, que está uma bagunça: a pia empilhada de louça. Procuo nos armários e na geladeira. Ela está certa: não há nada para comer, e só Deus sabe que horas minha mãe vai voltar. Ela saiu pouco antes do almoço, dizendo que ia para o bingo com a tia Kerry. Não tem dinheiro na latinha, então tiro todas as almofadas do sofá e verifico dentro da máquina de lavar e nos bolsos de todos os casacos pendurados no corredor. Juntamos todas as moedas na mesa de centro. Até que não foi um saque ruim: 4,82 libras.

– Fica aqui e não abre a porta – digo para a Tia. Se ela for comigo, só vai me atrasar.

Visto o moletom com capuz e ando rápido, a cabeça baixa, o suor descendo pelas costas e pelos lados do meu corpo.

Do lado de fora da loja há um bando de garotos da minha antiga escola. Por sorte, eles estão distraídos, fazendo bagunça com suas bicicletas, então eu puxo o capuz e fecho o zíper até o topo, ficando só com os olhos de fora. Compro panquecas prontas, um refrigerante Tizer, detergente líquido e um rocambole de chocolate que já passou da data de validade.

Quando volto para casa, coloco o DVD de *Enrolados* para a Tia ver e dou a ela um copo de Tizer e uma fatia de rocambole enquanto lavo os pratos e coloco duas panquecas na torradeira. Quando me sento no sofá, ela dispara na minha direção e me dá um beijo molhado na bochecha.

– Obrigada, Leo – agradece ela. Sua boca está cheia de chocolate.

– Sai fora – digo. Mas ela continua agarrada em mim, como um macaco, e estou cansado demais para lutar contra ela. A Tia ainda está com cheiro dos biscoitos de sal e vinagre que comeu no café da manhã.

Mais tarde, naquela noite, coloco a Tia na cama. Minha mãe ainda não voltou, e a Amber vai passar a noite na casa do namorado, Carl. Ele tem dezesseis anos, um a mais que nós. A Amber o conheceu na pista de patinação no gelo no ano passado. Ela estava fazendo tudo errado, tentando patinar de costas, então caiu e bateu com a cabeça no gelo. O Carl cuidou dela e comprou um Slush Puppy sabor cereja. A Amber disse que foi uma

cena de filme. Ela é meio sentimental às vezes. Quando não é, é dura como uma pedra.

Estou vendo um filme idiota de ação na TV, com muitos tiros e explosões. O filme está quase no fim quando a luz de segurança na porta da frente se acende. Eu me sento. Consigo ver sombras atrás do vidro decorado. Minha mãe está rindo enquanto tenta, sem sucesso, enfiar a chave na fechadura. Ouço uma segunda risada: um homem. Que ótimo! Mais barulhos. A porta finalmente se abre e eles entram tropeçando, então caem na escada e dão risinhos. Minha mãe levanta a cabeça e percebe que estou olhando. Ela para de rir e dá um jeito de se levantar. Coloca a mão instável no batente da porta e me olha furiosa.

– O que você está fazendo acordado? – pergunta ela, chutando a porta para fechá-la.

Eu apenas dou de ombros. O cara também se levanta e limpa as mãos na calça jeans. Não o reconheço.

– Tudo bem, filhote? – diz ele, estendendo a mão para me cumprimentar.
– Sou o Spike.

O Spike tem cabelo preto tingido e veste uma jaqueta de couro surrada. Tem um sotaque esquisito. Quando ele diz que é “daqui, dali e de toda parte”, minha mãe começa a rir como se ele tivesse dito algo realmente hilário. Ela vai até a cozinha e pega uma bebida para ele. O Spike se joga no sofá e tira os sapatos, apoiando os pés na mesa de centro. As meias não combinam.

– E quem é você? – pergunta ele, mexendo os dedos do pé e colocando as mãos atrás da cabeça.

– Não é da sua conta – respondo.

Minha mãe volta com uma lata de Strongbow em cada mão.

– Não seja grosseiro – retruca ela, dando a lata ao Spike. – Fala seu nome pro Spike.

– Leo – digo, revirando os olhos.

– Eu vi isso! – reclama minha mãe. Ela toma um gole de cidra e se vira para o Spike.

– Esse aí é meio esquisitinho. Não sei de onde veio isso. Deve ter puxado o pai.

– Não fala assim do meu pai – digo.

– Falo dele como eu quiser, ora bolas – responde minha mãe, revirando a bolsa. – Ele é um canalha que não presta pra nada.

– Não. É. Verdade – rosno, destacando cada palavra.

– Ah, é? – continua minha mãe, acendendo um cigarro e dando uma bela tragada. – Onde ele está, então? Se ele é tão maravilhoso, onde diabos ele está, Leo? Hein?

Não tenho o que responder.

– Exatamente – diz ela, bebendo um gole triunfante de cidra.

Sinto o nó familiar se formando no meu estômago, meu corpo se retesando, minha pele ficando quente e suada, minha visão se enevoando. Tento usar as técnicas que a Jenny me ensinou: giro os ombros, conto até dez, fecho os olhos, me imagino numa praia deserta e tal.

Quando abro os olhos, os dois foram para o outro sofá, rindo como se eu nem estivesse no mesmo ambiente. A mão do Spike avança por baixo da blusa da minha mãe, e ela sussurra no ouvido dele. Ela percebe que estou observando e para o que está fazendo.

– E o que você pensa que está fazendo? – pergunta ela.

– Nada – resmungo.

– Então vaza daqui, tá?

Não é uma pergunta.

Bato a porta da sala de estar com tanta força que a casa toda treme.



5

Segundo a lenda da família, a bolsa da minha mãe estourou quando ela esperava para pegar um frango com cebola indiano, arroz pilau e *peshwari naan* no Taj Mahal Curry House na rua Spring. A lenda da família também diz que ela ainda estava agarrada ao *naan* quando deu à luz a Amber uma hora depois. Eu levei mais meia hora. A tia Kerry diz que eu tive que ser arrancado com fórceps. Eu devia saber que era melhor ficar onde estava.

Minha primeira lembrança é do meu pai trocando minha fralda. A Amber diz que não é possível se lembrar de coisas de quando éramos tão pequenos, mas ela está errada. Na lembrança, estou deitado no chão da sala de estar e a TV está ligada atrás do meu pai, e ele está cantando. Não é uma música de verdade, só uma coisa inventada e boba. Ele tem uma voz bonita. É uma lembrança curta, de apenas alguns segundos, mas é tão real quanto qualquer coisa.

Depois disso, me lembro de derrubar a xícara de chá da minha mãe na mesa de centro e queimar o meu peito. Ainda tenho a cicatriz. Tem a forma de uma águia com metade de uma asa faltando. Eu tinha dois anos e meio, e meu pai já tinha ido embora havia muito tempo. Eu queria poder me lembrar de mais coisas sobre ele, mas não consigo – essa única lembrança é tudo que tenho. Já tentei procurá-lo na internet, é claro, mas existem centenas de James Denton por aí e, até agora, ainda não achei o certo.

Eu me pergunto o que ele pensaria se pudesse me ver agora – em pé na frente do espelho do banheiro, usando um blazer do Colégio Parque Eden sobre a camisa.

É a noite seguinte, o último dia das férias de verão. Minha mãe ligou para a lavanderia hoje de manhã, pediu dispensa do seu turno e passou o dia na cama com “enxaqueca”. Mas ela deve estar se sentindo melhor agora,

porque dez minutos atrás eu a vi entrando num carro branco enferrujado, com o Spike ao volante. Não que eu me importe.

Encaro meu reflexo, o desconhecido arrumado que está me encarando. É a primeira vez que eu experimento o blazer desde o início das férias de verão e é estranho como fico diferente nele. Na Escola de Cloverdale os alunos não usam blazer, apenas suéteres amarelos e azul-marinho que ficam cheios de bolinhas depois da primeira lavagem. Quando fui experimentá-lo para a minha mãe ver, ela caiu na gargalhada.

– Caramba, você parece um belo cafetão! – disse ela antes de ligar a TV.

Ajeito as lapelas e relaxo os ombros. Pedi um tamanho maior, então o blazer está meio folgado. Mas não me importo: desse jeito eu consigo vestir um moletom com capuz por baixo. O cheiro é diferente do que estou acostumado – é caro e novo. O blazer é vinho com listras azul-marinho e um brasão no bolso superior direito com o lema da escola – *Aequitatemque et inceptum* – bordado abaixo. Outro dia fui à biblioteca e pesquisei no computador o que isso significava. Aparentemente, é “justiça e iniciativa” em latim. Veremos.

Minha mãe e eu fomos até a escola na primavera para uma reunião. O Parque Eden era exatamente como eu imaginava, exuberante e cheio de verde, com ruas arborizadas nos lados e pequenas cafeterias vendendo alimentos orgânicos e caseiros. E, apesar de o Parque Eden ser uma escola pública, como a Cloverdale, as semelhanças terminam aí. O lugar não apenas tinha uma aparência diferente naquele dia, com seus prédios bonitos e terrenos bem-cuidados, mas também dava uma sensação diferente; limpo, arrumado e organizado. Cerca de um milhão de quilômetros de distância da Cloverdale.

Minha psicóloga, a Jenny, foi comigo e com minha mãe para a reunião. Minha mãe fez uma voz esquisita que ela pensa ser elegante. Sempre usa essa voz quando fala com médicos e professores e tenta se comportar bem. Nós nos reunimos com o diretor, o sr. Toolan, a srta. Hannah, coordenadora do Apoio Pastoral, e a sra. Sherwin, coordenadora do segundo ano do Ensino Médio. Eles fizeram várias perguntas, depois eu e minha mãe esperamos do lado de fora enquanto eles conversavam com a Jenny. De vez em quando, alunos passavam por ali e nos olhavam de um jeito esquisito. Pareciam ricos. Percebi pelos uniformes bem-passados, os cabelos brilhantes e as mochilas da Hollister. Eu e minha mãe devemos ter nos destacado como um dedão inchado.

Depois de um tempão de conversa e perguntas, me ofereceram uma vaga no segundo ano do Ensino Médio. A Jenny ficou muito animada por mim. Aparentemente as pessoas mudam de casa só para ficarem na região do Parque Eden. A Jenny acha que vai ser um “novo começo” e “uma oportunidade para fazer alguns amigos”. Ela insiste tanto nesse assunto de fazer amizades que chega a ser uma obsessão. Ela fala do meu “isolamento social” como se fosse uma doença contagiosa. Depois de tantos anos, ela ainda não entendeu que é exatamente isso que eu quero.

– Leo?

Vou para o corredor. A porta do quarto da Tia está entreaberta, como sempre, então ela vê a luz do corredor.

– Leo? – chama ela de novo, mais alto desta vez. Suspiro e abro a porta.

O quarto da Tia é minúsculo e uma bagunça total, com roupas e brinquedos espalhados e rabiscos de giz de cera pelas paredes. Ela está sentada de pernas cruzadas embaixo do edredom que herdou da Amber. Tinha estampa de fadas das flores, mas agora está tão desbotado e surrado que algumas das fadas perderam o rosto e alguns membros, deixando manchas brancas fantasmagóricas no lugar.

– O que você quer? – pergunto, cansado.

– Você me cobre?

Suspiro e me ajoelho ao lado da cama da Tia. Ela se anima e se deita. Tem melecas grudadas em suas narinas pequenas. Puxo o edredom até seu queixo e me viro para sair.

– Não está direito – reclama ela.

Reviro os olhos.

– Por favor, Leo?

– Pelo amor de Deus, Tia.

Eu me agacho de novo e começo a ajeitar o edredom sobre todo o corpinho magro dela, até ela parecer uma múmia.

– Que tal? – pergunto.

– Perfeito.

– Posso ir agora?

Ela balança a cabeça para cima e para baixo. Eu me levanto.

– Leo?

– O quê?

– Gostei do seu casaco.

Olho para baixo. Ainda estou com o blazer.

– Ah, é?

– É, é bem legal. Você está muito bonito. Como o príncipe Eric de *A pequena sereia*.

Balanço a cabeça.

– Obrigado, Tia.

Ela sorri com serenidade e fecha os olhos.

– Por nada.



6

– David! – grita minha mãe do andar de baixo. – Hora de levantar!

Viro de barriga para baixo e puxo um travesseiro para cima da cabeça. Mais alguns minutos se passam antes que a porta do quarto se abra com um rangido.

– Bom dia, flor do dia! – cantarola minha mãe, se arrastando pelo carpete e puxando o edredom.

Puxo-o de volta e cubro a cabeça, fazendo uma espécie de caverna.

– Mais cinco minutinhos – digo com a voz abafada.

– De jeito nenhum. Levante. Agora. Não vou deixar você atrasar a Livvy no primeiro dia dela na escola nova.

Eu me jogo para fora da cama e olho no espelho. Estou horrível: suado e pálido, com olheiras e a cara amassada. Nunca durmo bem na noite anterior ao primeiro dia de volta às aulas.

Às 8h30, estou sentado no banco do carona no carro. A Livvy está posando para uma foto nos degraus da entrada de casa enquanto minha mãe chora por trás dos óculos. A Livvy é muito fotogênica; todo mundo diz isso. Minha mãe e meu pai costumam brincar que o pai verdadeiro dela é o leiteiro. Ninguém *nunca* faz piadas assim sobre meu parentesco.

“Você vai ficar igual ao seu pai.” Tias e tios sempre me dizem isso, como se fosse um tipo de elogio pelo qual eu devesse agradecer. Não sei o que eles estão pensando; meu pai não é nenhum Brad Pitt.

A Livvy inclina a cabeça para o lado e sorri como um anjo. Pelo modo como o sol bate nela, vejo o contorno do sutiã através da blusa. Ela já usa tamanho 32A. Ela e a minha mãe foram às compras nas férias de verão e voltaram para casa com uma sacola plástica da Marks and Spencer, todas animadinhas e cheias de segredos.

– Cuide dela, David! – diz minha mãe enquanto nos deixa na escola, com os olhos ainda úmidos.

Quando começamos a nos dirigir à entrada, pouso a mão de um jeito protetor no ombro da Livvy. Ela imediatamente rosna, tirando minha mão.

– Não fica tão perto de mim! – sibila ela.

– Mas você ouviu a mamãe: tenho que cuidar de você – explico.

– Tá, mas não faz isso. Não quero que as pessoas saibam que somos parentes – diz ela, apressando o passo. Deixo a Livvy ir, observando enquanto ela anda confiante a passos largos em direção à entrada inferior da escola, o cabelo comprido voando atrás dela.

– Legal – resmungo para mim mesmo, lembrando uma época em que a Livvy costumava me seguir pela casa, implorando de um jeito fofo para eu brincar com ela.

Ouçõ duas vozes chamando meu nome. Sorrio no mesmo instante e me viro. A Essie e o Felix estão vindo em minha direção, acenando alucinadamente.

A Essie é alta (quase uma cabeça mais alta que o Felix), tem cabelo preto bagunçado que ela pinta sozinha em casa, olhos verdes e pernas muito compridas. Ao lado dela, o Felix está imaculado como sempre, o cabelo claro repartido de lado com perfeição e o rosto bronzeado do sol da Flórida.

Corro em direção a eles e colidimos num abraço grupal desajeitado.

– Quando foi que a sua irmã ficou tão charmosa? – pergunta o Felix quando nos separamos.

– Eca, não seja pervertido, ela só tem onze anos! – grito. Ao mesmo tempo, a Essie dá um soco no ombro dele, fazendo o Felix recuar alguns passos.

– Ai! – grita ele, segurando o ombro e soltando um uivo cômico.

– Alô? Namorada? Bem aqui? – diz a Essie.

O Felix e a Essie começaram a namorar no baile de Natal do ano passado. Saí da pista de dança para comprar um pacote de batata chips e uma lata de Coca-Cola e, quando voltei, eles estavam quase se engolindo ao som de uma música do Enrique Iglesias. Eu nem sabia que eles gostavam um do outro, então foi tudo meio que uma surpresa. O Felix e a Essie dizem que também foi um choque para eles (“Culpa do Enrique”, a Essie costuma dizer quando o Felix a está perturbando).

– Como foi o Acampamento de Matemática? – pergunto ao Felix. Ele vai todo ano. Não consigo imaginar nada mais abominável.

– Maneiro – responde ele, todo feliz.

– Senti tanta saudade de vocês dois – comento enquanto vamos em direção à entrada superior da escola, instintivamente sincronizando nossos passos. – Minha festa de aniversário foi mais do que deprê sem vocês.

– Nem me fala em deprê – diz a Essie. – Passei as últimas seis semanas no inferno da madrasta-monstro. Vocês acreditam que ela tentou me obrigar a tirar a argola do nariz?

– Ai, meu Deus, lá vem – resmunga o Felix. – Ela só falou nisso ontem à noite.

Paro de andar.

– Vocês se encontraram ontem à noite? Por que não me chamaram?

A Essie e o Felix trocam olhares.

– Foi uma saída de namorados – explica Essie. – Se é que você me entende.

– É – ecoa o Felix, ficando um pouco vermelho e empurrando os óculos. Percebo que sua pele está descascando na testa, perto do cabelo.

– Ah, tá – digo. – Não importa.

Continuamos andando.

Apesar de eu estar obviamente feliz porque meus dois melhores amigos no mundo todo estão apaixonados, não consigo parar de pensar que os dois “juntos” ficam um pouco estranhos. Não sei se eles já fizeram sexo nem nada e não perguntei. E isso me incomoda. Até agora, contamos tudo uns aos outros e, de repente, um tópico – e um tópico bem importante, na verdade – está extraoficialmente proibido na conversa. Para mim, pelo menos.

Este ano, estou na turma 10C. Chego cedo para pegar lugar na frente, o mais perto possível do sr. Collins, mesmo que isso signifique me sentar ao lado de Simon Allen, que inexplicavelmente fede a massa de modelagem. Pelo menos, assim eu posso garantir que pessoas como Harry Beaumont e Tom Kerry não se sentem perto de mim. Pela milésima vez, desejo estar na mesma turma que a Essie e o Felix, mas os dois estão na 10H, na sala ao lado, a anos-luz de distância.

Pof! A bola de papel com cuspe me atinge bem na nuca. Eu me viro. O Harry está fingindo amarrar o sapato. Todo mundo ao redor disfarça o riso. Tiro a bola da minha pele e jogo no chão, fazendo um barulho abafado. Ela é grande, úmida e pesada. Ele andou praticando.

– Ei, Show de Aberrações! – grita ele.

Finjo não ouvir. “Show de Aberrações” é o apelido que o Harry usa para se referir a mim há anos. Outros alunos também me chamam assim, mas Harry é responsável pela sua longevidade.

– Ah, vai, Show de Aberrações – diz ele de um jeito sedutor. – Isso não é muito educado, né? Estou me esforçando pra ter uma conversa legal com você, e você está de costas pra mim.

Suspiro e me viro de novo. O Harry se levantou e está apoiado na mesa da Lexi Taylor enquanto ela ri como uma hiena atrás dele. A Lexi é a namorada atual. Ela se acha supergostosa porque, aparentemente, usar vestidos de madrinha de casamento no desfile de moda da Feira de Verão do Parque Eden ano passado faz dela a própria Naomi Campbell.

– Foi a sua irmãzinha que eu vi chegando com você hoje de manhã? – pergunta ele.

– O que você tem com isso?

– Não precisa ficar alterado! Eu só estou perguntando.

Suspiro.

– Sim, ela é minha irmã. Por quê?

– É só que ela parecia, bem, quase normal.

As risadas atravessam a sala de aula. O Harry se deleita, com um sorrisinho lento se espalhando pelo rosto. Tento não demonstrar minha irritação.

– Então, o que eu quero descobrir é o seguinte – começa ele. – Qual dos dois é adotado?

O sr. Collins entra na sala de aula, distraído.

– Bem-vindos de volta, pessoal! Harry, sentado, por favor.

O Harry desliza da mesa, com um sorriso forçado.

– Aposto meu dinheiro que é você, Show de Aberrações.



7

Hora do almoço. Pego uma lata de Coca-Cola na geladeira e a coloco ao lado do prato de macarrão com queijo aquecido que já está na bandeja.

– Ouvi dizer que ele foi expulso – diz uma garota do segundo ano do Ensino Médio com cabelo castanho frisado na minha frente.

– Quem? – pergunta a amiga dela.

– O garoto novo da 11R.

– Expulso? Por quê? – questiona outra pessoa.

– Não sei. Mas deve ser por algum motivo horrível. Ouvi dizer que é quase impossível ser expulso da Cloverdale.

Já ouvi falar na Escola de Cloverdale. Fica do outro lado da cidade e tem a reputação de ser realmente brutal e assustadora. Sempre aparece nos jornais por não ser aprovada na inspeção da secretaria de educação ou por causa de garotos que tentaram incendiar a escola.

– Eu sei por que ele foi expulso – fala um dos garotos, orgulhoso. – Parece que ele enlouqueceu numa aula de trabalhos manuais e arrancou o dedo indicador do professor com um miniarco de serra.

As pessoas arfam em conjunto. Exceto a garota de cabelo frisado, que diz:

– Não estou surpresa. Dá pra ver que é meio maluco só de olhar nos olhos dele.

Sigo o olhar deles até um garoto sentado sozinho numa mesa no canto mais distante do refeitório. Ele tem cabelo castanho-claro bagunçado e está encarando um prato de batatas fritas. Estou longe demais para dizer se seus olhos são “malucos” ou não.

– Como foi que ele veio pra cá, então? – pergunta alguém.

– Não sei. Só sei que não vou chegar perto dele – comenta outro garoto. – Pra ser expulso da Cloverdale, ele deve ser um verdadeiro maníaco.

Pago pela minha comida e encontro a Essie e o Felix numa mesa no canto. Passo pelos alunos populares no centro do salão, que estão soltando gritinhos, rindo e se mostrando – as atrações principais. Seus parasitas comem nas mesas ao redor, formando uma barreira protetora e isolando os rejeitados nas mesas mais distantes. No canto oposto, os emos estão agrupados ao redor de um MP3 player, ouvindo com atenção, balançando a cabeça no ritmo da música, com o cabelo nos olhos. Algumas mesas depois, os nerds debatem apaixonadamente o próximo filme da série Star Wars.

A Essie, o Felix e eu não nos encaixamos em nenhum grupo específico. Ela diz que isso é bom. Foi a Essie que criou o nosso nome: os Não Conformistas (ou, abreviando, os NCs), não que alguém chame a gente assim.

– Ei, David – diz a Essie quando eu me sento. – Estamos discutindo o que tem mais conteúdo nutritivo: o delicioso macarrão com queijo de hoje – ela se inclina e cheira o prato – ou uma latinha de comida de cachorro.

– Voto na razão – responde Felix, animado, com a boca cheia, espalhando migalhas de bolinhos de painço com tahini e abóbora para todo lado. Ele é alérgico a quase tudo, por isso a mãe dele prepara um almoço macrobiótico todo dia.

– Também voto na comida de cachorro – digo, desdobrando um guardanapo de papel. – Uma vez, eu provei o Pedigree Chum do Phil e, na verdade, não era tão ruim assim.

– Você fez o quê? – pergunta o Felix, colocando a caixinha de suco de cenoura sobre a mesa.

– Por que não ouvimos essa história antes? – exige saber a Essie.

– Minha mãe me pegou comendo na tigela do Phil um dia – conto. – Acho que eu devia estar com muita fome. Em minha defesa, eu devia ter só uns três anos na época.

– E é exatamente por isso que nós te amamos, David Piper – diz a Essie. – Pode me passar o sal?

Não sei dizer em que momento exato a Essie, o Felix e eu nos tornamos melhores amigos. Só sei que, de alguma forma, gravitamos uns na direção dos outros como ímãs, e, no fim do primeiro ano do Ensino Fundamental, eu não conseguia imaginar o mundo sem nós três juntos.

Enquanto passo o sal para a Essie, meus olhos recaem no garoto novo. Ele está sentado a duas mesas de distância, remexendo na comida. De perto, ele não *parece* maluco. Na verdade, é meio bonitinho, tem um nariz arrebitado, cabelo castanho-avermelhado caindo na testa e as maçãs do rosto mais incríveis que eu já vi.

Eu me inclino por sobre a mesa.

– Ei, vocês sabem alguma coisa sobre o garoto novo da 11R?

– Só que ele foi expulso da Cloverdale e supostamente é louco e violento – diz o Felix, com a voz desastradamente alta.

– Sssssshhhhh, ele pode te ouvir!

Espio por sobre o ombro do Felix, mas o garoto ainda está brincando de quem fica sério mais tempo com as batatas fritas.

– Estou me sentindo mal por ele estar sozinho – comento. – Devo chamá-lo pra sentar com a gente?

O Felix ergue as sobrancelhas.

– As palavras ‘louco’ e ‘violento’ não acionaram nenhum tipo de alarme?

– Ah, não seja tão chato – diz a Essie. – Qualquer um que oficialmente tenha um parafuso solto é mais do que bem-vindo na nossa mesa. Vá lá, Madre Teresa, espalhar o amor dos NCs.

Hesito, sentindo medo de repente.

– Se você está tão animada, vá você – digo.

– Não quero assustar o garoto – retruca a Essie. – Muitos homens se sentem intimidados por mulheres fortes.

O Felix e eu reviramos os olhos um para o outro.

– Não, definitivamente é melhor você ir, David – continua ela. – Você é legal e não é ameaçador.

– Poxa, obrigado – digo com sotaque americano, empurrando a cadeira para trás, e começo a andar em direção à mesa do garoto.

– Oi – digo, em pé ao lado dele.

Percebo uma ficha de “refeição escolar gratuita” embaixo da bandeja. O garoto não responde.

– Hum, oi? – repito, achando que ele não me ouviu.

Ele suspira profundamente e inclina a cabeça devagar para me lançar um olhar.

– Sou David Piper – digo, estendendo a mão. – Prazer.

O garoto ignora e, em vez disso, toma um gole da Coca-Cola, limpando a boca na manga do blazer. Minha mão fica pendurada no ar de um jeito

constrangedor. Por fim, ele olha para ela antes de suspirar de novo e a aperta com firmeza.

– Leo Denton – cumprimenta ele, irritado.

Ele ergue os olhos até os meus, e eu tenho que tomar fôlego, porque, uau, aqueles alunos do segundo ano estavam totalmente enganados. Os olhos do Leo não são alucinados de jeito nenhum; são lindos, hipnóticos, quase como um caleidoscópio – verdes como o mar, com manchas âmbar ao redor da pupila e muito intensos, como se pudessem enxergar sua alma.

– Posso ajudar? – pergunta o Leo.

Percebo que o estou encarando.

– Ah, sim, desculpe – gaguejo, afastando os olhos dos dele. – É só que eu e meus amigos ali...

Aponto para a Essie e o Felix. Para ajudar, a Essie dobrou o lábio superior para mostrar a gengiva, e o Felix virou as pálpebras do avesso.

– Hum, bem, a gente queria saber se você quer almoçar com a gente.

Prendo a respiração. O Leo está me olhando como se eu tivesse duas cabeças.

– Não, obrigado – diz ele, por fim.

– Não somos esquisitos, sério. – Olho de novo para a Essie e o Felix. – Tá, talvez um pouco...

– Olha, obrigado, mas não. Já acabei, de qualquer maneira.

E, com isso, o Leo afasta a bandeja, pega a Coca-Cola e vai em direção à porta.

Volto para nossa mesa.

– Ele não se interessou – relato.

– O quê?! – grita a Essie, horrorizada.

Dou de ombros e me sento.

– Psicopatas costumam ser solitários – comenta o Felix.

– Ele não me pareceu um psicopata – observo.

– Eles nunca parecem – responde o Felix com orgulho.

Estico o pescoço para olhar pela janela, mas o Leo já desapareceu de vista.

– Alerta de Olsen! Alerta de Olsen! – começa a sibilar a Essie.

– Onde? – pergunto, voltando minha atenção de novo para a mesa, instintivamente me empertigando.

– Atrás de você. Na mesa do Harry.

Viro-me devagar na cadeira. E lá está ele. Zachary Olsen. Também conhecido como o amor da minha vida.

Eu amo Zachary Olsen desde que compartilhávamos a mesma piscina inflável aos quatro anos. Já ter estado tão perto do seu corpo seminu às vezes é demais para aguentar. O fato de ele não ter nenhuma lembrança de que os nossos corpos seminus compartilhavam uma piscina inflável é ainda pior. O Zachary é tudo o que eu não sou: um deus do amor com sangue norueguês, cabelo louro despenteado e uma barriga tanquinho bronzeada. Ele é capitão das equipes de futebol e rúgbi. É absurdamente popular. E *sempre* tem uma namorada. Ele basicamente representa tudo o que nós, Não Conformistas, achamos errado no mundo. E, mesmo assim, sou totalmente apaixonado por ele. Infelizmente, parece que ele nem sabe que eu existo.

Hoje ele está abraçado a Chloe Hollins, indicando que ela é sua namorada atual (morte à Chloe) e rindo de algo que o Harry acabou de falar. Nem mesmo o fato de Zachary confraternizar com o inimigo ajuda a diminuir meu amor por ele. Ele poderia torturar gatinhos e roubar velhinhas com uma arma e eu ainda ia adorá-lo.

Observo enquanto ele e a Chloe saem desfilando do refeitório, parecendo totalmente convencido e sexy. A Essie estende a mão e aperta a minha. E isso diz tudo, na verdade. Sou um caso perdido. Em mais ou menos um bilhão de jeitos diferentes.



8

Meu primeiro dia no Colégio Parque Eden corre mais ou menos de acordo com o planejado. Exceto por um garoto do primeiro ano que tenta conversar comigo no almoço, ninguém mais se aproxima de mim o dia todo. Não que eu seja exatamente invisível. O dia todo os alunos me encararam. No início, não consigo entender por quê, mas depois percebo como estão me encarando. Estão com medo. Então entro na brincadeira. Interpreto o cara perigoso e encaro de volta, e todas as vezes eles vacilam antes de mim. Não me importa o *motivo* de eles estarem com medo. Contanto que me deixem em paz, não dou a mínima para o que pensam.

O sinal toca no fim do dia. O corredor está lotado, mas, conforme eu caminho por ele, os alunos dão um jeito de abrir caminho para mim, se abrindo como o mar Vermelho. É como se eu tivesse um escudo protetor ou fosse uma nova raça de super-herói. Seria muito engraçado se não fosse tão estranho. Estou quase no fim do corredor quando uma garota aparece do nada e me atropela.

Ela arregala os olhos de surpresa, e eu só penso em que tipo de idiota anda por aí com os olhos fechados.

– Me desculpa! – Ela ri, tirando os fones de ouvido enormes que cobrem suas orelhas, e os deixa pendurados no pescoço. – Eu não estava prestando atenção. Você tá bem?

Ela estende a mão e encosta no meu braço. Como ela não o tira imediatamente, tenho que obrigá-la a fazer isso dobrando o braço. Se ela percebe o que estou fazendo, não demonstra. Tem um cabelo preto cacheado que se espalha em todas as direções e olhos castanho-claros quase do mesmo tom da pele. Ela é linda. Mas logo afasto o pensamento da cabeça.

– É que eu estava ouvindo uma música fantástica – continua a garota. – Estou literalmente obcecada. Quer ouvir?

Ela coloca os fones de ouvido em mim.

– Não, obrigado – resmungo, passando por ela, com cuidado para o meu corpo não encostar no dela.

– Ei! – grita ela atrás de mim.

Relutante, eu me viro e ergo os olhos para encontrar os dela. Seus cílios são absurdamente longos, como uma princesa da Disney. Odeio ter percebido isso.

– Você é novo na escola, né?

– É, sou novo – respondo, relutante.

Ela abre um novo sorriso.

– Bom, nesse caso, bem-vindo ao Colégio Parque Eden, garoto novo.

Chego em casa e vejo o Peugeot branco amassado do Spike estacionado num ângulo estranho na entrada, como se tivesse sido abandonado na cena de um crime. O Spike passou a noite aqui de novo. Hoje de manhã, seu short do Homer Simpson secava no varal, e a pia do banheiro estava cheia de pelos de barba pretos. Se eu borrarasse minha visão, os pelos pareceriam formigas minúsculas tentando escapar do ralo.

Abro a porta da frente. O Spike está sentado no sofá com minha mãe empoleirada em seu joelho. Ele está sussurrando em seu ouvido, e ela se acaba de rir como uma garotinha. A mão dele está na bunda dela.

Bato a porta com força. Isso faz os dois darem um pulo. Minha mãe me olha furiosa e ajeita a minissaia.

Ela sempre fala sobre como está tão magra quanto na época em que tinha quinze anos e insiste em usar as roupas mais curtas para provar isso. São seus olhos que entregam a idade: mortos e cansados, como se a vida lhes tivesse sugado todo o brilho.

– Tudo certo, amigão? – diz o Spike por sobre o ombro dela. Ele olha para o meu blazer e assovia. – Caramba, que roupa é essa, garoto? Você estuda em Hogwarts ou o quê?

Eu o ignoro e vou para a cozinha. Abro a lata de biscoitos. Está vazia, exceto por metade de um biscoito recheado mole.

– Ei, mocinho, o Spike está falando com você! – late minha mãe atrás de mim.

– É o uniforme do Colégio Parque Eden – digo, fechando a tampa.

– Parque Eden, é? Muito chique – responde o Spike. – Você é inteligente, é?

Dou de ombros.

– Só não vá ter ideias acima da sua realidade – fala minha mãe. – Só porque você está usando um blazer elegante não quer dizer que você está acima da gente.

– Como se eu pudesse ousar – resmungo.

– O que foi que você disse? – pergunta ela com raiva.

– Nada. Posso ir, agora?

– Por favor, seu inútil miserável.

Encontro a Amber sentada na cama dela no beliche, escovando seu aplique de cabelo.

– Por que você não está na casa do Carl? – pergunto.

– Discussão – diz ela. – Encontrei várias mensagens no celular dele de uma vagabunda do ringue de patinação no gelo.

– Ah.

O Carl e a Amber têm uma grande discussão pelo menos uma vez a cada duas semanas.

Eu fungo. O quarto tem cheiro ruim: de produtos químicos e biscoito velho.

– Que inferno, Amber, está fedendo aqui dentro.

– Calma lá, é só creme autobronzeador – retruca ela.

A Amber diz que preferiria morrer a ficar toda “pálida e sem graça”. Quando eu era menor, costumava pegar sol no verão, mas minhas pernas não veem o sol há milênios e estão tão brancas que chegam a ser translúcidas.

– Tem um cheiro horrível – digo a ela, franzindo o nariz.

– Desculpe – responde ela, indiferente. – E aí, como foi na escola? – pergunta ela enquanto penduro o blazer e tiro a gravata. Caio no chão e começo a fazer minhas flexões diárias, acelerando.

– Tudo bem.

– Os alunos são todos ricos?

– Alguns.

– Todos têm nomes tipo Tarquin e Camilla? – pergunta, usando uma voz elegante.

– Na verdade, não.

– Você fez algum amigo?

Ela é incansável. Paro no meio de uma flexão a fim de olhar para ela.

– Você é tão má quanto a Jenny.

– E aí, fez amigos ou não?

Penso na garota que vi no corredor à tarde, a que estava de fones de ouvido.

– Nah – respondo. – Só vou ficar lá este ano. Não faz sentido.

A Amber faz uma careta, mas não força o assunto. Viro-me de barriga para cima e começo a fazer abdominais. Ouço a porta do banheiro abrindo e fechando e o chuveiro sendo ligado. Alguns segundos depois, o Spike começa a cantar uma música antiga do Elvis. Nas notas mais altas, parece um gato sendo estrangulado.

Eu me arrasto até a parede e dou um soco.

– Cala a boca! – grito.

– Ah, deixa ele pra lá – diz a Amber com um bocejo.

– Você tá brincando, né?

– Ele parece inofensivo.

– Ele é um idiota, Amber.

– Ele não é tão ruim. A Tia gosta dele.

– A Tia gosta de todo mundo.

– Pelo menos, ele é melhor que o último – observa a Amber.

– Isso não é difícil – resmungo.

O último namorado da minha mãe fugiu levando nossa TV. Pensando bem, os namorados dela sempre acabam fugindo. Ela vai dispensar o Spike logo, logo, como fez com meu pai. Não que eu me importe. Meu pai é o único com quem me preocupo.



9

Minha primeira aula depois do almoço na terça-feira é inglês, uma das matérias de que menos gosto. Prefiro matérias com respostas certas, fórmulas e regras.

Chego cedo e escolho uma mesa perto da janela, mais ou menos no meio da sala. Eu me sento e começo a tirar minhas coisas da mochila e colocá-las na mesa.

– Ei, você tem uma caneta pra me emprestar? A minha abriu e vazou em cima de mim!

Ergo o olhar. É ela. A garota dos fones de ouvido, sentada bem na minha frente. Ela se virou para trás, de modo que seus cotovelos estão apoiados na minha mesa, o queixo nas mãos.

– Então, tem ou não tem? – pergunta ela.

– Tenho o quê? – retruco como um idiota.

Ela revira os olhos e ri.

– Você tem uma caneta? – questiona ela de novo, separando as palavras.

– Ah, sim, claro que tenho. Espera aí.

Remexo no estojo, tentando achar a caneta menos mastigada possível. Sinto seus olhos em mim enquanto lhe entrego uma Bic preta.

– Obrigada, garoto novo! Ah, meu Deus, que grosseria a minha! Não me apresentei direito. Sou Alicia Baker – diz ela, estendendo a mão para mim.

– Desculpe pelas mãos cheias de tinta.

– Sou Leo Denton – cumprimento, apertando sua mão uma vez e depois soltando.

– Ah, eu sei quem você é – diz ela.

A professora, srta. Jennings, bate palmas para chamar a nossa atenção. A Alicia sorri para mim antes de se virar para a frente.

Merda.

Não estou aqui para conhecer garotas. Elas nos decepcionam, nos enganam, nos manipulam. Não dá para confiar nas garotas. Fato. Mas, ao mesmo tempo, não posso ignorar essa sensação esquisita na barriga, parecida com quando eu costumava saltar do trampolim de dez metros na piscina. Enquanto a srta. Jennings faz a chamada, a Alicia se vira e me dá outra olhada por sobre o ombro. Desvio o olhar depressa, fingindo que não a vi, e me concentro no relógio acima da cabeça da srta. Jennings com tanta força que minha visão fica borrada.

Pisco. A srta. Jennings está me chamando.

– Denton? Leo Denton? – pergunta ela, franzindo a testa, os olhos vasculhando a sala.

– Hum, aqui, senhorita – respondo, levantando a mão. Metade da turma se vira para me olhar.

– Por favor, fique acordado, sr. Denton – diz ela através dos lábios cerrados, sem se impressionar, antes de continuar com a chamada.

O restante da aula se resume a distribuir livros, preencher formulários, ouvir a srta. Jennings falar. Tento muito me concentrar no movimento dos lábios finos e vermelhos da srta. Jennings como se minha vida dependesse disso.

Por fim, o sinal toca. Enquanto guardo minhas coisas, sinto a Alicia me observando. Levanto o olhar. Ela está sorrindo de novo. E tem uma covinha em cada bochecha. Seus dentes são absurdamente brancos. Eu realmente preferia que ela não fizesse isso.

– Até mais, sonhador – diz ela, rindo enquanto coloca os fones de ouvido antes de dar o braço para uma garota loura e sair deslizando da sala de aula.

Na hora do almoço, não consigo enfrentar o refeitório, então compro um sanduíche para viagem e como nos degraus do lado de fora do prédio de ciências. Está quieto, longe do campo de futebol e de outros lugares onde as pessoas costumam ficar na hora do almoço. Além do mais, a sala de funcionários tem uma visão panorâmica do local, por isso posso relaxar, sabendo que ninguém teria coragem de mexer comigo. Termino o sanduíche sem demora. Nossa família toda devora a comida como se nunca mais fôssemos comer. Eu me pergunto se comer rápido está no nosso DNA e se o meu pai também é assim.

Olho por sobre o ombro. Além de dois góticos sentados no topo dos degraus, não tem ninguém por perto. Pego minha carteira no bolso e tiro a foto do meu pai.

É uma foto de corpo inteiro dele ao lado de um Ford Fiesta vermelho. Devia ter acabado de lavá-lo, porque o carro está brilhando e tem um balde de água com sabão ao lado. Eu queria que estivesse num ângulo diferente, de forma que eu conseguisse ler o número da placa, mas a foto foi tirada na horizontal, com meu pai apoiado na janela do carona. Ele está de braços cruzados e sorri orgulhoso para a câmera. Seus dentes são bonitos: brancos e retos. Devo ter herdado isso dele, porque os dentes da minha mãe são horríveis, todos tortos e amarelados por causa de uma vida inteira fumando. Ele é alto e tem o cabelo castanho-avermelhado, exatamente como o meu. A foto é antiga demais para saber se tenho os olhos dele, o nariz ou qualquer outra coisa. No verso da foto, há uma data escrita com a letra torta da minha mãe. Sete meses antes de Amber e eu nascermos.

Numa noite de ano-novo, tontinha por causa do vinho branco barato, a tia Kerry deixou escapar que meu pai era carpinteiro. Eu gosto dessa ideia, ele trabalhando com as mãos e fazendo coisas lindas do zero. A Kerry também deixou escapar que acha que ele pode ter ido para o sul a fim de morar perto do mar, mas ninguém parece ter certeza disso. Sempre que eu começo a questionar, as pessoas se fecham ou ficam com raiva, e o assunto é encerrado antes mesmo de começar.

Atrás de mim, os dois góticos estão se levantando. Enfio a foto de volta na carteira quando eles passam.



10

É sexta-feira de manhã. Inglês de novo. Quando ando pelo corredor entre as mesas, tento não olhar para a Alicia. Estou quase na minha cadeira quando cometo o erro de baixar o olhar para ela. E lá está ela, sorrindo de novo, totalmente alheia ao que isso provoca na minha cabeça, bagunçando tudo.

A srta. Jennings diminui a luz. Vamos assistir a uma versão cinematográfica de *Noite de reis*, a peça que vamos estudar neste semestre. Tento ao máximo me concentrar no filme, mas, depois de alguns minutos, acabo divagando, e meus olhos encaram a nuca da Alicia. Ela costuma usar o cabelo solto, mas hoje está preso, e vejo seu pescoço. Eu me imagino beijando-o. O pensamento me deixa maluco. Tento afastá-lo como se nunca tivesse existido. Respiro fundo e tento manter os olhos na tela.

Está chovendo, e a sala de aula está quente. Coloco a parte de trás da minha mão na janela. A condensação tem uma sensação agradável – fria e molhada. Quando tiro a mão, deixo uma marca. Ao lado, desenho um círculo com o dedo indicador. A srta. Jennings ergue os olhos lá na frente. Tiro a mão úmida e a seco na calça.

Um segundo depois, a Alicia vira-se de lado na cadeira e desenha olhos e um sorriso no meu círculo. Antes que eu consiga me impedir, estou inclinado para a frente acrescentando orelhas de abano e um tufo de cabelo. E posso dizer, pelo modo como os músculos do seu pescoço se contraem, que a Alicia está sorrindo.

– Hum?

Levanto o olhar. A srta. Jennings está nos encarando, com as sobrancelhas erguidas. A Alicia solta uma risadinha. Eu me esforço para meus lábios não se contraírem para cima num sorriso e sei que tenho que me recompor.

Durante o restante da aula, eu me obrigo a olhar para a tela e nada mais. Quando o sinal toca, o rosto sorridente que eu e a Alicia desenhamos começou a escorrer pela janela, os olhos caídos, o sorriso agora carrancudo. Enquanto guardo as minhas coisas, sinto que ela está me olhando. Distraído, deixo cair minha caneta. Eu me abaixo para pegá-la, mas a Alicia é mais rápida.

– Aqui – diz ela, colocando-a na minha mão.

– Obrigado – murmuro, guardando a caneta na mochila.

Espero-a se afastar, mas ela não sai. Em vez disso, senta-se na ponta da minha mesa, balança as pernas e continua a me observar.

– Leo? – diz ela.

– Eu? – respondo, fechando a mochila sem encontrar seu olhar.

– Posso te pedir um favor?

Engulo em seco.

– Que tipo de favor? – pergunto devagar.

– É bem pequeno, eu juro – responde ela, mordendo o lábio inferior. – É que eu entrei num concurso on-line de canto, e o vencedor vai ter a chance de se encontrar com altos executivos de gravadoras, mas eu preciso de muito mais votos se quiser chegar à final. Então, eu queria saber se você pode votar em mim. Eu ando perturbando todo mundo no Facebook e no Twitter, mas não te encontrei lá.

Minha pele formiga ao imaginar a Alicia me procurando on-line.

– Acho que isso é muito legal, aliás – acrescenta ela.

Franzo a testa.

– Você não ter uma conta no Facebook, quero dizer – continua ela. – Eu queria não estar lá grande parte do tempo. Pode bagunçar a cabeça da gente às vezes, sabe?

Não respondo.

– Você, hum, canta, então? – pergunto, em vez de responder.

– Ah, sim – confirma ela, olhando para os pés, subitamente tímida. – Também componho, posto vídeos on-line, sabe, no YouTube e tal.

– Ah, tá, legal – murmuro.

– Então, você vai votar em mim?

– O que eu tenho que fazer?

– Me dá sua mão.

Antes que eu possa dizer ou fazer alguma coisa, ela agarra minha mão e a vira na dela. Sua pele é macia, e as unhas são curtas e bonitas, pintadas com

esmalte claro. Deixo minha mão ficar frouxa e espero que ela não perceba minhas unhas roídas. Ela escreve na parte de trás da minha mão com uma Bic, a ponta arranhando minha pele. Quando termina, ela hesita. Tenho que lutar contra a vontade de puxar a mão. Ela levanta o olhar.

– Mãos sardentas – diz ela.

– Hein?

– Eu sempre quis ter sardas – continua ela. – Minha avó diz que são beijos do sol. Fofo, né?

Dou de ombros.

A Alicia dá um tapinha com a caneta nas costas da minha mão.

– Bem, esse aí é o site. Estou cadastrada como Alicia B.

– Alicia B – repito.

– Pra votar em mim, você só tem que clicar no meu nome e assistir ao vídeo. Acho que estou mais ou menos na metade da página.

– Tá bom.

– Ótimo. Obrigada, Leo, fico muito grata mesmo.

Só então ela solta minha mão.

Depois da aula, em vez de ir direto para casa, vou para o laboratório de informática. Além de um garoto e a professora de plantão, está vazio.

Pego um fone de ouvido na pilha que fica na frente da sala e me sento em frente a um dos computadores na última fileira. Digito o endereço escrito na minha mão na barra da URL. Desço a barra de rolagem até encontrar Alicia B e clico no seu nome.

O rosto da Alicia aparece na tela. Ela está sentada na ponta de uma cama, de pernas cruzadas, com o violão no colo e o rosto congelado num sorriso. Aperto play.

– Oi! Sou Alicia B – diz ela, diretamente para a câmera. – Esta música foi escrita por mim e se chama “Deep Down with Love”. Espero que você goste e vote em mim! Obrigada!

Ela começa a cantar. É fantástica, melhor do que qualquer um desses que aparecem no *X Factor* ou *Britain's Got Talent*. Assistio ao vídeo mais algumas vezes, apesar de só poder votar uma vez. Estou quase saindo do site quando me lembro de ela ter dito que publicava coisas no YouTube. Digito Alicia B e aparecem muitos e muitos vídeos. Alguns são dela cantando músicas tipo da Adele ou Leona Lewis. Mas o que eu mais gosto é das músicas dela, todas com letras muito tristes sobre o fracasso no amor.

No fim de cada uma, ela sempre espera um pouco antes de abrir um sorriso enorme para lembrar que é tudo fingimento.

Porque eu tenho quase certeza de que Alicia Baker é o tipo de garota que destrói corações, e não o contrário.

Quando chego em casa, o Spike está na cozinha lendo o jornal e comendo torrada.

– O que você está fazendo aqui? – pergunto.

Ele está com os pés em cima da mesa. Uma das meias está furada no dedão.

– Oi pra você também – diz ele, todo alegriinho.

– Onde está a minha mãe?

– Ela está no turno de trabalho na lavanderia e depois vai fazer as unhas com sua tia Kerry. É noite das meninas.

– Isso ainda não explica por que você está aqui – retruco.

– Eu me ofereci pra pegar a Tia na escola e fazer o jantar pra vocês.

– Entendi.

Abro a lata de pão; está vazia. Olho para o prato do Spike. Deve ter umas cinco fatias ali, pelo menos.

– Aqui, come um pouco – diz o Spike de uma vez, percebendo minha testa franzida. – Vai te manter em pé.

– Não, obrigado.

– Não seja idiota. Não posso comer tudo isso, de qualquer maneira. O que é seu é meu, nosso filho.

– Não sou ‘seu filho’ – digo entre os dentes.

Vou para a sala de estar e ligo a TV. É um daqueles programas sobre pessoas que procuram casas no exterior. Sinto o Spike me observando. Olho por sobre o ombro. Ele se levantou da mesa da cozinha e está apoiado no batente da porta, equilibrando o prato de torradas na palma da mão.

– Muito lindo – comenta ele, apontando com a cabeça para a tela. – Já estive na Espanha, Leo?

– Não – resmungo.

– Um lugar fantástico – diz ele. – Se bem que eu sempre digo que não dá pra superar a Tailândia. Um país lindo. Pessoas muito legais também. Meu Deus, como eu me diverti na Tailândia, garoto – acrescenta ele, soltando um assovio baixo. – As pessoas sempre me dizem que eu devia escrever um livro sobre as minhas viagens, sabe?

– E por que você não escreve? – murmuro.

Não costumo ficar por perto para ouvir o Spike, mas, quando faço isso, é assim que ele fala. Como se tivesse passado por aventuras incríveis e fosse a versão inglesa do Indiana Jones; só que ele nunca entra em detalhes, é sempre muito vago, como se estivesse inventando tudo enquanto fala.

Outro dia, ele deixou a carteira na mesa de centro e dei uma espiada. A carteira de motorista diz que o nome dele é Kevin. Nada de Spike. O endereço é em algum lugar de Manchester. Além disso, havia um pouco de dinheiro, alguns recibos e uma fileira dobrada de fotos dele e da minha mãe tiradas numa dessas cabines de foto instantânea. Na primeira imagem, eles estavam sorrindo para a câmera; na segunda, fazendo orelhas de coelho atrás da cabeça um do outro; na terceira e na quarta, eles estavam se agarrando. Nojento.

O Spike vem se sentar ao meu lado.

– Uma fatia? – oferece ele. – Vamos lá.

A torrada está pingando manteiga. O cheiro é delicioso. Apesar de não querer, pego uma fatia, mas só porque estou morrendo de fome. Divido ao meio e coloco o pedaço menor na boca, engolindo inteiro. O pão arranha minha garganta.

O Spike dá uma mordida e mastiga durante alguns segundos, os lábios batendo um no outro.

– Na verdade, Leo, estou feliz porque sua mãe saiu. Acho que nós dois começamos com o pé esquerdo. Essa pode ser uma boa chance de termos uma conversa adequada, sabe, de homem pra homem.

– Obrigado, mas não – digo, engolindo o outro pedaço de torrada de uma vez e me levantando.

– Hum, Leo, espera um pouco?

Eu me viro. O Spike está me olhando de baixo para cima. Com o cabelo liso e os olhos caídos, ele me lembra um pouco o cocker spaniel que a Kerry teve durante um tempo, até ele fazer xixi na gaveta de calcinhas da minha tia e ela levá-lo para a sociedade protetora dos animais.

– Eu gosto muito da sua mãe, você sabe, né, garoto? – pergunta ele.

Apenas dou de ombros. Parece muito improvável alguém gostar da bagunça desastrosa que é a minha mãe.

– Ela é uma mulher especial, Leo, e eu sei que estamos no início e tal, mas, se as coisas derem certo, e eu espero que deem, vou cuidar de você e

das suas irmãs. Não sou como os outros, não vou fugir no instante em que as coisas ficarem difíceis.

– Tanto faz – digo, olhando pela janela. – Tenho quinze anos. Daqui a alguns anos, vou estar fora daqui de qualquer maneira.

– Claro, parceiro. Só estou falando, só isso. Sei que deve ser difícil pra você e pra Amber, sem ter um pai por perto e tal.

Eu me viro.

– Tira o meu pai dessa história. Você não sabe nada sobre ele.

– Calma, garoto, posso saber mais do que você pensa – retruca o Spike, levantando as mãos.

– Você não sabe de nada – cuspo e vou em direção à porta.

– Leo – chama o Spike. – Ah, volta aqui, parceiro! Leo!

Bato a porta da frente depois de sair.

Enquanto atravesso o jardim com passos pesados, ouço uma das janelas do andar de cima se abrir e a voz fininha da Tia chamando meu nome. Ignoro e continuo andando.

Sei exatamente para onde vou.

Estou indo para o antigo complexo aquático de Cloverdale.

Ainda está claro quando chego, e eu me deito de costas no fundo da piscina vazia usando o moletom dobrado sob a cabeça como um travesseiro. Acima de mim, a luz do sol, cada vez mais fraca, brilha através do telhado de vidro e aquece meu rosto. Já me sinto um pouco mais calmo. Estico os dedos. Os azulejos embaixo de mim estão frios e meio úmidos, o que é esquisito, porque não tem água aqui há uns dois anos. Mas ainda tem cheiro de cloro. Gosto de respirá-lo profundamente e deixá-lo encher meus pulmões e narinas.

Quando anunciaram que iam fechar o complexo aquático de Cloverdale alguns anos atrás, todo mundo fez estardalhaço e assinou uma petição, mas não adiantou; o conselho foi adiante e fechou mesmo assim. Parece que estão construindo um novo centro de lazer a um quilômetro e meio daqui, com academia e cafeteria e aulas de zumba. Mas não vai ser a mesma coisa.

Eu costumava nadar aqui quando era criança. Em dias ensolarados como o de hoje, a gente ficava cego quando nadava de costas. Mas eu gostava mais quando estava chovendo. Costumava adorar quando ficava muito escuro e a água trovejava no telhado e você podia imaginar que estava nadando no rio Amazonas no meio de uma tempestade tropical.

O Gav costumava trazer a Amber e a mim aqui nas manhãs de sábado, enquanto minha mãe ficava na cama e dormia até passar a ressaca. O Gav era namorado da minha mãe na época. Ele nos ensinou a nadar na parte rasa – costas e crawl. A Amber nunca gostou muito. Ela não gostava de molhar o cabelo e tossia e cuspiu todas as vezes que entrava água na boca. Mas eu adorava. O Gav costumava dizer que eu tinha talento, que eu era um bebê aquático de verdade.

Eu gostava do Gav. Ele foi um dos melhores. Claro que ele era calmo demais e deixava a minha mãe brigar com ele o tempo todo, até que um dia deve ter se cansado, porque saiu de casa de manhã e nunca mais voltou.

Enquanto estou deitado na piscina, as palavras do Spike continuam ecoando na minha cabeça: “Posso saber mais do que você pensa.” Parte de mim queria ter ficado e perguntado o que ele queria dizer com isso. Mas o Spike só deve saber o lado da minha mãe – e quem sabe o que ela andou dizendo para ele.

Não, a única pessoa que realmente pode me contar a verdade já foi embora há muito tempo.



11

É hora do almoço de segunda-feira e o refeitório está lotado. A maioria das pessoas prefere aguentar o cheiro de repolho cozido e pastinaca queimada a passar frio. A Essie, o Felix e eu olhamos para o Leo, que está devorando um prato de batatas fritas.

– Pra onde será que ele vai? – pondero, observando enquanto ele recolhe a bandeja vazia e vai em direção à porta.

– Uivar pra lua? – sugere a Essie.

– Há. Há. Há.

– Por que você se importa, afinal? – pergunta ela.

Através do vidro, vejo o Leo atravessar o pátio. Ele não está de casaco, e vejo o vapor de seu hálito no ar.

– Ele deve estar congelando – murmuro, franzindo a testa e esticando o pescoço enquanto ele desaparece ao virar a esquina. O clima virou no fim de semana. De acordo com os jornais, deve ser o mês de setembro mais frio desde a década de 1940.

– Quem é você, a mãe dele? – pergunta a Essie.

Ela está de péssimo humor porque acabou de descobrir que a mãe vai esquiar no Natal, deixando a Essie e o irmão mais novo com o pai e a esposa dele de novo.

– Eu só estava especulando – resmungo, remexendo na comida com o garfo.

– Eu te falei que ele está na minha turma de matemática? – pergunta o Felix.

– Sério? – comento.

Não deixo de me surpreender com o fato de o Leo também estar na turma avançada. De imediato, me sinto envergonhado por julgá-lo com tanta

rapidez. Acrescento “bom em matemática” à lista mental irritantemente pequena dos fatos que eu sei sobre ele, o que torna tudo ainda mais irritante, porque nem sei explicar de onde vem meu interesse.

– Como ele é na aula? – pergunto.

– Até agora, ele não puxou as armas – responde o Felix. – Na verdade, mal abre a boca. Mas obviamente sabe o que está fazendo.

– Não acredito que você não tinha me contado isso antes – retruco.

– Qual é a sua com esse garoto? – pergunta a Essie. – Você está tipo fascinado por ele.

– Não estou não. Acho que ele é interessante, só isso. Você não?

– Moderadamente – responde a Essie com um bocejo.

– Você só está chateada porque ele não agarrou a oportunidade de almoçar com a gente naquela vez – sugiro.

– Não estou não. Apesar de que, com base apenas nisso, o garoto claramente não tem bom gosto.

Ela estreita os olhos para mim.

– Você não está a fim dele, está?

– Só porque eu acho alguém interessante, não quer dizer que estou a fim.

– Não tem problema, se você estiver. Estou surpresa, só isso. Não achei que garotos perigosos fossem seu tipo. Pobre Zachary – diz ela, suspirando –, rejeitado por causa do garoto novo.

– Não estou a fim do Leo Denton – digo, provavelmente um pouco alto demais, porque as garotas da mesa ao lado espiam por sobre o ombro com raro interesse. – Não estou a fim dele – repito sussurrando.

– Tá bom, tá bom – fala a Essie, levantando as mãos como se fingisse se render. – Eu acredito em você.

– Obrigado – digo.

– Mas milhares não acreditariam... – acrescenta ela, sorrindo com malícia.

Não vejo o Leo de novo até depois da aula. Quando minha mãe passa de carro pelo ponto de ônibus, eu o vejo encolhido sob a marquise, com as mãos nos bolsos, os olhos caleidoscópicos encarando o nada. É tão estranho, porque a sensação que eu tenho quando olho para ele é totalmente diferente de como me sinto quando vejo o Zachary na escola. Borboletas não passeiam pelo meu estômago nem sinto que estou prestes a vomitar. Ainda sou capaz de falar. Não fico da cor de um tomate. E, apesar disso,

definitivamente sinto alguma coisa. Só não descobri ainda o que é, e isso está me deixando louco.

Toda noite, quando chega do trabalho, meu pai se senta na poltrona favorita e lê o jornal enquanto bebe uma caneca de chá com leite. Hoje eu me posiciono no sofá em frente a ele e finjo estudar o vocabulário de francês para o teste da madame Fournier da manhã seguinte. Estou fingindo porque o que eu realmente faço é observar o rosto do meu pai em busca de pistas: uma sobrancelha levantada por estar intrigado, a testa franzida, talvez um sorriso; algum tipo de pista de desaprovação ou o contrário. Porque, na página vinte e três do jornal, tem um artigo sobre uma adolescente nos Estados Unidos que acabou de ser eleita rainha do baile na escola. Não sei exatamente o que a rainha do baile faz, além de usar uma coroa e uma faixa, participar de um desfile e acenar para as pessoas. Mas não é nessa parte da história que estou interessado. É sim na parte que diz que a garota do artigo, de vestido de baile reluzente e um sapato de salto alto, nasceu menino.

Enquanto lê, o rosto do meu pai permanece frustrantemente inabalado.

Espio por cima da minha lista de vocabulário enquanto ele toma mais um gole de chá e vira a página com preguiça.

– Alguma coisa interessante? – pergunto como quem não quer nada.

– Não – responde meu pai com um bocejo.

Depois de meia hora, ele termina. Então coloca o jornal no braço da poltrona e vai para a cozinha lavar a caneca. Assim que ele sai da sala, pego o jornal e corro escada acima, dois degraus de cada vez, batendo a porta do meu quarto.

Meu quarto é meu santuário. No ano passado, quando fiz treze anos, minha mãe e meu pai me deixaram pintá-lo da cor que eu quisesse. O tom que eu queria, na verdade, era um cor-de-rosa forte e maravilhoso, mas tive muito medo de pedir isso. Depois de pensar muito, acabei escolhendo um vermelho profundo, que, pelo menos de acordo com a Essie, “parece muito com um útero”. Meu pai prefere chamar meu quarto de “a caverna”, numa voz grave e profunda que ele acha que é hilária. As paredes são decoradas com gravuras emolduradas, principalmente fotos em preto e branco de Nova York, cartazes de filmes antigos e colagens de fotos da Essie, do Felix e de mim ao longo dos anos; nós três mudando muito pouco, exceto, talvez, pela cor do cabelo da Essie, que está sempre diferente.

Acendo as luzes de Natal que circulam o quarto todo e escalo a cama, espalhando o jornal na minha frente em cima do edredom. Viro na página vinte e três e suspiro. A página é dominada por uma foto da rainha do baile radiante; o cabelo preto caído sobre os ombros bronzeados. Ela é oficialmente linda. Meu dedo traça os contornos do seu rosto e as curvas do seu corpo no vestido reluzente. De acordo com o artigo, ela tem dezesseis anos. Parece mais velha, talvez uns vinte e um. Será que eu posso ficar assim daqui a dois anos? Tento me imaginar no palco da escola, usando um vestido de baile reluzente e dando um sorriso sereno enquanto aceno para os meus colegas de turma, aos aplausos, e o Zachary (coroadado como rei do baile, naturalmente) está de braço dado comigo, me olhando com adoração. Mas a imagem não se forma direito na minha cabeça. Parece boba e falsa, como um jogo de imaginação sem graça.

Pego uma tesoura na minha mesa e recorto o artigo com cuidado. Deitado de barriga para baixo, coloco a mão embaixo da cama e pego meu caderno de recortes abarrotado.

Presente de uma tia-avó distante no meu aniversário de dez anos, meu caderno de recortes representa quatro anos de uma cuidadosa curadoria. No início, as páginas são repletas de cartões-postais, papéis de bala e ingressos de cinema colados nas páginas pretas. Depois de um tempo, comecei a colar tudo que eu achava interessante ou bonito: uma pena de pavão encontrada numa viagem da escola à Newstead Abbey; um guardanapo com um beijo de batom cor-de-rosa, tirado da penteadeira da minha mãe; fotos de mulheres lindas tiradas de revistas. Minhas preferidas são as estrelas de filmes antigos: Elizabeth Taylor cercada de diamantes, Marilyn Monroe na praia de maiô branco reluzente, Audrey Hepburn usando luvas brancas compridas e pérolas. Hoje em dia, minhas estrelas de cinema se misturam com recortes de jornais e revistas médicas, estatísticas e tabelas, fatos e números.

Abro o caderno de recortes na página mais recente. O cheiro é doce por causa da amostra de perfume que coleí na semana passada. Deixo meus olhos se fecharem e enfio o nariz nas páginas por um instante, inalando profundamente. Na página oposta, colo o artigo com cuidado, alisando para não ter bolhas nem amassados.

Olho para o celular. Vinte minutos até a hora do jantar. Tempo suficiente para uma inspeção. Coloco a cadeira sob a maçaneta da porta e uma música

para tornar o processo mais suportável. Escolho o álbum *Born This Way*, da Lady Gaga, e aumento o volume até o máximo.

Termino e estou indo pegar minha cueca quando a maçaneta da porta começa a se mexer.

– David? – berra a Livvy mais alto que a música. – Me deixa entrar!

– Espera! – grito, vestindo meu roupão de banho e amarrando o cinto com força na barriga. Desligo a música e tiro a cadeira debaixo da maçaneta da porta. Quando a porta começa a se abrir, percebo que o caderno de inspeção está aberto em cima do meu travesseiro. Em pânico, eu o pego e enfio na mochila da escola antes de voltar rapidamente para o centro do quarto.

A Livvy entra com cuidado, franzindo o nariz quando me vê reto como uma vareta, usando o roupão horas antes do horário de dormir.

– Você não ouviu a gente gritando pra você descer pra jantar?

– Óbvio que não.

– Por que você colocou uma coisa apoiada na porta? – pergunta ela, fazendo uma careta pra minha cadeira.

– Eu estava trocando de roupa.

– Como se algum de nós estivesse interessado em ver você pelado.

Faço uma careta. Ela me devolve uma mais feia ainda.

– David! Livvy! – chama minha mãe do andar de baixo. – O jantar está esfriando.

Eu me mexo para ir, mas a Livvy fica parada, os olhos semicerrados de suspeita.

– Vai lá, então – digo, empurrando-a com delicadeza em direção à porta.

– Você ouviu o que a mamãe falou: o jantar está esfriando. Desço num segundo.

Relutante, ela me deixa expulsá-la do quarto.



12

Naquela noite, dormi cercado pelas minhas anotações de francês. Tive sonhos febris em que eu entrava no corpo da madame Fournier; só que não sei falar francês e tenho que me esconder no armário de materiais de escritório.

Durmo demais na manhã seguinte e só acordo quando o Phil pula na minha cama, babando no edredom todo. Tonto, tropeço pelo quarto, pegando o uniforme da escola, tentando acalmar meu cabelo arrepiado, jogando livros e pastas na mochila, antes de descer a escada fazendo barulho e entrar no carro, com os olhos ainda grudentos de sono.

A manhã não melhora. A primeira aula é de educação física, uma matéria que eu não domino. É a única aula que faço junto com o Zachary e mal tenho chance de brilhar, apesar de ter uma excelente oportunidade de olhar para as pernas dele. Neste semestre, vamos ter aula de rúgbi. Normalmente, minha tática e a do Felix (ele também é terrível nos esportes, sem falar que fica quase cego sem óculos) é ficar o mais longe possível da bola e dos outros jogadores. Mas hoje um professor substituto entusiasmado está dando aula e nos obriga a entrar na fileira de jogadores. O ponto fraco é Simon Allen sentado na minha cabeça.

Na aula de francês, o teste foi espetacularmente ruim. Quando entrego a folha no fim da aula, a madame Fournier já está com a testa franzida, como se previsse meu fracasso.

Na aula de matemática, estamos estudando notação científica. O sr. Steele pode estar falando élfico, até onde sei. Incapaz de acompanhar, acabo passando a maior parte da aula desenhando. Fico surpreso quando percebo que a figura arqueada que desenhei no canto da página se parece um pouco demais com Leo Denton.

Na hora do almoço, estou exausto. O Harry, o Tom e a Lexi estão atrás de mim na fila do refeitório; o Harry e o Tom se alternando para dar petelecos nas minhas orelhas, fazendo a Lexi soltar gritinhos risonhos todas as vezes.

– Muito maduro, pessoal – digo, tentando parecer entediado ao máximo.

– Ah, sem essa, relaxa, Show de Aberrações – fala o Harry. – É só uma brincadeira.

Ele me dá outro peteleco no lóbulo da orelha direita, com força. Eu me encolho. Os três caem na gargalhada.

Fixo os olhos na nuca do garoto na minha frente e me concentro em ficar bem parado, tentando resistir à vontade de abandonar a fila. Se eu ignorá-lo por tempo suficiente, às vezes o Harry fica entediado e escolhe outra vítima.

– Onde estão seus amigos? A bela e o geek? Não, espera, deixa eu reformular, afinal, estamos falando de Essie Staines; onde estão a mutante e o geek? – cacareja ele.

– Como foi que você chamou os meus amigos? – pergunto, a irritação fazendo que eu me virasse para encará-lo.

– A mutante e o geek – responde o Harry de um jeito inocente. – Algum problema com isso, Show de Aberrações?

Mordo meu lábio com força.

– Então, onde estão eles? Em mutação por aí?

– No ensaio da banda – respondo.

– Aaaaah, ensaio da banda – repete o Harry numa voz alta e ceceada.

Dou as costas para ele. Lá na frente, as funcionárias do refeitório aparentemente estão servindo a comida em câmera lenta.

– Meu Deus, essa fila está me matando – diz a Lexi, suspirando. – Me diverte, Harry?

– Estar na minha companhia não é diversão suficiente? – pergunta o Harry. A Lexi dá um risinho.

– Ei, que tal uma rodada rápida de Beijar, Casar ou Jogar de um Penhasco? – sugere o Tom.

– Vai em frente – concorda a Lexi. – Qualquer coisa é melhor que esse tédio.

– Deixa eu ir primeiro, tenho uma ótima pra Lex.

– Vai lá, Tommizinho – incentiva o Harry. – Faça o pior possível.

– Beleza – diz Tom. – Aqui estão suas opções, Lexi. O sr. Wilton...

– Que nojo! – exclama a Lexi em um grito fino. O sr. Wilton dá aula de matemática e deve ter pelo menos setenta anos.

– O sr. Stacey... – continua o Tom.

A Lexi solta outro gritinho fino. O sr. Stacey dá aula de inglês e é um pervertido. Há um boato de que ele tentou embriagar Caitlin Myers na viagem do segundo ano do Ensino Médio a Toulouse no último semestre.

– E, finalmente, o aluno da turma 10C... – ouço o Tom fazer barulho de tambor nas coxas – ... David Piper.

A Lexi se desmancha numa nova onda de risadas.

– Gênio! – exclama o Harry, cumprimentando o Tom no alto com a mão espalmada. – Simplesmente gênio, cara!

Tento me concentrar no cardápio, escolhendo entre salsicha e purê e lasanha vegetariana.

– Então, vamos lá, Lex, o cara já falou, qual é o veredito? – pergunta o Harry.

– Fácil – responde a Lexi. – Eu beijaria o sr. Stacey, porque pelo menos a gente sabe que ele ia curtir; casaria com o sr. Wilton, porque ele poderia morrer logo e eu ficaria com todo o dinheiro de acordo com o testamento e jogaria o Show de Aberrações do penhasco.

– Ah, pobre Show de Aberrações! – comenta o Harry.

– Como se eu me importasse – digo entre os dentes, pegando uma garrafa d'água.

– O que foi que você disse? – pergunta o Harry.

Coloco a garrafa na bandeja, respiro fundo e viro o corpo por completo para encará-lo.

– Você acha mesmo que eu me importo se a Cérebro de Bolha aqui quer me jogar de um penhasco ou não?

Tom abafa uma risada.

– Como foi que você me chamou? – pergunta a Lexi, o rosto subitamente vermelho.

– Cérebro de Bolha – respondo, parecendo umas mil vezes mais confiante do que me sinto. Existe um limite em relação ao Harry, e eu tenho a sensação de que estou me equilibrando perigosamente na borda.

– Harry, você vai deixar que ele fale assim de mim? – exige saber a Lexi, fazendo careta.

O Harry me rodeia num círculo lento. Sinto minha pulsação acelerar. Ele para atrás de mim, com o corpo pressionado no meu, o queixo no meu

ombro. Sinto seu hálito quente na bochecha. Tem cheiro de cigarro disfarçado com bala de menta.

– Pede desculpas pra minha namorada – rosna ele no meu ouvido.

Penso nas minhas opções. Claro que eu poderia fazer o que o Harry falou e pedir desculpas à Lexi. Essa provavelmente seria a opção mais sensata no longo prazo. No entanto, também ia me assombrar durante dias. Eu ia acordar no meio da noite, suando frio, pensando em todas as coisas incríveis que eu *podia* ter falado. Por outro lado, posso canalizar minha Essie interior e soltar a longa lista dos outros “atributos” da Lexi além de cérebro de bolha. Essa seria a opção mais gratificante, mas potencialmente perigosa. O que não penso é o que acabo fazendo, talvez a opção mais perigosa de todas.

– Estou esperando, Show de Aberrações – sussurra o Harry, seu hálito fazendo cócegas na minha orelha.

Forço meu ombro para cima, e o osso encontra o maxilar do Harry com um estalo alto. Eu me viro. O Harry está com as mãos sobre a boca, os olhos arregalados de choque.

– Você fez ele morder a língua, sua aberração! – grita a Lexi, correndo para a frente e colocando os braços ao redor do Harry.

Ele se sacode para afastá-la e me empurra. Tropeço alguns passos para trás, hesitando antes de empurrá-lo de volta. Devo ter pegado o Harry despreparado, porque ele perde o apoio e sai tropeçando para cima da Lexi, que berra. Ele se endireita e me empurra de novo, desta vez com mais força, os olhos brilhando de raiva. A força do empurrão me faz voar para cima dos garotos atrás de mim. Minha mochila escapa do meu ombro e cai no chão. Eu me abaixo para pegá-la, mas o Tom chega nela primeiro, chutando-a para o Harry, que começa a driblá-la num círculo.

– Beaumont, não seja tão infantil – diz uma garota do segundo ano do Ensino Médio.

Por um segundo, tenho a impressão de que o Harry vai ouvi-la, porque ele para e pega a mochila. Quando ele vem na minha direção, estendo a mão para pegá-la. Mas, no último segundo, um sorriso enorme se espalha pelo seu rosto, e ele a joga para o Tom por cima da minha cabeça. Enquanto minha mochila está voando pelo ar como se estivesse em câmera lenta, eu me lembro.

Meu caderno de inspeção está lá dentro.

O pânico invade meu peito.

– Devolve – digo para o Tom.
– Devolve – me imita ele num gritinho agudo.
– Você pelo menos podia pedir com educação – diz o Harry.
– Devolve, por favor! – digo, a urgência rastejando para minha voz.
– Ah, muito melhor – diz o Harry. – Mas quer saber, Show de Aberrações? Ainda não terminamos.

Ele joga a mochila para a Lexi, desta vez, que solta um gritinho agudo de felicidade antes de jogá-la para o Tom.

– Olha, devolve e pronto!

Estou gritando. Mas eles continuam jogando, e eu fico de bobinho no meio, pulando sem sucesso. O Tom joga a mochila para o Harry. Ela passa bem acima da minha cabeça. Estendo a mão, e os dedos roçam nas alças, antes que a mochila caia nos braços do Harry. Em vez de jogar de volta para o Tom, ele a abraça, ninando como se fosse um recém-nascido, com um sorriso renovado no rosto.

– Sabe o que eu acho? Que a mocinha está protestando demais – diz ele, abrindo o zíper devagar.

Não, não, não.

– Harry – sussurro. – Estou implorando: me devolve.

– Você está implorando, é? – diz ele. – Isso é muito, muito interessante.

Sem tirar os olhos dos meus, ele vira a mochila de cabeça para baixo. O conteúdo cai. Meu estojo se abre, e as canetas e lápis se espalham para todo lado. Uma garrafa de água pela metade sai cambaleando atrás; um pacote de chiclete; minhas chaves; livros e pastas; papéis flutuando inocentemente para o chão como flocos superdimensionados de confete. E, por fim, meu caderno roxo. Caio de joelhos para pegá-lo, mas o Harry está um passo à frente de mim e o pega num movimento rápido.

– Ora, o que temos aqui? – anuncia ele para o público que só aumenta. – O Show de Aberrações mantém um diário? Querido Diário, por que sou um perdedor tão esquisito? – recita em voz alta.

Mais e mais alunos estão se reunindo para observar. Olho ao redor em busca de um professor ou uma funcionária, mas não vejo nada acima das cabeças da pequena multidão que nos cerca.

Incluindo Zachary Olsen.

De repente, me sinto tonto.

– Dá um tempo, Harry – diz alguém, possivelmente a garota do segundo ano do Ensino Médio de novo. Mas o Harry está empolgado. Ele está se

divertindo demais para ao menos pensar em parar. E abre o caderno em uma página aleatória. Seus olhos disparam pela página, arregalando-os de animação, como se ele não conseguisse acreditar na própria sorte.

– Harry, por favor – digo, olhando de lado para o Zachary, que está franzindo um pouco a testa. Mas é inútil; nada vai impedir o Harry agora.

– Gente, gente, ouve isso! – grita ele. – Oito de março. Altura: um metro e sessenta e cinco centímetros. Pomo de adão: pequeno, mas visível. – Ele olha para mim, balançando a cabeça. – Que diabo é isso, Show de Aberrações?

Eu me jogo em direção a ele, tentando agarrar o caderno, mas o Tom segura meus braços, prendendo-os nas minhas costas.

– Me solta! – grito, me debatendo e chutando. Um dos meus chutes atinge sua canela esquerda. Ele xinga entre os dentes e envolve os braços no meu peito, com força, de modo que eu mal consigo respirar. Ele é mais alto e mais forte do que eu.

– Pelos púbicos: mais grossos e mais enrolados! – continua a grasnar o Harry. – Caramba, escutem isso! Comprimento do pênis: seis centímetros e meio!

Há uma explosão de risadas. Grito com força total dos pulmões, achando que, se eu fizer barulho suficiente, sou capaz de abafar a voz do Harry. Em certo ponto, acho que ouço alguém dizendo para ele parar, mas não tenho certeza por causa do barulho.

– Calaabocacalaabocacalaaboca! – entoo, meus olhos fechados com força. Talvez, se eu não os abrir, posso fingir que tudo isso é um pesadelo terrível; que Zachary Olsen não está a um metro de distância de mim, ouvindo o Harry recitar a flutuação de tamanho do meu pênis. Sinto água se acumulando por baixo das pálpebras, ameaçando escorrer. Mas não posso chorar na frente deles. Não vou.

O soco cala todo mundo.

Parece irreal, como um efeito sonoro num filme de ação. Abro os olhos. O Harry está no chão, com sangue escorrendo do nariz, os olhos arregalados de choque. No início, acho que tive um tipo de experiência fora do corpo e fui o responsável pelo soco. Mas então percebo que os braços do Tom ainda estão me segurando. Sigo o olhar do Harry. Em cima dele está o Leo, o garoto da Escola de Cloverdale, encarando o próprio punho como se não pertencesse ao seu corpo.



13

O escritório do sr. Toolan é diferente do que eu me lembro: menor e mais escuro. No centro, tem uma mesa grande e bagunçada, coberta de papéis e xícaras de café. As fotos emolduradas da esposa e dos filhos adultos, bronzeados e com boa aparência, em férias esquiando e em cerimônias de formatura, ficam à esquerda do monitor do computador. Um sanduíche pela metade está à direita. Atrás da mesa, o sr. Toolan está olhando o meu arquivo e franzindo a testa.

Sacudo minha perna esquerda para cima e para baixo. A maior parte do tempo consigo disfarçar o que sinto, ajeitando meu rosto e meu corpo para enganar as pessoas. Mas minha perna esquerda sempre consegue superar meu cérebro.

O sr. Toolan coloca meu arquivo na mesa e suspira.

– Não vou enfeitar a situação, Leo. Não foi um bom começo.

Flexiono as mãos. Os nós dos dedos estão vermelhos e latejando.

– Eu esperava *nunca* vê-lo neste escritório e, duas semanas depois da sua primeira aula, aqui está você. E por bater em outro aluno, ainda por cima – continua o sr. Toolan.

Olho para os meus sapatos. Ainda estou usando o mesmo par do ano passado. Estão gastos na ponta, e o cadarço está começando a desfiar.

Ouçoo uma batida na porta. É a srta. Hannah, chefe do Apoio Pastoral.

– Vim assim que soube – diz ela, se sentando ao meu lado.

– Vocês vão me expulsar? – pergunto. São as primeiras palavras que digo desde que cheguei.

O sr. Toolan e a srta. Hannah trocam olhares.

– Primeiro, que tal você nos contar o que aconteceu? – indaga o sr. Toolan.

Pigarreio e me inclino para a frente na cadeira.

– Estavam implicando com o garoto, realmente acabando com ele. E ninguém o estava defendendo, não do jeito certo. Tinha um monte de alunos ao redor observando, mas ninguém fez nada, simplesmente deixaram acontecer.

– Então, nesse momento, por que você não avisou a um professor? Por que você assumiu a solução do problema com seus punhos? – pergunta o sr. Toolan.

Fecho os olhos. Mas ainda é um borrão. Tudo que vejo são imagens em flashes; o rosto do garoto, que se aproximou de mim no refeitório semana passada, todo magoado e humilhado, à beira das lágrimas, e o outro garoto, o que soquei, todo convencido e orgulhoso. A próxima coisa que eu me lembro é de estar em pé em cima dele, que estava deitado no chão, e o sangue escorrendo do nariz, e dois professores, cada um pegando um braço meu e me carregando para fora do refeitório. Tudo no meio está enevoado.

– Então? – diz o sr. Toolan.

Abro os olhos.

– Não sei, senhor. Eu só... perdi a cabeça, acho.

– Bom, perder a cabeça, como você disse, não é um comportamento aceitável.

Olho para os meus pés de novo.

O sr. Toolan tira os óculos e esfrega os olhos. Ele tem marcas vermelhas nos dois lados do nariz. Dou uma olhada para a srta. Hannah, tentando descobrir em que nível de enrascada eu me meti, mas ela se recusa a encontrar meu olhar.

O sr. Toolan recoloca os óculos e escora os cotovelos na mesa, o queixo apoiado nas mãos.

– Você sabe por que eu te aceitei como aluno aqui, Leo? Quando outras escolas foram relutantes?

– Não, senhor – digo.

– Não foi apenas sua aptidão notável em matemática que te garantiu uma vaga aqui, eu vi uma coisa especial, uma coisa à qual valia a pena dar uma chance. Vi um jovem que queria dar tudo de si e não se meter em encrencas.

– E eu concordo! Olha, o senhor não estava lá, o senhor não viu o que realmente aconteceu. Ele estava pedindo isso!

O sr. Toolan levanta a mão para me calar. Agarro os braços de madeira da poltrona com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos.

– Leo, acho que você não está entendendo a seriedade da situação. Você tem sorte de não ter quebrado o nariz do Harry.

Ele é que tem sorte, sinto vontade de dizer. Mas já estou pisando em ovos. Respiro fundo antes de falar:

– Olha, senhor, eu entendo que não devia ter batido nele. E, se eu pudesse voltar no tempo, não teria feito isso. Mas o senhor não ouviu o que ele estava dizendo para aquele garoto. Ele estava destruindo o menino, e isso não é certo!

– Não importa, Leo – interrompe o sr. Toolan. – A questão é que os alunos do Parque Eden não atacam fisicamente os colegas, fim de papo. Está me entendendo?

– Mas, senhor...

– Está me entendendo, Leo? – repete o sr. Toolan.

Minhas unhas se enterram nos braços da poltrona, a raiva ainda quente borbulhando no meu estômago.

– Sim, senhor.

A sala de repente fica muito silenciosa, exceto pelo tique-taque de um relógio que não está à vista.

– Então vocês vão me expulsar?

O sr. Toolan suspira.

– Não, não vou te expulsar, Leo. Você vai ficar na detenção no próximo mês, começando amanhã, e em observação pelo resto do seu tempo aqui. Se você der um passo fora da linha, não terei escolha a não ser tomar uma atitude mais permanente. Parece justo?

Tudo que consigo fazer é concordar com a cabeça.

Ele começa a escrever no meu arquivo.

– Isso é tudo, Leo. Você está dispensado.

Faço que sim outra vez e me levanto. Minha perna ainda está tremendo.

Do lado de fora do escritório do sr. Toolan, o Harry está sentado com a cabeça apoiada na parede e um bolo enorme de lenços de papel no nariz. Uma garota loura está praticamente cavalgando nele enquanto sussurra no seu ouvido e alisa seu cabelo.

– Maníaco – disparou ela por sobre o ombro quando eu passo.

Mostro a ela o dedo do meio. Seus olhos se arregalam, mas ela não fala mais nada.

Do outro lado do vidro, no escritório da secretária, o garoto do caderno, cujo nome não consigo lembrar, está escrevendo uma declaração. Quando

ele me vê, abre um sorriso e acena.

– Obrigado! – diz ele sem som.

Eu o ignoro, empurrando a porta que dá para o pátio vazio. As aulas da tarde já começaram. O ar fresco atinge o meu rosto: frio e penetrante.

Não fui expulso. Mas agora preciso ser ainda mais cuidadoso. Qualquer deslize e estou fora. O sr. Toolan está certo; se eu for expulso do Parque Eden, nenhuma outra escola vai querer saber de mim. Eu ia acabar num daqueles reformatórios, com todos os outros maníacos e desistentes. Eu nunca entraria para um liceu, quanto mais para a universidade. Ficaria preso em Cloverdale para sempre. As boas notas no Parque Eden são minha passagem para sair daqui. Preciso ficar na minha, preciso manter o controle. Mas, ao mesmo tempo, a injustiça de tudo isso queima no meu peito.

A srta. Jennings deve saber da minha visita ao escritório do sr. Toolan, porque, quando entro na aula de inglês com mais de meia hora de atraso, ela levanta o olhar e faz um sinal afirmativo com a cabeça. Sinto o olhar dos meus colegas enquanto sigo pelo corredor até a minha mesa. Tento ao máximo parecer tranquilo e manter a reputação que eles construíram para mim. Eu me sento e pego minha pasta de redação. Depois de alguns segundos, a Alicia vira-se de lado na cadeira. Ela está usando brincos diferentes hoje: joaninhas minúsculas de prata no lugar dos corações de ouro de sempre.

– Me contaram o que você fez – sussurra ela.

Tento interpretar seu rosto. Tenho a sensação de que Alicia Baker não é o tipo de garota que se excita com violência.

– Ah, é? – digo, tentando parecer casual.

– É, defendendo aquele garoto do primeiro ano.

– Ah, isso. Burrice minha. Não sei o que eu estava pensando.

– Não foi burrice de jeito nenhum. Acho que foi gentil da sua parte.

Engulo em seco.

– É?

Ela faz que sim com a cabeça.

– O sr. Toolan não achou – digo. – Detenção por um mês, começando amanhã.

– Que droga.

– Nem me fale.

Não comento sobre estar sob observação.

A srta. Jennings ergue o olhar. Nós dois encaramos nossos livros. Ela franze a testa, mas volta às anotações.

– Mas eu estava falando sério – continua a sussurrar a Alicia por sobre o ombro. – Foi muito legal da sua parte fazer o que fez. Poucas pessoas defendem os rejeitados aqui. Aquele Harry Beaumont também é um belo babaca. Já era hora de alguém dar a ele o gosto do próprio remédio.

Ela olha para a frente da sala antes de se virar para mim de novo.

– Leo, posso te perguntar uma coisa? – indaga, brincando com a corrente de prata no pescoço.

– Hum, pode – digo, me ajeitando na cadeira.

– Por que você trocou de escola? Tem um boato idiota circulando por aí, de você arrancando o dedo de um professor ou alguma maluquice assim, mas não acreditei nisso nem por um segundo.

Ao longo dos últimos dias, ouvi sem querer partes desse mesmo boato. Não tenho a menor ideia de onde surgiu, mas imaginei que não tinha problema deixá-lo circular; qualquer coisa para reforçar minha imagem de cara perigoso que está indo pelo caminho errado.

– Por que você não acredita? – pergunto com cuidado.

– Porque não. Você não é assim.

– O que faz você ter tanta certeza?

– Ah, não sei, digamos que eu sou uma pessoa muito perceptiva – diz ela, sorrindo.

Não sorrio de volta.

– Então, vamos lá, o que aconteceu de verdade? – pergunta Alicia.

Olho para a frente da sala. A srta. Jennings está falando com Lauren Melrose.

– Vamos lá, você pode me contar. Não vou fofocar por aí, eu juro, prometo e tudo o mais – diz ela, fazendo uma cruz sobre os lábios.

Mas a Alicia não sabe onde está se metendo. A verdade é maior do que ela poderia imaginar.

– Tá bom – digo, me inclinando para a frente a fim de causar um impacto. – Mas você realmente não pode contar pra ninguém.

– Seu segredo está seguro comigo – responde a Alicia em tom solene, imitando minha ação e se aproximando. Meu Deus, ela tem um cheiro bom demais. O tempo todo, minha mente está procurando alguma coisa para dizer.

– A questão é que – começo, com a voz baixa – eu me envolvi com um grupo esquisito na minha antiga escola. E eu tinha uma noção de como as coisas iam acabar na minha vida, sabe, se eu ficasse por lá. E, bom, eu não queria isso pra mim, então pedi transferência.

– Dá pra fazer isso?

– Em circunstâncias especiais, sim.

A Alicia se recosta na cadeira.

– Uau, essa é uma decisão bem adulta pra se tomar.

Dou de ombros, como se não fosse nada de mais.

– Então, por que você não conta isso pras pessoas? – pergunta ela. – Por que você deixa que elas andem por aí inventando histórias sobre sua expulsão?

Dou de ombros.

– Não é da conta de ninguém. Acho que eles podem pensar o que quiserem. O mais importante é que eu sei a verdade, entende?

Olho para os meus dedos. Tem uma mancha de tinta no dedo indicador direito. Sinto a Alicia me observando.

– Srta. Baker, algum problema?! – grita a srta. Jennings.

A Alicia revira os olhos para mim e se vira para a frente da sala. Consigo soltar a respiração.

– Eu votei em você, falando nisso – conto, quando o sinal toca dez minutos depois e estamos guardando nossas coisas. – Naquele concurso de canto.

– Foi? – pergunta a Alicia.

– Claro. Você estava ótima.

– Você acha mesmo?

– Com certeza. A melhor, de longe – me vejo dizendo.

– Ah, obrigada, Leo – diz ela, corada e feliz.

E é bom tê-la feito se sentir bem.

– Sabe de quem você me lembra? – continuo. – Uma cantora que a minha avó gostava. Merda, esqueci o nome dela agora, Ella alguma coisa...

A Alicia agarra o meu braço.

– Ai, meu Deus, Ella Fitzgerald? – sussurra.

– É, é isso.

– Ella Fitzgerald é, tipo, minha inspiração! – diz a Alicia, os olhos brilhando. – Você realmente acha que eu sou parecida com ela, Leo?

– Foi o que eu disse, não foi?

Ela fica radiante.

– Leo?

– Eu.

– Posso te perguntar mais uma coisa?

– Hum, tá bom – respondo, botando a mochila nas costas.

– Por que você não faz aula de educação física? É a única outra aula que a gente faz juntos e você está sempre no banco.

Eu sei muito bem que educação física é a única outra aula que faço com a Alicia e como ela fica linda naquela saia plissada minúscula e na camiseta polo apertada.

– Problemas no joelho. Machuquei jogando futebol uns anos atrás – minto com naturalidade.

– Deve ser difícil não poder mais jogar – diz ela, enquanto a sala de aula esvazia ao nosso redor.

– Não é legal, mas o que eu posso fazer? Eu nem era bom o suficiente pra jogar profissionalmente nem nada – comento, dando de ombros com modéstia.

Ela para e cruza os braços.

– Você é interessante, Leo Denton, sabia disso?

E a Alicia está me olhando como se eu tivesse várias camadas, e o tempo todo nossos olhares estão grudados um no outro. E, por um instante, eu me esqueço totalmente de Harry Beaumont, do sr. Toolan, de estar em observação na escola e dos meus outros milhões de problemas. Até a voz na minha cabeça, aquela que me avisa para sair correndo e que garotas não prestam, está enfraquecendo a cada segundo. Porque tudo está ofuscado pelo meu coração enlouquecendo no peito, como se fosse explodir para fora de mim e sair dançando pela sala.



14

Quando saio do escritório do sr. Toolan, o Felix e a Essie estão me esperando. Eles se levantam da cadeira num pulo e me abraçam como se eu fosse um soldado voltando da batalha. O cabelo da Essie entra na minha boca. O gosto é do perfume e dos produtos químicos que ela usa.

– Ai, meu Deus, você está bem?! – grita ela, me segurando à distância de um braço, me inspecionando em busca de machucados.

– Estou bem – digo. – O que vocês estão fazendo aqui? Não deviam estar na aula de artes?

– Que arte que nada! – responde a Essie.

– Que diabos aconteceu, cara? – pergunta o Felix.

Começo a contar dos petelecos na orelha e termino com o Leo sendo carregado para o escritório do sr. Toolan, com uma mistura de raiva e perplexidade no rosto.

– Mas por que seu caderno de inspeção estava na mochila, afinal? – pergunta o Felix. – Achei que ele ficava trancado em casa.

– Não foi de propósito – digo, amargo –, pode acreditar.

– O Harry viu muita coisa? – pergunta ele.

– Acho que só algumas páginas.

– Já é alguma coisa.

– Ainda não acredito que o garoto de Cloverdale deu um soco no Harry Beaumont! – interrompe a Essie, balançando a cabeça, espantada. – Foi maravilhoso? Aposto que sim!

– Não sei. Eu estava de olhos fechados – admito. – Mas o som foi maravilhoso. Foi um soco de verdade, muito alto. E o nariz do Harry sangrou muito.

– Legal – comenta o Felix, com os olhos dançando. O Harry quebrou os óculos do Felix no oitavo ano, então ele aguardava pacientemente pelo momento da vingança.

– Você devia convidá-lo pra almoçar com a gente – sugere a Essie.

– Quem? O Harry? – pergunto.

– Não, seu idiota! – grita ela. – O esqueci-o-nome! O maníaco cortador de dedos!

– Você quer dizer o Leo? – respondo. – Achei que você disse que a oportunidade dele tinha passado.

– Mas isso foi antes de ele te defender e socar a cara do Harry Beaumont!

– exclama a Essie. – O garoto merece uma medalha!

– Tá bom, acho que posso convidá-lo na detenção. Mas não sei se ele vai aceitar.

– Espera um pouco, detenção? Como foi que *you* conseguiu uma detenção? – exige saber o Felix. – *You* era a vítima!

– Por fazer o Harry morder a língua – digo, revirando os olhos. – Uma semana. Se vale alguma coisa, o Harry também recebeu uma semana. Parece que o Leo recebeu um mês. Por um soco. Foi meio pesado, não acham?

A Essie dá de ombros, balançando as pernas.

– Você sabe como é o sr. Toolan, sempre repetindo que somos ‘jovens damas e cavalheiros’ – diz ela, imitando sua voz profunda.

– A Essie está certa – acrescenta o Felix. – Ele tem pouca tolerância com violência física.

– Tortura psicológica, por outro lado... – diz a Essie. – Meu Deus, como as coisas ficam confusas por aqui às vezes. Se os professores tivessem um pouco de sensatez, eles mesmos teriam socado a cara do Harry anos atrás. Argh, ele é um animal.

Ficamos sentados em silêncio durante alguns instantes.

– Mas é estranho quando a gente pensa no assunto – diz o Felix.

– O quê? – pergunta a Essie.

– Que a escola tenha aceitado o Leo como aluno, pra começar. Eles dizem que as vagas aqui são como pó de ouro e, mesmo assim, o sr. Toolan, que se orgulha de administrar uma escola tão ‘pacífica’, aceita um garoto com histórico de violência. É estranho, né?

– Acho que sim – digo.

– E o mais estranho – continua o Felix. – Algum de vocês sabe como é um miniarco de serra?

A Essie e eu balançamos a cabeça. Acho que nenhum de nós prestou muita atenção à aula de trabalhos manuais no sétimo ano, ocupados demais em fazer bagunça com o aplicador de cola quando o sr. Hampton não estava olhando. O Felix pega o celular e, depois de alguns segundos, passa para mim e para a Essie. Olhamos a imagem na tela.

– Isso é um miniarco de serra? – pergunto. A serra na tela é uma coisinha frágil, nada parecida com a arma enorme que eu tinha imaginado o Leo carregando pelos corredores da Escola de Cloverdale.

– Parece que mal dá pra cortar um Kit Kat ao meio, quanto mais um dedo – debocha a Essie.

– Exatamente, meus amigos – conclui o Felix, cruzando os braços, se recostando na cadeira e parecendo orgulhoso de si mesmo. – Exatamente.



15

No dia seguinte, o ambiente borbulha com as fofocas. O nariz do Harry inchou, quase dobrou de tamanho e ficou bem roxo. Ainda mais brilhante é o fato de que, até agora, pelo menos, as revelações no meu caderno parecem ter sido ofuscadas pela notícia de que alguém finalmente socou Harry Beaumont. O fato de que esse alguém é o suposto maníaco da Escola de Cloverdale é apenas a cereja do bolo. Não que o conteúdo do meu caderno tenha sido totalmente esquecido. Enquanto sigo de uma aula para outra, percebo vários alunos fazendo formas estranhas com as mãos. Levo alguns segundos para perceber que eles estão indicando mais ou menos seis centímetros e meio entre o polegar e o indicador. E, apesar de eu não estar exatamente animado com isso, estou grato por ninguém ter descoberto o motivo por trás dessas anotações todas.

Digo a minha mãe que vou ajudar com o figurino no musical da escola durante uma semana para não levantar suspeitas sobre minha detenção. A Essie, mestra em falsificação, concorda em assinar minha agenda. Pago dez libras para a Livvy não contar à minha mãe. Ela faz uma careta, mas aceita o dinheiro, e fico grato porque os eventos de ontem parecem não ter chegado ainda à boca dos alunos do primeiro ano.

Enquanto almoçamos, a Essie declara:

– O melhor dia na escola desde aquela vez, no nono ano, que a sra. Clarey soltou o peido mais alto da história dos peidos durante nossa prova SAT de inglês e a sala toda enlouqueceu.

Procuro o Leo no refeitório, mas não o encontro.

Depois das aulas, vou para a detenção. Não recebo uma detenção desde o oitavo ano, quando a Essie, o Felix e eu nos amarramos juntos para a

campanha Crianças Carentes e provocamos um acúmulo enorme de pessoas na parte de baixo da escada no prédio de artes. Essa é minha primeira transgressão solo, e, mesmo sem intenção, me sinto meio malvado quando me apresento ao velho sr. Wilton.

Duas garotas mal-humoradas do nono ano estão sentadas em cantos opostos da sala de aula, com rostos igualmente manchados de lágrimas. Eu me sento numa cadeira na primeira fila e pego o dever de casa de matemática e o estojo. Alguns segundos depois, o Harry entra, com o nariz ainda mais roxo do que algumas horas atrás. Ele me olha furioso antes de ir para o fundo da sala. Poucos segundos depois, o Leo entra. Seus olhos meio que flutuam sobre mim enquanto ele passa e escolhe uma mesa perto da janela. Ele se afunda tanto na cadeira que o queixo fica quase na altura da mesa.

– Bem-vindos – rosna o sr. Wilton. – A hora da detenção começa agora.

Ele ativa um cronômetro, senta-se atrás da mesa dele e cai imediatamente no sono.

Tento fazer meu dever de casa, mas não consigo me concentrar. O Harry está ouvindo música nos fones de ouvido e deve ter colocado no volume máximo, porque ouço claramente a letra e o baixo. À minha esquerda, o Leo está com uma cópia de *Noite de reis* aberta. Mas acho que ele não está lendo direito. Percebo pelo jeito como seus olhos estão encarando o mesmo ponto da página, como se estivessem prestes a queimar o livro. Ele deve ter percebido meu olhar, porque olha diretamente para mim. Então eu logo finjo olhar preocupado para o problema de matemática no meu livro. Tento não olhar de novo.

O restante da hora rasteja, os ponteiros se arrastando ao redor do relógio. Por fim, o cronômetro do sr. Wilton começa a apitar. Começo a guardar minhas coisas. Quando passa por mim, o Harry derruba meu estojo da mesa, fazendo-o cair aberto no chão.

– Até mais, Show de Aberrações – diz ele por sobre o ombro.

Suspiro e fico de joelhos. Meu apontador abriu, e a serragem se espalhou para todo lado.

– Por que ele te chama assim?

Levo um instante para perceber que o Leo está falando comigo.

– Como é? – digo, piscando para ele.

– Show de Aberrações. Por que ele te chama assim?

Penso na resposta. O Leo deu um soco na cara do Harry por mim, o que claramente indica que está do meu lado, pelo menos até certo ponto. Suponho que ele também tenha ouvido o Harry ler o conteúdo do meu caderno antes de socá-lo, o que também é um bom sinal. Mas, ainda assim, acabo sendo cauteloso.

– É meio histórico – digo, catando a serragem na mão e colocando de volta no estojo.

O Leo franze a testa.

– Como assim?

– O Harry me chama assim desde que a gente tinha, tipo, uns oito anos – respondo, me levantando e guardando o estojo na mochila.

– Mas por quê?

– Não sei. Porque eu sou diferente?

– Não somos todos?

– Não no Colégio Parque Eden.

Pego meu casaco e começamos a caminhar pelo corredor deserto.

– E você deixa o Harry fazer isso? – continua o Leo.

– Não é uma questão de deixar... – digo. – Digamos apenas que é complicado.

O Leo ergue uma das sobrancelhas, mas não diz mais nada.

– Harry Beaumont é tipo o rei não oficial do primeiro ano do Ensino Médio – explico.

– Mas por quê? Ele é um babaca.

– Ele faz parte do time de futebol e participa da corrida de cem metros pela cidade. Ah, e ele faz parte do Comitê do Baile, o que automaticamente lhe dá um status de deus por aqui.

– Comitê do Baile?

– Vocês não tinham bailes na Cloverdale?

O Leo solta uma risadinha.

– Não.

– Temos dois: um antes do Natal e um no verão. E o Harry é o encarregado este ano. Ele está prometendo uma máquina de neve no baile de Natal. Uhu!

– E as pessoas se importam com essas coisas?

– Muito.

O Leo balança a cabeça.

– Pelo menos não estou sozinho quando se trata de lidar com o abuso do Harry – acrescento com brilhantismo. – Ele faz isso com quase todo mundo que não se encaixa no padrão. Ontem foi minha vez, só isso. Aliás, obrigado por ter derrubado o cara. Agradeço muito.

– Nem me fale – murmura o Leo, empurrando as portas principais.

Sáimos da escola. Começou a chover. Procuo meu guarda-chuva na mochila.

– Quer pegar carona aqui? – pergunto enquanto o abro.

– Não, obrigado.

Começamos a andar pela entrada.

– Você não devia deixá-lo – diz o Leo depois de um instante.

– Como é?

– O Harry. Você não devia deixá-lo te chamar daquilo.

– Só faltam mais dois anos. Depois, se os meus pais deixarem, vou pra um liceu na cidade, em vez de ficar aqui, e o Harry vai ser um produto da minha imaginação.

– Então, até lá, você vai aturar isso e pronto?

– Sei que parece patético, mas, sinceramente, é mais fácil tentar ignorar o Harry. Nunca se sabe, ele pode acabar ficando entediado. Ei, seria diferente se eu soubesse que tenho um guarda-costas à mão pra dar uma surra nele toda vez que ele me provocasse, mas tenho a sensação de que ontem provavelmente foi uma ocasião única...

– É – diz o Leo de imediato. – Estou em observação, então é melhor eu ficar na minha.

Olho para ele, surpreso.

– Você está em observação? Só pelo que aconteceu ontem?

– É – responde o Leo. – Hum, nova política, acho. Tolerância zero ou alguma coisa assim.

– Ah, sim. Meu Deus, me desculpa.

O Leo dá de ombros.

– Não é culpa sua, na verdade, né?

Mas ele não diz isso com muita convicção.

A chuva está apertando, batendo com força no tecido do guarda-chuva. Mais uma vez, tento chamar o Leo para dividir o guarda-chuva, mas ele finge não me ouvir. Seus olhos parecem ainda mais verdes na luz cinza misteriosa. É estranho, mas a chuva meio que combina com ele.

Chegamos aos portões bem quando o ônibus número catorze está sacudindo ao subir a ladeira.

– Esse é o meu – avisa o Leo, tirando o passe de ônibus do bolso.

– Como é Cloverdale? – disparo de repente.

Ele me lança um olhar penetrante.

– Por que você quer saber?

– É que a gente ouviu tanta coisa sobre lá que eu fiquei curioso...

O Leo suspira.

– Você realmente quer saber como é Cloverdale?

Faço que sim com a cabeça, de um jeito muito interessado.

– É um buraco de merda – responde ele –, pura e simplesmente. Até mais.

Observo enquanto ele corre até o ponto de ônibus, o blazer voando atrás dele como uma capa.



16

Enquanto subo até o deque superior do ônibus, repasso mentalmente a conversa com o David. É horrível. Esse tal de Harry sempre escapa depois de provocar esses garotos, e aqui estou eu com quatro semanas de detenção e em observação; meu futuro no Colégio Parque Eden em risco, só porque o encarei. Sinto raiva só de pensar. Como se eu quisesse descobrir onde o Harry mora e dar outro soco nele, só que com mais força desta vez. Uma sensação familiar borbulha no meu peito como lava quente. Eu me lembro de descrevê-la para a Jenny uma vez. Ela escreveu alguma coisa no meu arquivo com a testa um pouco franzida.

“Vulcões são imprevisíveis, Leo, incontroláveis”, disse ela. “Eles entram em erupção. Precisamos trabalhar pra manter esse aí dentro de você dormente ou, pelo menos, pra que ele provoque o mínimo possível de destruição em massa.”

Estou tão agitado que salto do ônibus três pontos antes, para fazer o restante do caminho a pé e me acalmar.

Estou atravessando a ponte quando um carro passa por mim e paro para olhar. É um Ford Fiesta vermelho surrado. Antes que eu consiga pensar, disparo atrás dele, correndo tão rápido que acho que posso explodir, espalhando sangue e miolos por todo o asfalto. Por fim, eu o alcanço no sinal de trânsito, espio lá dentro, com o peito oscilando. A motorista é uma senhora indiana usando um sári rosa-shocking. Tem duas crianças no banco traseiro. A mulher não me vê, mas uma das crianças pressiona o rosto na janela, amassando o nariz no vidro e encontrando meu olhar. Encaro de volta até o sinal abrir e eles saírem.

Foi idiotice minha pensar que poderia ser meu pai atrás do volante. Ele já foi embora há muito tempo, eu sei disso. Sinto nos meus ossos.

Às vezes, quando não consigo dormir à noite ou fico entediado demais no ônibus ou nas aulas, imagino um universo paralelo onde meu pai ainda esteja por perto. Lá, ele me leva para jogos de futebol, me ajuda com o dever de casa e me chama de “filho”, como se realmente tivesse orgulho de mim. Minha mãe é mais legal por causa dele também: mais jovem, mais bonita, mais feliz. No universo paralelo minha mãe sempre se lembra de comprar papel higiênico, faz assados enormes aos domingos e ri muito. Com meu pai por perto, nossa casa não é um chiqueiro. É extremamente arrumada e limpa e, quando as coisas quebram, são consertadas ou substituídas. Mas tento não pensar muito nisso; não faz sentido, já que é tudo uma fantasia idiota.

Quando chego em casa, o Spike e a Tia estão sentados no sofá vendo desenho animado com as cortinas fechadas. A pia está cheia de pratos e canecas sujos e tem uma mancha nova, com o formato de um rim, no carpete.

Mais e mais pertences do Spike continuam aparecendo pela casa: uma torradeira velha e enferrujada na cozinha; um conjunto de pesos na sala de estar; um livro de citações “inspiradoras” rasgado e cheio de orelhas, guardado no meio dos rolos de papel higiênico no banheiro. É como se as porcarias dele estivessem diariamente em mutação.

– Leo! – grita a Tia no instante em que me vê, pulando e correndo na minha direção, colocando os bracinhos finos ao redor da minha cintura.

– E aí, garoto? – diz o Spike.

Reviro os olhos e desejo que ele me chame pelo meu nome pelo menos uma vez.

A Tia ainda está enrolada em mim, a bochecha amassada na minha barriga, os pés equilibrados nos meus.

– Dança comigo? – implora ela.

– Não. Vamos lá, sai fora, T. – digo. Ela me solta, relutante, o lábio inferior se destacando num biquinho.

– Onde está a mamãe? – pergunto ao Spike.

– No andar de cima. Se arrumando pra ir ao bingo com a Kerry mais tarde – responde ele.

– Que novidade – resmungo, indo até a cozinha e abrindo os armários. Como sempre, estão vazios, exceto por uma lata antiga de atum e metade de um pacote de cream crackers velhos. Não lembro quando foi a última vez que minha mãe comprou coisas decentes no supermercado.

– Tem um prêmio alto rolando. Nunca se sabe, hoje pode ser a noite de sorte dela – diz o Spike, esfregando as mãos. – Imagina só, hein, crianças! A mãe de vocês milionária?

– Tipo a Kim Kardashian? – pergunta a Tia.

– Exatamente como a Kim Kardashian – responde o Spike.

Balanço a cabeça. A quem eles querem enganar? Abro a geladeira. Alguma coisa está fedendo, não sei o quê. Fecho de novo.

– Eu estava pensando: o que vocês acham de comer peixe com fritas hoje à noite? – pergunta o Spike. – Por minha conta.

A Tia suspira forte.

– Sério?

– É, por que não? Leo?

Parte de mim quer dizer não, só para estragar a festa esnobe dele. Mas já sinto o cheiro de peixe com fritas nas narinas e estou praticamente babando.

– Tanto faz – respondo.

– Peixe com fritas, peixe com fritas – cantarola a Tia, pulando no sofá.

– E a Amber? Aposto que ela também vai querer – comenta o Spike.

– Ela está aqui? – pergunto.

Ele aponta para cima com a cabeça.

– Pergunta pra sua mãe se ela quer alguma coisa enquanto estiver lá em cima! – grita ele atrás de mim enquanto subo as escadas com dificuldade.

Esbarro na minha mãe no corredor. Ela está com uma toalha cor-de-rosa enrolada no corpo e outra na cabeça, tipo um turbante. As duas estão manchadas da água oxigenada que ela usa para pintar as raízes do cabelo de vez em quando. Sua pele parece encerada e pálida sem a camada de maquiagem de sempre.

– Você está atrasado – dispara ela, ajeitando a toalha embaixo do braço. Seus braços são esqueléticos e parecidos com os de um pássaro.

– Como se você se importasse – respondo.

– Ei, eu ouvi isso – retruca ela.

– Era pra ouvir mesmo – resmungo, tentando passar por ela.

Ela agarra minha manga e me puxa de volta, para me encarar. Sou apenas alguns centímetros mais alto, mas, como ela é muito magra, pareço muito mais.

– Já falei uma vez e vou falar de novo – diz minha mãe, se aproximando tanto que sinto o cheiro do seu hálito: pasta de dente e cigarro. – Só porque

– Você está estudando naquela escola chique agora não significa que você é melhor que o resto de nós, entendeu?

– O quê? Querer me dar bem é crime agora? – pergunto.

– Lá vai você – diz ela. – Respondendo de novo. Quanto mais rápido você terminar as provas e começar a se sustentar, melhor.

– O quê, tipo você?

Ela abre a boca, mas não diz nada. Minha mãe nunca fica num emprego por muito tempo. Trabalha na lavanderia desde maio – meio que um recorde para ela.

O olhar da minha mãe pousa no meu blazer.

– O que isso significa, afinal? – pergunta ela, apontando para o brasão bordado e franzindo o rosto.

– Como se você realmente quisesse saber.

– O quê? Não posso mais fazer uma pergunta pro meu filho?

– É o lema da escola – explico, relutante. – ‘Justiça e iniciativa’ em latim.

Ela solta uma risada curta.

– Justiça? Bem, é aí que eles estão errados. Porque a vida não é justa, Leo, e quanto mais cedo as pessoas aprendem isso, mais elas se dão bem.

Ela cruza os braços, como se estivesse orgulhosa de si mesma. Eu poderia abrir a boca para discutir com ela, tentar explicar que não é isso que o lema diz, mas não me importo. Porque, apesar de ter entendido errado essa parte, ela está certa numa coisa: a vida não é justa mesmo.

– Já acabamos? – pergunto.

Ela apenas balança a cabeça, passa depressa por mim e entra no seu quarto. Alguns segundos depois, seu secador de cabelo começa a rugir.

Esfrego o rosto antes de abrir a porta do meu quarto e encontrar a Amber na cama dela do beliche, pintando as unhas de cor-de-rosa como as de uma Barbie.

– O Spike vai comprar peixe com fritas. Você quer alguma coisa? – pergunto. Percebo que me esqueci de perguntar a minha mãe. Não que ela fosse querer alguma coisa, de qualquer maneira. Ela parece sobreviver muito bem com cidra e nicotina.

– Só um pouco de salsicha de porco, obrigada – diz a Amber, se inclinando para a frente a fim de soprar os dedos do pé.

– Só isso? Nada de fritas?

– Não, obrigada, estou cortando os carboidratos.

A Amber está sempre fazendo algum tipo de dieta esquisita.

– Você é doida – comento, tirando a gravata. – Se você ficar mais magra, não vai sobrar nada.

– Não importa, estou imensa – diz ela, beliscando um pneu inexistente de gordura na barriga. – Pelos padrões de Hollywood, sou praticamente obesa. Por que você chegou tão tarde?

– Detenção – admito.

Ela se senta reta.

– Tá brincando?

– Não.

– O que foi que você fez?

Conto a ela tudo de que consigo me lembrar, terminando com o aviso do sr. Toolan: mais um passo fora da linha e eu estou fora.

– A Jenny vai ficar muito puta – diz a Amber.

Eu rosno. De jeito nenhum o sr. Toolan vai esconder isso dela. E tenho uma consulta com ela na sexta-feira. Péssima hora. Já posso imaginar seu rosto: toda triste e decepcionada, o que, de certa forma, é bem pior do que ela ficar com raiva.

– O que você vai fazer? – pergunta a Amber.

– Não posso fazer nada além de tentar ficar longe de confusão de agora em diante.

– E esse garoto que você defendeu, quem é?

– Ninguém.

– Que pena. Achei que você ia dizer que finalmente conseguiu fazer umas amizades.

– Por que todo mundo é tão obcecado por isso?

– Porque sim. É normal – responde a Amber.

Levanto o olhar para ela.

– Normal? E desde quando eu sou normal, Amber?

Porque garotos “normais” não têm seis arquivos de anotações sobre eles. Garotos “normais” não frequentam psicólogos. Garotos “normais” não têm mães como a minha, que dizem que a vida não é justa com uma alegria falsa, como se a injustiça da vida fosse praticamente a única coisa da qual elas tivessem certeza. Passei a vida toda ouvindo que sou exatamente o contrário de “normal”.

Normal. Repito várias vezes enquanto ando de um lado para outro no tapete frágil, a agitação fluindo pelos meus braços e pernas, me fazendo ter vontade de atacar e enlouquecer. A Amber se abaixa e segura meu ombro.

– Tudo bem, não foi isso que eu quis dizer. Me desculpa. Fica calmo, Leo.

Sacudo o ombro para afastá-la, mas paro de andar de um lado para outro.

– Sobe aqui – diz ela, se afastando para abrir espaço.

Hesito antes de subir a escada para me encontrar com a Amber na cama de cima do beliche. Ficamos sentados de pernas cruzadas, o topo da minha cabeça roçando no teto. Ainda estou tremendo.

– Eu só não entendo por que você é tão contra o conceito de se abrir pra alguém – diz a Amber com suavidade. – Ter algum tipo de relacionamento significativo com alguém que não seja sua irmã ou sua psicóloga.

Eu quase abro a boca para contar sobre a Alicia, só para ela ficar quieta, mas me impeço no último segundo.

– Só não quero que você deixe o que aconteceu em fevereiro ditar o resto da sua vida.

Fico tenso. A Amber nunca fala de fevereiro. É uma regra implícita entre nós. O que aconteceu naquele dia foi o suficiente para manchar o mês todo; torná-lo obscuro e sombrio. Meus olhos se fecham e, de repente, estou de volta no bosque, o frio no meu corpo, as lágrimas escorrendo pelo rosto, o vômito na minha boca. Abro os olhos. Minha respiração está rápida e irregular.

– Me desculpa – diz a Amber. – Eu não queria te angustiar. Vem cá.

Ela coloca os braços ao meu redor. Eu deixo. Minha respiração começa a voltar ao normal.

– Eu só quero que você seja feliz, meu irmãozinho. Que você siga em frente ou coisa assim – sussurra ela no meu cabelo.

– Eu sei – digo. – Mas deixa eu fazer as coisas do meu jeito, tá?

Ela suspira.

– Tá bom.

Quando descemos, minha mãe está se aprontando para sair, com um talho de batom vermelho na boca e o isqueiro na mão.

– Boa sorte! – grita o Spike atrás dela.

Ela cambaleia pela entrada com o braço levantado, os dedos cruzados. Para alguém tão convencida de que a vida não é justa, ela joga bingo demais.

Comemos o jantar com o prato no colo na sala de estar enquanto vemos episódios repetidos de *Total Wipeout* na TV. O Spike e a Tia riem como

hienas o tempo todo. A Amber come metade das minhas fritas. Ela não comenta mais nada sobre fevereiro.



17

É a detenção de quinta-feira, e as duas garotas do nono ano já foram embora, então só tem o Harry, o Leo e eu. O Harry já está lá quando chego, largado na cadeira no fundo da sala, com a música ruim tocando de novo. O inchaço diminuiu um pouco, mas o nariz em si ficou num tom agradavelmente nojento de amarelo. Sem que eu possa evitar, abro um sorriso quando me sento. Estou pegando o dever de casa de história quando o Leo entra. Falo um “oi” sem som. Ele hesita durante um segundo antes de dizer “oi” sem som de volta, com o rosto fechado o tempo todo.

O sr. Wilton ativa o cronômetro e logo cai no sono de novo, roncando alto e imediatamente.

Incapaz de me concentrar no dever de casa, rasgo um pedaço de papel da última página do meu caderno e começo a desenhar o sr. Wilton cochilando na cadeira. Exagero nas sobrancelhas grossas e na barriga redonda. Desenho um balão de pensamento sobre sua cabeça e, nele, uma garota peituda de biquíni, fazendo biquinho, com as mãos nos quadris. Dobro o papel em quatro e miro na mesa do Leo. Ele cai a poucos centímetros da sua mão direita. Ele o pega e abre sobre a mesa. Durante um segundo, tenho certeza de que detecto uma mudança no seu rosto; não exatamente um sorriso, mas algo nesse sentido. Mas, com a mesma rapidez, sua expressão fica vazia de novo, e ele dobra o papel e o empurra para a borda da mesa.

O cronômetro finalmente apita. O sr. Wilton nos dispensa meio tonto, embora o Harry já tenha saído pela porta antes de ele terminar de falar, seus passos trovejando pelo corredor. O Leo me devolve o desenho.

- Pode ficar – digo.
- Você não quer?
- Desenhei pra você.

O Leo franze a testa.

– O que eu quero dizer – explico depressa – é que é só um rascunho, nada especial. Fique com ele. Ou jogue no lixo. Tanto faz.

O Leo me olha esquisito, mas mesmo assim guarda o desenho dentro da sua cópia de *Noite de reis*.

– É bom, viu – diz o Leo enquanto caminhamos pelo corredor.

– Como?

– O desenho que você fez. É muito bom.

Sorrio com timidez.

– Obrigado.

– Você vai fazer curso técnico de artes? – pergunta ele.

– Não. Arte têxtil.

– O quê? Costurar e tal?

– É, apesar de eu mal conseguir colocar a linha na agulha, pra desespero da srta. Fratton. Estou mais na parte de design das coisas, moda e tal. E você? Gosta de arte?

– Nah. Sou uma merda nisso tudo. Não sei desenhar nem se minha vida estiver em risco.

– No que você é bom? – pergunto.

– Matemática – responde o Leo sem hesitar. – Números.

– Sou péssimo em matemática – digo. – É minha pior matéria até agora. Sou péssimo em qualquer coisa com respostas certas ou erradas. Engraçado como o cérebro de cada um é programado de um jeito tão diferente, né?

– Hummm – murmura o Leo, olhando para o chão.

Estamos a meio caminho da entrada quando vejo o carro da minha mãe estacionado do lado de fora dos portões da escola.

Xingo entre os dentes. Falei para ela que ia voltar de ônibus.

– O que foi? – pergunta o Leo.

– Nada.

Penso em fingir que esqueci alguma coisa e me virar, mas minha mãe já me viu.

– Oi! David! – chama ela, saindo do carro e acenando.

– Aquela é sua mãe? – pergunta o Leo, apontando para ela com a cabeça.

– Infelizmente – respondo.

No banco traseiro do carro, o Phil me vê e começa a ficar doido, pulando no assento.

– Você tem um cachorro – diz o Leo, e seus olhos se iluminam de um jeito que eu nunca vi.

– Ah, é. Aquele é o Phil.

– Phil? Tipo, apelido de Philip?

– Eu sei, horrível, né? Culpa do meu pai. Ele tem mania de dar nomes humanos aos nossos bichos de estimação. Nossos peixinhos dourados se chamam Julie e David, e nosso último cachorro se chamava Graham.

– Mas isso é legal – comenta o Leo –, muito melhor do que chamar o cachorro de alguma coisa boba, tipo Fofinho ou Sortudo.

– Acho que sim. Mas é meio constrangedor, quando eu tiro a coleira dele no parque e grito ‘Phil!’, metade dos homens que estão lá olha pra trás.

– Qual é a raça dele? – indaga o Leo.

– Não sabemos. Pegamos o Phil num abrigo há uns quatro anos.

Achamos que ele tem um pouco de Jack Russel Terrier, talvez um pouco de Cocker Spaniel. Mas não temos certeza. Ele é bem vira-lata.

– Nah, ele é bonito.

Chegamos ao carro.

– Oi, querido – diz minha mãe, empurrando os óculos escuros para cima da cabeça –, achei que você ia querer uma carona pra casa, depois do trabalho árduo.

Sinto o Leo me olhando de um jeito inquisidor.

– Oi – cumprimenta ela, se inclinando sobre mim e estendendo a mão para o Leo –, acho que ainda não nos conhecemos. Sou Jo, mãe do David.

– Leo – responde ele, apertando a mão dela.

– Prazer em te conhecer, Leo. Você também está trabalhando no musical? – pergunta minha mãe.

– Musical? – retruca o Leo com a testa franzida.

– É, hum, o Leo trabalha nos bastidores, construindo cenários – digo de imediato, arregalando os olhos para ele. – Né, Leo?

– É, bastidores – ecoa o Leo, felizmente entendendo minha dica.

– Qual é a peça que estão montando este ano? – pergunta minha mãe, direcionando a pergunta ao Leo. Ele me lança um olhar apavorado por sobre o ombro dela. Tento falar sem som as palavras *Oh! Que bela guerra*, mas é tarde demais; o Leo já está falando para minha mãe que vamos encenar *Grease*.

– Ai, que máximo! – exclama minha mãe. – Eu adoro *Grease*! Meu Deus, eu tinha uma paixonite pelo John Travolta quando era mais nova, achava

que ele era um pão. David, me lembre quando estrear, pra eu comprar os ingressos.

– Tá bom – digo, esperando que minha mãe esqueça essa história até dezembro.

O Phil está alucinado, correndo em círculos no banco traseiro. Abro a porta. Ele desce do carro, pulando primeiro em mim, depois no Leo.

– Phil! – ordena minha mãe com a voz aguda. – Desce!

– Não, tudo bem – fala o Leo. – Eu adoro cachorros. – Oi, garotão! – diz, se ajoelhando para ficar com o rosto na mesma altura do Phil, esfregando suas orelhas, e o Phil adora isso. Sabendo que ele está bem-intencionado, o Phil se vira de barriga para cima para o Leo coçar sua barriga.

– Você agora tem um amigo pra vida toda, Leo – comenta minha mãe.

O Leo apenas dá um sorrisinho, sem tirar os olhos do Phil. Ele parece totalmente diferente com um sorriso no rosto: mais suave e menos intenso.

– Podemos lhe dar uma carona para casa? – pergunta minha mãe depois de um instante.

O Leo dá uma última coçada na barriga do Phil e se levanta.

– Obrigado, mas eu moro meio longe.

– Onde? – pergunta minha mãe.

– Hum, Cloverdale – responde o Leo, olhando para os próprios pés.

– Não é tão longe – diz minha mãe. – Vamos lá, entra aí.

– Nah, sério, tudo bem – insiste ele, recuando –, meu ônibus vai chegar a qualquer momento.

– Não é incômodo nenhum, Leo. Tenho que comer alguma coisa e comprar umas coisas no supermercado de qualquer maneira, então é só um pequeno desvio. Vamos lá, você pode economizar a passagem do ônibus.

– É, vamos lá – acrescento.

O Phil lambe a mão do Leo.

– Hum, tá bom – cede ele. – Obrigado.

O Leo insiste em se sentar no banco de trás com o Phil.

– Tem certeza? – pergunta minha mãe quando dá partida no carro. – Tem muito pelo de cachorro aí atrás.

– Tudo bem. Eu gosto – fala o Leo, enquanto massageia as orelhas do Phil, que está mais do que feliz.

– Você tem cachorros? – indaga minha mãe.

O Leo balança a cabeça.

– Quer um? – pergunto. – O Phil não come muito.

– David! – repreende minha mãe.
– Só estou brincando.
– Você tem algum outro bicho de estimação, Leo? – pergunta minha mãe.
– Tive dois hamsters uma vez.
– Quais eram os nomes deles? Não podem ser tão ruins quanto os dos nossos bichos – digo.

– Cheryl. Minha irmã deu o nome dessa – conta o Leo – em homenagem à Cheryl Cole, e, hum, Jimmy.

– Jimmy foi em homenagem a quem? – pergunto.

– Meu pai – responde o Leo, baixinho.

– Mas isso não era confuso? Aposto que seu pai e Jimmy, o hamster, não sabiam quem vocês estavam chamando.

– Meu pai não mora com a gente.

– Ah. Desculpa.

O Leo não responde, só olha pela janela.

– O que aconteceu? Com os hamsters, quero dizer – acrescento logo.

– A Cheryl morreu. O Jimmy fugiu.

– Ah. Que chato.

– Devo colocar uma música? – pergunta minha mãe com uma alegria artificial, mexendo nos controles do rádio.

O som sai muito alto por um instante e faz o Phil dar um pulo, se escondendo embaixo do braço do Leo.

– Na verdade, David – comenta minha mãe –, pode ser que eu tenha a trilha sonora de *Grease* em algum lugar. Dá uma olhada no porta-luvas. Fiquei com vontade de ouvir isso agora.

Alguns segundos depois, o carro está tomado por John Travolta e Olivia Newton-John cantarolando a música “Summer Nights”, e minha mãe acompanha, desafinada. Olho pelo espelho retrovisor. O Leo está olhando pela janela, com a testa muito franzida, a mão esquerda pousada com delicadeza sobre a cabeça do Phil.

Vinte minutos depois, passamos por uma placa dilapidada que diz: “Bem-vindos ao Conjunto Habitacional Cloverdale.” Eu me sento um pouco mais reto. Minha mãe tranca as portas. Eu me encolho e espero que o Leo não tenha percebido.

– Você vai ter que me guiar a partir daqui, Leo – diz minha mãe, diminuindo a música.

O Leo se inclina entre os bancos da frente e dá instruções a ela.

Observo com horror enquanto passamos por Cloverdale. Não é nem um pouco como imaginei. Pelo modo como as pessoas falam daqui, eu esperava ver traficantes em cada esquina, tiroteios em massa, um defunto ou dois, pelo menos, mas não tem nenhum à vista. Todo mundo deve estar dentro de casa, se escondendo atrás de conjuntos idênticos de cortinas de renda.

O conjunto habitacional é como um labirinto sem fim, a mesma formação de pequenas casas estreitas de tijolos marrons, uma atrás da outra. Por fim, entramos na rua do Leo: Sycamore Gardens, de acordo com a placa grafitada.

– É aqui – avisa o Leo.

– Qual casa? – pergunta minha mãe.

– Hum, aquela ali, número sete. Mas pode me deixar aqui – diz o Leo.

– Tá bom, então.

A casa número sete é a que tem aparência mais decadente da rua, com tinta descascando e um jardim parecendo um matagal, a grama quase na altura da cintura.

– Obrigado pela carona – agradece o Leo enquanto minha mãe desliga o motor.

– Sem problemas – responde minha mãe.

O Leo dá uma última coçada na barriga do Phil antes de agradecer outra vez à minha mãe e saltar do carro. Ele bate a porta com força e se afasta, suas costas se encolhendo imediatamente. Minha mãe está prestes a virar a chave na ignição.

– Espera um segundo – digo a ela, abrindo a porta e saltando do carro num pulo.

– Leo! – chamo. – Eu só queria te agradecer – digo, alcançando-o. – Você sabe, por não falar pra minha mãe que eu estou na detenção. E por me dar cobertura em relação ao musical da escola.

– Ah, isso. Tudo bem.

– É só que, se ela soubesse que eu estou na detenção, ia querer saber o motivo e tal... – Deixo minha voz sumir.

– É, eu entendo – fala o Leo, cruzando os braços. Mas é claro que ele não entende, não totalmente.

Atrás dele, as cortinas da casa número sete se abrem por um instante, um rosto enevoado aparecendo no vidro, antes de se fecharem novamente.

– Sua mãe está te esperando – diz o Leo, apontando para o carro com a cabeça. Olho para trás de mim. Minha mãe dá um tapinha no relógio.

– Bom, tenha uma boa noite – digo.

– Você também.

Ele se vira e atravessa a faixa amassada de grama que serve de caminho no jardim.

– Vamos ver se ele entra direitinho – fala minha mãe quando entro no carro.

Ficamos sentados e observamos enquanto a porta arranhada da casa número sete se fecha com um barulho depois que ele entra.



18

Quando entro na sala de estar, a Tia está deitada no sofá vendo *Frozen* pelo menos pela centésima vez, com uma expressão sonhadora no rosto. Pela porta, vejo a Amber na cozinha ajoelhada ao lado da máquina de lavar.

– Tudo bem? – pergunto, entrando.

– Não muito. A mamãe deixou um lenço de papel no bolso outra vez.

Está tudo cheio de pedaços brancos.

– Onde ela está? – indago.

– No pub com o Spike.

– Certo – murmuro. – O que tem no forno?

– Pizza.

– De quê?

– Pepperoni. Mas não sei se tem suficiente pra nós três. Talvez a gente tenha que fazer umas torradas também.

– Achei que você estava evitando carboidratos.

– Mendigos não podem escolher muito – diz a Amber, suspirando e colocando tudo de volta na máquina de lavar. – Você chegou cedo – comenta ela, colocando sabão no compartimento.

– Ganhei uma carona.

– É, eu vi.

– Então, por que está perguntando?

– Quem é ele?

– Quem?

– Quem você acha? O garoto com quem você estava falando lá fora.

Ela bate o compartimento de sabão com força e liga a máquina.

– Só um amigo.

– Achei que você não gostava de ter amigos – retruca ela com um sorriso forçado.

– Não gosto. Ele não é ninguém. Só um garoto da detenção. A mãe dele me trouxe.

– Eles têm um carro bacana – diz a Amber. – Eles são ricos?

– Não sei, acho que sim.

Eu devia ter recusado a carona, seguido meus instintos e entrado no ônibus. Eu vi a mãe do David trancar as portas do carro quando entramos em Cloverdale. E o jeito como o David olhou para o conjunto habitacional, como se fosse um garoto num brinquedo de parque de diversões. Não que eu os culpe. Aposto que eles moram numa casa muito bonita, com três banheiros e uma cozinha enorme, com uma daquelas geladeiras grandes e brilhosas que a gente vê nas comédias americanas, e um jardim enorme com um gramado bem-cuidado e canteiros de flores e móveis de jardim combinando.

Sirvo um copo d'água para mim e me jogo no sofá ao lado da Tia. Ela está murmurando junto com as falas do filme. Ela poderia recitar o roteiro dormindo, com facilidade. Tomo um gole. Está com gosto estranho. Metálico. Eu devia ter deixado a torneira aberta por mais tempo.

Tento relaxar e pensar em algo legal. A Alicia aparece no meu cérebro. Tento afastá-la, substituir por outra coisa, mas nada funciona. Desisto, fechando os olhos e imaginando seu rosto. A Alicia no seu quarto, o cabelo caindo no rosto, o violão no joelho, sorrindo e cantando uma música só para mim.

É, já estou melhor.

A primeira coisa que tenho na manhã seguinte é uma consulta com a Jenny no Centro Nascer do Sol. Esse nome é enganador. O prédio é feito de concreto cinza, e as paredes internas são pintadas com uma cor verde-menta muito fria que faz você sentir frio mesmo num dia muito quente. Eles colocaram cartazes e pinturas nas paredes e tal, mas mesmo assim não dá para disfarçar o fato de que é um lugar deprimente para crianças com “problemas”. Minha mãe costumava vir às consultas comigo, mas parou assim que atingi idade suficiente para pegar o ônibus sozinho. Quando ela vem, fala com sua voz elegante e boba e puxa o saco da Jenny, agindo como se eu nem estivesse na sala. Hoje em dia, ela só aparece quando a Jenny pede para ela vir, e eu acho ótimo.

Tenho consultas aqui desde que eu tinha sete anos, então a Jenny me conhece bem, ou pelo menos acha que conhece. Mas é estranho, porque eu não sei quase nada sobre ela, exceto que deve ter um gato, porque sempre tem pelo na sua meia-calça. Às vezes tento fazer perguntas pessoais, mas ela sempre dá um jeito de se esquivar e virar o jogo, perguntando *por que* estou perguntando, e antes que eu perceba, estou respondendo a mais uma pergunta. É bem irritante. No geral, a Jenny é legal. Quando eu era mais novo, costumava sentir raiva com muita frequência e saía da sala ou gritava com ela. Uma vez, joguei um vaso de plantas pela janela. Ele caiu no capô do carro de alguém e disparou o alarme. A Jenny ficou calma e tratou o incidente como um assunto de trabalho, o que, de certa forma, foi bem pior do que se ela tivesse gritado comigo e pronto.

Espero na recepção do Departamento de Adolescentes. A Jenny está atrasada. Aposto que o sr. Toolan já ligou para ela. Tem mais duas crianças esperando por ela: um garoto e uma garota. O garoto joga no celular. A garota lê uma revista. Nenhum de nós fala. É uma regra informal. Olho para o relógio.

A Jenny coloca a cabeça para fora da porta.

– Leo?

Ela está com seu rosto amigável e sem expressão, mas não me engana. Não dá para esconder os lábios pressionados e a decepção nos olhos. Jogo a revista que eu meio que estava lendo de volta na pilha e sigo a Jenny até sua sala.

O consultório da Jenny é pequeno e estreito, com as mesmas paredes verde-menta. No centro, há quatro poltronas arrumadas ao redor de uma pequena mesa de centro quadrada que abriga uma caixa de lenços de papel. Você sempre sabe que vai se divertir quando tem uma caixa de lenços de papel aguardando permanentemente – e não é uma caixa normal, é uma caixa tamanho *jumbo*. A Jenny fecha a porta, e nós nos sentamos.

– Então, como estão as coisas, Leo? – pergunta ela, tomando um gole de chá.

– Seu macacão é novo? – pergunto.

A Jenny olha para baixo.

– Não muito.

– Fica bem em você.

– Obrigada. Então, o que está acontecendo? Como está a escola?

– Onde foi que você comprou?

Ela deixa a caneta de lado e olha para mim.

– Leo, estamos aqui pra falar sobre você, não sobre minhas escolhas de roupa.

Calo a boca depois disso e fico meio triste. De repente, não me sinto mais com vontade de conversar.

– Recebi uma ligação do sr. Toolan na terça-feira – conta ela, deixando de lado a caneca.

Lá vamos nós.

– Ah, é?

– Sinto dizer que sim, Leo. Ele disse que você bateu num colega. Quer me contar o que aconteceu?

– Ele mereceu.

– Ah, Leo. – A Jenny suspira. – Já conversamos sobre isso. Você não pode sair batendo nas pessoas assim, quer elas ‘mereçam’ ou não.

– Mas ele estava fazendo bullying com outro garoto.

– Eu sei – diz a Jenny com delicadeza. – E acho bom você ter tentado ajudar, mas tenho certeza de que consegue ver que lidou com isso do jeito errado.

– Talvez – resmungo, puxando minha gravata e enrolando no dedo indicador.

– Só estou decepcionada, Leo. O Parque Eden é uma escola tão boa. Eu ia detestar ver você desperdiçar essa oportunidade.

Há uma longa pausa.

– Que tal aquelas técnicas que treinamos? – pergunta ela. – Estão ajudando?

Não respondo.

– Olha, Leo, a questão é que você não pode sair por aí socando as pessoas, não importa quanto elas te irrirem ou te deixem com raiva. Não tem desculpa.

Apenas dou de ombros e olho pela janela. O céu está cheio de nuvens brancas entediantes.

A Jenny suspira.

– Como está todo o resto? – pergunta ela, mudando de assunto. – Como você está se relacionando com os outros alunos?

Dou de ombros outra vez.

– Tudo bem.

Sem conseguir evitar, penso na Alicia.

Na quarta-feira, ela me deu metade do seu chiclete e, ontem, quando eu estava indo para a aula de história, me chamou e me fez ouvir uma música nos fones de ouvido dela. Como estávamos compartilhando, nossos rostos quase se tocavam, e a Alicia ficava me olhando em intervalos de segundos para ver minha reação, como se fosse importante que eu gostasse da música. Falei que gostei.

Não que eu vá compartilhar essas coisas com a Jenny. Ela vai achar que é grande coisa e vai me fazer um bilhão de perguntas que eu não quero responder.

– Você encontrou alguém lá em quem acha que pode confiar? Com quem você pode conversar quando as coisas ficam confusas ou difíceis?

– Não – respondo, tamborilando as unhas nos braços de madeira da poltrona.

A Jenny muda de posição na poltrona.

– Sei que você acha difícil confiar nos seus colegas e entendo seu cuidado, Leo, de verdade, mas você não pode viver a vida toda nessa concha, não importa quanto você ache que quer isso. Estou preocupada com seu isolamento social.

Isolamento social. De novo. Ela é obcecada nisso.

– Eu me viro bem, sozinho – digo com firmeza.

A Jenny coloca meu arquivo no colo.

– Amigo não é um palavrão, Leo.

Olho nos seus olhos.

– Pra mim, é.

– Eu só quero ver você participando de um jeito positivo.

– Participando? – pergunto, contorcendo o rosto. – Participando do quê?

A Jenny suspira de novo.

– Da vida, Leo. Quero que você comece a participar da vida.



19

Depois de sair do consultório, perco o ônibus e chego atrasado à aula de inglês.

– Por onde você andava? – sussurra a Alicia por sobre o ombro quando me sento atrás dela.

– Hum, consulta médica – respondo.

Ela franze a testa.

– Por causa do joelho – acrescento depressa, me parabenizando pelo pensamento rápido.

– Como está o velho joelho? – pergunta ela.

– Está melhorando, até.

– Bom saber.

E ela sorri como se falasse sério.

Naquela tarde, sou o primeiro a chegar na detenção. Eu me jogo na mesma cadeira em que sentei ontem, mas me esforço para ficar confortável. Poucos minutos depois, o Harry chega, indo direito para o fundo da sala. Depois, o David, me acenando rapidamente enquanto senta na sua cadeira. Faço um sinal com a cabeça. Hoje temos mais dois garotos do oitavo ano. Enquanto tento ler o resto de *Noite de reis*, sinto que um deles está me olhando, me encarando com a boca aberta, como se eu fosse uma estátua de cera no Madame Tussauds ou algo assim. Viro a cabeça e o encaro com um olhar furioso. Seus olhos ficam arregalados de medo antes de ele desviar o olhar.

Ainda não consigo me concentrar. Pelo canto do olho, vejo o David debruçado sobre o trabalho, a mão esquerda apoiada na testa. De vez em quando, ele solta um suspiro ou um rosnado. Observo quando ele rasga uma página do caderno e joga de lado, com o rosto todo corado. Eu me endireito

um pouco. Reconheço a capa do livro de matemática que ele está usando. Foi o que eu terminei de estudar uns anos atrás.

Na minha frente, o sr. Wilton está roncando. Olho por sobre o ombro. O Harry está com os olhos fechados, e os dois garotos do oitavo ano estão de cara feia. Eu me levanto e atravesso o corredor entre as cadeiras, sentando ao lado do David. Ele levanta o olhar, surpreso. Olho para a página do caderno dele. É uma confusão de rabiscos e riscos.

– Você está tornando isso muito mais difícil do que precisa ser – digo.

– Estou? – sussurra o David.

– Muito. Quando você entende a fórmula, equações simultâneas são muito simples de resolver.

– Pra gênios como você e meu amigo Felix talvez – diz ele, triste.

– Nah, estou falando sério. Deixa eu mostrar.

Pego a caneta do David.

– Então, equações simultâneas são duas equações com duas variáveis. Assim, o primeiro passo é tentar eliminar uma das duas variáveis. Está acompanhando?

– Acho que sim.

– Por exemplo, aqui, precisamos encontrar o valor de y . Então, somamos as duas equações pra eliminar o y . Assim...

Começo a escrever, e o David se inclina para observar.

– Viu? Depois que você faz isso, fica claro qual é o valor de x . E aí, tudo que você precisa fazer é dividir isso pelo quê?

O David olha de relance para a página.

– Não sei.

– Sabe, sim. Pense com calma. A resposta está ali, você só precisa destrinçar.

Ele continua encarando a página, seu rosto cada vez mais vermelho.

Na nossa frente, o sr. Wilton se mexe. Baixamos nossas vozes.

– Relaxa – sussurro. – A solução vai aparecer.

– Cinco? – murmura o David, em dúvida.

– Exatamente. E agora você sabe o valor de x .

– Quer dizer que y é igual a um e x é igual a três? – pergunta ele devagar.

– Bingo.

– Sério?

– Aham.

– Mas isso é muito simples.

– Te falei. Quer fazer mais uma?

Na segunda-feira, estou na detenção fazendo o dever de casa de geografia quando uma folha de papel dobrada voa pelo ar e cai na minha mesa. Olho para o David. Ele está olhando direto para a frente, apesar de seus lábios estarem tremendo como se ele estivesse segurando um sorriso. Abro o papel. É outro desenho. Desta vez, é um cachorro que se parece um pouco com Phil. Ao lado do cachorro tem um balão de fala com as palavras “Au au, au au, grr, grr, au!” e um asterisco que me leva a uma nota de rodapé no canto inferior – “Tradução canina: Gabaritei o dever de casa de matemática!!! O sr. Steele quase desmaiou. Superobrigado. David x.”

Levanto o olhar. O David está sorrindo de um jeito esperançoso. E, apesar de o bilhete ser meio meloso, sorrio de volta, mesmo sem querer.

No dia seguinte, chego à aula de inglês e descubro que o Matt, o garoto que senta ao meu lado, não veio à aula porque está com febre glandular.

– Vamos trabalhar em duplas hoje, discutindo o simbolismo de *Noite de reis* – anuncia a srta. Jennings. Ela me coloca num grupo de três com a Alicia e a Ruby, a garota que senta ao lado dela. Ruby é ok; meio irritante, mas ok.

Mantenho minha pose, fazendo um sinal com a cabeça enquanto a Alicia e a Ruby viram suas cadeiras a fim de ficarem de frente para mim. O joelho da Alicia encosta no meu por um segundo.

– Meu Deus, estou com uma ressaca horrível – anuncia a Ruby, deixando a cabeça cair sobre a mesa.

A Alicia revira os olhos.

– Você está sempre de ressaca. Hoje é tipo terça-feira, Rubes. Quem fica tão destruída assim numa noite em dia de semana?

A Ruby mostra o dedo do meio para a Alicia por baixo de seu véu de cabelo louro-oxigenado.

– Me deixa em paz. Estou numa situação muito delicada neste momento – diz ela com a voz abafada.

A Alicia simplesmente balança a cabeça e olha para mim.

– Você não bebe, então? – pergunto.

– Não durante a semana. Vir pra escola de ressaca não é minha ideia de diversão.

Eu me pergunto onde a Alicia bebe nos fins de semana, o que ela bebe, se tem um namorado que compra bebida para ela. Pelo canto do olho, eu a observo abrir sua cópia da peça, alisando as páginas com a palma da mão.

– Eu sei que não é descolada, mas eu realmente adoro essa peça – diz a Alicia.

– Ah, é? O que você adora nela? – pergunto.

A Alicia contrai o rosto para pensar.

– O humor, acho. E a história romântica, tudo está a maior confusão, mas as coisas se ajustam no último minuto. E a gente meio que sabe que isso vai acontecer o tempo todo, mas, quando acontece, ficamos felizes mesmo assim. Faz sentido?

Faço que sim com a cabeça, de um jeito encorajador.

– Mas adoro, principalmente – continua ela, se inclinando para a frente na cadeira, toda empolgada, os olhos brilhando (e sua empolgação é contagiante, porque eu também estou me inclinando para a frente, apesar de não dar a mínima para a peça, exceto para o fato de que a Alicia gosta muito dela) – porque tem uma heroína muito forte. Quer dizer, a Viola é tão corajosa e obstinada. Eu adoro isso. E, quando a gente pensa que foi escrita há um zilhão de anos, a peça se torna mais fantástica ainda.

– Mesmo que o papel tenha sido interpretado por um cara na época? – pergunto, me lembrando do que a srta. Jennings nos falou outro dia sobre os elencos totalmente masculinos quando Shakespeare estava vivo.

– Acho que sim. Quero dizer, o fato de uma personagem como ela ter sido criada há tantos anos já é demais. Mas você não acha que isso seria confuso? Um cara interpretando uma garota que finge ser um cara? – A Alicia ri.

– Eu não tinha pensado por esse lado – digo.

Fazemos uma pausa, e eu ainda sinto os olhos da Alicia em mim, o ar entre nós meio denso e enevoadado.

– Você vai na festa da Becky? – pergunta ela devagar.

– Nem sabia que ela ia dar uma festa – respondo.

Isso não é totalmente verdade. Becky Somerville está na minha turma e tem um bocão tão grande que você teria que morar em Marte para não a ouvir falar no assunto.

– É no próximo sábado – diz a Alicia, passando o dedo para cima e para baixo na dobra da sua cópia da peça.

– Ah, tá certo. Legal.

– Então, agora que você sabe, acha que vai? – pergunta a Alicia, enrolando um dos cachos tipo saca-rolhas no dedo.

Pigarreio e dou de ombros.

– Não sei. Festas não são exatamente minha praia.

– O que você quer dizer com festas não são a sua praia? – fala a Alicia com a voz fina. – Isso é como dizer que comida não é sua praia ou respirar não é sua praia. Digo, quem não gosta de festas?

Olho para baixo, me xingando por ter falado uma coisa tão esquisita. A Alicia está certa: as pessoas normais *gostam* de festas.

– Só não sou muito bom com multidões – acrescento. Eu me arrependo dessas palavras imediatamente, porque sei que estou piorando as coisas, colocando tudo a perder com a minha estranheza.

– Que pena – comenta a Alicia.

– De qualquer maneira, não fui convidado – acrescento. – Acho que a Becky não é minha fã número um.

A Becky me trata como a maioria dos meus outros colegas de turma, com uma mistura de medo e fascínio, como se eu fosse um animal exótico que fugiu do zoológico e que pode ou não ser perigoso. Todo mundo exceto a Alicia. Ela age como se não tivesse nem um pouco medo de mim.

– A Becky só não teve a oportunidade de te conhecer ainda, só isso – sugere a Alicia. – Porque, se ela tivesse, ia pensar totalmente diferente. Eu sei disso.

Dou de ombros e olho para minhas mãos. Há uma longa pausa.

– Sabe, eu já fui a garota nova.

– É? – digo, levantando o olhar.

– É. No oitavo ano. Meus pais vieram pra cá de Londres no meio do ano.

– E como foi?

– Horrível.

– Sério?

Não consigo imaginar a vida da Alicia sendo qualquer coisa menos ótima.

– Aham. Caso você não tenha percebido, o Parque Eden não é uma escola com muita diversidade. Você pode contar nos dedos o número de alunos negros. Eu me sentia como se estivesse andando por aí com uma luz piscando na cabeça o tempo todo. Além do mais, todo mundo já tinha amigos; eu cheguei um ano e meio atrasada. E havia um monte de grupinhos e regras sobre quem podia sentar onde no refeitório, e, olhando

ao redor, eu não fazia ideia de onde deveria me encaixar. Nas primeiras semanas, eu almoçava no banheiro e chorava até dormir todas as noites. – Ela ri.

– E o que mudou? – pergunto.

– Bem, pra começar, eu me obriguei a comer no refeitório. Depois me inscrevi no clube de teatro e no coral, sorri alucinadamente pra todo mundo que eu encontrava etc. E acabei descobrindo que havia muita gente legal, eu só precisava me expor pra encontrar essas pessoas. Tirar o aparelho dos dentes também deve ter ajudado. É meio difícil transmitir confiança quando a gente está com a boca cheia de metal. E estou falando de muito metal. Meu aparelho era épico.

Ela ri de novo.

– E, por incrível que pareça, sua reputação na escola é de perigoso – acrescenta ela. – Acho que eu era conhecida apenas como a garota negra e caladona durante a maior parte do meu primeiro semestre.

Ela ajeita um cacho solto atrás da orelha e dá um sorriso forçado. Eu gosto de como seus olhos ficam.

A Alicia pigarreia.

– Olha, a Becky falou que eu posso levar alguém – continua ela. – Pra festa, quero dizer.

Um calor sobe pelo meu pescoço.

– Ah, é? Quem você vai levar?

Ela respira fundo, antes de me olhar direto nos olhos.

– Bem, ninguém, por enquanto.

– Ah, tá – digo, engolindo em seco.

A Ruby (que eu tinha esquecido que estava ali) levanta a cabeça da mesa e revira os olhos vermelhos.

– Pelo amor de Deus, vocês dois estão me matando. Leo, a Alicia está tentando te chamar pra sair, seu retardado. Quer fazer o favor de dizer que você vai pra festa da Becky? Antes que eu bata a cabeça de vocês dois uma na outra.

Ela afunda a cabeça na mesa de novo.

Olho para a Alicia, que está se escondendo atrás das mãos. Quando ela tira as mãos, seu rosto está totalmente corado.

Abro a boca para dizer alguma coisa, mas não sai nada. O que a Ruby está propondo é muito direto. Mas tem alguma coisa me impedindo de

escapar dessa vez; alguma coisa bem mais barulhenta e mais forte que a voz da minha cabeça de sempre.

– Então, o que você acha? – pergunta a Alicia, mordendo o lábio inferior.

– Você quer ir?

– Hum, é, tá bom, então – me vejo dizendo, enquanto minha voz firme luta contra minha pulsação acelerada e as palmas úmidas das minhas mãos.

– Legal – diz ela.

Há uma pausa antes de ela começar a dar risinhos. E, de repente, estou fazendo uma coisa que não faço há uma eternidade, e é como se eu estivesse numa experiência esquisita fora do corpo – porque eu também estou rindo.



20

– Parabéns – digo ao David naquela tarde, quando o cronômetro do sr. Wilton apita para sinalizar o fim da detenção do dia. – Você termina hoje, né?

– Acho que sim – confirma o David. – Mas não foi tão ruim, na verdade.
– Nah.

– Talvez eu devesse quebrar as regras com mais frequência – acrescenta com um sorriso. – Olha, sinto muito por você ter mais três semanas.

– Não se preocupe.

O David pigarreia.

– Leo, eu estava, hum, pensando, na verdade, me perguntando, se você poderia me dar aulas de reforço em matemática. Você sabe, oficialmente.

– Você não pode pedir pra outra pessoa? – pergunto, franzindo a testa.

– Meu amigo Felix, talvez, só que ele não é muito bom em explicar as coisas de um jeito simples. Ele meio que esquece que nem todo mundo é um gênio como ele.

– Não sei. Também não tenho certeza de que eu seria muito bom nisso.

– Ah, seria, sim – insiste o David. – Você foi brilhante no outro dia. Pela primeira vez em séculos a matemática fez algum sentido.

– Tanto faz – digo, revirando os olhos.

– Estou falando sério.

– Não sei se tenho tempo.

– Vamos lá. Eu te pago.

– Não seja idiota – murmuro.

– É sério. Por favor? – acrescenta o David. – Isso ia me ajudar muito, muito mesmo.

Hesito. A verdade é que eu meio que gostei de ajudar o David no outro dia, bem mais do que eu poderia imaginar. Gostei de ver as fichas caindo na cabeça dele, de vê-lo ficar todo orgulhoso por ser capaz de resolver as coisas sozinho.

– Só umas duas vezes por semana – continua ele. – E, se não der certo, a gente pode parar a qualquer momento. Sem pressão.

Suspiro.

– Tá bom, tudo bem.

Ele solta um grito animado e, por um segundo, tenho medo de ele querer me abraçar.

– Obrigado, obrigado, obrigado! – cantarola. – Vou ser um aluno modelo, eu prometo.

Balanço a cabeça.

– Você é meio doido, sabia?

O David me olha radiante. Continuo a balançar a cabeça, virando-me de costas para guardar minhas coisas.

– Ah, mais uma coisa – diz o David. – Você está livre amanhã na hora do almoço?

– Por quê? – pergunto por sobre o ombro.

– Quer almoçar comigo, a Essie e o Felix?

– Por quê? – repito, virando-me de novo para encará-lo.

– Porque sim. A gente quer te conhecer melhor.

– Eu meio que almoço sozinho – comento.

– Ah, por favor? Vai ser divertido.

E não sei se é por causa da Alicia e da festa ou o quê, mas acabo dizendo sim.

No dia seguinte, está úmido lá fora, e o refeitório está lotado e abafado. Enquanto abro caminho através das mesas e cadeiras, passo pelo Harry na mesa do meio.

– Maluco! – cospe sua namoradinha loura.

Se ela soubesse. Eu a ignoro e sigo em frente.

– Você veio – diz o David, todo feliz quando coloco a bandeja na mesa.

– Eu disse que vinha, né? – murmuro, sentando na cadeira ao seu lado. À minha frente, os dois amigos do David, cujos nomes ele me falou, mas esqueci totalmente, estão me olhando com olhos arregalados.

A garota tem uma massa bagunçada de cabelo preto. Seu queixo está apoiado sobre as mãos entrelaçadas, as unhas, curtas e roídas, pintadas com um esmalte preto craquelado. Ela ofusca o garoto ao lado, que reconheço da aula de matemática avançada. Ele é pequeno e magro e talvez o garoto mais arrumadinho que eu já vi. Sério, ele parece o tipo de garoto que passa as próprias cuecas com ferro.

De repente, a garota resolve se mexer.

– Sou a Essie – diz ela, se inclinando por sobre a mesa para apertar a minha mão. Sua voz é rouca e teatral.

– Felix – acrescenta o garoto.

– Leo – digo.

– Ah, nós sabemos quem você é – ronrona a Essie. – Você é tipo o garoto mais famoso da escola neste momento.

Dou de ombros e abro minha lata de Coca-Cola. O gás faz o líquido subir, e tenho que beber a espuma rapidamente para não derramar tudo na mesa.

– Então, qual foi o motivo real pra você ter sido expulso da Cloverdale? – pergunta a Essie assim que coloco a lata na mesa.

– Ess! – sibila o David.

– O que foi? É isso que todos nós queremos saber, não é? – comenta a Essie.

– Mas você não sai falando assim!

A Essie faz uma cara feia e revira os olhos.

– Deixa eu pedir desculpas pela minha namorada, Leo – diz o Felix. – Ela tem uma tendência a ficar um pouco... como posso dizer? Empolgada demais.

– Você está dando a impressão de que eu sou um cachorrinho mal-educado – resmunga a Essie.

– Se a carapuça servir, querida – retruca o Felix, dando um tapinha na mão dela.

– Vocês dois estão juntos? – pergunto, sem me preocupar em esconder minha surpresa.

– Sim. Por quê? Não parecemos um casal? – exige saber a Essie.

– Não sei – digo, espremendo catchup na borda do meu prato. – O que faz as pessoas parecerem um casal?

Penso em mim e na Alicia; como seria a gente andando pelo corredor juntos, meu braço pendurado no seu ombro, o dela na minha cintura. A

ideia faz um monte de borboletas voarem no meu estômago.

– Dizem que as mulheres procuram homens que as lembram de seus pais – comenta a Essie. – Isso não é doido? Por sorte, o Felix não se parece em *nada* com o meu pai.

– É a história do Complexo de Édipo ao contrário – diz o Felix, mexendo no que parece um pedaço de cartolina. – De acordo com Freud, todos os homens querem matar os pais e transar com as mães.

– Nojento – resmungo, mergulhando uma batata no catchup.

– A menos que você tenha uma mãe gostosa – acrescenta o Felix.

– Felix! – gritam ao mesmo tempo a Essie e o David. A Essie rasga o pão e começa a jogar pedaços na cabeça do Felix, e David logo se junta a ela.

– Intolerante a glúten! Abuso, abuso! – grita o Felix, protegendo a cabeça.

Eles são doidos. Os três.

– Você ainda não contou por que foi expulso – insiste a Essie, depois de ficar sem pedaços de pão para jogar.

– O que te faz pensar que eu fui expulso? – pergunto com cuidado.

– Aí! Eu te falei! – grita o Felix, triunfante, batendo a mão na mesa. – Eu te falei que o boato era mentira!

– Mas, se você não foi expulso, por que saiu da Cloverdale? – pergunta o David.

Os três se inclinam na minha direção ao mesmo tempo.

Conto a eles a mesma história que contei para a Alicia. Quando termino, eles caem de volta nas cadeiras, decepcionados.

– Que sem graça – diz a Essie. – Eu prefiro a história do miniarco de serra.

– Sinto muito – respondo, dando de ombros.

– Como foi que você aprendeu a socar alguém daquele jeito, então? – questiona o David. – Você parecia o Jason Statham ou alguma coisa assim!

– Meu pai me ensinou – minto.

– Jimmy? – diz o David, parecendo feliz por ter se lembrado. Ouvir alguém dizer o nome do meu pai tão inesperadamente me dá uma sensação muito esquisita.

– É – murmuro. – Jimmy.

Neste momento, a Essie começa a sibilar, e fico feliz pela interrupção.

– Alerta de Olsen! – exclama ela, inclinando a cabeça desesperadamente para a esquerda.

O David fica vermelho na mesma hora.

– O que é um Olsen? – pergunto.

– Na verdade, é quem – comenta o Felix. – Zachary Olsen. Bem ali.

O David fica ainda mais vermelho. Sigo seu olhar até um garoto louro e alto em pé na fila. Olho de novo para o David. Seus olhos estão caídos e enevoados.

– Você gosta dele? – indago.

– É louco por ele, isso, sim – explica a Essie num sussurro barulhento.

– Ess! – grita o David com o rosto quase roxo.

– Ei, isso não me incomoda – digo, levantando as mãos. – Quero dizer, eu já tinha percebido que você é gay, se é com isso que está preocupado.

O David olha para mim. Seu rosto começou a relaxar um pouco.

– E você não tem problema com isso?

– O quê? Você acha que eu sou homofóbico? Porque qualquer garoto de Cloverdale tem que ser um Neandertal, né?

– Claro que não – fala o David, envergonhado. – Só que a gente nunca sabe...

Ele deixa a voz sumir.

Suspiro.

– Olha, não me importo com isso nem de quem você gosta. Não é da minha conta se você gosta de garotos.

– Isso significa que você é hétero, Leo? – pergunta a Essie.

O Felix revira os olhos para o teto.

Coloco a lata de Coca-Cola na mesa e olho nos olhos dela, que são azuis bem claros e estão delineados de preto.

– Na verdade, significa, sim – digo. – Você faz muitas perguntas, sabia?

– A curiosidade é uma das características permanentes e certas de um intelecto vigoroso, Leo – recita ela.

– Samuel Johnson – respondo sem piscar.

A Essie pisca para mim.

– Como é?

– A citação. É de Samuel Johnson, certo?

– Você conhece Samuel Johnson? – pergunta a Essie com a boca praticamente pendurada, de tão aberta.

– Claro – respondo.

Isso é verdade apenas em parte. É uma citação do livro do Spike que mora no banheiro. Apesar de tudo, comecei a lê-lo quando estou sentado no

vaso.

– Não julgue um livro pela capa, hein! – digo.

A Essie abre a boca, depois a fecha de novo.

– Expressão idiomática, origem exata desconhecida – acrescento, colocando uma batata frita na boca. Mesmo sem querer, não consigo deixar de olhar para o David. Ele está sorrindo como um lunático.



21

Na terça-feira seguinte, estou sozinho na fila do refeitório quando escuto alguém dizer o nome do Leo. Meus ouvidos ficam em alerta na mesma hora. Olho para trás. É um grupo de garotas do segundo ano do Ensino Médio, com as cabeças unidas num grupo fofoqueiro. Inclino o corpo para o lado a fim de ouvi-las melhor e finjo analisar o cardápio na lousa na parede sobre a cabeça delas.

– Estou te falando: Leo Denton vai levar Alicia Baker pra festa da Becky no sábado – diz uma das garotas, uma ruiva alta. – Ruby Webber me contou.

Alicia Baker está no segundo ano, o mesmo do Leo. Ela sempre faz o papel principal feminino no musical da escola, e todo Natal ela é escolhida para cantar o primeiro verso de “Once in Royal David’s City” no concerto natalino.

– Sorte da Alicia, ele é bem bonitinho – comenta outra garota, uma loura baixinha, toda triste, enrolando uma mecha de cabelo no dedo indicador.

– É – concorda outra garota. – Eu adoro o tipo silencioso e forte. E um pouco de brutalidade sempre é sexy.

Todas elas explodem em risinhos.

– Mas ele não é um maluco ou psicótico ou alguma coisa assim? – observa a ruiva. – Clare Boulter disse que o viu saindo do Centro Nascer do Sol na semana passada.

O Centro Nascer do Sol fica perto do centro da cidade. É para adolescentes com problemas de saúde mental. Uma garota da 10B que se automutilava nos banheiros da escola costumava se consultar lá. Mas por que o Leo frequenta o centro?, me pergunto. Minha mente está acelerada.

– Além do mais, ele é meio baixinho, vocês não acham? – continua a ruiva.

– Com aqueles olhos, quem se importa? – responde a loura.

Apenas algumas semanas atrás, elas achavam que esse mesmo par de olhos era “maluco”.

– O que você quer, meu amor? – A servente está falando comigo, com a concha na mão, e uma expressão cansada no rosto cheio de rugas.

– Como? – gaguejo.

– O que você quer? – repete ela.

Pisco, de repente incapaz de focalizar as palavras escritas no quadro de giz.

– Vamos lá, não tenho o dia todo – pede ela.

– Hum, pizza, por favor – digo.

A servente coloca uma fatia grossa no meu prato.

Encontro uma mesa no canto e sento. Mas meu apetite sumiu, e como só metade do meu almoço.

No caminho para casa, mesmo sem querer, acabo pensando na festa da Becky. Nem em um milhão de anos eu receberia um convite para uma festa do segundo ano do Ensino Médio. Não sou convidado nem para as festas do primeiro ano do Ensino Médio.

Quando entro em casa, me jogo no sofá com o notebook e, antes de conseguir me impedir, estou digitando o nome do Leo no Facebook. Não consigo encontrá-lo. Ele também não está no Twitter nem no Instagram nem no Pinterest. Procuo seu nome no Google, mas o máximo que consigo encontrar é um monte de coisas sobre uma garota de Cloverdale chamada Megan Denton que ganhou um monte de troféus de natação.

– O que você está procurando?

Dou um pulo. A Livvy está inclinada sobre o encosto do sofá, o cabelo comprido roçando no meu braço.

Fecho o notebook.

– Nada. – Eu surto. – O que você quer, afinal, me espionando desse jeito?

– A mamãe quer que você ajude com o jantar – diz ela.

Fico parado, com as mãos em cima do calor do notebook, que faz um zumbido delicado.

– Vai em frente, chego lá daqui a alguns segundos – falo para ela.

– Esquisito – responde ela.

No dia seguinte, encontro o Leo na biblioteca na hora do almoço para nossa primeira sessão de aula particular. Quero perguntar a ele sobre a festa da Becky, mas não consigo encontrar um jeito casual o suficiente para inserir o assunto numa conversa sobre fatoração de equações de segundo grau. Na verdade, quero perguntar várias coisas.

Quando ele se inclina para pegar minha caneta, sinto um cheiro de sabonete e loção pós-barba e, quando o sol o atinge num certo ângulo, vejo um conjunto de sardas marrom-claras no nariz, que eu nunca tinha reparado antes. As duas coisas me dão uma sensação estranha.

– Ei, meninos, posso interromper?

Levantamos o olhar. É uma garota chamada Rachel da minha turma de arte têxtil, amiga da Lexi. Ela está segurando uma prancheta com borda enfeitada e tem um chapéu de Papai Noel na cabeça e um sorriso grudado no rosto.

– Estão interessados em entradas pro Baile de Natal? – pergunta ela.

– Não, obrigado – murmuramos eu e o Leo ao mesmo tempo.

– Tem certeza? – pergunta a Rachel. – Vai ser o evento social do ano. Vamos transformar o corredor da escola num paraíso de inverno. Harry Beaumont vai alugar uma máquina de neve. Juro que vocês não vão querer perder.

– Estou bem, no momento, obrigado – digo.

– Eu também – acrescenta o Leo.

O sorriso da Rachel logo se transforma numa cara de raiva.

– Fiquem à vontade – retruca ela de um jeito esnobe, ajeitando o chapéu de Papai Noel antes de se afastar.

– Qual é a desse baile? – pergunta o Leo. – Tem cartazes pra todo lado, e só vai acontecer daqui a dois meses.

– A febre do Baile de Natal surge cada vez mais cedo a cada ano – digo.

– Você já foi?

– A Ess, o Felix e eu sempre dizemos que não vamos, mas, no último minuto, acabamos cedendo e compramos ingressos.

– E como é?

– Ah, você sabe, horrível. O Harry anda pra todo lado como se tivesse acabado com a fome no mundo ou alguma coisa assim. Sempre tem uma tigela gigantesca de um ponche não alcoólico realmente repugnante. E o DJ é muito antipático e se recusa a tocar as músicas pedidas e blá-blá-blá...

– Então, por que vocês sempre vão, se é tão ruim?

– Ah, não sei. Acho que todo ano a gente tem uma frágil esperança de que seja diferente. Burrice, né?

O Leo franze a testa.

– As pessoas levam seus pares e tal?

– Muitos levam, sim.

O Leo pigarreia.

– Vamos lá, vamos terminar essa equação. Você está muito perto de resolvê-la.

Enquanto estamos guardando nossas coisas, o Leo deixa cair a carteira, e eu me ajoelho para pegá-la. Ela caiu aberta e, na parte em que a gente coloca uma foto, tem uma imagem de um cara bonitão com o mesmo cabelo castanho-avermelhado do Leo.

– Quem é? – pergunto, espiando mais de perto.

– Meu pai – responde o Leo, estendendo a mão. Entrego a carteira, relutante.

– Você se parece muito com ele – digo, me levantando.

O Leo faz um leve sinal de positivo com a cabeça.

– Você o vê sempre? – pergunto.

O Leo balança a cabeça, guardando a carteira no fundo do bolso.

– Você vai vê-lo no Natal?

– Duvido muito.

– Como assim?

– Olha, ele foi embora quando eu era bebê, e eu não o vejo desde então.

Agora faz sentido o Leo ter agido tão esquisito quando perguntei do pai dele no carro na outra semana.

– Mas você pelo menos sabe onde ele está? – pergunto.

– Não.

– Mas ele não tem que pagar, sei lá, uma pensão ou coisa assim?

– Só Deus sabe – diz o Leo, colocando a mochila nas costas.

– Você não tentou procurá-lo? Tipo na internet? Claro que ele deve estar no Facebook ou alguma coisa assim.

– Claro que tentei – dispara o Leo. – Você acha que eu sou idiota?

– Desculpa.

O Leo suspira.

– Tudo que eu sei sobre ele é o nome e o fato de que era carpinteiro. Não sei nem a data de nascimento.

– Tá brincando?

– Não.

– Uau.

– É – diz o Leo, a voz sem emoção.

– Você sente falta dele? – pergunto.

O Leo parece pensativo.

– Todos os dias.

Assim que as palavras saem dos seus lábios, ele parece se arrepender, como se tivesse falado demais sobre o assunto.

– Doideira, né? – acrescenta ele com uma risada amarga.

– Não parece doideira – digo imediatamente. – Parece humano.

O Leo dá de ombros, com um olhar distante.

– Por que ele foi embora? – pergunto.

O Leo faz uma careta.

– Todos eles vão embora. Sem hesitar. É o que minha mãe faz melhor, sua diversão.

Quero fazer mais perguntas, mas o Leo está olhando para o relógio.

– Tenho que chegar antes da chamada. Até mais.

Observo enquanto ele sai apressado da biblioteca.

Enquanto guardo as minhas coisas, tento imaginar o meu pai me deixando quando eu era bebê, mas é impossível. Já vi infinitos álbuns de fotografia com ele usando roupa hospitalar, reluzindo com o primeiro filho no colo, ou dormindo no sofá comigo, minúsculo e amassado, encolhido no seu peito. Ele nunca teria deixado minha mãe e a mim, jamais. Eu me pergunto o que a mãe do Leo deve ter feito para afastar o pai do próprio bebê, a ponto de nunca mais voltar. Algo terrível. Algo imperdoável. Eu estremeço.

Quando entro no carro depois das aulas, minha mãe solta uma arfada.

– Sua calça está no meio da canela, David – diz ela.

No instante em que entramos em casa, corro para o andar de cima e tranco a porta. Minha mãe está certa. Cresci dois centímetros em menos de duas semanas. No início, acho que é impossível, então meço outra vez. E de novo. Mas as marcas de lápis não mentem. Quando escrevo no caderno, minhas mãos estão tremendo, e as letras saem todas tortas. Se eu cresço dois centímetros em duas semanas, quantos centímetros vou crescer em seis semanas? Ou dez?

Na manhã de sábado, minha mãe insiste em me levar à cidade para comprar uma calça nova.

– Você está crescendo tão rápido – comenta minha mãe enquanto paramos numa vaga no estacionamento subterrâneo. – Cuidado, senão você vai acabar mais alto que seu pai!

Aparentemente, meu pai sempre foi uma das crianças mais baixas da turma até que, no intervalo de menos de um ano, aos quinze anos, ele deu uma disparada e ficou com um metro e noventa praticamente da noite para o dia. Isso é ótimo se você é homem. Se você é mulher, é um desastre.

Minha mãe e eu vamos até a John Lewis. A loja está quente demais e lotada de compradores.

No elevador, tem um carrinho com bebês gêmeos. Um menino e uma menina.

– Quantos meses eles têm? – pergunta minha mãe aos pais.

– Quase onze meses – responde a mãe.

– Que idade divertida! – diz minha mãe. – Eles são lindos.

– Eles dão um trabalhão! – opina o pai, e todo mundo ri como se ele tivesse contado uma piada hilária.

Analiso os bebês. A menina está dormindo. Está toda vestida de cor-de-rosa. O menino está acordado e mastigando um bolo de arroz empapado. Ele está usando um macacão jeans com um trator bordado no bolso, e a mão livre está agarrando um carrinho de brinquedo. Ele me olha cansado.

Aposto que seus pais supõem que vai ser um típico garoto: sua cor favorita vai ser azul ou preto ou vermelho; vai jogar futebol e gostar de carros e caminhões; um dia vai se casar e ter filhos. E, mesmo que não seja típico, mesmo que goste de balé ou de fazer bolos ou de beijar garotos em vez de garotas, eles ainda imaginam que seu menininho vai crescer e se tornar um homem. Quem não pensaria assim? Quando saímos do elevador, o menino e eu nos olhamos até nos perdermos de vista.

No departamento de uniforme escolar, minha mãe remexe na arara de calças e, de vez em quando, segura uma delas na minha frente e resmunga para si mesma.

Eu passeio pelas araras de saias escolares – plissadas, godê, compridas, curtas. Estendo a mão e passo os dedos nelas, fingindo desinteresse, só para o caso de minha mãe olhar e perceber o que estou fazendo.

Nos provadores, experimento quatro calças azul-marinho idênticas.

– Ele está numa arrancada de crescimento – ouço minha mãe confidenciar ao vendedor num sussurro enquanto espera do outro lado da cortina.

A luz do provador é forte e cruel, não é como a luz fraca que uso no meu quarto para as inspeções. Fico de costas para o espelho durante o tempo todo em que estou me trocando.

Depois, vamos à praça de alimentação para almoçar e comer no Yo! Sushi. Sentamos lado a lado em bancos altos na frente da esteira. Ajudo minha mãe na técnica de comer com pauzinhos. Ela me deixa comer dois pedaços de mochi de chocolate de sobremesa.

– Isso é divertido – diz ela, enchendo o copo d’água com gás da torneira embutida no bar onde estamos sentados. – A gente devia fazer isso mais vezes.

Minha boca está cheia, então eu só faço que sim com a cabeça.

– Estamos todos tão ocupados ultimamente – continua ela. – Seu pai e eu com o trabalho, você e a Livvy com a escola. Acho que você e eu não temos uma boa conversa há séculos. Sabe, um tempinho entre mãe e filho.

Ela faz uma pausa e coloca o copo sobre a mesa. Sinto seus olhos pousando em mim, me analisando. Limpo os cantos da boca sujos de chocolate com um guardanapo.

– Está tudo bem no momento, não é, filho? – pergunta ela devagar.

– Claro que sim. Por que a pergunta? – respondo, mantendo os olhos numa porção de rolinhos de pepino que estão passeando pela esteira, acompanhando-os pelo caminho.

– Você me parece meio preocupado ultimamente.

– É que a escola está muito puxada – digo de um jeito bobo.

– Você me contaria, não é, se alguma coisa não estivesse bem ou se quisesse tirar alguma coisa do peito? Porque seu pai e eu entenderíamos, sabe?

Engulo em seco. Porque lá está ela: minha oportunidade de falar. Cinco palavrinhas: Eu. Quero. Ser. Uma. Menina. Mas elas não saem. Ficam presas com teimosia na minha garganta, me sufocando e me silenciando. Porque a coisa que a minha mãe está tentando me fazer contar não é aquilo para o qual ela está se preparando. Porque minha mãe está esperando que eu conte que sou gay. Acho que ela está esperando esse momento há anos; desde que pedi minha primeira Barbie no Natal, corri pela casa usando meu primeiro par de asas de fada, enrolei uma toalha na cabeça e fingi que era

uma cabeleira comprida. Ela provavelmente tem ensaiado uma resposta há meses, praticando no espelho o equilíbrio adequado entre surpresa e aceitação. Certamente já deu várias dicas, iniciando debates apaixonados a favor do casamento entre membros do mesmo sexo na mesa de jantar e fazendo constantes referências ao seu primo de segundo grau, Craig, que mora em Cardiff com o namorado, Aaron. Mas ela e meu pai entenderam os sinais de forma totalmente errada, do mesmo jeito que o Leo entendeu errado no refeitório no outro dia. Porque eu não sou gay. Sou apenas uma garota hétero presa no corpo de um garoto. Mas como é que posso contar isso para eles?

– David? – chama minha mãe com os olhos arregalados e questionadores, cheios de esperança.

– Não, mãe – respondo, finalmente encontrando minha voz. – Estou bem. De verdade.

Ela parece decepcionada por um segundo, mas logo disfarça, levantando a mão e ajeitando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

– Bom, fico feliz de saber – diz ela, dando um tapinha na minha mão.

Enquanto estamos pagando a conta, um brilho dourado chama a minha atenção. Olho para o Nando's, do outro lado da praça de alimentação. Alicia Baker, Ruby Webber e outras garotas do segundo ano do Ensino Médio estão amassadas numa cabine, cercadas por pilhas de sacolas de compras. A Alicia pegou um top dourado brilhante de uma sacola plástica da Top Shop. Ela o coloca na frente do corpo enquanto as outras garotas aprovam.

– Pronto pra ir embora? – diz minha mãe, muito animada.

– Claro – murmuro, desviando o olhar da Alicia e de suas amigas.

Naquela noite, fico sozinho em casa. A Livvy vai dormir na casa da Cressy. Minha mãe e meu pai vão jantar na casa de um colega do meu pai. A Essie e o Felix estão curtindo uma “noite de namorados”.

– Nada meloso nem romântico – me garante a Essie por Skype, enquanto o Felix relaxa na cama atrás dela –, só um tempo juntos, sabe?

Mas não sei. Não de verdade. Eu nunca tive um namorado nem uma namorada (a menos que você conte sair com a Leila Shilton durante três dias, quando tínhamos seis anos, e eu não conto). Nunca beijei ninguém. Nunca andei de mãos dadas. Devo ter trocado um total de dez palavras com o Zachary nos últimos cinco anos. Sou completamente inexperiente em relacionamentos. Não ajuda o fato de que hoje é a noite da festa da Becky

Somerville, e, do outro lado da cidade, em Cloverdale, o Leo está se preparando para levar a Alicia, e sinto como se todas as pessoas do mundo sejam um casal, exceto eu.

Minha mãe claramente se sente culpada por me deixar, porque ela pede uma pizza gigante de pepperoni só para mim e manda meu pai até a loja para comprar um pote do meu sorvete preferido da Ben and Jerry: Phish Food. Aceno para eles da porta e espero dez minutos antes de ir para o andar de cima.

No meu quarto, fico de joelhos e pego a caixa grande que guardo escondida embaixo das pilhas de sapatos e casacos no fundo do armário. O conteúdo é o resultado de anos de aquisição cuidadosa. No fundo estão os itens que não cabem mais em mim, mas não consigo jogar fora: as asas de fada que a tia Jane comprou para mim quando eu tinha cinco anos (não tirei durante uma semana), a camisola cor-de-rosa que peguei embaixo do travesseiro da minha prima Keira num Natal, o vestido de crisma da Essie, que ela odeia, branco e cheio de babados, e que me deu com muita alegria. Em cima estão os meus achados em lojas de caridade, contrabandeados para dentro de casa escondidos no casaco; vestidos de festa e conjuntos de terninho de poliéster da década de 1980 roubados do fundo do armário da minha mãe na surdina; e mais coisas que a Essie não quis mais.

Hoje à noite, escolho um vestido que foi da mãe da Essie quando ela estava na fase hippie na metade da década de 1990, antes de a Essie nascer. É comprido, solto e pintado com tie-dye, coberto com espelinhos. Tiro minhas roupas de menino e jogo numa pilha no chão, antes de colocar o vestido sobre a cabeça. Levanto a bainha até o nariz e inspiro fundo. Ainda tem cheiro de incenso, meio quente, como pão de gengibre, misturado com perfume velho e sal marinho.

Em seguida, coloco a peruca. Comprei on-line no início deste ano com o dinheiro que sobrou do Natal e corri para o andar de cima com ela antes que minha mãe e a Livvy tivessem a chance de perguntar o que tinha na caixa de papelão misteriosa embaixo do meu braço. É um chanel brilhoso na altura do ombro, com um tom de castanho levemente mais escuro que o meu cabelo real. Eu simplesmente adoro.

Sento em frente à minha mesa e pego minha bolsa de maquiagem. A maioria comprei com meu dinheiro de mesada, outros itens roubei da minha mãe ou herdei da Essie. Esvazio a bolsa, alinhando tudo direitinho sobre a mesa, numa fileira de cores. Tenho visto muitos tutoriais on-line de

maquiagem ultimamente. Posiciono o notebook ao lado e procuro minha preferida: uma garota do Texas chamada CeeCee, que provavelmente é o mais próximo que eu já vi de uma boneca Barbie no mundo real. Ela apresenta os tutoriais numa voz sulista arrastada e hipnótica. Juntos, passo a passo, aplicamos base, corretivo, blush, delineador, sombra esfumada. Os olhos esfumados são mais difíceis do que parecem, e preciso de quatro tentativas antes de conseguir fazer meu olho direito ficar igual ao esquerdo. Eu me recosto à cadeira e analiso meu rosto todo: a pele macia, o leve blush feminino, meus olhos, pesados de rímel e mistérios. Para terminar, pego meu batom preferido – Vermelho Diva – e passo nos lábios.

A campainha toca, me fazendo dar um pulo. Entro no quarto da minha mãe e do meu pai e espio pelas cortinas. É o entregador de pizza. Eu tinha me esquecido completamente dele. Por um instante, penso em atender à porta como estou, como uma menina. A ideia me enche de empolgação e medo. Mas o medo vence, e limpo depressa a boca no lado da mão, manchando tudo de vermelho-sangue, e visto o roupão por cima do vestido. Enquanto estou descendo, tiro a peruca e enfio no bolso. Abro só uma fresta da porta da frente, o suficiente para passar a nota de dez libras e receber a pizza, mantendo a cabeça baixa para o entregador não ver meu rosto maquiado. Depois de fechar a porta e estar em segurança, coloco a peruca de novo e tiro o roupão, depois o coloco sobre o corrimão.

Levo a pizza para a cozinha, pego guardanapos e sirvo um copo de Coca-Cola. Normalmente, gosto de ver meu reflexo na torradeira ou na chaleira, sentindo o tecido balançar nas minhas pernas, mas, hoje à noite, por algum motivo, me sinto sem graça. Devoro a pizza na frente da TV, seguida do sorvete, o pote todo de uma vez. Mas sinto que estou fingindo gostar, comendo só por comer. Não tenho muitas chances de me vestir sem ser perturbado em casa e, quando faço isso, o que eu mais gosto é de fazer coisas do dia a dia: encher a máquina de lavar louça, fazer torrada, ver TV. Mas não hoje. Hoje eu me sinto estranho, como se tudo estivesse desequilibrado, como se eu fosse uma grande fraude. Enquanto coloco a louça na máquina, meu corpo melancólico e cansado, sinto uma lágrima escorrer pelo rosto. Apavorado, eu a seco. Ela deixa uma mancha preta e molhada na minha mão. São nove da noite, faltam horas para os meus pais voltarem para casa, mas mesmo assim eu me arrasto para o andar de cima, tiro o vestido e a peruca e lavo o rosto, o restante da maquiagem escorrendo pelo ralo num arco-íris sujo. Tomo banho no escuro, visto um pijama limpo

e vou para a cama. Eu quase ligo para a Essie e o Felix por Skype, mas, no último segundo, me lembro de que é a noite de namoro, e eles provavelmente estão rolando pelados na cama neste momento, com os pensamentos bem longe de mim.

Enquanto estou deitado ali no escuro, imagens indesejadas da festa da Becky aparecem na minha cabeça. Na minha mente, a festa é escura e esfumaçada, cheia de corpos suados suspirando e balançando, amassados uns nos outros em câmera lenta. Sinto uma dor forte na barriga. Percebo que meu travesseiro está molhado. Viro-me de lado para ficar de frente para a parede. O que há de errado com você?, me pergunto com raiva. E então me dou conta. Eu me sinto solitário. Tão solitário que chega a doer. A percepção disso me faz sentir ainda pior. Como se eu estivesse enganando a mim mesmo ao fingir um rosto corajoso esse tempo todo. Rolo para ficar de barriga para cima, puxo o travesseiro para cima da cabeça e recito meu vocabulário de francês na cabeça várias e várias vezes até, finalmente, cair no sono.



22

– O que você está fazendo, Leo?

Eu viro. A Tia está em pé na porta do banheiro, usando o pijama de Hello Kitty que usou o dia todo.

É noite de sábado. A festa da Becky começa daqui a umas duas horas.

– O que parece que eu estou fazendo? Estou arrumando o cabelo.

– Mas você nunca arruma o cabelo.

Eu a ignoro e pego um tubo de produto de cabelo do Spike. Cheiro antes de colocar um pouco no dedo e passar no cabelo.

A Tia senta na borda da banheira, e os dedos dos pés quase não alcançam o chão.

– Aonde você vai?

– A uma festa.

– Posso ir?

– Não.

– Por que não?

– Porque é uma festa de adultos.

– Mas você não é adulto. Só tem quinze anos.

– Tudo bem, é uma festa de adolescentes, então, só pra adolescentes.

– Ah. Vocês vão brincar de *passar o anel*?

– Não.

– Vai ter gelatina e sorvete?

– Duvido.

– Como pode ser uma festa sem gelatina e sorvete?

Eu a ignoro. O treco de gosma de cabelo do Spike fez a parte da frente do meu cabelo parecer oleosa. Mergulho a cabeça embaixo das torneiras e tento tirar com água.

– Leo? – diz a Tia, me puxando pela manga.

– O quê?! – grito mais alto que o barulho da torneira aberta.

– Se tiver gelatina e sorvete, você guarda e traz um pouco pra mim?

Fecho as torneiras e me levanto, com a água pingando na testa, e olho para o rostinho esperançoso dela.

– Claro.

Quando saio do banheiro, esbarro na minha mãe no corredor. Ela acabou de chegar da lavanderia e parece estar cansada e com o rosto vermelho.

– O que aconteceu? – pergunta ela de um jeito acusador.

– O que você quer dizer? – indago.

– Tá todo animado – diz ela, estreitando os olhos, como se ficar animado fosse o maior pecado do mundo.

– Não sei o que você quer dizer – digo, passando por ela.

Mas ela está certa: passei a semana toda de bom humor. Coisas que costumam me irritar – a Amber usar toda a água quente de manhã, a Tia deixar a tigela de cereais na pia, o Spike cantando, quase tudo que minha mãe faz –, tudo isso passa batido por mim.

Enquanto coloco o moletom com capuz e vejo meu reflexo uma última vez, a voz familiar soa na minha cabeça, me alertando para eu não me empolgar demais. Eu a ignoro. Porque a Alicia é diferente, estou convencido disso. Ela não é como as garotas da Escola de Cloverdale, que ficaram amargas e más por causa das coisas que já viram. Não, a Alicia é pura e esperançosa. E hoje vou passar a noite toda com ela.

A casa da Alicia fica na rua principal, atrás de dois portões enormes. É grande e simétrica, tem uma porta da frente gigantesca, com o dobro da largura da nossa, e muitas janelas. Enquanto sigo pela entrada, a casa parece ficar ainda maior, se assomando sobre mim. Estendo a mão para apertar a campainha e percebo que estou tremendo um pouco. Sacudo a mão. Não é hora de ficar nervoso. O propósito de hoje à noite é ficar calmo, tranquilo e firme.

Um negro alto, que suponho ser o pai da Alicia, atende à porta. Sua pele é brilhosa e macia, e seus dentes são brancos reluzentes, como os da Alicia. Assim como a casa, ele se assoma sobre mim.

– Posso ajudar? – pergunta ele, a voz profunda e aveludada.

Pigarreio, mas minha voz sai toda esquisita mesmo assim.

– Estou aqui pra buscar a Alicia.

– Sinto muito, meu jovem, mas você deve ter se enganado. Minha filha é proibida de namorar garotos até ter pelo menos vinte e um anos. Pode sair, por favor – avisa ele, me enxotando e fechando a porta.

– Ah, tá, desculpa – gaguejo, confuso.

– Pai! – grita a Alicia num tom agudo.

Olho por sobre o ombro dele e lá está ela, em pé na escada atrás dele, com as mãos nos quadris, usando uma calça jeans escura e um top dourado.

– Não escuta nem uma palavra do que ele diz! – grita ela.

O pai explode num sorriso largo.

– Só estou brincando com você, Leo! – Ele ri, me dando um soco no braço. – Entra, entra!

Sou levado para o saguão. É enorme. Nem tem um saguão na minha casa, só um espaço na parte de baixo da escada que está sempre lotado de sapatos e cartas que não foram abertas. Mas o saguão da casa da Alicia é tão grande quanto a nossa sala de estar, se não for maior. Limpo os pés no capacho, sem querer sujar o carpete creme. A mãe da Alicia aparece, saindo da cozinha, de avental listrado. Parece uma mãe de comercial de TV: toda animada e perfeita. Ela segura meus ombros e me dá um beijo em cada bochecha, me dizendo que é um prazer me conhecer.

Estou surpreso porque os pais da Alicia sabem meu nome, o que significa que ela deve ter falado pelo menos um pouco de mim.

– Leo, por favor, desculpa os meus pais superdesconcertantes. Eles se enganam achando que são hilários – diz a Alicia enquanto veste o casaco, me empurrando porta afora.

– Volta até meia-noite, por favor – pede o pai dela, dando um tapinha no relógio.

– Sim, pai – fala a Alicia, revirando os olhos.

No meio de toda a comoção, não tive oportunidade de olhar direito para ela. Só agora, em pé nos degraus da entrada, enquanto ela envolve um cachecol cor-de-rosa no pescoço, eu consigo fazer isso. Ela prendeu o cabelo e deixou alguns cachos soltos para emoldurar o rosto e está usando maquiagem. Ela está linda.

– Você está muito bonita – digo.

Ela sorri.

– Você também, Leo Denton.

Meu estômago vira do avesso.

Merda.

Não há dúvida de qual casa na rua da Becky está em clima de festa. No número vinte e seis, a música já está bombando, e vejo as formas sombreadas dos convidados através das cortinas. Chegamos e encontramos a Becky no saguão, cumprimentando cada um dos convidados com um gritinho agudo e/ou um abraço perfumado. Ela está usando um vestido cor-de-rosa reluzente que a faz parecer uma fada no topo de uma árvore de Natal. Quando entramos, ela grita ainda mais alto.

– Ai, meu Deus, estou mais do que empolgada de vocês estarem aqui! – grita ela num sotaque americano bizarro, parecido com o da Tia quando ela vê Nickelodeon durante muito tempo.

O cumprimento da Becky para mim é um “Oi, Leo” casual e uma olhada lenta de cima a baixo, com uma insinuação de sorriso nos lábios.

– Deixa eu pegar os casacos – diz ela, estendendo as mãos.

Apesar de estar muito quente, mantenho o moletom com capuz. A Alicia tira o cachecol e o casaco e os estende à Becky.

– Meu Deus, eu adorei seu top – elogia a Becky. – Deixa eu ver as costas.

A Alicia dá uma viradinha. Seu top é amarrado no pescoço e revela suas costas marrons e macias. Pelo que percebo, acho que ela não está usando sutiã. Engulo em seco.

– Vão pra cozinha – diz a Becky, acenando para a gente entrar. – Minha mãe pediu, tipo, umas vinte pizzas.

A mãe da Becky é a cara dela, com o mesmo rosto de lua e as mesmas sobancelhas desenhadas. Nos balcões da cozinha caixas de pizza estão empilhadas. Ajudo a Alicia a encontrar uma fatia vegetariana antes de encontrar uma de presunto e champignon para mim.

– Agora, podem pegar uma bebida com o pai da Becky! – diz a mãe dela. – Temos cerveja, vinho, alcopop, o que vocês quiserem. Não sou uma daquelas mães restritivas. Já fui jovem, acreditem se quiser!

A Becky aparece na porta.

– Mãe! – diz ela entre os dentes. – Você e o papai não iam sair?

– Calma, filha, só estou garantindo que todo mundo vai se alimentar e se hidratar.

– Andem logo!

A Alicia e eu trocamos um sorrisinho.

O pai da Becky está atrás do balcão com cadeiras, fazendo o papel de barman. Garrafas de bebidas alcoólicas e misturas lotam a superfície, e

várias latas de cerveja e garrafas de WKD e Smirnoff Ice estão dentro de uma tigela de plástico cheia de gelo na pia.

– O que você quer pra beber? – pergunta ele, me ignorando e olhando direto para a Alicia. Ela se inclina para ver as opções de bebida, e posso jurar que o pai da Becky olha para os peitos dela.

– Smirnoff Ice, por favor – diz a Alicia, animada.

– Uma lata de Foster’s – peço.

– Tá na mão – fala o pai da Becky, piscando para a Alicia.

Ele faz um espetáculo jogando a garrafa para o alto e depois pegando, como se fosse um bartender ou alguma coisa assim. E até tira a tampa com os dentes e a cospe na lata de lixo, e então faz uma pausa como se esperasse que a gente aplaudisse. O tempo todo, ele não tira os olhos da Alicia.

– Divirta-se, querida – diz ele, dando a garrafa para ela. Quase como se tivesse se esquecido, ele empurra uma lata de cerveja na minha direção, com o olhar ainda focado na Alicia.

Sáimos da cozinha com as bebidas, equilibrando a pizza em pratos de papel frágeis. A sala de estar está lotada de gente. A caixa de som conectada ao iPod está tocando Kanye West num volume muito alto. É estranho ver todo mundo da escola sem uniforme. Essa é a primeira vez que estou entre eles desse jeito, com partes do corpo se encostando enquanto a Alicia e eu abrimos caminho pela sala de estar. Alguns nos encaram diretamente, sussurrando quando passamos.

A Alicia vai em direção ao jardim de inverno, onde está um pouco mais silencioso. Colocamos as bebidas numa mesa de plástico de piquenique no canto, mas continuamos de pé, a Alicia se balançando no ritmo da música. Quando dou a primeira mordida na pizza, o molho de tomate escapa pelo lado da fatia e cai no meu moletom.

– Leo! – grita a Alicia.

Xingo entre os dentes enquanto a Alicia procura um lenço de papel na bolsa. Ela tira a maior parte do molho, limpando o restante com cuidado. Quando termina, ela dá um passo para trás, satisfeita, e sorri para mim: uma versão mais delicada do seu sorriso normal de vários megawatts. E, por um instante, é como se fôssemos as duas únicas pessoas na festa. Mas somos interrompidos por algumas amigas da Alicia, que jogam os braços ao redor dela, elogiam seu top, o penteado, e elas são apenas as primeiras de um fluxo constante de visitantes.

Enquanto a Alicia recebe os súditos, eu me sento numa das cadeiras da mesa de piquenique e fico só olhando para ela – o modo como ri de piadas que não são engraçadas, como se aproxima e escuta com atenção enquanto as pessoas compartilham segredos, fazendo sinais com a cabeça, dizendo todas as coisas certas. Em certo momento, ela percebe meu olhar e encolhe os ombros como se estivesse pedindo desculpas.

Perto das nove horas, os pais da Becky por fim vão embora, fazendo estardalhaço ao se despedirem.

– Estamos na mesma rua se vocês precisarem de nós! Voltamos à meia-noite! – diz a mãe enquanto a Becky praticamente a empurra porta a fora.

– A Becky é muito sortuda – comenta a Alicia quando finalmente ficamos a sós de novo. – Meus pais não me deixariam dar uma festa sem eles por perto nem em um milhão de anos. E definitivamente não permitiriam tanta bebida.

– Nah, minha mãe também não – digo.

– O pai da Becky foi meio esquisito, né? – comenta a Alicia, contorcendo o rosto.

– É, não gostei dele. Foi meio pervertido.

– Você acha? Também achei o jeito dele meio duvidoso, mas não tinha certeza.

– Nah, sua impressão estava certa – digo. – O modo como ele estava te olhando. Ele deve saber que você só tem quinze anos.

A Alicia se inclina para a frente, e seu hálito faz cócegas na minha orelha.

– Quase dezesseis – sussurra ela.

Engulo em seco e acho que a Alicia percebeu, porque ela começa a rir e me dá um soco no braço.

– Você é um cavalheiro de verdade, sabia, Leo Denton?

Estou quase respondendo quando começa a tocar uma música da Rihanna, então a Alicia solta um gritinho animado e se levanta num pulo, me agarrando pela mão. Já bebi duas latas de Foster's e, quando me levanto, me sinto um pouco tonto. Mas a Alicia parece ótima, bebendo a terceira Smirnoff Ice enquanto me puxa em direção à música.

– Eu não danço – retruco, mas a Alicia não me escuta ou prefere me ignorar. Estamos no meio da sala de estar, com corpos suados ao redor. Alguém aumentou o volume da música, porque a casa parece tremer, pronta

para explodir com o som do baixo. A Alicia está pulando, e mais cachos do seu cabelo se soltam, voando ao redor do seu rosto.

– Vamos lá, Leo! – grita ela mais alto que a música. – Dança comigo!

Olho em volta. Todo mundo está se mexendo, balançando os braços e rindo. Não sei nem por onde começar.

– Faz o que eu estou fazendo! – diz a Alicia, pegando minhas mãos. E talvez seja a cerveja ou talvez seja o fato de estar com ela, mas começo a dançar. E não é tão ruim. Não sou tão ruim nisso. Estou quase entrando no clima quando começa uma nova música. É outro R&B, porém mais lento e sensual, e a Alicia imediatamente começa a se esfregar em mim, sua bunda roçando na minha virilha. Eu me afasto um pouco, e ela se vira para mim, surpresa, com a testa meio franzida. Eu logo pergunto formando a frase com os lábios “quer uma bebida?”, e ela relaxa num sorriso e faz que sim com a cabeça, antes de continuar a dançar.

Vou antes ao banheiro, aliviado por estar vazio. Ao lado do vaso tem um espelho de corpo inteiro. O que é isso?, eu me pergunto. Que tipo de esquisito quer se ver fazendo cocô? O pai pervertido da Becky, aposto. Lavo as mãos. Meu rosto está muito corado. Jogo água nele, tentando me acalmar.

Quando volto para a sala de estar, com bebidas na mão, a Becky diminuiu a música e está no meio da sala, se equilibrando nos saltos altos cor-de-rosa e reluzentes.

– Hora dos jogos! – grita ela, tentando colocar todo mundo num círculo. A Alicia já está sentada no chão de pernas cruzadas. Ela dá um tapinha no local ao lado dela, mas, antes que eu consiga me aproximar, sua amiga Ruby se joga ali. A Alicia encolhe os ombros como se pedisse desculpas. Sento onde estou, entre o Matt e uma garota de cabelo castanho cacheado que reconheço da escola, mas não sei o nome. Do nada, a Becky arruma uma garrafa de vinho vazia, e todo mundo faz “ooooohhhhhh!”, como se estivéssemos num show de mímica.

– Esse jogo não precisa de apresentação – anuncia a Becky. – É o clássico das festas antigas: Gira a Garrafa, pessoal!

Muitos gritos.

– Vocês conhecem as regras: se a garrafa apontar pra você, é hora de pegar pesado!

Mais gritos.

– Como aniversariante, eu giro primeiro.

A Becky engatinha para o centro da sala, mostrando a calcinha para a galera. Tomo um gole nervoso da cerveja e começo a me levantar.

– Aonde você pensa que vai, Denton?! – grita a Becky.

– Eu ia sair do jogo – digo.

– Ah, não vai não – retruca ela. – A participação é obrigatória, né, Alicia?

A Alicia fica vermelha.

Eu me sento relutante. Do outro lado do círculo, a Alicia sorri para mim. Dou um sorriso falso em retorno.

A Becky gira. Enquanto a garrafa dá voltas, as pessoas batem palmas e gritam. Prendo a respiração, querendo que ela passe direto por mim. Ela aponta para um garoto da minha turma chamado Liam. Ele se arrasta sobre a bunda até o centro do círculo. A Becky agarra o rosto dele com as mãos e enfia a língua goela abaixo do garoto. Todo mundo grita. Tento captar o olhar da Alicia do outro lado do círculo, mas ela está ocupada demais gritando, com os dedos sobre os olhos. A Becky por fim solta o Liam. As bocas dos dois estão cor-de-rosa, e eles ficam parecendo palhaços por causa da fricção e do batom borrado.

– Nada mau! – relata ela para o círculo todo. – Nota seis, talvez.

O rosto do Liam fica tão rosado quanto o batom borrado no seu queixo. É a vez dele de girar. Eu me concentro na garrafa, rezando para ela não parar na Alicia.

Um casal atrás do outro se une no centro do círculo, as garotas dando notas para o desempenho dos garotos como se fosse uma prova: “A pelo esforço”, “nota oito”, “precisa treinar” etc., os garotos voltando para os seus lugares triunfantes ou humilhados. A cada girada, desejo que a garrafa não aponte para mim nem para a Alicia, prendendo a respiração quando passa por nós. O tempo todo, fico me dizendo que eles logo vão ficar entediados e que a festa vai voltar ao normal.

– Última rodada! – anuncia a Becky, atendendo à minha oração secreta.

Ouso relaxar um pouco, convencido de que a sorte está ao meu lado. É por isso que tudo parece um sonho bizarro quando, de repente, as pessoas estão gritando meu nome e olho para a garrafa e ela está apontando direto para mim, como o cano de uma arma. Eu pisco e levanto o olhar. A Ruby está ajoelhada no centro do círculo, com a cabeça inclinada para o lado.

– Não vou esperar a noite toda – diz ela, envergonhada.

Faço que sim com a cabeça e, como se estivesse em câmera lenta, entro no círculo de joelhos. Durante todo o tempo a festa inteira está gritando “Leo! Leo!”, e eu me sinto no Coliseu, em Roma, só que, em vez de ser jogado aos leões, estou sendo entregue à Ruby Webber. Ela está inclinada para a frente, e vejo dentro do seu top. Eu nunca notei seus peitos antes – como são grandes, redondos e poderiam escapar do top se ela se inclinasse mais. Mas nada disso importa, porque, apesar de a Ruby ter um corpo bonito e tal, ela não é a Alicia. Eu me aproximo ainda mais, e alguém chega perto e bagunça meu cabelo, dizendo para ir em frente.

Olho para o lado e lá está ela. A linda Alicia. Roendo a unha do polegar. Nossos olhares se prendem por um segundo, e ela me dá um sorriso corajoso, como se quisesse dizer que tudo bem. Ao meu redor, todos estão rugindo. A Ruby sorri e fecha os olhos. Eu aproveito e a beijo muito rápido, só um selinho, nossos lábios mal fazendo contato. Seus olhos se abrem de repente.

– Só isso? – pergunta ela, irritada e surpresa ao mesmo tempo.

Ao redor dela, todos vão.

Dou de ombros e olho para a Alicia. Ela está sentada reta e mordendo o lábio inferior. A Becky vai até o círculo e coloca as mãos nos meus ombros.

– Estou com a sensação de que o garotão aqui está se poupando pra uma certa pessoa – provoca ela. Muitas garotas caem num risinho de quem entendeu a indireta.

A Becky entrelaça as mãos.

– Bem, hora de apimentar as coisas um pouco. Novo jogo!

Ela vai para o corredor e abre a porta do armário embaixo da escada com um floreio.

– Vamos girar de novo e o casal sortudo ganha dez minutos no paraíso. Aqui dentro! – anuncia a Becky.

Ela volta aos pulinhos para a sala de estar enquanto todo mundo se ajeita para fechar o círculo.

– Sua vez, Leo.

Respiro fundo e giro a garrafa. Ela parece virar por uma eternidade, até que por fim começa a diminuir o ritmo até parar apontando diretamente para a Becky. Todo mundo começa a gritar. A Becky manda parar, levantando as mãos e se rendendo.

– Desculpa, pessoal, eu me dispensei dessa rodada, regras de aniversariante e tal, o que significa que eu posso passar a rodada pra quem

está à minha esquerda, e olha que coisa, quem está sentada à minha esquerda é ninguém menos que a srta. Alicia Baker!

A Alicia fica furiosamente corada. A Becky a levanta e quase empurra nós dois para o corredor enquanto todos batem palmas e torcem, cantarolando nossos nomes.

– Entra lá, meu filho! – diz o Matt, com os olhos arregalados e empolgados por mim. Dou um jeito de mostrar um sorriso arrogante em troca.

– Entrem logo! – ordena a Becky. Nós nos esprememos dentro do armário, aconchegados entre os cacarecos da casa. O cheiro é úmido e mofado, de equipamentos de camping e sacos de dormir fedorentos.

– Aproveitem! – cantarola a Becky enquanto fecha a porta e apaga a luz, nos jogando na escuridão. Um ou dois segundos depois, a música começa a tocar, o baixo latejando novamente. A Alicia e eu nos mexemos um pouco, tentando ficar confortáveis.

– Você está bem? – pergunto, irritado.

– É, estou. E você?

– Aham.

Silêncio. A Alicia o interrompe:

– Estou feliz porque você não beijou a Ruby de língua.

Engulo em seco.

– Eu também.

Mais silêncio. Ouço a Alicia respirar fundo.

– Caso você ainda não tenha percebido, eu gosto de você de verdade, Leo Denton.

Sinto uma aceleração esquisita no peito.

– E eu gosto de você de verdade, Alicia Baker.

Imagino a Alicia sorrindo no escuro, as covinhas se aprofundando, e de repente fico desesperado para tocar nelas, explorar cada pedacinho dela. Tateio procurando sua mão no escuro e a encontro, e ela entrelaça os dedos com força nos meus. E aí nos beijamos. Assim, do nada, nossos lábios parecendo ímãs. E é fantástico. Não só isso, mas é muito fácil, como se fosse a coisa mais fácil do mundo. E provavelmente a mais legal. No início é macio, meio hesitante, como se nossos lábios estivessem numa conversa educada, mas depois fica mais urgente, faminto, quase como se estivéssemos nos alimentando um do outro. Meus braços a envolvem, e os dela fazem o mesmo comigo. E eu me esqueço de tudo. Esqueço que tem

uma tábua de passar roupa cravada nas minhas costas, me esqueço da Becky e de todo mundo que está na festa a apenas centímetros de distância, me esqueço da minha mãe e da Tia e do Spike e da Amber e de Harry Beaumont e de David Piper e seus amigos esquisitos, e até me esqueço do meu pai. Só consigo pensar em beijar a Alicia e nas minhas mãos nas suas costas nuas e como este é o melhor momento da minha vida até agora. E ela está gemendo e depois beijando meu pescoço e sussurrando “ah, Leo” e, meu Deus, estou tão excitado que parece irreal. E aí ela coloca a minha mão no peito dela e estou prestes a explodir. A sensação é fantástica, e o fato de que ela colocou a minha mão lá, de que a quer ali, me deixa louco. E depois suas mãos exploram embaixo das minhas camadas: do meu moletom, da minha camisa, da minha camiseta, procurando a pele.

– Você é todo sarado, Leo. Que barriga tanquinho! – sussurra ela com a respiração excitada, as mãos quentes na minha barriga. Todas aquelas horas de abdominais compensaram. Tento curtir sua reação, mas não consigo ignorar a ansiedade familiar que aumenta no meu estômago. Tento bloqueá-la, mas a ansiedade força a barra, como um corredor acelerando para ganhar a corrida, e meu corpo todo fica tenso. Eu me afasto.

– Leo, você está bem? – pergunta a Alicia.

– Claro – minto.

– Não está não. O que aconteceu?

– Nada.

– Você não gosta de mim?

– Claro que gosto! – quase grito, porque a ideia de ela não perceber o quanto gosto dela é maluquice. – Gosto demais de você.

– Então, por que você parou?

– Não é você – começo.

– O quê? Não é você, sou eu? – diz a Alicia. – Meu Deus.

– Não é uma fala ensaiada! – retruco, pegando as mãos dela. – Escuta, eu gosto tanto de você que poderia explodir, e quero fazer coisas com você. Meu Deus, eu quero fazer tudo com você. Mas não aqui, não no armário embaixo da escada da casa da Becky Somerville. Você é especial demais pra isso – acrescento, as palavras saindo aos tropeços da minha boca num pânico alucinado.

Silêncio. Mordo meu lábio com força.

– Você jura que gosta de mim? – pergunta a Alicia baixinho.

– Meu Deus, Alicia, eu gosto tanto de você que fico tonto.

É a resposta certa, porque a Alicia solta uma risadinha muito fofa. Ouvimos uma batida na porta do armário.

– Um minuto! – grita a Becky.

Eu me inclino para beijar a Alicia. Ela me beija de volta. Nossos braços envolvem nossos corpos. Sinto minha ansiedade se encolhendo. Estou no controle mais uma vez.

Pelo resto da noite, a Alicia e eu ficamos grudados um no outro. Dançamos um pouco, mas a maior parte do tempo ficamos no sofá, com as pernas da Alicia jogadas sobre as minhas, conversando. A Alicia me conta que quer ser cantora, mas que seus pais querem muito que ela seja médica, diz quanto ela ama o irmãozinho que tem síndrome de Down, conta da vida em Londres. Eu falo que divido um quarto com a Amber, das coisas esquisitas que a Tia inventa às vezes, conto que minha avó morreu quando eu tinha doze anos e o quanto eu ainda sinto saudade dela. E é uma sensação boa compartilhar coisas com ela, mesmo eu tendo cuidado para cortar as partes que não estou preparado para compartilhar.

Eu a levo até em casa. Nós nos beijamos na entrada quando o relógio de pêndulo lá dentro bate doze vezes. Quando nos separamos, a Alicia diz:

– Leo, sabe o Baile de Natal?

– Aham.

– Olha, eu sei que é daqui a um século, mas você quer ir comigo?

– Hum, quero – respondo. – Por que não?

Ela abre um sorriso enorme e me beija. E é fantástico de novo.

– Alicia – chama uma voz masculina de dentro de casa.

– Meu pai – diz a Alicia, revirando os olhos. – Está na hora.

Ela me beija mais uma vez antes de disparar para dentro de casa.

Durante alguns segundos, fico congelado, aos poucos digerindo o que acabou de acontecer.

A Alicia gosta de mim. Tipo gosta de mim *de verdade*. Meu corpo todo está zumbindo. Eu me sinto épico, vivo, como se todas as minhas terminações nervosas estivessem em chamas. A voz dentro de mim tenta interromper, me lembrar como isso é importante, como é perigoso, todas as coisas que podem dar errado. Mas, por ora, vou ignorá-la, afogá-la enquanto penso na Alicia. E funciona, porque, nos oito quilômetros de volta para casa, não penso em mais nada e mais ninguém.



23

É noite de domingo. Eu deveria estar fazendo o dever de casa de matemática, mas sou incapaz de me concentrar. Em vez disso, estou deitado na cama vendo vídeos do YouTube no notebook. O que estou vendo agora é sobre um garoto que mora nos Estados Unidos. Ele tem uma voz grave e uma barba rala no queixo, e você nunca imaginaria, nem em um milhão de anos, que ele costumava ser uma menina até levantar a camiseta e mostrar algo que se chama binder e parece um top curto branco e grosso que achata os seios. Ele espera fazer uma cirurgia nos seios quando fizer dezoito anos. É estranho pensar que, por baixo do binder, ele tem exatamente o que quero e que ele aceitaria num piscar de olhos todas as coisas que odeio no meu corpo. Ah, se pudéssemos trocar.

Ouçoo um som vindo do banheiro. Aperto o botão de pausar e escuto.

É a Livvy, chamando minha mãe, primeiro baixinho, depois aumentando a voz e ficando mais urgente. Eu me levanto e vou para o corredor. Bato com delicadeza à porta do banheiro.

– Mãe? – diz a Livvy.

– Não, sou eu, Liv. Você tá bem?

– Chama a mamãe.

– Mas o que aconteceu?

– Chama a mamãe! – Ela praticamente grita.

Corro até o andar de baixo e encontro minha mãe no sofá, vendo *Master Chef* com o meu pai.

– A Livvy está te chamando no banheiro – digo, sem fôlego.

Minha mãe franze a testa e se levanta. Eu a sigo até o andar de cima.

Ela bate à porta do banheiro.

– Livvy, querida? – chama ela. – É a mamãe.

A Livvy abre uma fresta da porta, e minha mãe se espreme para entrar, me deixando parado no corredor. Depois de alguns segundos, ouço minha mãe soltar um gritinho empolgado e a Livvy dar uma risadinha. A porta se abre, e minha mãe reaparece com o rosto todo corado e feliz.

– Mãe, o que está acontecendo? – pergunto.

– Nada, David. Vai fazer o dever de casa – responde ela, me enxotando.

Continuo por perto enquanto minha mãe dispara até seu quarto, voltando alguns instantes depois com um pacote verde de absorventes Always na mão.

E aí cai a ficha. A Livvy, minha irmãzinha, começou a menstruar.

Minha mãe se esgueira no banheiro e depois tranca a porta. Eu a ouço falando com a Livvy em voz baixa. Um instante depois, ouço a Livvy dar mais uma risadinha. Recuo devagar, dividido entre querer escutar e correr o mais rápido possível.

Fecho a porta do quarto e me sento na borda da cama, me perguntando quantos outros momentos como este vou ter que presenciar: momentos femininos particulares, dos quais irmãos mais velhos são automaticamente excluídos. Tento me concentrar no que a Essie me disse sobre a menstruação: as cólicas, espinhas e o cabelo oleoso, como ela se sente o tempo todo com raiva do Felix; mas isso não ajuda muito.

Mais tarde, desço e vejo a Livvy deitada no sofá com uma bolsa de água quente na barriga enquanto minha mãe acaricia seu cabelo. Dou uma desculpa dizendo que estou cansado e saio da sala.

Naquela noite, não consigo dormir. Na minha cabeça, um pensamento fica martelando: nunca vou vivenciar o que a Livvy está vivendo hoje à noite. É uma impossibilidade biológica tão injusta que faz meu corpo todo latejar.

Na manhã seguinte, em vez de cereais e torradas no café da manhã, minha mãe faz panquecas com cobertura de morango e xarope de bordo em “homenagem à Livvy”. Minha irmã senta à cabeceira da mesa como uma rainha, sorrindo com serenidade para seus súditos. Com o cabelo brilhante e a pele clara, ela não apresenta nenhum dos sintomas tão sanguinários descritos pela Essie. Só a Livvy para entrar na puberdade precocemente.

– Minha bebê toda mocinha. – Minha mãe está radiante enquanto serve o segundo copo de suco de laranja cerimonial para a Livvy.

Meu pai beija a Livvy na bochecha.

– Acho bom isso não significar que você vai trazer namorados pra casa em breve! – diz ele com um sorriso e uma piscada conspiratória na minha direção.

A Livvy revira os olhos.

– Paaaaaaai, não seja tão bobo.

Mas percebo que ela gostou.

– Quer mais panquecas, David? – pergunta minha mãe, percebendo minha presença à mesa pela primeira vez. E, apesar de eu ainda estar com fome e poder facilmente comer mais duas, digo que não e peço licença para me retirar e evitar que eles vissem as lágrimas nos meus olhos.

A Essie e o Felix percebem que alguma coisa está errada no instante em que me veem na escola.

– David, o que aconteceu? – exige saber a Essie.

A pergunta abre as comportas. Imediatamente, ela e o Felix me levam para o antigo abrigo de bicicletas, onde me sento numa das muradas e soluço como um bebê.

– Que diabos aconteceu? – pergunta a Essie, se ajoelhando na minha frente, enquanto o Felix acaricia meu ombro.

No início, não consigo falar porque estou chorando demais, mas acabo desabafando um relato do meu péssimo fim de semana, culminando na notícia da menstruação da Livvy.

– Ah, David – diz a Essie, se levantando e me abraçando.

– O que aconteceu foi que eu percebi, de uma vez só – digo entre arfadas, com a fala toda irregular –, que as coisas não vão se ajeitar num passe de mágica. Só vão ficar piores, muito piores.

– Não necessariamente – diz o Felix. – Você não sabe o que vai acontecer.

– Sei, sim. Sou um mutante nojento que só vai ficar mais nojento e mais parecido com um mutante. Você sabia que agora eu calço 40?

– Kate Winslet calça 40 – retruca o Felix de imediato.

– Como diabos você sabe disso? – pergunta a Essie.

– Sei lá, eu simplesmente sei. Parece que os pés da Paris Hilton são ainda maiores.

– Agora você está fazendo eu me sentir esquisita – diz a Essie.

A implicância dos dois meio que ajuda a me acalmar.

– Eu me sinto tão... sozinho – resmungo.

– Não fala isso. Você tem a gente – fala a Essie, puxando minha gravata. E ela está certa, eu tenho. Mas eles também têm um ao outro.

Naquele dia, na hora do almoço, encontro o Leo na biblioteca. Embora conversar com a Essie e o Felix tenha ajudado um pouco, ainda estou me sentindo estranho e vazio por causa do meu fim de semana monumentalmente horrível, como se uma parte de mim estivesse desaparecida ou quebrada. Certamente não estou no clima para trigonometria. Ao meu lado, o Leo está esperando pacientemente eu resolver o próximo problema. Ele parece mais relaxado. Imagino o motivo.

– Como foi a festa no sábado? – pergunto.

– Que festa? – pergunta o Leo devagar, mantendo os olhos no papel.

– Da Becky Somerville. Você não foi? Achei que o segundo ano do Ensino Médio estava todo lá.

– Ah, *essa* festa. Foi legal – retruca ele, dando de ombros –, nada especial.

– Ah – digo, desenhando uma estrela no papel. – Que engraçado.

– Por quê?

– É que eu acabei de saber que foi realmente fantástica.

Observo seu rosto com cuidado, tentando perceber sinais, certo de que ele não está me contando a história toda.

– David?

– Sim?

– A hipotenusa?

– Como é?

– Qual lado do triângulo é a hipotenusa? – pergunta ele, apontando para o papel com a ponta da caneta.

– Hum, aquele ali – respondo, apontando sem olhar.

– Não, esse é o lado adjacente. Vamos lá, você sabe essa matéria, David.

– Eu claramente não sei – digo, a frustração aumentando na minha barriga.

O Leo suspira.

– Olha de novo.

Tento olhar para o papel, mas não consigo me concentrar direito. Quanto mais tento focalizar, mais a página fica borrada, as palavras e formas começando a dançar diante dos meus olhos. Não consigo evitar: estou com

raiva do Leo, apesar de ele tecnicamente não ter feito nada de errado, o que, de alguma forma, parece pior.

– Qual é a hipotenusa? – repete o Leo.

– Não sei – digo, horrorizado porque percebo uma camada de lágrimas se formando nos meus olhos.

– Sabe, sim. Você não está se esforçando. Relaxa e se concentra.

Mas não consigo. Estou ofuscado demais por uma frustração sem motivo para concentrar meus pensamentos.

– Vamos lá, David. Isso é fácil.

– Eu disse que não sei! – grito, jogando minha caneta. – Não sei, está bem?

Espero que o Leo estremeça, mas ele continua perfeitamente parado, o rosto ilegível.

– David – diz ele, cansado, como se eu fosse um bebê fazendo manha.

Eu me levanto, pego meus livros e enfio na mochila.

– David, para de ser idiota e senta.

– Por que eu deveria? Eu sou *claramente* um idiota. Você mesmo disse.

– Não disse não. Olha, vamos tentar de novo. Podemos começar do início.

– Não estou no clima, ok? Vamos parar por aqui.

Jogo uma nota de cinco libras na mesa e saio da biblioteca irritado.

O Leo não vem atrás de mim.



24

O restante do mês de outubro passa num borrão. Apesar de o David ter saído batendo pé da nossa sessão de matemática, continuamos a nos encontrar. Acertamos as coisas, mas ele parece diferente: mais quieto e mais preocupado. Às vezes eu me sinto mal de receber o dinheiro dele em troca da minha ajuda, mas é claro que ele pode pagar. Além do mais, isso significa ter dinheiro para levar a Alicia para sair.

Meu tempo de detenção finalmente termina. Ao mesmo tempo, todo o burburinho sobre o soco que dei no Harry parece ter morrido. O Harry ainda range os dentes para mim no corredor, mas só quando tem uma galera ao redor. Pela primeira vez na vida, as coisas parecem calmas de verdade. *Eu pareço calmo.*

É sexta-feira antes do Halloween, e a Alicia vai jantar com a família dela. Eu ando pela casa, inquieto e impaciente, contando os minutos para vê-la amanhã.

– Quer parar de andar de um lado pro outro desse jeito, Leo? – exige a Amber. – Você parece um animal enjaulado ou coisa assim.

– Desculpa – murmuro, deitando na minha cama do beliche.

Mas não consigo ficar parado, mesmo deitado; depois de um instante, a Amber aparece de cabeça para baixo, seu cabelo arrastando na estrutura do beliche.

– Qual é o seu problema, Leo? – pergunta ela. – Você anda agindo de um jeito estranho ultimamente.

– Não tenho problema nenhum – minto, batendo no rabo de cavalo dela. Meu celular apita.

– Quem é? – indaga ela.

– Não é da sua conta – respondo.

A Amber estreita os olhos, mas volta para sua cama.

Viro-me de lado para tirar o celular do bolso de trás. É uma mensagem de texto da Alicia:

Saudade beijo

Viro-me de costas e dou um sorriso bobo, feliz porque a Amber não consegue me ver. Porque é o tipo de sorriso que me entregaria em segundos. Porque ela está certa: estou me comportando de um jeito diferente. Não consigo evitar.

Contei para a Amber que estou dando aula particular para o David nas noites que vejo a Alicia, para não ter que abrir o jogo. Não sei por quê, mas falar em voz alta sobre ela com qualquer pessoa parece errado, como se pudesse estragar as coisas. Quero nos manter em uma bolha preciosa, em segurança em relação ao mundo exterior, pelo menos por enquanto. Mas, apesar disso, não consigo ignorar essa sensação mesquinha de culpa. A maior parte do tempo consigo mantê-la enterrada, mas de vez em quando a Alicia sorri para mim ou me conta um segredinho fofo, e a culpa se espalha e me divide ao meio com tanta força que quase me tira o fôlego. Sei que estou pisando em ovos, mas ao mesmo tempo não consigo parar.

Na noite seguinte, sábado, vamos ao cinema para ver uma exibição de Halloween de um filme de terror esquisito da década de 1970. O tempo todo ela aperta a minha mão com muita força, as unhas se enfiando na minha carne durante as partes mais aterrorizantes. Depois de um tempo, começa a doer, mas eu não me importo.

Depois do cinema, eu a levo a pé até em casa, apesar de estar chovendo. Quando chegamos à porta dela, estamos encharcados. Mas nem eu nem ela ligamos para isso.

– Sabe o que eu estava pensando durante o filme? – pergunta ela. – Nos momentos em que não estava gritando como uma menininha de cinco anos, é claro.

Uau, ela está linda molhada.

– Não. O quê?

– Como você é totalmente diferente de todos os garotos que eu já namorei.

Fico tenso. Apesar de saber que a Alicia já saiu com outros garotos, não gosto de pensar no assunto por mais do que alguns segundos. Tenho que

lembrar que ela está comigo, mas é difícil quando tenho quase certeza de que ela poderia ficar com qualquer garoto que quisesse.

Continuo com o rosto sério.

– Isso é uma coisa boa – insiste ela. – Eu gosto que você seja você mesmo e de não se importar em ser popular ou durão ou se exhibir. Você é diferente. E eu gosto do diferente. Gosto muito.

Ela esfrega o nariz no meu, num beijo de esquimó. E tenho uma sensação esquisita de *déjà-vu*. E aí lembro que a minha mãe costumava beijar a Amber e a mim desse jeito quando nos colocava na cama à noite. Eu tinha me esquecido completamente disso.

– Quer entrar? – pergunta a Alicia com a voz subitamente rouca e parecendo adulta. – Não tem ninguém em casa.

Eu me afasto dela e olho para o celular com espanto.

– Eu adoraria, você não tem ideia de quanto. Mas está ficando meio tarde. Minha mãe vai surtar se eu não chegar em casa logo.

É mentira. Minha mãe saiu com o Spike e vai voltar sabe Deus que horas. Mas a Alicia não sabe disso. Ela faz que sim com a cabeça, decepcionada.

– Você ainda gosta de mim, né? – indaga ela, meio brincando, meio séria. Eu rosno.

– Claro que sim. Só quero que as coisas sejam especiais, sabe?

A Alicia faz um biquinho, mas diz que sim com a cabeça.

– Você está certo – diz ela. – Só que eu gosto muito, muito de você, Leo.

– Nem me fala – respondo, sorrindo.

Ela fica vermelha e dá uma risadinha. E sei que escapei de uma fria.

Nós nos beijamos mais uma vez antes da despedida final.

Enquanto caminho até em casa, apesar de ainda estar animado, o pensamento de sempre fica aparecendo e estragando meu humor. Quanto tempo isso ainda vai durar?

Na quinta-feira, cancelo a aula de matemática com o David para ter tempo de ir até em casa trocar de roupa antes de levar a Alicia para a fogueira e os fogos de artifício anuais de Guy Fawkes no Parque Eden. Eu nunca vi isso antes. Até este ano, o Parque Eden era uma terra distante sobre a qual eu não tinha a menor ideia, além de saber que não pertencia a esse lugar. Tenho a sensação de que a apresentação do Parque Eden vai ser muito diferente da de Cloverdale, não oficial, em que as crianças correm pelo conjunto

habitacional, jogando bombinhas umas nas outras, enquanto a sirene constante dos carros de bombeiros soa ao fundo.

Lembraí, lembraí do cinco de novembro. O verso me vem à cabeça enquanto me aproximo do parque. A Alicia já está lá quando chego, usando um gorro vermelho, que a faz ficar muito fofa, e balançando uma estrelinha. Quando ela me vê, solta a estrelinha e vem correndo na minha direção, jogando os braços ao redor do meu pescoço. Ainda fico balançado quando ela faz isso, com seu jeito tão desinibido, sem se importar com quem está nos vendo, como se sentisse orgulho de estar comigo.

Enquanto passamos pelos portões, apesar de eu ter quase certeza de que ninguém de Cloverdale vai estar ali, puxo meu gorro azul-marinho sobre a cabeça.

No centro do parque, uma fogueira gigantesca está queimando. Mesmo daqui, sinto seu calor no rosto. À esquerda tem um pequeno parque de diversões e várias barracas de alimentos.

– Vamos na roda-gigante! – diz a Alicia, me arrastando em direção às luzes.

Ela compra os ingressos, e nós subimos alguns degraus vacilantes para sentar nos primeiros assentos disponíveis. Um garoto não muito mais velho pega nossas entradas e puxa a barra de proteção da cabine. Quase imediatamente, nós subimos, balançando. A Alicia solta um gritinho e aperta meu braço.

– Me desculpa por ser uma criança – comenta ela com os olhos brilhando. – Mas eu adoro essas coisas.

Nosso carrinho sobe ainda mais, e o barulho lá embaixo começa a sumir enquanto subimos num ritmo constante. Olho para o lado, para o topo da cabeça das pessoas andando lá embaixo. Ao meu lado, a Alicia olha para eles, com uma expressão de espanto no rosto, e, naquele segundo, percebo que posso olhar para ela durante dias e nunca ficar entediado.

No topo, nossa cabine balança de leve enquanto mais passageiros entram e saem lá embaixo, e a Alicia solta um suspiro.

– É tão calmo aqui em cima – diz ela. – Eu adoro isso.

– Sei o que você quer dizer – respondo. – É como se eu pudesse respirar direito aqui em cima, se é que isso faz sentido.

– Faz total sentido – concorda a Alicia, pegando minha mão sem luva e a colocando sob sua mão enluvada.

Damos mais algumas voltas. Mas o que gosto mais é de estar no topo, onde, por alguns segundos, imagino que a Alicia e eu somos as únicas pessoas do planeta.

– Onde fica Cloverdale, daqui de cima? – pergunta ela.

Eu me viro e tento me localizar.

– Não sei, hum, acho que é pra lá – digo, apontando para a direita.

– Um dia você me leva lá?

– Aonde? Cloverdale? Você não quer conhecer Cloverdale, pode acreditar.

– Quero, sim – insiste ela, sacudindo minha mão. – Quero ver onde você mora, ver seu quarto, conhecer suas irmãs, sua mãe.

– Não tem muita coisa pra ver – comento de um jeito casual. – E minha mãe trabalha muito, ela quase nunca está...

– Você não está com vergonha de mim, né, Leo?

Faço uma careta.

– Até parece.

– Então, qual é o problema?

– Nenhum.

Tento imaginar a Alicia na nossa sala de estar abarrotada, sentada na pontinha do sofá, bebendo uma xícara de chá. De repente, minha mãe invade a imagem, andando com um cigarro pendurado entre os dedos e uma lata de cidra na outra mão. Aí o Spike entra em ação, passeando apenas com suas cuecas de desenho animado, arrotando e peidando e coçando o saco. Antes que eu perceba, a Tia também está lá, olhando para a Alicia como se ela fosse uma das suas adoradas princesas da Disney e fazendo uma tonelada de perguntas idiotas. Os três são como bombas-relógio em contagem regressiva, responsáveis por estragar tudo a qualquer momento, sem nenhum aviso. E eu nem falei da Amber.

– Eles sabem de mim, né? – pergunta a Alicia, se inclinando para longe de mim.

– Claro que sim – minto. – Eu não paro de falar de você!

Ela relaxa num sorriso e se aconchega de novo em mim.

– Me fala mais da sua mãe, Leo. Você nunca fala dela.

Franzo a testa e coço a cabeça, tentando pensar em como melhor descrever minha mãe, que é um desastre ambulante.

– Ela é difícil – digo por fim.

– Difícil como?

– Ela é uma daquelas pessoas cujo humor afeta a casa toda, sabe? Tipo, se ela está de bom humor, podemos todos relaxar, mas, se está de mau humor, todo mundo sabe e sente.

– Por que você acha que ela é assim? Quero dizer, deve ter um motivo pra ela agir desse jeito.

Dou de ombros.

– Não sei. É como ela sempre foi. Sinto mais pena da Tia, pelo menos quando ela não está me deixando louco. Ela não sabe o que fazer com minha mãe mudando de humor o tempo todo.

– Parece complicado – comenta a Alicia, acariciando minha mão.

– É tranquilo. Quero dizer, podia ser pior. Ela não bate na gente, nem deixa a gente com fome nem nada assim. Acho que ela só não é uma mãe tradicional.

Eufemismo do ano. Minhas bochechas de repente parecem quentes. Eu sempre fico nervoso quando sinto que posso ter falado demais. Durante alguns segundos, ficamos sentados em silêncio, o ar enevoado com a fumaça da fogueira.

– Leo? – diz a Alicia enquanto nosso carrinho balança para a frente e para trás.

– Eu?

– Depois dos fogos de artifício, hoje à noite, você quer ir lá pra casa?

Engulo em seco.

– Seus pais não vão estar lá?

A Alicia sorri triunfante.

– Não. Eles estão num jantar beneficente hoje à noite. Não vão voltar cedo. E meu irmão vai dormir na casa da minha vó, então a gente vai ter a casa toda só pra nós.

Ela se inclina para perto de mim, e seu hálito faz cócegas na minha orelha.

– Então, o que você me diz?

Em vez de responder direito, eu a beijo. E é um beijo maravilhoso, cheio de vontade e desejo e emoção e tudo o mais. Mas outra coisa também.

Medo.

Depois da roda-gigante, compramos cachorros-quentes e algodão-doce cor-de-rosa. Acerto todos os alvos na galeria de tiros e ganho um canário de pelúcia gigante para a Alicia.

Enquanto estamos indo em direção ao fogo, com a boca e os dedos grudados por causa do algodão-doce, ouço alguém chamar o meu nome. Meu primeiro instinto é congelar, apavorado com a possibilidade de ser alguém de Cloverdale. Mas aí junto a voz ao dono. David.

– Ei – digo, enquanto o David acena para nós através da multidão, a Essie e o Felix atrás dele. Usando calça jeans de boca fina, uma parca com gola de pele e um cachecol listrado de arco-íris arrastando pelo chão, ele parece diferente de quando está com o uniforme da escola: menos desajeitado.

– Oi, Leo. Está se divertindo? – pergunta ele. Parece nervoso.

– Aham. E você?

– É, estou, sim.

Ele olha de mim para a Alicia e de novo para mim. Pigarreio.

– Hum, pessoal, essa é a Alicia. Alicia, esses são o David, a Essie e o Felix.

A Alicia faz um sinal de positivo com a cabeça, entusiasmada.

– Já vi vocês na escola – diz ela. – Prazer em conhecer vocês adequadamente.

Um silêncio cai de repente, mais destacado ainda por causa do barulho ao nosso redor.

– Bom, isso é legal e constrangedor – diz a Essie em voz muito alta, estendendo a mão e pegando um punhado do meu algodão-doce. O David dá uma cotovelada nela.

A Alicia vira-se para mim e puxa o cordão do meu capuz.

– A gente devia ir, se quiser pegar um bom lugar na frente – diz ela.

– Certo – concordo. – Hum, vejo vocês na escola, tá?

– É, a gente se vê na escola – ecoam os três.

A Alicia entrelaça o braço no meu. Enquanto abrimos caminho pela multidão, olho por sobre o ombro. A Essie e o Felix foram para uma barraca de Patinhos na Lagoa, mas o David ainda está olhando na nossa direção, com uma careta muito discreta no rosto. Durante alguns segundos, nossos olhares se encontram. Ele sorri com firmeza antes de disparar para se juntar aos outros.

Às oito da noite, os fogos de artifício começam. Eu nunca dei bola para isso, mas acho que nunca olhei para eles do jeito certo, porque, desta vez, ouvindo a Alicia arfar e suspirar enquanto os fogos crepitam e estalam sobre nossa cabeça, virei um entusiasta.

É quase o suficiente para me distrair da ansiedade na minha barriga, que não dá sinais de que vai sumir.



25

– Tem certeza de que eles vão voltar tarde? – pergunto enquanto a Alicia destranca a porta da frente.

– Eu juro. Eles vão a esse jantar todo ano e sempre voltam de madrugada. Meu pai até tirou folga no trabalho amanhã por causa disso. Open bar e tal. Sério, temos horas.

– Certo – digo, seguindo a Alicia até o saguão escuro, arrastando o canário de pelúcia no chão atrás de mim.

Eu quase convenci a Alicia de que a gente devia ir ao Nando's com a Ruby e o Liam e outras pessoas da nossa turma. Não que eu quisesse ir, mas sabia que, até chegarmos lá, pedir, comer e discutir a conta, provavelmente seria tarde demais para ir até a casa da Alicia. Mas a Alicia já estava decidida, sussurrando alguma coisa no ouvido da Ruby antes de me arrastar para longe da segurança da multidão.

– Quer uma bebida? – pergunta ela, tirando o casaco.

– Hum, quero, por favor. Pode ser água ou Coca-Cola, se você tiver.

Ela revira os olhos.

– Estou falando de bebida de verdade.

Ela pega a minha mão e me conduz por uma porta que sai do corredor e leva à sala de estar. Ela acende a luz e abre um grande armário de vidro com pelo menos vinte garrafas de bebidas alcoólicas diferentes.

– Pode ser vodca? – indaga a Alicia, olhando o rótulo de uma das garrafas mais cheias.

– Claro.

Ela serve um copo de líquido claro para cada um de nós. Tomamos um gole ao mesmo tempo. Ele queima o fundo da minha garganta, e tenho que me esforçar para não tossir.

– Vamos levar a garrafa lá pra cima com a gente – sugere a Alicia, acenando para eu segui-la para fora da sala e subir a escada.

Não é a primeira vez que coloco os pés no quarto da Alicia. Mas essa é a primeira vez que faço isso sem os pais dela no andar de baixo e uma política rígida de porta aberta e luz acesa.

A Alicia fecha a porta e acende um abajur, espalhando um leve brilho cor-de-rosa pelo quarto. Ela vira de costas e se abaixa para colocar o iPod na caixa de som. Segundos depois, o quarto se enche de uma música suave e cheia de vida. Minha cabeça começa a latejar.

– Ella Fitzgerald – diz ela, sorrindo e colocando o copo vazio sobre a mesa.

Faço que sim com a cabeça.

Ela estende os braços. Sem falar nada, vou em direção a eles. Nossos lábios se encontram, os meus dormentes de álcool. Isso é bom. Beijar distrai, é seguro. Só que o pé da Alicia está envolvendo meu tornozelo e me inclinando em direção à cama.

– Ainda não tirei o sapato – aviso.

– Não se preocupa com isso – murmura a Alicia, caindo na cama e me levando junto.

– Mas estão sujos.

– Eu já disse: não se preocupa com isso.

Tento me concentrar nos beijos de novo, envolvendo seu rosto com as mãos e me concentrando em como é maravilhosa a sensação dos seus lábios nos meus, como sua pele é macia, seus pequenos suspiros.

– Leo – sussurra ela entre beijos –, você tem... uma... você sabe?

– Hum, não, não tenho, sinto muito – digo, meu corpo se inundando de alívio. – Não achei que...

– Tudo bem, eu dou um jeito.

– Ótimo – minto, o alívio fugindo do meu corpo na mesma rapidez com que entrou.

Continuamos a nos beijar. As mãos da Alicia escapam para baixo do meu moletom e da minha camiseta, meu corpo ficando tenso no instante em que ela faz isso. E, de repente, estamos de volta ao armário da Becky embaixo da escada. Minha respiração se acelera, e eu me sinto tonto e quente enquanto os dedos da Alicia continuam a subir. Eu me sento, ofegante.

– O que há de errado? – pergunta ela.

– Nada. Só estou com sede – respondo.

Ela me serve o segundo copo de vodca. Enquanto tomo um gole, a Alicia tira o top e a calça jeans, ficando apenas de calcinha e sutiã combinando, cor-de-rosa e acetinados, e se ajeita em cima do edredom. Olho para seu corpo. Ela é tão sexy e fantástica. E tudo que quero é tocar nela, sentir seu cheiro, ficar com ela. Mas sei que não posso.

Deixo-a me puxar de novo para a cama. Ela sobe em mim e me cavalga, e no início estamos apenas nos beijando, mas depois ela começa a brincar com os botões da minha calça jeans. Eu a empurro e me sento, com a pulsação alucinada.

– É sua primeira vez? É isso? Porque também é a minha primeira. Estamos nisso juntos – fala a Alicia, se ajoelhando na cama. Ela está tão linda que eu sinto vontade de chorar.

– Não é isso – digo.

– Então, o que é? Porque toda vez que eu encosto em você, você fica todo esquisito. Você diz que gosta muito de mim, mas toda vez que as coisas esquentam, você me afasta.

– Eu gosto de você. Que merda, Alicia, acho até que eu te amo.

– E eu acho que também te amo. Então, qual é o problema?

A enormidade do que ela acabou de dizer faz minha cabeça doer. Eu amo a Alicia, que me ama. Eu devia estar flutuando. Mas não estou. Porque sei que estou à beira de estragar tudo.

– Não tem nenhum problema – digo, desesperado –, só não posso fazer isso. Não hoje à noite.

– Mas por quê? – implora ela. – Qual é o grande segredo? Somos namorados, você devia poder me contar tudo.

– Mesmo que isso signifique que você vai me odiar?

– Não seja idiota – diz ela. – Eu não poderia te odiar, Leo.

– Você não sabe.

– Sei, sim.

Eu a encaro, a linda Alicia, seus olhos cheios de medo e esperança, tudo misturado.

– Me conta e pronto, Leo. Não quero que a gente tenha segredos.

Meu coração parece estar a dez mil quilômetros por hora.

– Você não sabe onde está se metendo – começo.

– Pelo amor de Deus, Leo, não sou uma garotinha – interrompe ela. – Não importa o que seja, eu aguento. Mas me conta.

– Talvez seja melhor você se vestir antes – digo.

A Alicia franze a testa, mas salta da cama e veste um roupão turquesa com um dragão chinês bordado nas costas. Ela amarra o cinto e volta para a cama, sentando de pernas cruzadas sobre o edredom. Hesito antes de sentar na borda ao lado dela. Ela se ajeita e fica de lado para mim.

– O que eu vou te dizer vai parecer muito estranho – digo, olhando para a frente. – Então, você tem que me prometer que vai me deixar terminar, está bem?

Tomo coragem e olho para ela. Seu rosto está sério, os olhos sem sorrir pela primeira vez.

– Está bem? – repito.

Ela fixa os olhos nos meus.

– Eu te falei, Leo, não importa o que seja, eu aguento.

Eu ainda posso fugir, mas, se fizer isso, sei que vou perdê-la. E talvez, apenas talvez, haja uma chance minúscula de ela não surtar com o que estou prestes a contar.

Fecho os olhos. Ouço a Alicia respirando ao meu lado e percebo que ela está nervosa com o que posso dizer.

– Você sabe que eu me afasto de você e tal, quando ficamos, você sabe, íntimos – começo.

Íntimos. Parece uma palavra tão idiota de repente. Rígida e formal. Não transmite nem um pouco o que sinto quando estou fazendo coisas com a Alicia, nem de perto. A Alicia estende a mão e pega a minha. Tenho que resistir à vontade de puxá-la de volta para meu colo. Em vez disso, tento ignorar seu polegar massageando delicadamente a palma da minha mão enquanto continuo a falar:

– Bem, tem um motivo pra eu estar agindo assim, me afastando e tal. E você tem que acreditar em mim quando eu digo que não é nada com você, está bem?

A Alicia aperta minha mão como se quisesse dizer “continua”, e sei que não posso mais adiar. De repente, me sinto tonto, como se, se eu abrisse os olhos, o quarto da Alicia estaria rodando a cem quilômetros por hora. Respiro fundo.

– Bem, o motivo pra eu estar agindo tão estranho é que eu não sou quem você pensa que eu sou.

Sinto que o aperto da Alicia na minha mão fica ligeiramente mais fraco.

Preciso falar de uma vez, e rápido, como arrancar um esparadrapo, antes que eu mude de ideia.

– Eu não nasci Leo – conto, minha voz ficando cada vez mais baixa, de modo que estou quase sussurrando.

Ella Fitzgerald parou de cantar. O quarto está em silêncio.

– Eu nasci menina.

Mantenho os olhos fechados enquanto a mão da Alicia se afasta rapidamente da minha.



26

No dia seguinte à exibição de fogos de artifício no Parque Eden, o Leo não almoça no refeitório.

– Quer dizer que ele e a Alicia estão saindo? – reflete a Essie enquanto separa as cenouras da torta de frango com o garfo.

– Como é que eu vou saber? – respondo.

– Pareceu que sim na noite passada – diz ela. – Eles estavam se agarrando.

– Como eu já disse, não sei – repito, irritado.

A Essie e o Felix trocam olhares. Finjo não perceber.

Naquela tarde, quando minha mãe me busca junto com a Livvy depois das aulas e passamos pelo ponto de ônibus, o Leo não está à vista.

Também não vejo o Leo na segunda-feira seguinte.

Na terça-feira, espero até cinco horas na biblioteca, mas o Leo não aparece para nossa aula particular de matemática.

No intervalo da manhã do dia seguinte, vejo Alicia Baker com Ruby Webber e Becky Somerville do lado de fora da lanchonete.

– Alicia?

Ela não me ouve no início. Tusso e repito seu nome, mais alto, desta vez.

Ela se vira para mim. Seus olhos estão injetados de sangue.

– Eu? – diz, me olhando como se eu fosse um fantasma.

– Hum, o Leo está doente? Não o vi a semana toda.

A Becky coloca um braço protetor sobre o ombro da Alicia.

– Ela não viu, não. E também não quer ver.

– Becky, não – fala a Alicia baixinho.

– Por quê? O que foi que ele fez? – pergunto, olhando da Alicia para a Becky.

– Partiu o coração da minha melhor amiga! – interfere a Ruby, colocando uma barra de Snickers aberta na mão da Alicia.

– Gente, para – diz a Alicia, olhando para os pés.

– O que aconteceu? – pergunto.

– Como se ela fosse te contar! A Alicia está chateada demais até pra se abrir com a gente – diz a Ruby, passando a mão no cabelo da Alicia. – Ela está magoada nesse nível.

– Mas, quando ela estiver preparada pra nos contar – acrescenta a Becky –, Leo Denton vai desejar nunca ter nascido.

A Alicia fecha os olhos.

– Gente, eu falei pra parar – insiste ela baixinho.

– Não que seja da sua conta – diz a Ruby para mim. – Agora, dá licença.

Ruby joga o cabelo por sobre o ombro, e ela e a Becky dão o braço para a Alicia e se afastam de mim.

Eu as encaro. Na última vez em que eu vi o Leo e a Alicia juntos, eles estavam aconchegados perto da fogueira, parecendo totalmente apaixonados.

Isso não faz o menor sentido.

Depois das aulas, vou até o escritório da administração, onde a srta. Clay, uma das secretárias da escola, confirma que o Leo não ia à escola desde a última quinta-feira – o dia da exibição de fogos de artifício no Parque Eden.

Vou até a biblioteca, sento na nossa mesa de sempre e tento resolver alguns dos problemas de matemática em que estávamos trabalhando na semana passada, mas não consigo me concentrar. Sem o Leo, os números ficam dançando no papel, zombando da minha cara, e, depois de vinte minutos, desisto e vou para casa.

Eu poderia ligar para o Leo, mas não tenho o número do celular dele. Sugeriu trocarmos nossos números várias vezes, mas ele sempre resistiu, dando uma desculpa ou mudando de assunto. Penso em perguntar à Alicia se ela tem, mas, quando a vejo na escola no dia seguinte, a Becky e a Ruby estão ao seu lado – seus guarda-costas não oficiais.

E foi assim que, na quinta-feira depois das aulas, eu me vi entrando no ônibus número catorze em direção a Cloverdale. Por sorte, minha mãe acha que vou me encontrar com o Leo para a aula particular, então tenho

algumas horas para matar antes que ela mande um grupo de busca atrás de mim.

A viagem leva tipo uma eternidade, logo deixando para trás as ruas arborizadas do Parque Eden e indo para o sul, em direção a um território desconhecido. Passamos pela Escola de Cloverdale, o terreno escuro e vazio. Parece um prédio de escritórios largo abandonado no centro de um estacionamento de concreto. Atrás da escola, consigo ver algumas árvores, o único verde à vista. Quando paramos, um bando de alunos da Cloverdale sobe no ônibus, passando por mim e subindo a escada, e mesmo sem querer fico feliz porque escolhi sentar no andar de baixo, perto do motorista.

Alguns minutos depois, uma voz robótica anuncia que a próxima parada é no Conjunto Habitacional Cloverdale – Lado Leste. Não tenho a menor ideia em qual lado de Cloverdale o Leo mora, então imagino que seja um bom lugar para saltar e aperto a campainha.

Apesar de pelo menos cinco pessoas saltarem do ônibus no mesmo ponto que eu, elas se espalham depressa, desaparecendo em ruelas ou em carros que estavam esperando, engolidas pelo conjunto habitacional, e, em um minuto, estou sozinho.

Cloverdale é ainda mais silencioso do que eu me lembrava. Olho por sobre os ombros antes de pegar o iPhone e esperar o sinal de GPS. Digito o nome da rua do Leo, Sycamore Gardens, e começo a andar, seguindo o cursor azul piscante na tela. O caminho me leva por uma pequena fileira de lojas no centro do conjunto habitacional, algumas já fechadas, com grades grossas de metal sobre as vitrines. Outras estão desocupadas, apenas cascas vazias com cartazes desbotados e vitrines caídas. A única loja aberta para os clientes parece ser um pequeno supermercado na ponta mais distante. Metade da vitrine está coberta por tábuas, com cacos de vidro quebrado reluzindo como purpurina na laje de concreto. Do lado de fora, um grupo de garotos com o uniforme da Escola de Cloverdale – calça cinza e suéter azul-marinho e amarelo – está fazendo bagunça, gritando e jogando petiscos uns nos outros. Olho para confirmar se meu blazer do Parque Eden não está visível sob o casaco e guardo o iPhone no bolso. De repente, me arrependo de não ter adiado a missão até o fim de semana, quando eu poderia ter vindo à luz do dia, com o Phil. Não que ele seja um cão de guarda muito eficaz, além de ficar enjoado no ônibus, mas, mesmo assim, o caminho certamente ia parecer menos assustador.

Já está anoitecendo quando entro na Sycamore Gardens. Identifico a casa do Leo de imediato por causa do gramado alto e do portão da frente quebrado. Fico aliviado de encontrar as luzes da sala de estar acesas e o zumbido fraco da televisão que mal dá para escutar enquanto atravesso o gramado até a porta da frente. Procuo uma campainha. Não existe, então dou uma batida na caixa de correio torta e espero. Poucos segundos depois, ouço o barulho de chaves seguido da fechadura se virando. A porta se abre alguns centímetros, restrita pela corrente de segurança, e o rostinho pálido de uma garotinha me olha pela abertura. Ela tem olhos azuis aquáticos e uma coisa escura, chocolate, talvez, manchada ao redor da boca.

– O que você quer? – exige saber.

– Hum, o Leo está? – pergunto.

– Não.

– Tia, quem é?! – grita uma voz feminina.

– Não sei, alguém procurando o Leo! – berra de volta a menininha, que imagino que seja a Tia.

Mais alguns segundos se passam até um segundo rosto aparecer acima do da Tia, alguém com olhos muito familiares. Os olhos me analisam por um instante antes de a corrente de segurança ser solta e a porta se abrir, revelando uma adolescente vestida com um macacão de estampa de leopardo com cabelo louro-oxigenado preso no alto da cabeça.

– Posso ajudar? – pergunta ela, cruzando os braços.

– Estou procurando o Leo – gaguejo, espiando a sala de estar atrás dela. Vejo um conjunto de três sofás laranja, que domina o pequeno espaço, e metade de um aparelho de TV enorme. A garota percebe que estou olhando e coloca o braço no portal para bloquear minha visão.

– E você, quem é? – pergunta ela.

– Hum, David, amigo do Leo da escola.

Ela ergue as sobrancelhas.

– É com você que ele anda o tempo todo?

– Acho que sim.

– Sou irmã dele, Amber.

– Prazer em conhecer – digo, estendendo a mão. Seus braços continuam cruzados, e ela me encara, como se dissesse: você é real? Deixo minha mão cair no lado e finjo limpá-la na calça.

– O Leo não está – diz a Amber.

– Não? Ah. Bem, você sabe onde ele está?

– No complexo aquático, acho.

Contorço o rosto, como se pedisse desculpas.

– Como é?

– No complexo aquático? O antigo complexo aquático. No fim da Renton Road?

Balanço a cabeça.

A Amber revira os olhos de novo.

– Você não é daqui, né?

– Hum, não.

– Foi uma pergunta retórica – retruca ela.

– Ah.

– Tia! – grita ela.

A Tia já voltou para a sala de estar e está vidrada num episódio barulhento de *Horrible Histories*.

– Que foi?! – grita a Tia de volta.

– Vou sair por uns dez minutos. Não abra a porta pra nenhum desconhecido.

– Tá bom!

A Amber pega um casaco na pilha sobre o corrimão e veste sobre o macacão.

– Não quero atrapalhar – digo depressa. – Se você me der o nome da rua, tenho certeza de que eu encontro pelo celular.

A Amber enfia os pés num par de botas cor-de-rosa felpudas e se empertiga.

– Sem querer ofender, um garoto como você vai ser comido vivo por aqui. Estou surpreso de você ter conseguido chegar até aqui, pra ser sincera. Nah, melhor eu te levar.

E, com isso, ela bate a porta da frente depois que saímos e segue pela Sycamore Gardens, me deixando sem opção além de me apressar atrás dela.

A Amber anda rápido, e a massa de cabelo louro-branco sobe e desce na sua cabeça.

– O Leo não me contou que tinha uma irmã mais velha – digo enquanto corro ao seu lado.

– Provavelmente porque ele não tem – responde ela.

– Mas você disse...

– Somos gêmeos.

– São? – pergunto, surpreso. – O Leo nunca me falou.

A Amber dá de ombros.

– Isso explica tudo – continuo.

– Explica o quê? – indaga a Amber de um jeito intenso.

– Seus olhos. São idênticos aos do Leo.

– São? – murmura ela, antes de virar à esquerda e nos conduzir por um beco estreito. Saímos numa rua principal.

– Lá está – avisa ela, apontando para o outro lado da rua, na direção de um prédio grande rodeado por uma cerca de ferro batido, e só o telhado arqueado é visível em cima. Atravessamos a rua. A Amber me faz contornar o perímetro da cerca. Em intervalos de alguns metros, vejo cartazes grandes que dizem “Propriedade Privada – Invasores Serão Processados”, quase todos eles pintados com grafites.

– O que é mesmo este lugar? – pergunto, cruzando os braços e tremendo.

– O antigo complexo aquático – responde a Amber. – Está aqui desde a época vitoriana. Foi fechado alguns anos atrás.

– Por quê?

– Saúde e segurança, acho.

– E agora está abandonado?

– É, praticamente. Houve um boato durante um tempo sobre transformar o local em apartamentos de luxo, mas nada aconteceu até agora. Eles devem ter percebido que ninguém com dinheiro suficiente pra comprar um apartamento de luxo ia querer morar em Cloverdale.

Quando chegamos aos fundos do prédio, longe do brilho dos postes de rua, o anoitecer virou escuridão total. A Amber pega seu celular e ilumina a cerca.

– É aqui – murmura ela, levantando um dos painéis da cerca e revelando um buraco retangular pequeno. Ela faz sinal para eu engatinhar por ele. Hesito antes de ficar de joelhos e me espremer pelo espaço estreito. Eu me viro, esperando ver a Amber engatinhando atrás de mim, mas ela está colocando o painel da cerca no lugar.

– Ei, espera! Você não vai entrar? – pergunto, o pânico aumentando na minha voz.

Ela se agacha para espiar pelo buraco e olha para mim como se eu fosse maluco.

– Claro que não.

– Mas pra onde eu vou agora? Onde está o Leo? – pergunto.

– Aí dentro em algum lugar – responde ela. – Pode ser que você precise usar seu celular pra enxergar. É bem escuro aí dentro.

– Ah, tá. Bom, hum, obrigado por me trazer.

– Por nada – diz ela.

E, num piscar de olhos, a Amber foi embora, me deixando sozinho, agachado na escuridão, possivelmente prestes a ser assassinado. Eu me levanto e limpo as mãos enlameadas na calça antes de enfiar uma delas no bolso para pegar o celular. Ajeito as alças da mochila e começo a contornar o prédio. Estou tremendo como um louco e várias vezes quase tropeço nas pilhas de entulho no caminho. Tomo coragem para olhar ao redor, percebendo que o complexo aquático em si é construído com tijolos vermelhos bonitos e decorado com entalhes de pedra intrincados. Na frente, vejo degraus de pedra que sobem até uma entrada em forma de arco apoiada em quatro pilares grossos de pedra. Subo os degraus e empurro a porta, sem esperar que se abra, mas ela abre, e entro aos tropeços no saguão, caindo com as mãos e os joelhos no piso de mármore. Enquanto me levanto, o cheiro de cloro me atinge. Depois, a pura quietude. É como se todos os barulhos do mundo tivessem sido sugados, tirando o som da minha respiração irregular.

Levanto e começo a andar para a frente, com as pernas tremendo. Aponto a tela do celular para a área de recepção. À minha direita tem uma mesa antiga com gavetas e uma cadeira giratória. À minha esquerda tem uma máquina de vendas morta, vazia. Na minha frente, um conjunto de roletas. Passo por elas e continuo andando. Chego aos vestiários: damas à esquerda, cavalheiros à direita. Por hábito, entro no de cavalheiros, imaginando que assim vou chegar até a piscina e, espero, até o Leo. Já não tenho a menor ideia do caminho que fiz ao entrar, e o pensamento de passar a noite preso num complexo aquático vitoriano abandonado não me deixa exatamente feliz.

Está muito escuro. Meu celular apita, informando que a bateria está fraca. Decido economizar a energia e o coloco de volta no bolso, recorrendo ao tato para encontrar o caminho. Deixo minhas mãos passarem sobre os armários de metal, com as chaves ainda nas fechaduras. Num dos armários tem uma toalha esquecida – dura e com cheiro azedo. Meus olhos aos poucos se acostumam à escuridão, e consigo perceber os ganchos e os bancos alinhados às paredes, os chuveiros e os mictórios. Viro a esquina e sou recebido por um brilho fraco de luz. Vou em direção a ele.

Saio e logo percebo que estou no lado da piscina. Acima de mim, as nuvens se espalharam, e a meia-lua cintila através do telhado, que eu agora vejo que é de vidro, envolvendo o lugar todo com um brilho prateado. Fileiras de assentos de madeira dobráveis acompanham o comprimento da piscina de ambos os lados. Numa das pontas tem uma plataforma de mergulho com três andares e, na outra, cinco janelas altas e estreitas. Eu me aproximo devagar e olho para baixo. A piscina está vazia. Claro. E, mesmo assim, não deixo de me sentir decepcionado. Eu me sento na borda, penduro as pernas e fico encantado porque o fundo parece ser muito distante, sem água para distorcer a profundidade. Tiro o celular moribundo do bolso e aponto a tela para o fundo.

– Ei!

Deixo o celular cair. Ele faz um barulho alto quando atinge o fundo da piscina.

Acabou. Vou morrer.

– Ei! – repete a voz. Em pânico, não consigo identificar de imediato de onde a voz está vindo e levo vários segundos para rastreá-la até uma figura em pé na plataforma de mergulho mais alta. Um segundo depois, um facho estreito de lanterna ilumina meu rosto. Eu me levanto, espremendo os olhos e protegendo-os com a mão.

– David? – diz a voz.

– Leo?

Há um suspiro audível e o que parece uma coleção de uns dez palavrões, todos unidos para formar o maior xingamento de todos, antes de ouvir o gemido do metal indicando que o Leo está descendo a escada. Quando ele chega ao fim, meu coração meio que para de ameaçar sair do meu peito.

O Leo anda na minha direção, com um dos braços na frente, apontando a lanterna para minha cabeça.

– Não atira – brinco.

O Leo não ri.

– Como foi que você chegou aqui? – exige saber ele, os olhos brilhando de raiva.

– Sua irmã me trouxe – gaguejo. – A Amber. Ei, por que você não me contou que tinha uma irmã gêmea?

Ele ignora a pergunta.

– Ela não devia ter te trazido.

– Não é culpa dela. Eu perguntei onde você estava.

– Tanto faz – resmunga o Leo, abaixando a lanterna.
– Esse lugar é muito legal – comento. – Assustador, mas legal. Você costumava nadar aqui? Quero dizer, quando estava aberto?

O Leo não me responde.

– Você não devia estar aqui, David – diz ele.

– Mas eu estava preocupado. Você não apareceu na escola a semana toda.

– Eu estava doente. Estou doente.

Analiso seu rosto sob a fraca luz da lua.

– Você não parece doente – observo.

Ele me ignora, virando-se e apontando a lanterna para o fundo da piscina.

– Quer que eu pegue? – pergunta ele, apontando para baixo com a cabeça.

– Como?

– Seu celular.

– Não, eu posso pegar.

Ele me ignora de novo e pula para o fundo da piscina. Ele pega o celular e joga para mim. Fico surpreso por conseguir pegá-lo.

– Quando é que você vai voltar? – pergunto enquanto o Leo sobe pelos degraus de metal, os tênis rangendo nos azulejos.

Ele não responde.

– Você não pode parar de me dar aulas particulares agora – continuo. – Tirei B num teste outro dia. Você acredita? O sr. Steele quase caiu da cadeira, chocado. E é tudo por sua causa.

O Leo para e senta no degrau superior, os braços em volta do corrimão.

– Quem disse que eu vou voltar? – resmunga ele.

– Mas você tem que voltar – digo.

Apesar de o Leo só estar no Parque Eden há alguns meses, a ideia de ele não estar mais por perto me parece totalmente errada.

– De acordo com quem? – diz o Leo.

– Não sei. Eu. As autoridades.

Ele bufa.

Eu me sento perto dele, envolvendo as pernas dobradas com os braços.

– O que aconteceu, Leo? – pergunto. – Por que você não tem ido pra escola?

Ele não faz mais nada além de balançar a cabeça.

– Tem alguma coisa a ver com a Alicia Baker?

Ele se vira de repente para mim.

– Por quê? O que foi que ela disse?

– Nada, na verdade. Ruby Webber e Becky Somerville estavam falando por ela.

– E o que elas disseram? – exige saber ele.

– Elas também não falaram muita coisa – admito. – Explicaram que a Alicia está sofrendo demais pra contar a elas o que aconteceu.

O Leo expira profundamente, franze a testa e faz que sim com a cabeça.

– O que foi que aconteceu, Leo?

– Nada – rosna ele, afastando a cabeça de mim.

– Não pode ser nada. Se não fosse nada, você não estaria escondido aqui.

– Não estou escondido – retruca ele, pulando de volta para o fundo da piscina. Acho que ele cai mal, porque solta um xingamento e manca em círculos por um tempo.

– Você está bem?! – grito, descendo a escada atrás dele.

– Estou ótimo – dispara ele.

– Não pode ser nada – repito. – A coisa com a Alicia, quero dizer. Eu vi vocês juntos na fogueira, e vocês estavam superapaixonados, e agora acabou tudo?

– Não é da sua conta, David.

– Mas eu quero ajudar – insisto, olhando para cima, para as bordas da piscina se assomando bem acima da minha cabeça.

– Acredita em mim, você não pode ajudar – responde o Leo.

– Experimenta – sugiro, me plantando na sua frente. Ele me olha por um segundo antes de balançar a cabeça e me empurrar para trás com delicadeza.

– Vai pra casa, David – diz ele com a voz cansada.

– Não.

– O quê?

Respiro fundo.

– Não – repito. – Todo mundo pode ter acreditado na sua atuação de cara perigoso, mas eu não. Não tenho medo de você, Leo, nem um pouco.

O Leo vem na minha direção, com o peito todo estufado.

– Ah, é? – diz ele.

– É sério – respondo, me empertigando. – E não vou a lugar nenhum enquanto você não falar comigo.

O Leo me olha furioso, os olhos frios e intensos.

– Sou seu amigo, Leo – acrescento.

Ele bufa de novo.

– Você mal me conhece, David – diz ele.

Mas ele está errado. Eu o conheço, sim. E sei que quero conhecer mais. Não tenho a menor ideia do motivo. Só sei que me sinto atraído por ele de um jeito que não sei explicar e não consigo afastar a suspeita de que, por baixo de tudo, ele me entende e também se sente atraído por mim.

– Conheço, sim – continuo com delicadeza. – Sei que você é gentil e doce e paciente.

O Leo revira os olhos na direção do telhado de vidro.

– É sério! – digo. – Por favor, me diz o que aconteceu. Vou te apoiar, não importa o que seja, eu juro que vou.

O Leo solta uma risada.

– Foi isso que ela disse.

– Quem? – pergunto. – A Alicia?

– Esquece.

O Leo se agacha de costas para mim. De repente, ele parece pequeno, como uma criancinha. Eu me agacho ao seu lado. Quero consertar as coisas, fazer tudo melhorar, mas não sei como.

– Leo – eu me vejo dizendo num sussurro baixo. – Se eu te contar uma coisa, um segredo, uma coisa que só a Essie e o Felix sabem sobre mim, você promete não contar pra ninguém?

Ele balança a cabeça e ri.

– Estou entendendo o que você quer fazer – retruca ele. – Você me conta um segredo idiota e espera que eu te conte as minhas merdas em troca, né?

– Não. É uma coisa que eu *quero* te contar. Você não tem que me contar nada em troca, de verdade.

Estou falando sério. De repente, quero conhecê-lo. Quero me abrir com ele, ficar vulnerável, sem expectativas.

O Leo dá de ombros.

– Então, você promete? – sussurro.

– Promete o quê? – pergunta ele num sussurro exagerado, zombando de mim.

– Não espalhar o que estou prestes a te contar? – digo.

– Olha, David, não dou a mínima pro seu segredo idiota, tá bom?

– Promete? – repito em voz alta.

– Prometo – resmungo ele, revirando os olhos, sem me olhar.

Eu me sento no chão e me viro para ficar de frente para ele. O chão da piscina parece frio e duro através do tecido fino da minha calça do uniforme.

– E se eu disser que não sou gay?

– Mas você é gay, você mesmo me disse. Você gosta daquele garoto escandinavo... Qual é o nome dele mesmo? Olsen.

Suspiro. Preciso abordar o assunto por outro ângulo.

– Deixa eu começar de novo. Lembra aquela vez, depois da nossa primeira detenção juntos, quando você me perguntou por que o Harry me chama de Show de Aberrações?

– Aham – responde o Leo, mexendo no cadarço do tênis.

– Bom, eu meio que não te contei a verdade toda.

Ele dá de ombros de novo.

– O que você queria ser quando era pequeno? – pergunto.

Ele franze o nariz.

– Não sei.

– Você devia querer ser alguma coisa.

– Já disse que não sei – responde ele, irritado. – Olha, o que isso tem a ver com você ser gay ou não?

Apesar do frio, as palmas das minhas mãos estão molhadas de suor. Eu as seco na calça, mas novas gotas de suor aparecem quase imediatamente. Pigarreio.

– Tá bom, quando eu tinha oito anos, a professora pediu pra turma escrever o que a gente queria ser quando crescesse.

Fecho os olhos e, de repente, estou de volta na sala de aula da srta. Box, o cheiro das sobras da merenda e do suor e da grama flutuando sobre as cabeças baixas enquanto escrevemos, minha língua retorcida de concentração enquanto minha caneta acelera pelo papel, empolgado com a tarefa que recebi, sem saber o que vinha pela frente.

Abro os olhos. O Leo está franzindo um pouco a testa.

– Depois que terminamos de escrever – continuo devagar –, a srta. Box, ela era nossa professora naquele ano, andou pela turma em ordem alfabética pedindo pra todo mundo se levantar e dizer o que queria ser. Todas as outras crianças queriam ser jogadoras de futebol ou artistas e tal, e eu meio que fiquei com aquela sensação que às vezes dá depois de uma prova, quando você sai e está se sentindo bem confiante, mas aí todo mundo começa a

discutir as respostas e de repente você percebe que fez tudo errado. Sabe o que eu quero dizer?

O Leo meio que faz que sim com a cabeça.

– Bem, enquanto a srta. Box passava pela sala, eu me senti assim. Porque eu não tinha escrito sobre querer ser jogador de futebol nem ator nem médico, como todos os outros. Eu não tinha escrito nada assim. Eu escrevi o que eu realmente queria ser. – Sinto meu rosto ficando vermelho. – O que eu realmente sou.

O Leo agora está me olhando. Diretamente. Fico tonto.

– Escrevi que eu queria ser uma menina – digo, minha voz falhando em “menina”.

Como o Leo não fala nada, continuo. Conto do caderno de recortes, da minha caixa de roupas, das cartas infinitas que escrevi para meus pais e nunca mandei. Conto da pesquisa que fiz na internet; dos sites e fóruns nos quais me aprofundei; dos vídeos do YouTube a que assisti repetidas vezes. Conto das minhas inspeções semanais e como eu me sinto ao olhar no espelho e perceber que o interior e o exterior não se encaixam; que eles nem chegam perto.

O tempo todo, ele não me interrompe. Apenas me encara, quase sem piscar, com uma expressão indecifrável.

– Às vezes – digo –, olho no espelho e o garoto que está do outro lado... é meio que um desconhecido pra mim, até mesmo um alienígena. É como se o verdadeiro eu estivesse lá dentro em algum lugar, mas, por enquanto, estou preso neste corpo esquisito que eu reconheço cada vez menos a cada dia. Isso faz algum sentido?

O Leo abre a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas nenhum som sai.

– Claro que não faz sentido – digo, triste. – Como poderia?

– Por que você está me contando tudo isso? – pergunta o Leo por fim com a voz meio rouca.

– Não sei – admito. – Acho que apenas existia uma parte de mim que queria compartilhar uma coisa importante com você. Algo realmente importante.

– Entendi.

Um silêncio se instala entre nós. O Leo está brincando com a barra desfiada da calça jeans, e só me vem à cabeça a ideia de que o apavorei e que ele cansou de me ouvir. Fui burro em pensar que ele reagiria de outro

jeito. Afinal, não é todo dia que alguém se vira para você e diz que quer ser do sexo oposto, muito menos um garoto que você conhece há apenas alguns meses.

– Acho que agora você também pensa que eu sou uma aberração – falo, minha voz saindo baixa e triste.

O Leo olha diretamente para mim. Nossos olhos se fixam por um instante, e as sardas âmbar do Leo cintilam sob a luz da lua.

– Não acho que você seja uma aberração, David – diz ele com a voz lenta e cuidadosa.

– Não?

Seus olhos estão com um brilho vidrado. Não são lágrimas (acho que nem consigo imaginar o Leo chorando), mas algo parecido.

– Não – repete ele. – O que eu quero dizer é que eu entendo.

Eu suspiro.

– Isso é muito gentil, mas você não entende, Leo, não pode entender.

Ele me olha durante um segundo antes de xingar entre os dentes e se levantar. No início, acho que ele está sinalizando que é hora de ir embora, que a conversa acabou, e faço um movimento para me levantar também. Mas aí percebo que, em vez de se afastar, ele está tirando o moletom. O que não faz o menor sentido, porque está absolutamente congelante aqui, minha bunda está quase dormente. Eu o encaro, confuso. Ele joga o moletom para o lado. Seu cabelo está levantado em tufo bagunçados. E tira o suéter, depois a camisa, o tempo todo sem dizer uma palavra, o rosto sem expressão, mas determinado, até estar vestindo apenas a camiseta branca. Seus braços se arrepiam no mesmo instante. Ele para durante um segundo antes de levantar a camiseta, não sobre a cabeça, mas até o queixo. Em vez de pele, seu peito está coberto pelo que poderia parecer, para qualquer pessoa, um top branco apertado. Mas não para mim. Sei exatamente o que o Leo está usando. E ele sabe que eu sei. E é como se as peças do quebra-cabeça que andavam flutuando na minha mente nos últimos meses de repente se encaixassem para formar uma imagem.



27

– Você é uma garota? – sussurra o David, tão baixinho que eu mal consigo escutar.

Deixo a camiseta voltar ao lugar. O frio me atinge de repente, forte e gelado. Sinto um tremor subindo pela coluna. O David se levanta num pulo, pegando minhas roupas e as jogando nos meus braços.

– Rápido, veste de novo, senão você vai morrer congelado – diz ele, e seus olhos quase não encontram os meus, a testa muito franzida, como se seu cérebro estivesse doendo só de tentar entender o que acabou de ver.

Enquanto visto de novo as camadas de roupa, sinto que ele observa cada movimento meu, provavelmente procurando todas as pistas que ele deixou passar, os sinais que não viu.

Coloco o capuz do moletom sobre a cabeça e cruzo os braços.

– Você parece que viu um fantasma – digo.

O David faz que sim com a cabeça bem de leve. Porque acho que, de certa forma, ele viu mesmo.

– Você é uma garota – repete ele. Desta vez não é uma pergunta, é mais uma declaração de um fato que ele sabe que é verdade.

– Bom, tecnicamente, prefiro o termo ‘garota biológica’, já que você insiste – digo.

– Mas você parece um garoto – retruca o David, espantado. – Total e absolutamente um garoto.

– O que posso dizer? Eu treinei muito.

Lá vou eu de novo. Sendo um espertalhão. Mas o David não parece perceber nem se importar. Ele dá um passo à frente, analisando meu rosto, me rodeando lentamente, como se eu fosse uma escultura numa galeria de

arte. E meio que espero ele me cutucar, só para confirmar que eu sou de verdade.

– Você toma hormônios e tal? – pergunta ele.

– Bloqueadores hormonais – digo. – Eles congelam a puberdade.

– Já li sobre eles na internet – murmura o David. – Há quanto tempo você usa?

– Quase seis meses.

– Uma injeção?

– É, a cada três meses.

– Dói?

Balanço a cabeça.

– E como você se sente? Diferente?

– Acho que sim.

– Isso significa que você não menstrua mais?

Fico tenso.

– É. Você faz muitas perguntas, sabia?

– O que acontece depois disso? – pergunta ele. – Depois dos bloqueadores hormonais, quero dizer.

– Bem, ano que vem eu devo passar pra testosterona.

– Testosterona – ecoa ele, destacando cada sílaba como se testasse o tamanho da palavra.

– Dois alunos trans numa escola – comento. – Quem poderia imaginar, hein?

Percebo, então, que talvez eu tenha suspeitado do David o tempo todo, mas não admiti para mim mesmo até ele me contar. Porque, por algum motivo, não estou surpreso. Na verdade, faz muito sentido, apesar de eu ter estragado tudo tirando minha camiseta. Merda, eu fiz isso mesmo?

– Eu li em algum lugar que a maioria das escolas tem pelo menos dois alunos transgêneros – diz o David. – Sempre achei que era uma estatística inventada, pra fazer garotos como eu se sentirem menos estranhos. Nunca, nem em um milhão de anos, eu acharia que o outro seria você.

Dou um sorriso fraco.

– Você acha que existe uma versão transgênero do gaydar? – continua o David. – Se existir, o meu está totalmente errado.

Olho para meus pés.

– É, bom, ninguém devia saber. Era pra ser um segredo.

Sinto os olhos do David em mim, me perfurando, como se quisessem entrar e se enterrar na minha pele.

– Você contou pra Alicia, né? – pergunta ele devagar. – É por isso que ela não quer falar com você. E por isso você não tem ido à escola.

– Muito perceptivo – retruco, amargo.

Só de falar no nome da Alicia, fico enjoado.

– O que aconteceu? – indaga ele.

– O que você acha que aconteceu, hein?

O David olha para os próprios pés.

– Sinto muito.

– É, bem... – resmungo, dando de ombros, pensando que, talvez, se agir como se não me importasse, eu realmente deixe de me importar.

– Foi por isso que você saiu da Cloverdale também? – pergunta o David.

Não respondo.

– É isso, não é?

Suspiro.

– É, foi por isso que eu saí da Cloverdale.

– O que aconteceu? Você também estava disfarçado lá?

– Disfarçado? – digo. – Ei, isso não é um desenho do Scooby-Doo, sabe?

Ele fica vermelho.

– Desculpa, mas esse vocabulário todo é meio novo pra mim. Sem falar que ainda estou meio em choque com, bem... com isso – diz ele, apontando para mim.

– O nome certo é camuflagem – explico. – E não, eu não estava camuflado na Cloverdale. Todo mundo lá sabia, era impossível evitar, porque eu fiz o Ensino Fundamental com metade deles, e todo mundo me conhecia como Megan.

– Megan – diz o David. – Claro. Eu sou uma besta.

– O que você quer dizer? – pergunto.

– Procurei seu nome no Google e encontrei um monte de coisa sobre uma garota chamada Megan Denton. Ei, você não era tipo campeão de natação? É por isso que você vem aqui?

– Alguma coisa assim – murmuro. Não gosto de falar da minha vida como Megan para ninguém.

– E como foi? – pergunta o David. – Na escola?

Fecho os olhos durante um segundo, tentando pensar num jeito adequado de resumir a vida na Cloverdale.

– O inferno na terra? – digo, abrindo os olhos.

– De que maneira?

Balanço a cabeça.

– Aconteceu alguma coisa específica? Pra fazer você sair de lá? – força a barra o David.

Começo a me sentir quente, do jeito que sempre acontece quando a conversa ruma para o que ocorreu em fevereiro.

– Não quero falar nesse assunto.

E não quero mesmo. Se existe uma coisa sobre a qual quero pensar menos do que na Alicia Baker, é isso.

– Por favor? – pede o David.

– Não, David, sério.

– Por favor. Eu quero saber. Quero entender. Não sei, talvez eu possa ajudar.

E não sei se é porque já falei tanta coisa que imagino que não tenho nada a perder ou porque as nuvens cobriram a lua, mergulhando o complexo aquático na escuridão, ou o quê. Mas, por algum motivo, resolvo contar.



28

É um dia congelante de fevereiro, um daqueles dias cinzentos de inverno em que o sol parece nunca chegar alto o suficiente ao céu. Mas não me importo. Porque hoje vou encontrar Hannah Brennan no bosque depois das aulas.

Ela tem me lançado uns olhares há semanas. No início, era só uma olhadinha rápida no corredor ou um sorriso no refeitório. Eu olhava para trás a fim de ver se ela não estava mirando em outra pessoa, mas logo percebi que eram para mim. E aí os olhares ficaram mais longos, mais sedutores. Outro dia, de manhã, ela lambeu os lábios nitidamente para mim. Nas aulas, ela inventa desculpas para falar comigo. Pede material emprestado, encosta os dedos nos meus por um tempo quando passo para ela um fluxo infinito de canetas e réguas.

Eu nunca me interessei especificamente pela Hannah, não mais do que por qualquer outra garota da escola. Mas, nos últimos meses, comecei a perceber como sua bunda fica gostosa na saia apertada do uniforme, percebi o contorno rendado do seu sutiã escapando pela blusa, pensei em como seria beijá-la. Durante um tempo, ela foi namorada do Alex Bonner, mas eles já terminaram há meses. Ela tem uma reputação de ser meio selvagem. Tem um boato sobre ela e um dos monitores e outro sobre ela e Clare Conroy na viagem da escola para Londres... A Amber acha que a Hannah é uma vagabunda. Mas, por outro lado, essa é a opinião padrão da Hannah sobre qualquer pessoa de quem ela não gosta.

Enfim, ontem eu estava indo para a aula de geografia quando a Hannah apareceu do nada e me arrastou para um nicho perto das salas de arte. Ela pressionou o corpo todo no meu, esfregando seus peitos nos meus, o perfume barato preenchendo minhas narinas, me deixando tonto.

– Me encontra amanhã depois da aula – disse ela, sem fôlego.

– Onde?

– No bosque. Quatro horas.

– Mas por quê?

Ela me deu um sorriso alucinadamente sexy.

– Vai me encontrar e eu te mostro.

E aí ela foi embora.

Passo o dia todo debatendo se devo ou não ir encontrar a Hannah, mas, quando o sinal toca no fim do dia, digo à Amber que vou ficar para resolver uns problemas de matemática. Ela estreita os olhos e acha suspeito, mas não força a barra. Vou até o banheiro de deficientes perto da sala dos funcionários e vejo meu reflexo. Coloco duas balas de menta na boca ao mesmo tempo. São apenas 3h40. A escola já parece vazia. Ando pela biblioteca, sem olhar de verdade para os livros, só matando o tempo. Às 3h55, saio e atravesso o estacionamento em direção ao bosque.

O bosque é tipo um nome elaborado para o conjunto de arbustos e árvores atrás da escola. É oficialmente fora dos limites. Não que alguém dê muita atenção a isso. Nos intervalos e na hora do almoço, é usado por Alex Bonner e seu bando. Selvagem e coberto de vegetação, depois que escurece é frequentado por drogados e bêbados. Enquanto caminho pela vegetação rasteira, vejo duas agulhas abandonadas e uma camisinha usada. Estou indo para a pequena clareira no centro, onde imagino que a Hannah vai estar me esperando.

Chego e encontro o local vazio. Verifico a hora. Exatamente quatro horas. Tem um caixote de madeira velho deitado de lado. Eu o viro de cabeça para baixo e sento. Olho para cima. No alto, a luz do dia está se dissolvendo.

Quatro e cinco. Ouço um crepitar na vegetação rasteira. Eu me levanto. Percebo que meu coração está batendo numa velocidade alucinada. No início, acho que é porque estou nervoso por causa da Hannah, mas depois percebo que não é nervoso; é medo. Porque, de repente, alguma coisa não parece certa. O som que vem na minha direção é alto demais, pesado demais, para ser apenas uma garota.

É aí que começo a correr.

– Ela fugiu! – grita alguém. É Robert Marriott, braço direito de Alex Bonner.

– *Atrás dela!* – berra o Alex.

Continuo correndo. Mas sei que não posso continuar em linha reta, porque, se fizer isso, vou parar na cerca ao redor da escola. Preciso desviar para a esquerda ou para a direita se quiser ter alguma esperança de sair daqui sem me pegarem. Eles estão me alcançando, seus gritos e berros ficando mais altos a cada segundo. Pelo som, são pelo menos oito pessoas, talvez mais. O bando todo. Viro à esquerda, mas não consigo ir muito longe sem que percebam. Eu corro bem, mas entre o grupo está Tyler Williams, que compete nos cem metros rasos pela cidade, e é ele que está me alcançando, contornando as árvores com destreza, percebendo minhas viradas súbitas com facilidade. De repente, ele está em cima de mim, agarrando meu suéter e me puxando para trás, me segurando até os garotos mais altos e mais fortes conseguirem alcançá-lo e me jogarem no chão, tirando meu casaco e jogando para o lado. Entre eles está o Alex. Ele pega um rolo de corda de plástico azul na mochila e corta dois pedaços com uma faca Stanley. E passa um pedaço para os garotos aos meus pés e outro para os garotos na minha cabeça. As duas primeiras tentativas de me amarrar fracassam, porque estou me debatendo muito. Mas aí o Alex me dá um chute forte na barriga. Eu me dobro de dor. Os dois grupos entram em ação, amarrando a corda com força ao redor dos meus pulsos e tornozelos enquanto eu me contorço no chão de terra. O Alex fica em pé em cima de mim.

– *Se você não tivesse aparecido hoje, teríamos te deixado em paz – diz ele. – Mas você brincou com a sorte. Achou que podia colocar suas mãos imundas de traveco na minha namorada, e por isso você vai ter que pagar.*

– *Namorada?* – gaguejo.

– *Espera um instante, você não achou que a Hannah estava realmente interessada em você, né? Sinto muito por decepcionar você, colega, mas ela gosta de homem de verdade.*

Atrás dele, os outros garotos abafam o riso.

– *Vamos – late Alex.*

Ele se afasta e deixa os quatro garotos maiores para me levantarem. Eu me debato o quanto posso, mas a corda parece ficar ainda mais apertada, se esfregando dolorosamente na minha pele. Sou arrastado de volta para a clareira e amarrado na maior árvore, a corda apertando minha barriga.

– *Acho que está na hora de você se lembrar do que realmente é – diz o Alex. Ele pega a faca Stanley no bolso e expõe a lâmina. Ela brilha sob a*

luz.

Decido usar a única arma que tenho. Grito. Passei tanto tempo diminuindo minha voz de propósito que nem sei se vou conseguir fazer isso, e, no início, o único som que consigo emitir é um grito agudo interrompido. Mas aí tudo muda, e passo a emitir um som que nem tinha ideia de que era capaz. Os garotos recuam, chocados.

– Coloca fita na boca da garota! – grita o Alex.

O Tyler revira a mochila antes de vir na minha direção com um rolo de silver tape. Ele corta um pedaço com os dentes e o coloca na minha boca. Durante um segundo, nossos olhares se encontram. O Tyler e eu costumávamos brincar juntos na creche. Tento gritar de novo, mas o som é abafado pela fita.

– Bem, onde é que eu estava? – fala o Alex.

Vejo seu hálito no ar. Alex vem na minha direção, os olhos e a faca Stanley cintilando. Por que ele não pode apenas me dar uma surra?, penso. Já levei surras suficientes para saber que dou conta de aguentar. Qual é o problema de mais um olho roxo? Mas me dar uma surra seria entediante.

Ele pega a faca Stanley e corta meu suéter, do pescoço para baixo, com cuidado para não cortar a corda que está me prendendo na árvore. Ele corta de novo. O tecido cai nos meus pés. Ele faz a mesma coisa com a camiseta da escola, me deixando apenas de camiseta branca e binder. O frio me atinge com tanta força que dói.

Em seguida, o Alex corta minha camiseta, e percebo que estou chorando; lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto. Fecho os olhos. Se eles vão fazer o que acho que vão fazer, não quero ver seus rostos. Quando ouço o tecido da camiseta ser arrancado do meu corpo, escuto uma zombaria coletiva. E aí o Alex está serrando o meu binder, a faca Stanley cortando com dificuldade o material grosso.

– Fica parada – exige ele.

Fecho os olhos com força, meu corpo em convulsão, sem lágrimas restantes.

– Alex Bonner!

A voz da sra. Hale, vice-diretora, é inconfundível.

A faca quica no meu joelho e cai no chão. Mas, mesmo assim, não consigo abrir os olhos. Eu os mantenho fechados com força enquanto sou desamarrada, enquanto a fita é cuidadosamente removida da minha boca, enquanto a sra. Hale coloca os meus braços no seu casaco e telefona para

pedir ajuda. Por fim os abro para ser guiada de volta até a escola. A última coisa que vejo são minhas roupas rasgadas no chão e o brilho da faca do Alex em cima delas.

Descubro que foi o zelador que alertou a sra. Hale. Ele viu o Alex e sua gangue indo para o bosque e achou suspeito. Mais tarde, me disseram que alguns garotos tentaram fugir, mas foram logo cercados, junto com a Hannah.

Alguém me dá um uniforme da caixa de achados e perdidos para vestir. Tudo é grande demais. Minha mãe chega com a Tia a tiracolo para me buscar. Quando a sra. Hale percebe que não temos carro, ela nos dá uma carona até em casa. Minha mãe não diz uma palavra, apenas fica com um olhar irritado durante todo o caminho.

Não falei durante uma semana.

E nunca mais voltei à Escola de Cloverdale.

– Mas o que aconteceu? Com o Alex e os outros? – sussurra o David, interrompendo o silêncio.

Passo as mãos no cabelo. É a primeira vez que conto para alguém o que aconteceu de uma vez só. Até a Jenny ouviu a história aos poucos e nunca soube de tudo. Eu me sinto exausto, mas estranhamente aliviado.

– Então? – me estimula o David.

– Alex foi expulso. Os outros foram suspensos por uma semana.

– Só isso?

– O que mais eles podiam fazer? Expulsar dez alunos de uma vez só?

– E aí eles fizeram você ir embora?

– Eles recomendaram que eu fosse pra outro lugar. Pela minha segurança, disseram. Acho que eles não conseguiam lidar com a questão. Tive um professor particular em casa o resto do ano. Eu ficaria feliz de continuar assim, mas aí consegui a vaga no Parque Eden. Era pra ser um recomeço. Que piada, né? – digo, minha boca se curvando num sorriso falso.

– Não é tarde demais. Você ainda pode voltar – diz o David, com o rosto cheio de esperança.

– Não posso, não.

– Mas você não pode sair agora.

– Agora é o momento exato pra eu sair. Antes que mais pessoas descubram.

– Isso seria tão terrível?

– Você não escutou nem uma palavra do que eu acabei de contar? O mundo não é delicado com pessoas como eu.

– Pessoas como nós, você quer dizer? – pergunta o David.

Nossos olhares se fixam por um instante. Os olhos do David são grandes, intensos. Me dão vontade de desviar o olhar.

– O Parque Eden não é a Cloverdale. Vai ser diferente – assegura ele.

– Será? O Harry faz da sua vida um inferno por uma coisa que você escreveu anos atrás, quando era só um garotinho. Ele já me odeia. Imagina o que faria se descobrisse o que eu acabei de te contar. O objetivo de vida dele seria me destruir, você sabe, e aposto que ele não estaria sozinho.

O David engole em seco.

– A Alicia pode não contar. Você pode conseguir manter o segredo, afinal.

Balanço a cabeça.

– Você devia ligar pra ela – diz o David.

– Você acha que eu já não tentei? O celular dela está desligado. Ela nem quer ouvir minha voz, quanto mais falar comigo.

O David olha para os pés e na mesma hora eu me sinto mal por gritar com ele.

– Desculpa – murmuro.

Há uma longa pausa.

– Leo, posso te perguntar uma coisa? – pergunta o David.

Dou de ombros.

– Como foi que sua mãe reagiu? Quando você falou que queria viver como um garoto?

Suspiro.

– Nunca houve esse momento. Sempre foi o jeito como eu era, praticamente desde que nasci. Ela não dava bola, no início, quando eu dizia que eles tinham cometido um grande erro no hospital. Ela me mandava calar a boca e tal, mas deve ter ficado cansada de me ouvir implorar, porque me levou ao médico. E, quando eles levaram a sério e me encaminharam pra um especialista, ela também passou a levar a sério. Durante um tempo, éramos muito próximos, mas nos últimos anos brigamos o tempo todo. Mal conseguimos ficar no mesmo ambiente hoje em dia sem um dos dois perder a cabeça.

– Mas você tem sorte – fala o David baixinho –, por ela ter te aceitado assim, mesmo que vocês não se deem tão bem hoje em dia.

Balanço a cabeça.

– Não sei, sorte não é a palavra que me vem à cabeça quando penso na minha mãe.

Silêncio. O David rói a unha e me observa, como se estivesse esperando que eu falasse mais alguma coisa.

– Então, o que você vai fazer? – pergunta ele por fim. – Em relação a tudo?

Não tenho palavras para responder.



29

O Leo caminha comigo até o ponto de ônibus. O tempo todo, minha cabeça está girando.

O Leo é como eu, que sou como ele.

Quero fazer um milhão de perguntas, mas não sei por onde começar. Longe da segurança escura da piscina, o Leo fica calado de novo. Dou umas olhadas para ele pelo canto do olho, procurando as evidências que deixei passar, meus olhos subindo e descendo pelo seu corpo em busca de pistas. Mas ele ainda é o mesmo Leo: melancólico, mal-humorado e complicado.

Quando chegamos ao ponto de ônibus, começa a chover e tem uma névoa cinzenta no ar.

– Podemos trocar nossos números, talvez? – pergunto.

O Leo franze a testa.

– A menos que você queira que eu bata na sua porta toda vez que você sumir – digo.

Isso resolve a questão, e o Leo fala seu número com relutância, numa voz monótona. Ligo na mesma hora para ele. O celular do Leo se acende no bolso da calça jeans, o toque baixinho e firme.

– E agora você tem o meu – digo. – Caso você precise falar comigo – acrescento de um jeito significativo.

– Certo – murmura ele, sem olhar para mim. – Olha, você se importa em esperar sozinho?

– Ah. Claro, tudo bem.

Ele faz que sim com a cabeça. Ficamos parados de um jeito constrangido por um segundo, expostos sob a luz forte do ponto de ônibus depois da escuridão sombria da piscina.

– Eu já vou, então – diz ele, virando-se.

– Espera – disparo.

Ele se vira com a sobancelha franzida.

– Vou te ver de novo? – pergunto.

As palavras parecem bobas no instante em que saem da minha boca – excessivamente dramáticas e sentimentais, como se fossem uma fala de filme ou peça de teatro.

O Leo não diz nada; só dá de ombros e cutuca uma lata de Coca-Cola vazia com o pé. Vejo os faróis de um ônibus que se aproxima. Ele inclina a cabeça na direção do ônibus.

– Momento apropriado – comenta ele.

– É – murmuro, procurando o dinheiro do ônibus na mochila.

– Às vezes a gente espera séculos – acrescenta o Leo, os olhos grudados na rua.

Estendo a mão, e o ônibus começa a diminuir a velocidade.

Respiro fundo e digo de uma vez o que quero dizer:

– Seria uma pena de verdade, sabe, se você não voltasse pra escola.

O Leo não diz uma palavra, mirando o olhar em algum ponto acima das minhas sobancelhas.

– Eu ia sentir muita falta de você – acrescento, ficando corado na mesma hora.

O Leo continua sem responder.

O ônibus para, e as portas se abrem. Subo e coloco o dinheiro na abertura. Quando chego ao assento, o Leo já desapareceu de vista, engolido pelo Conjunto Habitacional Cloverdale.

Enquanto o ônibus se sacode pela cidade em direção ao norte, a imagem do Leo levantando a camiseta para mostrar o binder aparece repetidas vezes na minha cabeça. É quase demais para eu absorver, e começo a temer que meu cérebro possa explodir de empolgação e com as perguntas não respondidas. E aí percebo. Finalmente, não estou sozinho. Tem alguém que entende *exatamente* como eu me sinto. A revelação me dá vontade de gritar e cantar para todo o deque inferior do ônibus.

– Como foi a aula de matemática? – pergunta minha mãe quando chego em casa.

– A aula de matemática foi fantástica – respondo, me jogando no sofá.

– Uau! – exclama ela. – Nunca pensei que fosse ouvir você usar as palavras ‘matemática’ e ‘fantástica’ na mesma frase. O Leo deve ser um ótimo professor.

– Ele é – digo baixinho. – É o melhor.

Antes de ir para a cama, mando uma mensagem de texto para ele:

Te vejo na escola? Dx

Ele não responde. A ideia de ele não estar mais lá me deixa enjoado. Mais do que nunca, ele tem que voltar para a escola. Precisa voltar.



30

Quando chego em casa, a Tia está sentada de pernas cruzadas no chão, com a Amber no sofá atrás, a testa franzida de concentração enquanto ela tenta obrigar o cabelo ralo da Tia a ficar preso numa trança francesa. Quando ela me vê entrar na sala, levanta uma das sobrancelhas.

– O que foi aquilo tudo? – pergunta ela.

– Não é da sua conta – murmuro.

– O Leo não quer falar. Que surpresa – diz ela para ninguém em especial.

Eu a ignoro, me jogando no sofá ao lado da Amber, exausto.

Ela prende a parte de baixo da trança da Tia com um elástico de cabelo e dá um tapinha no ombro dela.

– Tudo pronto, T.

A Tia fica radiante antes de engatinhar para pegar o controle remoto embaixo da mesa de centro.

– Onde está a mamãe? – pergunto.

– No pub com o Spike. Eles estão comemorando.

– Comemorando? Comemorando o quê? – pergunto.

– O Spike vai se mudar pra cá.

– Ele já não fez isso?

– Não oficialmente, parece.

Pego um exemplar velho do *Sun* no braço do sofá e finjo ler. O tempo todo, sinto a Amber me observando.

– Sua vida toda não pode ser um segredo gigantesco, Leo – diz ela.

– Por que não? – respondo, continuando a ver as palavras impressas, mas sem absorver nenhuma delas.

– Porque, senão, você nunca vai aproveitar a vida. Você vai estar ocupado demais olhando por sobre o ombro o tempo todo, sempre

preocupado com a possibilidade de as pessoas descobrirem. Isso não é vida.

– E o que você espera que eu faça? – pergunto, abaixando o jornal. – Porque contar a verdade não tem funcionado muito bem até agora.

– Não sei, Leo, mas você podia começar me contando por que eu estou ligando pra escola a semana toda pra dizer que você está doente.

Jogo o jornal para o lado e me levanto.

– Vou sair.

– Mas você acabou de chegar.

– É, mas não estou no clima de ter companhia, não sei por quê.

Deixo a porta da frente bater com força depois que saio.

Passo a sexta-feira e o sábado no sofá vendo DVDs com a Tia. Qualquer coisa que não me faça pensar. Porque pensar significa tomar decisões. E tomar decisões pressupõe opções. E, neste momento, opção é algo que eu não tenho. Garanti isso quando fui longe demais com a Alicia.

Estamos no meio de *O rei leão* quando meu celular apita. Eu me jogo em cima dele, esperando que seja a Alicia, mas é o David.

Falei com A. Vai ficar tudo bem. Ela não vai contar! Dx

Falei com A.? Do que ele está falando? Aí percebo. A. é a Alicia.

Mando uma mensagem de texto, meus dedos se movendo depressa sobre as teclas.

Como assim? O que vc disse pra ela?

Alguns segundos depois, chega a resposta do David.

Perguntei se ela tinha contado pra alguém e ela disse que não. E não está pretendendo contar. Boa notícia!!! Dx

Soco o sofá, tirando a Tia do seu transe da Disney e fazendo-a dar um pulo. Como foi que o David teve coragem de meter o nariz falando com a Alicia assim? E se alguém tiver escutado?

– Você tá bem, Leo? – pergunta a Tia, com os olhos arregalados e assustados.

– Aham, T., tá tudo bem. Me desculpa por te assustar – murmuro, distraído.

Meu celular apita de novo.

*Você ainda está aí? Não ficou feliz? Ela não vai contar pra ninguém!
Tudo vai continuar em segredo! Dx*

Ele deve achar mesmo que é simples assim. Talvez contar a ele tenha sido um grande erro.

Verifico meus créditos do celular. Quase acabando. Pego o telefone fixo e o levo à orelha, aliviado ao ouvir um tom de discagem. Minha mãe pelo menos se lembrou de pagar a conta. Eu o levo até o corredor, fechando a porta da sala de estar com um clique, e digito o número do David.

– Alô? – atende ele ansioso.

– É o Leo – digo, irritado, sentando no segundo degrau.

– Ah, oi, Leo! Esse é seu telefone fixo?

– Que diabos você pensou que estava fazendo? – rosno. – Falando com a Alicia desse jeito?

– O que você quer dizer? – pergunta ele, com a voz baixa e magoada.

– Você não tinha o direito de fazer isso, David, nenhum direito mesmo.

Do outro lado da porta, ouço a Tia cantando “Hakuna Matata”, fazendo todas as vozes. Coloco a mão sobre o ouvido livre e me viro para a parede numa tentativa de bloquear o som.

– Mas ela está tranquila, não vai contar pra ninguém. Ela prometeu – insiste o David. – Achei que você ia ficar feliz.

Solto um rosnado.

– Me diz o que ela falou.

– Quando eu perguntei, ela disse que não tinha contado pra ninguém e não planejava contar.

– Só isso?

– Não tínhamos muito tempo. Eu praticamente tive que persegui-la pra conseguir ficar sozinho com ela, pra começar. A Ruby e a Becky mal saíram do lado dela a semana toda.

Solto a respiração. Quer dizer que a Alicia não vai contar. Mas não sinto alívio, nem de perto.

– Leo? – diz o David. – Você ainda está aí?

– Aham.

– Achei que você ia ficar feliz.

– É porque ela está com vergonha – digo sem emoção. – Esse é o único motivo pra ela manter o segredo.

– Você não tem como saber – começa o David.

Eu o interrompo.

– Sei, sim – retruco com firmeza.

Há uma pausa. Ouço o Phil latindo ao fundo.

– Me desculpa por não ter te contado – fala o David baixinho.

– Olha, me desculpa por ter surtado com você, tá? – digo com um suspiro. – Só que eu não gosto quando as pessoas metem o nariz nas minhas coisas.

– Eu só estava tentando ajudar.

– Eu sei, eu sei. Só que... – Deixo minha voz sumir.

Não sei o que pensar. A única coisa de que eu tenho certeza é que a Alicia me odeia. O fato de ela não estar pensando em contar não muda isso.

– Você vai voltar pra escola, então? – pergunta o David com a voz esperançosa.

– Hein?

– Escola? Você tem que voltar em algum momento.

Passo as mãos no cabelo e tento me visualizar entrando pelos portões da escola, almoçando no refeitório. Sentando atrás da Alicia na aula de inglês. As primeiras duas coisas consigo aguentar. A terceira...

– Você tem provas em breve, não? – acrescenta o David. – E a papelada de inscrição no liceu? Você não pode perder tudo isso, Leo, você sabe que não pode.

Eu o odeio por estar certo. Tirar boas notas nas provas é minha passagem para sair de Cloverdale. Se eu for bem, posso entrar na faculdadezinha da cidade, depois ir para a universidade em algum lugar bem longe: Escócia ou Cornwall ou, sei lá, talvez até no exterior, começar do zero. Mas nada disso é possível sem o certificado de conclusão do Ensino Médio. E, para isso, tenho que voltar para o Colégio Parque Eden.

Tenho que encarar a Alicia.

Solto um suspiro. O David aproveita a oportunidade.

– Isso significa que eu vou te ver na escola segunda-feira? – pergunta ele.

– Não sei. Talvez. Olha, eu tenho que ir.

Desligo, apoio a cabeça na parede e fecho os olhos.

Na sala de estar, a Tia ainda está cantando.



31

Na segunda-feira de manhã, espero o Leo no ponto de ônibus em frente à escola. Na minha frente, dois ônibus estão parados diante dos portões, os motores zumbindo com delicadeza, os motoristas de cada um parados na calçada, conversando e fumando. Deve ter um passeio hoje para algum lugar.

Verifico a hora no celular. O número catorze está atrasado. Ao longe, o primeiro sinal toca. Observo enquanto o pátio se esvazia aos poucos. Vejo a Essie e o Felix de longe, o cabelo recém-pintado de vermelho da Essie quase reluzindo.

Fico na ponta dos pés e espio pela rua em busca do ônibus do Leo, curtindo o sol de inverno no rosto e o céu azul brilhante acima de mim. A manhã parece fresca, cheia de otimismo, e não consigo evitar um sentimento de esperança pelo Leo, porque as coisas vão ficar bem, afinal.

Minha mente ainda está agitada com tudo que ele me contou na semana passada. Na verdade, eu mal consegui pensar em outra coisa. Estou tão cheio de perguntas que posso explodir, mas sinto que o Leo vai precisar de um tempo antes de estar preparado para responder a todas elas.

O ônibus finalmente aparece, barulhento. Não vejo o Leo entre os passageiros que estão descendo e, por um instante, tenho medo que ele não volte para a escola hoje, afinal, mas aí eu o vejo descendo os degraus, a última pessoa a saltar. Parece cansado. O cabelo está emaranhado, como se ele tivesse acabado de sair da cama, e está com olheiras que quase parecem hematomas e com aparência de doloridas. Quando ele me vê, faz uma careta.

– O que você está fazendo aqui? – pergunta ele, mudando a mochila de um ombro para o outro.

– Achei que você gostaria de ter um pouco de apoio moral – digo, radiante.

– Eu me viro bem sozinho, obrigado – murmura ele, estreitando os olhos sob o sol, usando a mão como escudo.

– Eu sei que sim – falo. – Eu só queria te ver e dizer oi.

– Tá bom, oi – responde ele, revirando os olhos.

Ao longe, o segundo sinal toca.

Ele suspira.

– Vamos lá, então.

Atravessamos a rua e passamos pelos portões, cruzando o pátio deserto.

– Como foi o resto do seu fim de semana? – pergunto.

– Normal – resmunga o Leo.

Ele não retorna a pergunta.

Dou uma olhada de relance para ele. Apesar de parecer absolutamente arrasado, a aparência se encaixa nele. Faz com que pareça estressado, quase perigoso. É uma aparência que eu não poderia ter nem em um milhão de anos.

Ele empurra a porta principal, e há um momento constrangedor quando percebo que ele está segurando a porta para mim, fazendo papel de cavalheiro.

– Você vai entrar ou o quê? – pergunta ele quando hesito.

– Claro – digo, me abaixando sob seu braço.

O Leo logo vira à esquerda, em direção às salas de chamada do segundo ano do Ensino Médio.

– Se precisar de mim hoje, pra qualquer coisa, é só me ligar! – grito atrás dele.

Ele balança a cabeça ligeiramente e continua andando.

Chego à sala quando todo mundo está saindo. O Harry passa me empurrando, me esmagando no portal. Quando o sr. Collins me vê, faz uma cara feia e uma marcação exagerada de “atrasado” em preto no meu nome na chamada. Peço desculpas e vou direto para a aula de biologia.

Quando chego, a Essie e o Felix já estão lá, sentados lado a lado no nosso banco de sempre, as cabeças encostadas uma na outra.

– Ei – digo, puxando um banco.

– David, a gente estava te procurando! – diz a Essie, se endireitando na cadeira. – Onde você estava hoje de manhã?

– Resolvendo umas coisas – respondo, colocando a mochila no colo e tirando o estojo.

Parece estranho não falar mais nada, mas eu me sinto mais seguro não dizendo absolutamente nada. Afinal, o segredo do Leo não é meu, para eu sair contando.

– Isso significa que você não soube? – pergunta o Felix.

– Soube do quê?

Os dois trocam olhares arregalados.

– Do Leo – responde a Essie.

– Do que você está falando? – pergunto, sem clima para jogos de adivinhação.

– Espera, você não sabe mesmo? – diz o Felix.

Olho ao redor. A turma toda está animada, a conversa barulhenta pontuada com suspiros ocasionais ou gritinhos de riso. Viro-me de novo para a Essie e o Felix.

– O que exatamente está acontecendo?

– Olha – começa o Felix, pigarreando –, parece que o Leo Denton não é exatamente quem ele diz que é.

– O que você quer dizer? – pergunto, colocando a mão no banco para me apoiar.

– Becky Somerville foi atrás de um aluno da Escola de Cloverdale no Facebook – conta a Essie. – Um primo de um primo ou qualquer coisa assim, e ele contou pra Becky o motivo exato pro Leo ter saído de lá.

Engulo em seco. Não preciso que a Essie diga mais nada.

– Lá está ele! – grita a Lexi, apontando pela janela do outro lado da sala. Metade da turma corre para se juntar a ela.

– Você não devia dizer lá está *ela*? – zomba o Tom, seguido de um coro de risadas.

Eu me junto ao grupo, abrindo caminho até a janela. Ao meu lado, os narizes dos meus colegas de turma estão praticamente amassados no vidro, seus rostos reluzindo de empolgação e escândalo.

Abaixo de nós, sem perceber o público espantado, o Leo está atravessando o pátio, indo em direção aos dois ônibus que vi mais cedo.

O dr. Spiers entra na sala, latindo para sairmos da janela e nos sentarmos. Relutantes, nos afastamos da janela e voltamos aos bancos.

Eu me sento no meu banco, tremendo. Pego o celular. Talvez, se eu for rápido o suficiente, consiga alertá-lo. Estou no meio do texto quando a mão

do dr. Spiers bate com força na mesa, a centímetros da minha mão.

– Me dá.

– Mas, senhor, é uma emergência.

– Nada de mensagens em sala de aula. Sem desculpas. Agora me dá o celular.

– Por favor, senhor – começo a implorar.

– Me dá o celular, sr. Piper – diz o dr. Spiers numa voz entediada, com o braço estendido. – Antes que eu perca a paciência.

Com o dedo mindinho, consigo apertar o botão de enviar no texto incompleto antes de colocar o celular na mão aberta do dr. Spiers. Observo enquanto ele o tranca na gaveta da sua mesa.

– Você pode pegar depois das aulas – diz ele.

Sei que é inútil ao menos tentar argumentar com ele.

Quando o dr. Spiers começa a aula, fecho os olhos e faço uma coisa que não faço desde que eu era criancinha e realmente queria uma Casa dos Sonhos da Barbie de presente de aniversário.

Eu rezo.

Rezo pelo Leo.



32

Depois de chegar à sala e encontrá-la vazia, atravesso de novo o pátio conforme a sra. Craig me instruiu.

Eu me lembro de ter levado uma carta para casa sobre o passeio, semanas atrás, em outubro. É para uma galeria na cidade; um “agrado” antes que a gente tenha que se matar de estudar para as provas. Eu me esqueci de pedir à minha mãe para assinar o papel de autorização e tive que falsificar sua assinatura no ônibus.

Na minha frente, vejo uma fila de alunos esperando para embarcar em dois ônibus. Diminuo o passo. Parece que é o grupo inteiro do meu ano. Ótimo. Procuro a Alicia. Não consigo evitar; meus olhos procuram por ela antes que meu cérebro os impeça. No instante em que a vejo, é como se meu coração tivesse saltado para a boca. Ela está em pé com a Ruby, os lábios franzidos e os braços cruzados, a massa de cachos pretos preso com uma faixa prateada.

Fico para trás, sem querer que ela me veja, e espero para ver em qual ônibus ela embarca antes de escolher o outro.

Sou o último a embarcar, e o sr. Toolan risca meu nome numa lista enquanto subo os degraus.

– Bem-vindo de volta, Leo – diz ele. – Está melhor agora?

– Sim, senhor, obrigado – respondo, sem olhar para ele.

Eu hesito, procurando um assento sozinho.

– Vamos lá, Leo, não temos o dia todo – fala o sr. Toolan. – Tem muitos lugares pra sentar.

Relutante, escolho um assento na frente, perto de uma garota da minha turma de francês – Serena, acho que esse é seu nome. Ela é calada na aula e só fala quando a madame Fournier pede, então tenho quase certeza de que

ela não vai tentar conversar comigo durante o passeio. Quando sento, seus olhos se arregalam para mim antes de se desviarem. Sem conseguir fazer minha mochila caber embaixo do banco em frente, eu me levanto e a coloco no compartimento superior. Enquanto ajeito as alças, sinto os olhos da Serena em mim de novo, só que ela é rápida demais e vira a cabeça para olhar pela janela antes que eu consiga pegá-la em flagrante. O sr. Toolan está falando com o motorista. Eu me recosto e percebo que a Serena contorceu o corpo para longe do meu, com uma perna cruzada sobre a outra, de modo que ela está quase de costas para mim. Qual é o problema dela?

O outro ônibus sai primeiro, passando por nós pelo lado esquerdo. Procuo a Alicia nas janelas, só que o vidro é pintado, então só consigo ver sombras escuras.

Meu celular vibra no bolso. Eu o pego. É uma mensagem de texto do David, verificando como estou, imagino.

Leo, não importa o que aconteça, não entra no ônibus. Acho

Eu encaro o aparelho. A mensagem para aí. Ele acha o quê? Talvez esteja pensando que o passeio ia significar ver a Alicia inesperadamente e quisesse me avisar. Tarde demais. Tento ignorar as ondas de enjoo na barriga e fecho os olhos.

Quando nosso ônibus abre caminho pelo lado do tráfego da hora do rush, tento me desligar. Só preciso me concentrar em passar pelo dia de hoje. Vou me preocupar com o amanhã quando ele chegar. Um passo de cada vez. Quando chegarmos à galeria, espero que eu consiga escapar, ficar longe do caminho de todo mundo até a hora de voltar para casa. Começo a me sentir um pouco melhor.

Mas aí ouço. *Megan.*

Meus olhos se abrem de repente, e escuto com cuidado. Digo a mim mesmo que devo ter imaginado, mas não estou convencido. Olho para a Serena. Ela está usando uma versão cor-de-rosa claro dos fones de ouvido que a Alicia usa. Está ouvindo uma música pop, o tipo de coisa que a Tia gosta de cantar junto. Eu queria ter um iPod e fones de ouvido para afogar isso tudo.

Fecho os olhos de novo, mas, desta vez, não consigo ignorar o enjoo no estômago.

Chegamos à galeria mais ou menos meia hora depois. Parece um cubo de açúcar gigantesco; quadrada e branca e moderna. Enquanto somos conduzidos para fora dos ônibus em direção ao saguão, fico cara a cara com a Alicia. Ela andou chorando, tenho certeza. Seus olhos estão vermelhos, o rosto inchado. Ela encontra meu olhar por um segundo. Seus olhos piscam de pânico e depois desviam. Quero ir até ela e abraçá-la, ajeitar as coisas, só que sei que não posso.

Somos divididos em quatro grupos. Meu coração afunda quando percebo que estou no mesmo grupo que a Alicia. Penso em me juntar a um dos outros grupos, mas a srta. Jennings está de olho em mim.

Somos conduzidos para dentro da primeira galeria pelo nosso monitor, um chinês animado com sotaque americano. O salão é comprido e branco e tem uma iluminação forte. Os quadros na parede são enormes e o tipo de arte que odeio; o tipo que parece feito por um bebê. Mesmo assim, tento ouvir o que o monitor está nos dizendo; qualquer coisa para me distrair do fato de que a Alicia, chorosa, está a apenas alguns centímetros de mim.

– Aberração.

A palavra vem cheia de veneno e, apesar de eu não ter certeza, acho que é direcionada a mim. Tento continuar calmo e luto contra a vontade de me virar, descobrir de quem é a voz e fazer a pessoa pagar por isso.

Na minha frente, o monitor acena com as mãos enquanto fala da inspiração por trás do quadro diante de nós. Não dou a mínima – para mim, mais parece um monte de tinta vermelha e azul jogada numa tela –, mas tento me concentrar nas palavras dele de qualquer maneira, me aproximando aos poucos do fim do grupo, indo para longe da voz. O tempo todo, o pânico está crescendo dentro de mim. Porque isso só pode significar uma coisa: a Alicia contou, e meu segredo foi revelado.

– Traveco.

Desta vez, sei de quem é a voz. A srta. Bocuda em si: Becky Somerville. Viro-me para encará-la. Ela sorri de um jeito convencido.

– Do que foi que você me chamou? – exijo saber, levantando o peito contra ela.

– Traveco – responde ela com inocência. – Estou tão feliz por você ter respondido.

Ela sorri com doçura quando vê meus punhos cerrados.

– Você não vai bater numa menina, vai? Espera, que boba que eu sou, esqueci que é uma briga justa. Vai em frente. Vamos ver quanto tempo você

vai durar no Parque Eden.

Respiro fundo e solto os punhos. Meu Deus, como eu a odeio.

A Alicia estende a mão e puxa a Becky para trás, que se vira e faz uma cara feia para ela.

– O que foi? Ela merece, depois do que fez com você – diz a Becky, dando mais ênfase à palavra “ela”. – Ela não passa de uma pervertida mentirosa.

Os alunos ao redor dela fazem barulhos, concordando. Seus rostos estão ficando borrados. Eu me sinto tonto.

– E aí, Alicia? – diz um garoto chamado Charlie. – Como foi passar pro outro lado?

– Ah, vai à merda – retruca a Alicia.

Eu nunca tinha ouvido a Alicia xingar. É uma das coisas de que eu mais gosto nela, o fato de ela não sentir necessidade de se mostrar desse jeito, não que ela esteja se mostrando agora; muito pelo contrário, seu rosto está vermelho de vergonha.

– Ela não passou pro outro lado, seu idiota – diz a Ruby, com raiva. – Não é culpa da Alicia: ela foi totalmente enganada pelo Leo; ou devo dizer Megan?

– Shhh! – ordena a srta. Jennings, olhando furiosa para todos nós.

A Ruby faz uma pausa antes de baixar a voz.

– A Alicia é a vítima, aqui.

– Cala a boca, Ruby – pede a Alicia.

– Mas é verdade!

– Eu disse cala a boca!

A conversa toda parece acontecer em estéreo, e tenho certeza de que as paredes estão começando a rodar. Quero berrar e gritar com eles, enlouquecer e sair correndo, mas não posso. Porque meu cérebro está sendo consumido por um pensamento.

A Alicia disse que não ia contar. Prometeu. Ela não é especial, afinal. É como todo o resto, como a Hannah.

Preciso ir embora. Agora.

O monitor segue para o próximo quadro. No instante em que a srta. Jennings vira a cabeça, eu me abaixo atrás de outro grupo da escola antes de me virar e sair da galeria o mais rápido possível.



33

São quase duas horas quando consigo voltar para Cloverdale. Precisei pegar três ônibus para voltar da galeria. Eu não tinha dinheiro suficiente para o terceiro ônibus, por isso tive que me esgueirar pela porta dos fundos.

No caminho todo para casa, meu cérebro é uma confusão de pensamentos; imagens da Alicia colidindo com lembranças do bosque, da galeria. As coisas nunca vão mudar. Enquanto houver uma chance de ser descoberto, eu nunca vou estar seguro, sempre vou estar à espera. Preciso sair daqui, e rápido.

Quando me aproximo de casa, ouço o rugido fraco do aspirador de pó. Minha mãe está em casa.

Penso em dar meia-volta, mas estou morrendo de fome e sei que minha mãe e o Spike foram ao supermercado outro dia, então a geladeira tem comida de verdade pela primeira vez em semanas. Sem contar que sei que minha mãe tem um turno na lavanderia às três. Se eu for rápido quando ela sair, posso fugir de casa sem ter que encontrar a Amber nem a Tia.

Uma imagem indesejada da Tia percebendo que fui embora flutua na minha cabeça, o lábio inferior começando a tremer, os cílios molhados com o início das lágrimas. Eu a afasto.

Quando enfio a chave na fechadura, ouço o aspirador desligar. Fecho a porta, tiro o blazer e jogo-o sobre o corrimão. Ele cai com o brasão bordado para cima. Justiça e iniciativa? Dá um tempo.

Entro na sala de estar. Minha mãe está em pé com as mãos nos quadris, o corpo inclinado na direção da porta, como se estivesse me esperando. A TV, passando um reality americano, está muda.

– E o que você acha que está fazendo em casa a esta hora do dia? – exige saber ela, apontando para o relógio.

Ela está usando uma calça jeans velha e uma camiseta desbotada do Spike, com um pano de prato amarrado na cabeça como uma bandana. Eu a prefiro assim, quando ela está ao natural. Parece mais nova e mais bonita; não que ela acreditasse nisso se eu falasse.

– Então? – insiste ela, me seguindo até a cozinha.

Abro a lata de pão e pego duas fatias. A margarina já está no balcão, sem a tampa, com migalhas de torrada grudadas na borda da embalagem.

– Metade do dia pra treinamento de funcionários – digo, lavando uma faca.

– Mentiroso – responde ela, sem pestanejar.

Viro-me devagar para encará-la.

– Você é um mentiroso, Leo – continua ela. – Descarado. Acabei de falar ao telefone com o tal de sr. Toolan. De acordo com ele, você fugiu da escola.

– E daí? Você se importa? – retruco, voltando à tarefa de passar margarina no pão.

– Você quer mudar de escola de novo, Leo? Quer acabar no reformatório?

O reformatório. O local para os alunos que mais ninguém quer. A ameaça final. Depois que você entra no reformatório, não tem volta, não importa o que eles digam.

– Porque eu não consigo lidar com aquela falação toda de novo – diz ela. – De jeito nenhum.

Solto a faca, fazendo barulho, e viro-me de novo.

– Que falação? A única coisa que você fez foi ir a uma reuniãozinha e assinar alguns formulários. A Jenny resolveu o resto.

– Ah, desculpa, eu me esqueci, vamos todos reverenciar a santa Jenny! – ironiza minha mãe, levantando as mãos. – Com todos os seus diplomas universitários elegantes em ser condescendente. Metade das vezes ela fala comigo como se eu tivesse uns cinco anos.

– E por que você acha que isso acontece, hein, mãe?

Ela se aproxima de mim, de modo que seu rosto fica a apenas centímetros de distância do meu, e consigo ver os poros do nariz e do rosto.

– Você acha que é esperto, né? – sibila ela. – Que sabe exatamente o que acontece por trás dos panos da vida de todo mundo.

Viro-me de costas para ela e vou até a geladeira. Pego maionese, presunto e tomates, jogando-os sobre o balcão.

– Porque você não sabe, Leo – continua ela. – Você não sabe nem da metade.

– Vou te falar o que eu sei – digo, passando uma camada grossa de maionese em cada fatia de pão, com as mãos trêmulas. – Sei que, aos quinze anos, minha vida passada, presente e futura foi, é e sempre será um monte de merda.

Jogo o presunto no sanduíche e começo a fatiar os tomates, mas a faca que estou usando está muito cega, e acabo com uma papa. Coloco no sanduíche mesmo assim, sem me importar com a aparência e nem mesmo com o sabor, a esta altura.

– Isso não é culpa minha, Leo! – grita minha mãe. – Eu sei que você gosta de pensar que tudo é culpa minha, e talvez algumas partes sejam, mas você não pode me culpar por todas as coisas ruins que já aconteceram com você!

Eu pisco antes de cair no choro.

Acho que isso me choca mais do que à minha mãe. Não sou de chorar; mesmo quando era pequeno eu quase não chorava. Eu ficava com raiva, gritava, jogava as coisas, mas não chorava. Atualmente, sou Leo Denton, o mestre da cara de paisagem. Mas, neste momento, estou sem forças para impedir que as lágrimas escorram, e tudo que consigo fazer é ficar em pé, soluçando de tanto chorar.

– O que você quer que eu faça, Leo? Hein? – pergunta minha mãe, desesperada. – Que diabos você espera que eu faça? Uma mágica pra melhorar tudo? Se eu soubesse o que fazer, não estaríamos nesta confusão, nenhum de nós.

Não consigo respirar para responder.

– Meu Deus, não consigo lidar com isso agora, Leo, não consigo! – diz minha mãe, andando de um lado para outro.

Ela olha para o relógio e solta um xingamento entre os dentes.

– Merda, eu tenho que ir.

Ela tira o pano de prato da cabeça e joga em cima da mesa, depois pega a bolsa e as chaves.

Ainda estou chorando, o corpo inteiro tremendo. E tudo que quero é que ela pare e me abrace, faça tudo ficar bem, como costumava fazer no passado. Mas ela está passando batom, procurando o isqueiro e os cigarros, se recusando a olhar para mim. O tempo todo, suas mãos estão tremendo.

– Olha, se recompõe, Leo – diz ela. – Por favor. E limpa tudo quando terminar.

Poucos segundos depois, a porta da frente bate e estou sozinho.

Jogo o sanduíche na parede. Ele atinge o azulejo e se espalha, o pão branco barato grudando por um instante antes de tudo escorregar pela parede e para dentro da pia.

Minhas lágrimas são substituídas pela raiva. Viro-me e corro escada acima. Vou até meu quarto primeiro e jogo roupas dentro de uma velha sacola esportiva. Fecho o zíper e a arrasto escada abaixo. Volto à cozinha e verifico a latinha. Tem menos de cinco libras lá dentro, mas pego mesmo assim. Só que preciso de mais, muito mais. Volto para o quarto da minha mãe no andar de cima. As cortinas ainda estão fechadas, e a cama está desfeita. O quarto todo tem cheiro de sono e perfume vagabundo. Abro as gavetas. São uma bagunça; uma confusão de calcinhas e meias-calças, mas tenho certeza de que minha mãe guarda um pouco de dinheiro em algum lugar aqui. Só preciso do suficiente para pegar um trem ou ônibus que vai colocar uma distância decente entre mim e Cloverdale. Eu me preocupo com o que fazer em seguida depois que chegar lá. Eu me ajoelho e investigo a gaveta de baixo. É cheia de quinquilharias: recibos amassados, pilhas, pedaços de papel de presente, cartões de aniversário antigos. Mas nada de dinheiro. Arranco a gaveta, frustrado. Ela sai toda, e eu a solto, surpreso, amassando meu dedo embaixo dela. Xingando, eu a pego e tento colocar de volta. Mas ela é pesada, e tenho dificuldade para alinhá-la com os trilhos.

É aí que percebo o brilho dourado.

Paro e tiro a gaveta do caminho, colocando-a na cama atrás de mim. Deito-me de barriga para baixo. O tapete está coberto com o cabelo da minha mãe, louro e enrolado. Nojento. Enfio a mão no buraco onde fica a gaveta e logo percebo que as gavetas não são tão fundas quanto a estrutura. Minha mão esquerda tateia ali até encontrar algo frio e metálico. Puxo. É uma caixa retangular; vermelha com enfeite dourado. É vagamente familiar. Tem entalhes nos dois lados, como se tivesse caído ou sido jogada mais do que algumas poucas vezes. A tampa não se encaixa muito bem, e, para minha sorte, a fechadura está quebrada. Eu a coloco no colo e levanto a tampa.

A caixa contém principalmente fotografias. Algumas são as que implorei à minha mãe para guardar quando fiz a transição de Megan para Leo: a Amber e eu ainda bebês usando macacões cor-de-rosa combinando; nós

duas de damas de honra usando vestidos de cetim pêssego, a Amber radiante enquanto eu fazia careta, odiando cada segundo; nós quatro: eu, a Amber, minha mãe e a Tia ainda bebê, sentadas no sofá, a Tia gritando, o restante de nós rindo. Olhando para essas fotos, parece que estou vendo o fantasma de uma garota que eu conhecia. Deixo as fotos de lado.

Lá estão as pulseiras que usamos quando éramos bebês no hospital, minúsculas, do tamanho do meu polegar; as impressões das nossas mãos de bebê – tinta vermelha no papel branco; cachos do nosso cabelo grudados num cartão sujo. Por baixo dessas coisas, vários papéis. Desdobro o primeiro. É a certidão de nascimento da Tia, citando Tony, o idiota, como seu pai. Pobre Tia.

Percebo que nunca vi minha certidão de nascimento, porque nunca precisei. Eu desdobro depressa o próximo papel. É minha certidão.

Eu me encolho quando leio meu nome de nascença, Megan Louise Denton, e vejo o sexo como feminino, lá em preto no branco. Meus olhos descem a página. E param. Alguma coisa não está certa.

Meu pai está citado como Jonathan Denton. Jonathan? Mas o nome do meu pai é Jimmy. Jimmy Denton.

E aí cai a ficha.

Eu sempre achei que Jimmy era apelido de James. Nunca de Jonathan. Andei procurando o homem errado.



34

Os alunos do segundo ano do Ensino Médio voltam para a escola por volta das três horas, quando estou na aula de educação física. Vejo os ônibus chegando de onde estou, em pé, tremendo, no campo de futebol, congelando até a morte no gol, mas está longe demais para eu ver o Leo no fluxo constante de pessoas que saem dos ônibus.

Depois da educação física, vou para o laboratório de ciências para pegar meu celular com o dr. Spiers. Antes de me devolver, ele insiste em me dar um sermão sobre os males gerais dos celulares. Quando ele finalmente termina, luto contra a vontade de arrancar o aparelho das suas mãos. No instante em que chego ao corredor, verifico se tem alguma mensagem de texto do Leo. Nada. Só posso imaginar que ele deve estar sem créditos. Ligo para o número dele, mas vai direto para uma mensagem genérica de correio de voz. Sem saber o que dizer, desligo.

– Me desculpa pelo atraso – digo, enquanto entro no banco traseiro do carro depois das aulas.

– Sem problema – responde minha mãe, dando partida no motor.

Quando passamos pelo ponto de ônibus, procuro o Leo, mas o lugar está vazio.

A Livvy vira-se para trás no assento.

– Ai, meu Deus, você ouviu falar daquele garoto do segundo ano do Ensino Médio? – pergunta ela.

– Que garoto? – digo com cuidado.

– Você sabe! Aquele que foi expulso da Cloverdale!

– Cloverdale? Não é o seu amigo, David? – pergunta minha mãe, me olhando pelo espelho retrovisor. – Leo?

A Livvy me encara, enojada.

– Você é amigo do Leo Denton?

– Eu não sabia que ele tinha sido *expulso* da Cloverdale – diz minha mãe, franzindo a testa.

– Ele não foi expulso – respondo, a raiva aumentando no meu peito por causa do Leo. – Não foi culpa dele. Eles o fizeram sair pela segurança dele.

– E, desde que está no Parque Eden, ele finge que é um menino, mas, na verdade, é uma menina chamada Megan! – termina a Livvy, triunfante.

Minha mãe ergue as sobrancelhas.

– Isso é verdade, David?

Metade de mim quer defender o Leo e apresentar o lado dele da história, mas a outra metade sabe que vou estar num território perigoso se fizer isso. Deixo esta metade vencer.

– Como é que eu vou saber? – solto. – Nós nem somos tão amigos assim. Ele me ajuda na matemática às vezes, só isso. Essa história deve ser mentira.

Inclino o corpo para olhar pela janela, mas sinto os olhos da minha mãe em mim. Fico grato quando ela não diz mais nada sobre o assunto e, em vez disso, liga o rádio.

Depois do jantar, estou deitado na cama, xeretando a página do Zachary no Facebook no notebook, quando meu celular apita. Estendo a mão, desesperado para ser o Leo. Solto um suspiro de alívio quando vejo seu nome piscando na tela. A mensagem de texto é curta.

Me encontra na piscina. 20 horas.

Desesperado por mais detalhes, ligo de volta para ele, mas a ligação vai direto para a caixa postal de novo.

Digo à minha mãe que vou até a casa da Essie e levo o Phil comigo, prometendo estar de volta às nove e meia. Apesar de fazer uma cara feia, ela concorda que posso ir, mas tenho que mandar uma mensagem de texto quando chegar lá e quando estiver voltando. Antes de sair, pego a lanterna que guardamos embaixo da pia para emergências e a coloco na mochila.

Quando sentamos no andar de baixo do ônibus, o Phil com medo aos meus pés, tento pensar no que o Leo pode estar querendo. E, embora eu espere que ele esteja bem, não deixo de me sentir comovido por ser a pessoa que ele procurou numa hora de necessidade.

Um sino de igreja distante marca oito horas enquanto eu me espremo para atravessar o buraco na cerca do lado de fora do complexo aquático. O Phil reclama um pouco quando eu o arrasto atrás de mim.

– Desculpa, amigão – sussurro. – Estamos quase lá, eu juro.

Acendo a lanterna, tranquilizado pelo facho largo, e começo a desviar dos entulhos.

Encontro o Leo sentado na plataforma de mergulho mais baixa, as pernas penduradas na borda.

– Oi! – grito, indo na direção dele.

O Leo levanta a mão, num cumprimento silencioso. Ao meu lado, as patas do Phil deslizam na superfície escorregadia. Eu o amarro nos degraus de metal antes de subir neles e me arrastar engatinhando pela plataforma, com a lanterna presa embaixo do queixo. O Leo vira-se e dá um sorriso forçado enquanto observa minha aproximação cuidadosa.

– Tudo bem aí? – pergunta ele, a voz denunciando que está se divertindo.

Eu o ignoro ao manobrar para me sentar na borda ao lado dele, nossos ombros se tocando.

Desligo a lanterna e a coloco atrás de mim. Tomo coragem e me arrasto um pouquinho para a frente, dobrando os dedos de modo que eles agarram a parte de baixo da plataforma, e tento não olhar para a superfície dura como pedra da piscina vazia lá embaixo.

O Leo se remexe ao meu lado, um bolo de energia nervosa.

– Obrigado por vir – diz ele.

– Sempre que você precisar – murmuro, observando seus joelhos subindo e descendo sob a luz da lua. Esse não é o Leo que eu conheço. O Leo Denton que conheço é firme e sólido.

– E aí, o que aconteceu? – pergunto, confuso.

O Leo vira-se para me encarar. Seus olhos não param quietos.

– Eu o encontrei – diz ele.

– Encontrou quem? – pergunto.

– Meu pai. Jimmy.

Solto uma arfada animada.

– Que ótimo! Mas como? Ele entrou em contato?

– Não exatamente.

– Então, como foi? – questiono, observando enquanto os pés do Leo entram no movimento, os dedos balançando para cima e para baixo, o estresse tomando conta do seu corpo.

– Jimmy é apelido do quê? – indaga ele.

– James – respondo de maneira automática.

– É, mas também é apelido de Jonathan, você sabia? Porque eu certamente não sabia. Eu estava procurando o cara errado o tempo todo.

– Tá brincando!

– Não. Encontrei minha certidão de nascimento e lá estava, preto no branco. Levei direto pra biblioteca, digitei o nome dele no Google e lá estava ele, na quarta ocorrência. Jonathan Denton & Cia. Carpinteiros, em Tripton-on-Sea.

– E você tem certeza de que é o certo?

– A foto dele está no site; é ele, sim.

Pego meu iPhone no bolso e digito “Jonathan Denton Carpinteiros” no Google. Segundos depois, estou encarando uma foto do pai do Leo. Ele está usando um suéter vermelho com “Jonathan Denton & Cia.” bordado na frente e com o mesmo sorriso enrugado da foto que o Leo me mostrou naquele dia na biblioteca. O Leo se aproxima para olhar.

– É, é ele – diz o Leo, a voz faiscando de orgulho. – Esse é meu pai.

– Onde fica Tripton-on-Sea? – pergunto. – Nunca ouvi falar.

– Kent. Uma cidadezinha de praia. O que significa que minha tia Kerry estava certa: ele realmente foi pra costa quando saiu de Cloverdale.

– E agora? – pergunto.

– O que você acha? Vou procurá-lo.

– O que você quer dizer? Você não pode aparecer na porta dele.

– Por que não? – pergunta o Leo, claramente irritado porque ousei questionar sua evidente falta de planos.

– Bem, talvez você devesse ligar pra ele antes. Alertá-lo?

– Alertá-lo? Muito obrigado.

– Eu não quis dizer isso.

O Leo balança a cabeça com firmeza.

– Nah, isso tem que ser feito cara a cara. Poderia ser qualquer maluco no telefone, mas, se ele me vir em carne e osso, vai saber com certeza que eu sou filho dele. Você mesmo disse que a gente se parecia.

– Acho que sim – murmuro, sem me convencer.

– Você não vê? – diz o Leo, mudando de posição para ficar de lado para mim, fazendo a plataforma toda balançar. – Foi quase como deveria ser. Estou prestes a fugir pra sabe Deus onde, e aí eu encontro minha certidão e descubro exatamente onde meu pai está. Quero dizer, eu normalmente não

acredito nesse tipo de coisa, destino e essas porcarias, mas tem que significar alguma coisa, certo?

– Espera, você estava planejando fugir? Sem me contar?

– Você esperava mesmo que eu ficasse por perto depois do que aconteceu na escola? Caso você não tenha notado, todo mundo já sabe, David. É a história de Cloverdale se repetindo.

– Mas você não pode ir, não agora.

– Você está me ouvindo? Não vou colocar os pés no Colégio Parque Eden nunca mais.

– Mas, Leo...

– Olha, não importa, David, nada disso importa. O que importa é que eu encontrei meu pai, e é aí que você entra.

– Eu?

– É. Olha, o negócio é o seguinte: eu queria saber se você pode me emprestar um dinheiro. Só um empréstimo, até eu me ajeitar em Tripton.

A ideia de ver o Leo ir embora parece um tapa pesado no meu rosto. Enfim encontro alguém que entende de verdade o que estou sentindo e quase imediatamente essa pessoa vai embora.

– David? – me chama o Leo.

Percebo que não respondi.

– Claro – digo, me recuperando. – De quanto você precisa?

– Bom, a passagem do trem pra Tripton é setenta e nove libras. Acho que vou precisar de um pouco mais, pra não ficar de mãos vazias. Duzentas libras, talvez? Só pra eu me manter durante um tempo, enquanto eu arrumo as coisas.

Tento me lembrar de quanto eu tinha na poupança na última vez que verifiquei. Incluindo o dinheiro do meu aniversário, tem pelo menos quatrocentas libras lá. Mais do que suficiente. Olho para o Leo. Apesar de ele estar bem ao meu lado, sinto que está escapando por entre os meus dedos. Sua cabeça já está nessa tal de Tripton, repleta de pensamentos sobre Jonathan Denton.

– Vou te falar o que eu posso fazer – digo.

O Leo faz que sim com a cabeça, ansioso.

– Eu te empresto o dinheiro com uma condição. Que você me deixe ir junto.

O rosto do Leo se contorce numa careta.

– O quê?

– Bem, você não pode ir sozinho.
– E por que você tem que se meter nisso?
– Porque sim. Você vai precisar de apoio moral.
– Vou ficar bem – diz o Leo, cruzando os braços.
– Não estou dizendo que você não vai ficar bem. Mas todo cuidado é pouco. Quero dizer, e se o seu pai for um assassino maluco que mata com machados ou alguma coisa assim?
– Ele não vai ser nada disso. É meu pai.
– Mas e se alguma coisa acontecer, se as coisas não forem conforme o planejado? – sugiro baixinho. – Você vai precisar de um amigo do seu lado. O Leo se encolhe quando uso a palavra que começa com “A”.
– Eu me viro – diz ele com firmeza. – Estou preparado pra qualquer coisa que acontecer.
– Pode ser que sim, mas esta é minha oferta final – respondo. – Se você vai, eu vou com você, ponto final.
Ele me encara.
– Tá falando sério?
Faço que sim com a cabeça de um jeito solene.
– Quero estar lá ao seu lado, Leo. Por favor, me deixa fazer isso. Estendo a mão para pegar a dele. O Leo hesita antes de me deixar pegá-la.
– Por favor? – repito.
Há uma pausa antes de ele soltar um suspiro profundo.
– Tá bom, mas, enquanto estivermos lá, vamos seguir minhas regras.
– Tudo bem.
– E você não vai contar pra ninguém.
– Nem pra Essie e pro Felix?
– Principalmente pra eles. Isso é entre nós dois, está bem?
– Combinado.



35

Decido esperar até o último minuto para contar para a Essie e o Felix, amarelando por fazer isso via Skype. É noite de quinta-feira, e o Leo e eu partimos amanhã para Tripton bem cedo. O Leo não foi à escola a semana toda, convencendo o namorado da mãe dele a ligar para a escola e dizer que ele estava gripado.

– Você quer que a gente faça o quê? – exige saber a Essie, sua imagem meio retorcida na tela do computador. A câmera está apontada para ela e o Felix, sentados na cama dele. Ele está de pernas cruzadas com a Essie atrás, o queixo apoiado no ombro do Felix, as pernas enroscadas no tronco dele e os braços pendurados nos seus ombros. Isso me lembra de um documentário da vida selvagem que vi uma vez sobre o sexo dos sapos.

Suspiro e repito as instruções mais uma vez:

– Se a minha mãe ligar pra um de vocês por qualquer motivo no fim de semana, preciso que vocês me deem cobertura e digam que estou com vocês, mas não posso falar no momento. E, se alguém da escola perguntar de mim amanhã, estou em casa, doente. Exceto a Livvy. Não importa o que aconteça, não falem com a Livvy.

– Mas por quê? – pergunta o Felix, a voz ligeiramente dessincronizada com os lábios. – Pra onde você vai, afinal?

– Tive que jurar segredo.

– Pra quem?

– Não posso falar.

– Mas nós contamos tudo uns pros outros, David – resmunga a Essie. – Você sabe coisas sobre mim que nenhum ser humano deveria saber sobre ninguém.

– Eu sei – digo, relutante. – E sinto muito. Mas não posso contar pra vocês.

– Você não vai conhecer alguém da internet, né? – pergunta a Essie. – Você não viu aquele episódio de *Hollyoaks*?

– Olha, se eu contar pra vocês aonde vou, vocês vão parar de fazer perguntas e confiar em mim?

– Sim – responde o Felix, ao mesmo tempo que a Essie diz “não”. O Felix a cutuca.

Respiro fundo.

– Vou passar o fim de semana numa cidade chamada Tripton-on-Sea. Mas isso é tudo que vocês vão saber.

– Tripton-on-Sea? Mas não é uma cidade de praia em Kent? – pergunta o Felix, empurrando os óculos no nariz. Eu sabia que o Felix já devia ter ouvido falar.

– Tem certeza de que você não vai encontrar alguém da internet? – indaga a Essie. – Sinto muito, mas isso está com toda a cara de um fim de semana de sacanagem.

– Olha, não é ninguém da internet. Vou levar meu celular – digo. – Vou mandar mensagens de texto pra vocês de vez em quando, pra garantir que estou vivo.

A Essie continua de testa franzida.

– E, se vocês não receberem nenhuma mensagem de texto, podem me ligar – acrescento.

– Quanta generosidade – diz ela, toda grossa.

– Ess, por favor?

– Tá bom, tá bom – consente ela. – Mas, se você não atender, a gente vai te procurar.

Na manhã de sexta-feira, minha mãe deixa a Livvy e a mim na escola como sempre. A Livvy dá um beijo no rosto da minha mãe antes de disparar para se juntar aos amigos dela.

– Não esquece: vou ficar na casa do Felix até domingo – digo enquanto saio do carro.

Falei para os meus pais que o Felix, a Essie e eu vamos trabalhar intensamente num projeto de ciências o fim de semana todo.

– Tem certeza de que os pais do Felix não se importam de você passar duas noites lá? – pergunta minha mãe.

– Já te falei que não.

– Quer que seu pai te pegue no domingo?

– Não! – grito.

Ela me olha fingindo estar assustada.

– Não – repito, mais suave desta vez. – O pai do Felix já disse que me deixa em casa no domingo à tarde.

– Está bem, então. Divirta-se. E não deixa a mãe do Felix te obrigar a comer muita quinoa ou goji berry ou qualquer superalimento que tiver nos armários dela.

– Pode deixar. Tchau, mãe.

Bato a porta e observo minha mãe se afastar.

Eu me abaixo para amarrar o cadarço e, depois, em vez de atravessar os portões da escola, me viro radicalmente à direita, me mantendo próximo da cerca da escola.

Ao longe, ouço o sinal da chamada. É a minha deixa para correr. Um minuto depois, alcanço a segurança relativa dos arbustos que cobrem um dos cantos da enorme cerca que fecha a escola. Dou uma espiada antes para verificar se está vazio. Os arbustos formam um espaço vazio no meio, que é popular entre os casais, pois oferece privacidade (até certo ponto) e abrigo, desde que você não se importe em compartilhar o espaço com pelo menos outras seis pessoas ao mesmo tempo. O cheiro é de fumaça de cigarro e loção pós-barba barata, e o chão está sujo, com guimbas de cigarro e papel de bala. Coloco a mochila no chão e tiro o blazer. Pego um moletom azul-marinho e visto sobre a camisa da escola. Tiro os sapatos da escola e troco por tênis antes de guardá-los na mochila, junto com a gravata e o blazer enrolado. Em seguida, pego o celular e, com os dedos subitamente trêmulos, ligo para a recepção da escola. Escolho a opção dois, para registrar uma falta, e espero. Ouço alguns bipes antes de ser transferido para a srta. Clay.

– Alô, aqui é Jo Piper, e eu gostaria de avisar que o meu filho, David Piper, vai faltar hoje – digo, exatamente como treinei na noite passada. Estremeço, achando que a srta. Clay vai suspeitar no mesmo instante, mas parece que meu treino vocal compensou, porque ela simplesmente me agradece por ligar e desliga.

Saio dos arbustos o mais discretamente possível antes de seguir pela rua, sem coragem de olhar para trás. Só começo a relaxar quando estou em segurança no ônibus em direção à estação de trem.

Quando chego, o Leo está esperando embaixo do relógio no saguão de entrada. Ele parece nervoso, olhando ao redor como se tivesse uma bomba amarrada no peito.

Quando chego mais perto, ele percebe minha aproximação e me dá um sinal de positivo com a cabeça, meio tenso.

– Bom dia, companheiro de viagem – digo.

– Bom dia – murmura ele de volta, os olhos se recusando a encontrar os meus.

Enquanto entramos na fila para comprar as passagens, o Leo não diz uma palavra, só mantém os olhos grudados nos painéis de embarque no alto, os olhos arregalados e sem piscar.

Nossos assentos marcados são na parte da frente do trem.

– Você sabe que só vamos passar duas noites lá, né? – diz o Leo enquanto andamos pela plataforma, apontando para minha mochila inchada. – Que diabos você tem aí dentro? Um defunto?

Olho por sobre o ombro e baixo a voz.

– Coisas de menina – sussurro.

– Coisas de menina? – repete ele, franzindo ainda mais a testa.

– Você não se importa, né? É que eu achei que essa seria a oportunidade ideal, já que não existe praticamente nenhuma chance de eu esbarrar em alguém que eu conheço.

– Oportunidade pra quê, exatamente?

– Um pouco de experiência na vida real – digo.

Andei lendo tudo sobre “experiência na vida real” na internet. Às vezes, os médicos especialistas não deixam você começar a tomar medicamentos até provar que é capaz de viver no mundo com o gênero escolhido. E, até agora, o mais longe que cheguei foi nos fundos do jardim. Mas agora tenho um fim de semana inteiro pela frente, numa cidade em que ninguém me conhece. É uma oportunidade perfeita demais para deixar passar, embora a expressão no rosto do Leo não pareça indicar que ele concorda.

– Achei que você me daria apoio – comento, ofendido.

O Leo franze a testa.

– Vou dar, só não quero que a gente chame muita atenção no fim de semana. Lembra que o importante é meu pai.

– E vai ser, prometo – digo. – Eu só trouxe umas coisas casuais comigo. Não vou andar por Tripton vestido como uma drag queen, se é isso que está te preocupando.

Ele continua com a testa franzida, mas não fala mais nada, e eu o convenço a ir em frente e encontrar nossos assentos. Embarco no trem pelos fundos e localizo o banheiro mais próximo. Olho para os dois lados, aliviado de ver que os outros passageiros estão ocupados lendo jornal ou falando ao celular. Ninguém parece estar prestando atenção ao garoto magrelo na porta do banheiro.

Quando o trem começa a sair da estação, aperto o botão e a porta do banheiro se abre. Entro e tranco a porta, verificando três vezes. Coloco a mochila no chão, abaixo a calça e sento no vaso sanitário. O metal é gelado na minha bunda. Tento fazer xixi, mas é como se minhas entranhas estivessem contraídas de nervoso, e nada acontece. Desisto e visto a calcinha, antes de tirar os tênis, a calça e as meias. O ar está frio e faz minha pele se arrepiar. E me reclino e pego um par de meias-calças na mochila. Eu as seguro antes de alisá-las e puxá-las para cima, sobre o umbigo. Depois, pego um sutiã na mochila e o fecho sobre as costelas, em seguida o viro para a frente e coloco as alças nos ombros, ajustando a da esquerda, para que o enchimento que costurei com cuidado em cada taça fique certo no meu peito e do mesmo tamanho do direito.

Pego minha roupa, um *chemisier* com cinto e botões na frente, outra peça rejeitada pela Essie (da sua época muito breve de garota sofisticada), e o visto pela cabeça. Está meio amassado porque estava enrolado no fundo da mochila, mas vai ter que servir. Coloco os pés num par de botas Ugg cinza, o único sapato que consegui encontrar no meu tamanho.

Equilibro a bolsa de maquiagem na borda da pia. O espelho é feito daquele tipo de vidro meio enevoadado que talvez nem seja vidro, o tipo que a gente encontra em banheiros públicos sujos e faz seu reflexo parecer um fantasma. O vidro enevoadado distorce tudo, então sou apenas uma série de formas manchadas: uma mancha escura no lugar do cabelo, uma mancha verde no lugar do vestido, uma mancha branca em vez do rosto. Para aplicar a maquiagem, uso o espelho minúsculo do pó compacto, segurando-o enquanto passo base, corretivo, blush e rímel. De vez em quando, o trem balança violentamente para o lado. Relutante, desisto do delineador.

Por fim me abaixo para pegar a peruca na embalagem de rede. O trem se inclina de repente, e tenho que estender a mão e me segurar no apoio acima da cabeça para não cair. Coloco a peruca na cabeça. De alguma forma, parece diferente; colocá-la aqui, e não na privacidade do meu quarto. Não é só brincar de me vestir; isso é real.

Junto minhas roupas de menino e enfio na mochila. Faço uma inspeção com o espelhinho do pó compacto e percebo que não dá para saber se pareço uma garota ou não. Eu me encarei no espelho com tanta força e durante tantas horas de uma só vez que não sei mais quais das feições são masculinas e quais não são. Eu queria poder me ver como um desconhecido veria. Penso no Leo, lá no vagão A, e me pergunto como ele vai me ver. Meu coração começa a disparar um pouco.

Ouçõ uma batida forte na porta, que me faz dar um pulo.

– Estou quase saindo! – grito. Minha voz não parece pertencer a mim.

Dou uma última olhada no espelho do banheiro, para a garota fantasma do outro lado.

Outra batida na porta, mais urgente, desta vez. Pego a mochila e abro a porta. É uma jovem com um bebê cinzento embaixo de um dos braços e uma grande bolsa cor-de-rosa de trocar fralda no outro. Não encontro seu olhar quando passo me espremendo. No caminho até meu assento, fico esperando as pessoas olharem para mim, que elas percebam meus pés maiores do que a média, meu maxilar, o brilho falso da peruca, qualquer coisa que possa me entregar. Esbarro sem querer a mochila no braço de um homem, e ele olha para cima, brevemente chateado, mas seu rosto relaxa assumindo uma expressão de perdão quando ele me vê.

– Desculpa – gaguejo.

– Sem problemas, meu amor. – Ele sorri, voltando para o jornal.

Enquanto continuo pelo trem, as palmas das minhas mãos estão suando e meu coração está alucinado, batendo com tanta força que, mesmo sem querer, penso naqueles desenhos animados antigos, em que dava para ver o coração do personagem saindo do peito. Mas todo o nervosismo e o medo são afastados pela felicidade ofuscante.

Meu amor. Aquele homem, um desconhecido, me chamou de “meu amor”.

Enfim chego ao vagão A. É o vagão designado como silencioso. Passo por homens e mulheres de negócios que digitam em notebooks ou cochilam. No fundo do vagão, vejo a cabeça ruiva do Leo, de costas para mim. Temos assentos com mesa. Do outro lado, um casal mais velho está debruçado nas palavras cruzadas.

Quando sento ao lado dele, o Leo levanta o olhar e meio que olha duas vezes. Sinto meu rosto começar a queimar de novo.

– Estou bem? – sussurro.

– Claro – sussurra ele de volta, antes de fechar os olhos.

Durante o resto da viagem, o Leo dorme ou finge dormir. Ele parece em paz e, de alguma forma, mais jovem. Tento ler durante um tempo, mas tenho que ler o mesmo parágrafo várias vezes para entender.

Em certo momento, chegamos a Londres. Depois de saltar do trem, o Leo vai na frente, andando confiante pela estação e em direção à entrada do metrô.

– Como é que você sabe o caminho? – pergunto enquanto nos esprememos dentro de um vagão lotado.

– Eu venho aqui pras consultas com especialistas – diz ele baixinho.

– Sua mãe vem com você? – pergunto.

– Ela costumava vir. Agora não muito.

– Mas você não fica nervoso? De vir até aqui sozinho? – pergunto.

O Leo encontra meus olhos.

– Nunca.

De vez em quando, vejo de relance o tecido verde batendo nas minhas coxas ou um fio de cabelo comprido, meu cabelo, pelo canto do olho, e isso me encanta e me apavora na mesma medida.

Depois de duas baldeações, saltamos do metrô e entramos no segundo trem, mais quieto. Depois de uns quarenta e cinco minutos, os trilhos começam a correr ao lado da água.

– Olha – digo, apontando –, o mar.

O Leo faz que sim com a cabeça, sem nenhuma expressão no rosto.

Apoio a testa no vidro frio. A maré está baixa, revelando grandes poças de lama e lodo da mesma cor que o céu cinzento e sombrio.

O Leo explica o plano para o restante do dia. Enquanto fala, seu olhar flutua em algum lugar acima das minhas sobrancelhas, como se ele não conseguisse se obrigar a olhar diretamente para mim. Acho que não o alertei o suficiente sobre aparecer vestido com roupas de menina, mas, mesmo assim, não deixo de me sentir um pouco decepcionado pela sua reação. Ele propõe que a gente vá direto para a pousada que reservamos pela internet, para deixar as mochilas, antes de comer alguma coisa e ir até a casa do Jimmy a fim de fazer o que o Leo chama de reconhecimento de território. Amanhã de manhã a gente vai lá de novo, e é aí que o Leo vai se apresentar. Depois que eu ficar convencido de que ele não vai ser cortado em pedacinhos e enterrado no quintal dos fundos, vou voltar para a pousada sozinho antes de ir para casa no domingo.

– E se ele estiver em casa quando a gente for lá, mais tarde? – pergunto. – Você não vai se sentir tentado a bater na porta em vez de esperar até de manhã?

– Não – responde o Leo com firmeza. – Vou seguir o plano.

Durante o restante da viagem, tento fazer o Leo participar de brincadeiras para passar o tempo, mas ele se recusa a morder a isca, fechando os olhos e inclinando o corpo para longe de mim. Sei que ele não está dormindo de verdade e fico chateado. Quando tomamos a decisão de vir até aqui, imaginei uma aventura cinematográfica de momentos de autodescobrimento, amizade e de transformação de vida, mas, até agora, o Leo não está cooperando. Meia hora depois, uma voz do além estala no alto-falante.

– Próxima parada: Tripton-on-Sea.

Tripton-on-Sea é uma pequena estação, com apenas duas plataformas, e o Leo e eu somos as únicas pessoas a saltarem do trem. Apesar de ainda não serem duas e meia, parece que já está anoitecendo.

O Leo pega um mapa impresso no bolso, virando-o algumas vezes para se localizar.

– Acho que a pousada é pra cá – diz ele, apontando para uma rua íngreme de paralelepípedos. Nós a seguimos até a orla, onde ficamos parados por alguns instantes. A praia se estende à nossa frente, cinza e vazia, nos proporcionando a primeira visão adequada do mar e ainda me dando um pouco da mesma emoção que eu sentia quando criança. À direita, um píer. Não é como o píer de Brighton, com seu parque de diversões, fliperamas e luzes piscantes. O píer de Tripton-on-Sea é lúgubre no seu vazio e ausência de decoração, se estendendo para dentro do mar pelo que parecem quilômetros.

– Sexto maior píer da Grã-Bretanha – informa o Leo.

Olho para ele, examinando-o.

– Wikipédia.

– Te peguei, sr. Sabe-Tudo – digo.

Na frente da praia tem um pequeno parque de diversões, fechado para o inverno. Ele é dominado por uma montanha-russa modesta, sua forma retorcida de metal pintada em tons pastel, exageradamente clara contra o céu cinza. Os brinquedos menores estão cobertos com lona plástica.

Viramos à esquerda e caminhamos ao longo da orla. Alguns lugares, como as barracas de sorvete e as lojas de pedras, estão de portas fechadas.

– Detesto ver lugares fechados assim – digo. – Sei que são só construções, mas sempre me deixam um pouco triste. Você me entende?

O Leo não responde; ele continua a analisar o mapa, levantando a cabeça de vez em quando para confirmar os nomes das ruas. Deslizo ao lado dele, minhas botas Ugg arrastando na calçada. Os dedos dos pés estão ficando úmidos, formando meias-luas escuras no tecido.

– Minha irmã tem uma dessas – diz o Leo depois de um instante, apontando com a cabeça para meus pés. – Mas são falsificadas.

– Foi a única coisa que achei que cabia em mim – admito.

– Quanto você calça? – pergunta o Leo.

– Quarenta – suspiro –, e continua crescendo. E você?

– Trinta e sete – responde o Leo numa voz baixa.

– Quer trocar?

Ele consegue dar um sorriso rápido.

Viramos à esquerda e pegamos outra rua íngreme. A pousada Vista do Mar é uma casa alta e estreita no centro de um terreno. Tocamos a campainha e somos recebidos por uma mulher de meia-idade com cabelo cinza prateado, com um avental listrado e uma expressão incomodada, o tipo que os adultos costumam reservar exclusivamente para os adolescentes – uma mistura de suspeita e impaciência. Ela se apresenta como sra. Higgins.

– Tenho uma reserva – diz o Leo. – Quarto com duas camas em nome de Leo e Amber Denton.

A sra. Higgins olha brevemente para nós dois antes de ir para trás da mesa da recepção a fim de verificar o livro de reservas. Nós dois entramos no saguão estreito. O papel de parede é rosa e vistoso e está descascando levemente nas pontas.

– Quarto com duas camas, você disse? – pergunta a sra. Higgins. – Você não especificou que queria um quarto com duas camas quando reservou.

– Tenho quase certeza de que sim – fala o Leo.

A sra. Higgins tira os óculos.

– Posso garantir uma coisa: se você tivesse especificado um quarto com duas camas, eu teria te dado um quarto com duas camas – retruca ela de um jeito esnobe.

Por um segundo, acho que o Leo vai perder a cabeça e começar a gritar com ela. Percebo pelo jeito como seu corpo fica tenso, os dedos estendidos como um gato alongando as patas, se preparando para atacar. Mas ele mantém a calma e, se a sra. Higgins notou sua raiva fervendo, ela disfarça muito bem.

– Bom, a senhora tem algum quarto com duas camas disponível? – pergunta ele, com os olhos queimando.

– Não. O quarto familiar está disponível, com três camas, mas vai custar mais trinta e cinco libras por noite.

– Tá brincando? – diz o Leo. – Mas foi a senhora que errou, por que a gente tem que pagar por isso?

A sra. Higgins dá uma olhada demorada para ele.

– Sinto dizer que essa é a única alternativa, meu jovem. Fora isso, estou com os quartos lotados por hoje.

O Leo xinga entre os dentes.

– Tudo bem, irmão – sussurro, puxando sua manga. – Dividimos um quarto muito tempo, podemos dar um jeito.

O Leo me dá uma olhada fixa, claramente não gostando da minha interpretação do papel de irmã.

– Pagamento adiantado – diz a sra. Higgins, estendendo a mão.

Enquanto pego a carteira e tiro as notas, sinto os olhos dela em mim, possivelmente procurando e não encontrando a semelhança não existente de família entre mim e o Leo. Quando lhe dou o dinheiro, ela conta fazendo estardalhaço.

– Quarto nove. Sobe a escada, vira à esquerda. Nada de barulho depois das dez, nada de comida fedorenta no quarto. O café da manhã é servido até às nove horas no salão de jantar.

Ela nos dá uma chave num chaveiro de plástico enorme antes de desaparecer no escritório.

– Tenham uma boa estada! – grito atrás dela com sotaque americano. Viro-me para o Leo para compartilhar a piada, mas ele já está na metade da escada.

O quarto nove é pequeno e quadrado e mobiliado com um armário minúsculo, uma cômoda e uma cama de casal com uma colcha florida. Tem cheiro de pot-pourri e desinfetante. Ficamos parados ali por um instante, nós dois encarando a cama.

– Desculpa – murmura o Leo, jogando a mochila no chão. – Tenho certeza de que reservei um quarto com duas camas.

– Eu acredito – digo. – Aquela vaca idiota lá embaixo claramente quis nos irritar no instante em que entramos pela porta. Não se preocupa, a gente pode colocar travesseiros no meio ou alguma coisa assim.

Vou até a janela e a escancarar a fim de me inclinar para fora. O quarto dá para as latas de lixo.

– Vista do Mar coisa nenhuma! – Dou uma risada. – Vem ver.

Mas o Leo fica onde está.

– Vamos sair daqui – diz ele.

Fazemos um almoço tardio de peixe com fritas. É mais barato levar para viagem, então sentamos num banco de frente para o parque de diversões, com os recipientes de isopor frágil equilibrados no colo enquanto espetamos a comida com garfos de madeira minúsculos. O tempo todo, o Leo não diz uma palavra, só encara o mar.



36

Ao meu lado, o David está balançando as pernas e devorando o peixe com fritas, de vez em quando comentando do frio para preencher os silêncios.

Não consigo deixar de me chocar toda vez que olho para ele. Não que ele esteja feio, porque não está, mas é difícil ficar perto dele vestido... bem, desse jeito. Mas o mais esquisito é que não é tão esquisito, porque as roupas que ele está vestindo ficam bem nele, muito melhor do que qualquer coisa que já o vi usando. Ele parece menos desajeitado nelas, menos envergonhado com o que seu corpo está fazendo. Eu até me sinto meio culpado por continuar a pensar nele como “ele”.

Estremeço e puxo o gorro sobre as orelhas. Olho para as pedras da calçada sob os pés e me pergunto se meu pai já pisou neste ponto exato. Ou até mesmo sentou onde estou sentado agora. A ideia de ele estar perto faz meu estômago dar uma cambalhota. Deixo de lado o peixe com fritas. Mal toquei neles.

– Você não quer? – pergunta o David, me olhando com surpresa.

– Nah, não estou com muita fome. Pode comer se quiser.

O David pega minha bandeja com empolgação, comendo tudo em menos de cinco minutos. Assim que ele termina de engolir a última garfada, eu me levanto.

– A gente devia ir em frente, ver a casa do meu pai antes que escureça.

Jogamos nossos recipientes e as latas de bebida no lixo e continuamos pela orla. Em direção à casa do meu pai.

Quando entramos na avenida Marine, a última luz da tarde está desbotando atrás das casas. Meu pai mora no número dezoito. Contamos a partir do número dois, meu coração disparando a cada passo. E, pela primeira vez naquele dia, fico feliz porque o David está comigo. Não que eu

não seja grato por ele me emprestar o dinheiro, porque sou, mas sua presença obscurece minha visão e confunde meu foco. Mas agora, a apenas alguns metros da casa do meu pai, estou aliviado por ele estar comigo. Quando você passou a maior parte da vida desejando ficar sozinho, essa é uma sensação muito esquisita.

– Dezoito – murmuramos ao mesmo tempo, parando lentamente na calçada.

A casa, grande e pintada de branco, está escura, e não consigo deixar de me sentir aliviado porque não existe a tentação de esquecer o plano de voltar amanhã e ir até a porta neste instante, acenando com minha certidão de nascimento na cabeça como um lunático. Não, tenho um plano e vou segui-lo. Vou ficar calmo e maduro; manter o vulcão adormecido.

Tiro os olhos da porta da frente do meu pai.

– Vem – digo para o David. – Vamos embora.

Descemos a rua. Depois de mais dez minutos de caminhada, entramos no que deve ser a rua principal. É lotada de lojas de rede e restaurantes de fast-food e tem uma loja de presentes esquisita, vendendo cartões-postais desbotados e pirulitos em formato de coração onde se lê “Eu amo Tripton”.

– Aaaaah, olha, um salão de bingo! – grita o David, interrompendo meus pensamentos. – Eu sempre quis jogar bingo.

Olho para onde ele está apontando. O salão de bingo fica onde antes deveria ser um cinema ou teatro antigo.

– Minha mãe joga bingo – digo sem emoção.

– Você já foi com ela? – pergunta o David.

– Não.

Até parece.

– Então vai ser a primeira vez pra nós dois! – diz ele, agarrando meu braço e me puxando em direção à entrada.

Eu o afasto com uma sacudida.

– David, eu não quero jogar bingo. Olha, vamos voltar pra orla ou alguma coisa assim.

– Mas nós já vimos a orla. Vamos lá, vai ser divertido.

– Já falei, eu não quero. De qualquer maneira, não tenho dinheiro.

– É por minha conta.

– Não, você já está pagando tudo.

– Mas eu não me importo, de verdade.

Bem nesse momento, uma gota de chuva cai no meu nariz. Olho para cima. O céu ficou cinza-chumbo. Há um momento de silêncio antes de os céus se abrirem e a chuva cair com força. O David cobre a cabeça com o casaco para proteger o cabelo e dispara para o saguão do salão de bingo. Relutante, corro atrás dele.

– Somos novos demais – sibilo. – Só pode entrar quem tem mais de dezoito anos, olha.

Aponto para o cartaz acima do ombro do David. Ele simplesmente dá de ombros, e aí percebo que a versão feminina do David é muito mais corajosa que a versão masculina que já conheço. É como se a peruca, o vestido e as botas Ugg tivessem poderes mágicos.

– Nunca pensei que você fosse certinho – diz ele. – Olha, se eles nos expulsarem, nos expulsaram, e daí? Tem alguma ideia melhor?

Atrás de nós, a chuva está desabando, a rua principal esvaziando instantaneamente enquanto os pedestres se escondem nas lojas para se abrigar.

– Tudo bem – resmungo, enfiando as mãos no bolso do moletom.

O David vai até o quiosque. O cara atrás do balcão mal tira os olhos do jornal que está lendo, bocejando sem disfarçar enquanto pega o dinheiro do David.

O David volta dançando com um conjunto de cartelas de bingo para cada um e duas canetas.

– Olha, são canetas profissionais de bingo de verdade! – diz ele, tirando as tampas e olhando para as pontas grossas e lisas com fascinação.

– Eu sei o que elas são – respondo. A Tia tem um monte delas na sua coleção de canetas com ponta de feltro, descartadas pela minha mãe.

Atrás das portas duplas, o salão de bingo em si é cavernoso, a voz entediada do cantador de bingo ecoando nas paredes. O lugar está praticamente vazio. Só tem um grupo de senhoras sentadas perto da entrada e um punhado de jogadores solitários espalhados, com a cabeça inclinada sobre as cartelas de bingo.

O David e eu nos sentamos numa cabine de plástico, o David batendo palmas como uma criança numa festa de aniversário enquanto observa o lugar.

Uma garota de aparência entediada e mais ou menos vinte anos (o tédio parece ser o tema por aqui), com um crachá que revela que seu nome é Kayleigh, se aproxima devagar, segurando um bloco e uma caneta.

– Querem beber alguma coisa? – pergunta ela.

– Uma Coca-Cola, por favor – responde o David.

Meus olhos disparam pelo cardápio grudento de bebidas, logo identificando a cerveja mais barata.

– Uma caneca de Foster’s, por favor – digo, imaginando que vale a pena tentar.

A Kayleigh escreve o pedido sem piscar.

O David levanta o olhar, surpreso.

– Na verdade, mudei de ideia, vou querer uma Foster’s também – diz ele.

A Kayleigh faz que sim com a cabeça e se afasta. Ela volta alguns minutos depois com nossas canecas, o líquido escorrendo pelas bordas quando ela as coloca sobre a mesa de plástico gasta.

– Querem fazer uma aposta? – pergunta ela.

– Aaaaah, sim, por favor – diz o David.

A Kayleigh nos dá uma ficha de plástico com o número dezessete.

– Isso é *tão* divertido – comenta o David com os olhos brilhando, assim que a Kayleigh fica longe o suficiente para não escutar.

Balanço a cabeça e observo enquanto ele se inclina para a frente e toma um gole da espuma da cerveja. Ele faz uma careta na mesma hora.

– Eca, é horrível! – grita ele.

– O quê? Você nunca bebeu cerveja?

– Não – diz ele, limpando a boca no guardanapo.

– Acho que é um gosto adquirido – admito, tomando um longo gole. A última vez que bebi cerveja foi na festa da Becky. Com a Alicia.

De acordo com o David, foi a Becky que descobriu e contou para todo mundo, não a Alicia. Não que isso faça muita diferença. Ela continua me odiando.

Na minha frente, o David franze o nariz e toma outro gole, mais cauteloso.

O cantador de bingo anuncia que o próximo jogo já vai começar. Reviro os olhos e pego minha caneta. O David já está a postos, com a caneta flutuando com expectativa sobre a cartela, os “olhos baixos”, conforme o cantador instruiu.

O jogo começa. O David se empolga com tudo: marcar cada número com a caneta especial; dar risadinhas com as chamadas de bingo tradicionais – “dois patinhos na lagoa, vinte e dois; duas perninhas, onze; azar para alguém, treze” –; cada gole da cerveja aguada e quente.

Quem ganha o primeiro jogo é um dos jogadores solitários. Ele levanta a mão com calma e parece totalmente desanimado com a vitória. Quem ganha o segundo jogo é uma das senhoras da entrada, que grita “aqui!” e acena com o lençinho sobre a cabeça. O terceiro jogo é o da cartela cheia; o prêmio mais alto. O jogo parece demorar uma vida. Meus olhos começam a ficar borrados. Em certo momento, uma das senhoras grita “bingo”, mas acaba sendo alarme falso, provocando muitos muxoxos nos outros jogadores. Continuamos jogando, os números vindo cada vez mais depressa.

– Vamos lá, trinta e seis, trinta e seis – cantarola o David. – Quantos faltam pra você? – sussurra ele do outro lado da mesa.

– Hum, só um. Cinquenta e dois – respondo, esfregando os olhos.

Mais números. Outro alarme falso.

E depois:

– Ora pois, cinquenta e dois.

– Cinquenta e dois – diz o David. – Eles cantaram cinquenta e dois, Leo! Bingo! – grita ele, acenando os braços. – Bingo! Aqui!

Meu prêmio soma cem libras. É o máximo de dinheiro que já tive. Volto do quiosque no saguão, as notas lindas estalando na mão, sem conseguir acreditar que elas são minhas de verdade.

Aponto para nossos copos vazios.

– Mais uma?

Jogamos mais rodadas de bingo. O David consegue uma linha e ganha dez libras. As senhoras da entrada nos lançam olhares malvados, o que faz o David gargalhar tanto que não consegue parar. E não sei se é a cerveja ou o quê, mas de repente estou gargalhando também. Na verdade, nem é tão engraçado assim, mas, de alguma maneira, isso faz a gente rir ainda mais. É o tipo de gargalhada que não dou desde que era bem pequeno, o tipo que faz a gente segurar a barriga e ofegar em busca de ar. Acabamos rindo tão alto que temos que abandonar nossas cartelas de bingo e ir embora tropeçando. Finalmente parou de chover.

Estamos no fim da rua principal e nos virando para a orla quando o David leva a mão até a boca e solta uma arfada.

– O que aconteceu? – pergunto.

– Não paguei a conta!

E aí nós surtamos. Temos que nos apoiar um no outro porque estamos rindo demais.

É assim que sei que estou oficialmente bêbado.

Considerando que é sexta-feira à noite, as ruas de Tripton estão bem silenciosas. Ao longe, ouvimos música. Vamos em direção a ela. Em certo ponto, o David entrelaça o braço com o meu e, quando percebo, parece tarde demais para afastá-lo. Quando nos aproximamos, fica claro que a música está vindo de um pub chamado Sereia.

Empurro as portas. A música que ouvimos vem do canto do pub, onde uma mulher grandona está em pé num palco minúsculo, cantando “Beautiful”, da Christina Aguilera, com uma cortina prateada brilhosa atrás. Enquanto vamos em direção ao bar, sinto os olhos dos frequentadores em nós. Pela primeira vez desde que chegamos a Tripton, sinto o nervosismo do David enquanto ele agarra o meu braço, as unhas se enfiando na minha pele, mesmo através das diversas camadas.

Eu o levo até uma mesa vazia perto da janela.

– As pessoas estão olhando? – sussurra ele, os olhos arregalados e assustados.

– Claro que não.

– Eu estou bem?

– Você está ótimo.

Pego uma nota de vinte libras na carteira.

– Não, a rodada é minha – diz o David. – Faço questão.

Abro a boca para protestar, mas depois a fecho de novo. Preciso desse dinheiro, simples assim. Se vou me mudar para cá para morar com meu pai, não posso aparecer de mãos vazias. Preciso contribuir, ganhar meu sustento.

– Obrigado. Quero uma cerveja.

– Aqui – fala o David, colocando a nota na minha mão. – Vai lá.

– Não, vai você – digo, devolvendo-a. – Você tem mais chance de ser servido.

– Como assim?

– Todo mundo sabe que é mais fácil ser servido quando você é uma garota.

Um enorme sorriso iluminado se espalha pelo rosto do David.

– O quê? Por que você está sorrindo?

– Você acabou de me chamar de garota – diz ele com o rosto todo corado e feliz.

E acho que chamei mesmo, de certo modo.

– Você me chamou de garota – repete o David, os olhos ficando enevoados, e começo a ter medo de ele chorar.

– Vai lá, então, pega as bebidas, estou com sede – digo de uma vez, chutando sua canela. Ele morde o lábio e faz que sim com a cabeça antes de respirar fundo e ir em direção ao bar.

Meus olhos passeiam pelo pub. É um daqueles lugares de estilo antigo, com painéis de madeira escura e metal para todo lado. Apesar de ainda ser novembro, já está decorado para o Natal, com uma árvore de plástico torta no bar e neve falsa salpicada de forma aleatória em todas as janelas. No palco, um cara mais velho, claramente de peruca, também entra no espírito festivo, pronto para cantar “The Fairytale of New York”, se a introdução estiver correta.

O David volta com uma caneca em cada mão e pelo menos cinco sacos de batata chips embaixo do braço, um sorriso enorme espalhado pelo rosto.

– Ele nem me pediu identidade! – conta ele. – E ainda me chamou de querida!

Dou uma risada.

– Eu te falei – digo, pegando minha caneca para aliviá-lo do peso. O David se senta no banco e abre os sacos de batata chips.

– Saúde – digo, levantando o copo.

O David levanta o olhar e sorri.

– Saúde – repete ele. – Um brinde a... o quê?

– Não sei. Precisa ter alguma coisa?

– Claro que sim! – grita ele.

Ele pensa por um instante.

– Um brinde a nós! Leo e David!

Reviro os olhos, mas bato o copo no dele mesmo assim.

O cara no palco chega ao refrão e, como a maior parte do pub se junta a ele, eu me vejo murmurando junto. O David me olha, surpreso.

– É minha música de Natal preferida – digo, dando de ombros e brincando com um porta-copos.

– Sério? Você não acha um pouco deprimente?

– Nah, eu gosto – digo. – Além do mais, a vida é deprimente, né? Todo mundo sabe que as taxas de assassinato aumentam no Natal.

– Mas isso é horrível! O Natal devia ser uma época mágica.

Balanço a cabeça.

– Você é bem sentimental de vez em quando, sabia? A próxima coisa que vai me dizer é que ainda acredita no Papai Noel.

O David me mostra a língua e toma um gole de cerveja. Sua boca deixa uma marca de batom no copo. Ele o levanta contra a luz e admira por um segundo.

– Qual é sua música de Natal preferida, então? – pergunto.

– Adivinha.

Penso por um instante antes de estalar os dedos.

– Mariah Carey, ‘All I Want for Christmas Is You’ – digo.

O David sorri devagar.

– Errado. É ‘Have Yourself a Merry Little Christmas’, na versão do Nat King Cole.

– Quem?

– Exatamente. Não pensa que você sabe tudo de mim, Leo Denton – comenta o David, balançando o dedo para mim.

Quando o David usa meu nome completo desse jeito, como a Alicia fazia, me faz lembrar dela de novo, e eu me sinto divagando por um instante, de volta ao quarto dela na Noite da Fogueira. Foi há pouco mais de uma semana, mas parece mais tempo.

– Como estou, então? – pergunta o David quando a música termina e o apresentador do karaokê começa a anunciar o próximo cantor.

– Hein? – digo, arrastando meus devaneios de volta para o pub Sereia.

– Como estou? – repete o David.

– Já te disse: bem.

– Você pode ser um pouco mais específico?

– Você está... bonito – digo.

– Mas bonito como? Você acha que eu... passo?

– Passa? – pergunto.

– Você sabe o que eu quero dizer! Tipo, eu passo como menina?

– Ah, certo. Bem, essa é difícil.

O rosto do David desaba um pouco.

– O que eu quero dizer é que é difícil porque eu te conheço como menino. Mas acho que, se eu fosse um desconhecido e te visse na rua, ia achar que você é uma menina.

– Sério? – diz o David, os olhos maravilhados de novo.

– Claro – respondo.

Ele morde o lábio para impedir o que, sem dúvida, é um sorriso de orelha a orelha se espalhando pelo rosto todo.

– Porque você é totalmente menino – diz ele –, e tem voz de menino também.

Olho por sobre o ombro, aliviado de ver que todas as pessoas ao redor estão envolvidas nas próprias conversas de bêbado.

– É prática – comento, dando de ombros. – Saber o que funciona.

– Você conhece muitas pessoas como nós? – pergunta o David.

Balanço a cabeça.

– O quê? Ninguém?

– Não.

– Mas como? E a clínica que você frequenta? Em Londres?

Dou de ombros mais uma vez.

– É fácil evitar os outros pacientes, se necessário. Minha psicóloga sempre me fala pra ir a grupos de apoio e tal, mas não é minha praia.

– Por que não?

– Porque não é. Estou preso neste corpo, pelo menos por enquanto, então de que adianta ficar resmungando sobre isso pra uma sala cheia de pessoas? Nada.

– Mas você não acha que ajuda? – pergunta o David.

– O quê?

– Poder conversar comigo e não ter que esconder nada. Não é um alívio? Hesito, querendo desviar o assunto.

– E aí, qual é seu nome de menina? – pergunto. – Você ainda não me disse.

– Como é?

– Você tem que ter um nome de menina, com certeza. Você não pode esperar de verdade que as pessoas te chamem de David com essa aparência.

– Acho que não – concorda o David, olhando para o colo e alisando o vestido com cuidado.

– Então, qual é o nome? Você deve ter pensado nisso.

– Claro que pensei – diz o David. – Eu levo isso a sério, sabe, não é só uma brincadeira.

– Mas eu sei disso – retruco, tomando um gole de cerveja. – Vamos lá, não me deixa no suspense.

– Promete que não vai rir?

– Claro que não vou.

O David respira fundo.

– Então tá. É Kate.

– Kate? Tipo a Middleton?

– É, mas não foi por isso que escolhi – diz ele de imediato –, apesar de ela ser maravilhosa.

– Então, por que foi?

O David se aproxima, com os cotovelos apoiados na mesa.

– Uma vez, eu perguntei à minha mãe e ao meu pai qual seria meu nome se eu fosse menina, e eles disseram que iam escolher entre Kate e Olivia. E eu não podia escolher Olivia, porque esse é o nome da minha irmã mais nova, por isso escolhi Kate.

– Kate – repito. – Kate Piper.

– O que foi? Você não gostou? – indaga o David.

– Não, não, eu gosto. Só achei que você ia escolher alguma coisa um pouco mais, não sei, enérgica.

– Enérgica?

– Tá, talvez enérgica seja a palavra errada. Não sei, alguma coisa um pouco mais peculiar. Mas Kate é legal. Combina com você.

– Sinceramente?

– Aham.

– Obrigado. – Ele fica radiante. – E você? Como escolheu seu nome?

Leo.

Faço uma pausa para dobrar um dos pacotes vazios de batata chips, cada vez menor até não conseguir dobrar mais, deixando meus dedos melados de sal e gordura.

– Então? – insiste o David.

– Minha mãe me ajudou a escolher – digo, limpando as mãos na calça jeans. – Leo é o signo de Leão em inglês, meu signo, não que eu curta essas coisas. Mas a minha mãe sugeriu e meio que funcionou.

– Isso é muito legal – comenta o David. – Não consigo me imaginar tendo essa conversa com minha mãe, nem por um segundo. Como foi que você conseguiu fazer todo mundo te chamar assim?

– Eu me recusava a responder a outro nome. E acabou pegando. Eu nunca fui muito Megan, de qualquer maneira.

Há uma longa pausa. Apesar de não termos dado nem um passo na praia, tem areia debaixo das minhas unhas.

– O que você vai falar pro Jimmy? – questiona o David baixinho.

- O que você quer dizer? – pergunto.
- Você sabe, sobre ser um garoto agora.
- Simplesmente vou contar – digo, cheio de coragem.
- Você tem um discurso preparado? – inquire o David.
- Não preciso de um discurso.

A verdade é que tenho tantas coisas para dizer que nem consigo começar a colocá-las em ordem. Toda vez que imagino a conversa que vamos ter amanhã, congelo, porque muita coisa que vou dizer depende do meu pai.

O David começa a ter uma crise de soluço muito forte, e fico feliz com a distração. Pensar em amanhã me dá dor de cabeça. Os soluços do David são tão altos que as pessoas começam a olhar para nós. Tento fazê-lo beber de cabeça para baixo, mas ele derrama tudo no vestido e o soluço continua, ainda mais alto.

Entre os soluços, continuamos a conversar sobre outras coisas – música, filmes, televisão –, e o papo tem a trilha sonora dos moradores de Tripton-on-Sea cantarolando uma música atrás da outra, alguns mais afinados que outros. E, durante um tempo, consigo bloquear a incerteza de amanhã e viver no agora. E é um momento agradável, divertido, e eu me sinto livre de um jeito que parece totalmente novo. Levo um tempinho para perceber que o David tinha razão mais cedo (não que eu vá dizer isso para ele): é bom não precisar mentir. Pela primeira vez, consigo conversar com alguém sem ter que editar cada frase antes que ela saia pela minha boca, para não me entregar. Estar com a Alicia era maravilhoso e excitante e tal, mas sempre havia um medo borbulhando sob a superfície, sempre a sensação de que eu estava andando na corda bamba e poderia cair a qualquer momento.

A conversa desvia para a escola, e o David está falando do Zachary, o louro de quem gosta, e que ele ganhou um troféu intermunicipal de alguma coisa na semana passada.

- Você realmente gosta dele, né? – pergunto.

O David fica vermelho na mesma hora.

– É – diz ele, passando o dedo na borda do copo. – Mas não tenho a menor chance.

- Tem certeza?

– Claro. Você acha mesmo que alguém popular e maravilhoso como o Zachary ia gostar de alguém como eu? Isso é muito frustrante, às vezes. Ser assim. Afasta muitas possibilidades.

– Pode ser que não... – sugiro, mas minha falta de convicção aparece na voz quando ela some. Afinal, ser assim foi o que matou a minha relação com a Alicia.

– É, sim – diz o David. – Já é assim. Meu Deus, como eu queria ser normal às vezes e poder fazer coisas normais de adolescente.

– Tipo o quê?

– Ah, nada de mais. Só, sei lá, dançar com um garoto no Baile de Natal ou alguma coisa assim.

O baile. Eu ia levar a Alicia.

– Mas normal é uma palavra idiota – comento, a raiva de repente aumentando na minha barriga. – O que significa, afinal?

– Significa se encaixar – responde o David com simplicidade.

– E é isso que você realmente quer? Se encaixar?

– Não o tempo todo, talvez. Mas a maior parte do tempo, sim, acho que seria muito mais fácil me misturar na multidão. Não é por isso que você não conta pras pessoas?

– É diferente.

– É mesmo?

Não respondo.

– E a Alicia? – pergunta o David. – Você acha que vai resolver as coisas com ela?

– De jeito nenhum. Acabou – respondo, girando o porta-copos na ponta da mesa e observando-o rodopiar no ar antes de pegá-lo. – De vez.

– Tem certeza?

– Ah, sim – digo, tomando o resto da cerveja.

O David precisa ir ao banheiro, e fico feliz porque isso significa que não tenho que continuar a falar da Alicia. Só que isso a colocou de volta no meu cérebro. Verifico o celular na remota esperança de que possa haver uma mensagem de texto ou uma ligação perdida dela, mas não tem nada. E, apesar de eu não me surpreender, sinto a pontada aguda da decepção.

Quando o David volta, com o batom reaplicado, está com mais bebidas nas mãos e um olhar malicioso no rosto.

– Caramba! – exclamo, pegando as bebidas da mão dele e colocando-as sobre a mesa. – O que é isso?

Dou uma cheirada no líquido não identificável no copo mais perto de mim, quase enfiando o guarda-chuva decorativo no olho.

– Pedi uma surpresa pro barman – diz o David, se jogando sobre o banco e quase caindo de costas.

Tomo um longo gole. O que quer que seja, é doce e forte e sobe direto para a minha cabeça. Na minha frente, o rosto do David aumenta e diminui, depois aumenta de novo, como se eu estivesse olhando para ele numa parede de espelhos no parque de diversões. Sua voz também parece estar com o volume quebrado, aumentando e diminuindo, aumentando e diminuindo. Logo nós dois estamos rindo, não sei nem do quê, mas é contagiante e não conseguimos parar, e logo as pessoas nas mesas ao redor também estão rindo. O David pede para alguém tirar uma foto de nós dois com seu celular.

– Não! – protesto. – Eu fico horrível em fotos.

Mas é tarde demais. O David está com o braço no meu ombro e gritando “xis” quando o flash pipoca, superclaro, e pontos brancos ficam dançando diante dos meus olhos.

Em certo momento, o David cai do banco, escorregando pela borda e pousando amontoado no carpete. Rio tanto que não consigo ajudá-lo a se levantar. Enquanto estou voltando para o banco, com lágrimas escorrendo pelo rosto, ouço meu nome sendo chamado.

– Leo? Leo, pode vir ao palco, por favor? – chama no microfone, cheio de esperança, o apresentador, um homem baixinho e redondo usando um colete brilhante.

– Aqui! – grita o David, juntando as mãos como se estivesse rezando. – Por favorzinho, Leonardo!

– Esse não é meu nome – retruco.

– Vamos lá, camarada, não decepciona sua namorada – diz um cara à minha esquerda.

– Ela não é minha namorada – começo a dizer, mas minha voz é engolida enquanto sou empurrado pela multidão. O pub de repente está lotado, como se toda a população de Tripton-on-Sea tivesse aparecido para testemunhar minha estreia nos palcos.

Não sei como subo ao palco, mas de alguma forma o apresentador me passa o microfone enquanto a introdução começa a tocar. Estreito os olhos para a multidão. O David deu um jeito de vir para a frente e está sentado num banco, batendo palmas de empolgação.

– Vai, Leo! – grita ele, colocando as mãos ao redor da boca.

Tento me concentrar na tela diante de mim, mas as palavras estão dançando, se recusando a parar. Não sei a letra, então simplesmente fico parado e falo as palavras no ritmo da bolinha branca quicando na tela. Mas aí o refrão começa e percebo que conheço a música e é como se eu estivesse tendo uma experiência fora do corpo quando me vejo cantando cada vez mais alto, até que, quando o refrão vem pela segunda vez, estou cantando as palavras e passeando pelo palco como um aspirante a estrela do rock.

– Neste momento, o tempo é nosso! – canto aos berros. – Então vamos voar mais alto! Incendiar as estrelas! Juntos nós vamos brilhar!

E, de repente, um cara mais velho acende o isqueiro e, poucos segundos depois, há pelo menos cinco isqueiros dançando no ar e pessoas balançando no ritmo da música. E estou bêbado, muito, muito bêbado. E o tempo todo o David está gritando muito, e é tão bizarro que começo a rir e acabo cantando e rindo até o fim da música. Aí a música acaba e o David me arrasta para fora do palco e joga os braços ao meu redor.

– Você parecia o Justin Bieber lá em cima! – grita ele no meu ouvido.

– Sai fora – retruco, empurrando-o para longe de mim.

Mas estou rindo. Nós dois estamos. Voltamos tropeçando para nossa mesa, as pessoas me dando tapinhas nas costas e me parabenizando enquanto passamos.

– Eu devia te matar por isso – digo.

– Mas você não vai fazer isso, vai? – fala o David, sorrindo de um jeito maluco. E ele está certo. Porque eu também estou sorrindo.

– Sua vez! – exclamo, me inclinando sobre a mesa ao lado para pegar o catálogo de músicas.

– De jeito nenhum – nega o David, arrancando-o das minhas mãos. – Acredita em mim, ninguém quer me ouvir cantar. Sou desafinado.

– Não é, nada.

– Sou, sim. Descobri isso aos nove, quando fui delicadamente expulso do coral da escola.

– Canalhas – rosno.

– Eu sei! Foi arrasador. Até então, eu estava convencido de que meu destino era ser a Beyoncé branca.

Solto uma risada roncada.

– Mas não é culpa deles – continua o David. – Eu era, sou, muito horrível.

– Então, qual é o sonho agora? – pergunto. – Já que ser a próxima Beyoncé foi descartado.

– Quero trabalhar com moda – responde ele. – Ser um figurinista, talvez. Ou um comprador.

– Consigo imaginar isso – murmuro.

– E você?

– Eu?

– É, o que você quer fazer?

– Meu Deus, não sei.

– Mas você não tem nenhuma ideia?

O futuro é como sempre foi para mim: nebuloso, cheio de obstáculos.

– Olha, estou com um pouco de calor, vou pegar um ar fresco – digo, me levantando.

O David se levanta num pulo também.

– Vou com você.

Sáimos no frio, passando pelos fumantes reunidos do lado de fora, agrupados em mesas de piquenique.

– Tive a melhor ideia do mundo – sussurra o David no meu ouvido, seu hálito quente por causa da bebida. – Vamos nadar!

– Tá louco? Estamos em novembro.

– E daí? Cadê seu espírito de aventura? Você devia ser o louco, lembra? O assassino da serra de metais! – Ele tropeça nas palavras, me dando um soco no peito.

– Cala a boca – sibilo. – As pessoas estão olhando.

Eu o pego pelo braço e o afasto do pub. O David me sacode e pega meu braço, me arrastando pela rua em direção à praia. Estou mole demais de bebida para fazer qualquer coisa além de permitir que ele me arraste, tropeçando, sobre a praia molhada. A maré subiu, e só sobraram alguns metros de areia. O David cai sem fôlego na areia, tirando as botas Ugg antes de arrancar a meia-calça. Viro-me para o outro lado.

– Vamos lá, Leo! – grita ele, me empurrando pela areia. E, antes que eu perceba, tiro o tênis e as meias, enrolo a calça jeans até o joelho e sigo o David até a beira do mar.

Ele pega minha mão e me encara com os olhos brilhando.

– No três?

– Isso é maluquice. Você é louco.

– Shhh! No três?

Eu me vejo fazendo que sim com a cabeça.

– Um, dois, três!

Corremos até a arrebentação, a água gelada atingindo nossos tornozelos.

Gritamos ao mesmo tempo.

– Está congelando! – berro.

– Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! – grita o David, segurando minhas mãos e pulando de um pé para o outro.

– Você é oficialmente maluco! – grito.

– Ótimo! – berra ele de volta.

Ficamos na água durante uns cinco minutos, gritando contra o frio de vez em quando, até que uma onda inesperada nos atinge, nos deixando ensopados da cintura para baixo e nos fazendo cambalear de volta para a areia numa derrota molhada.

Caímos na areia, tremendo enquanto procuramos nossas meias e sapatos no escuro. O David encontra seu celular e ilumina a areia com a luz da tela.

– Ah, olha os seus pés! – diz ele, iluminando-os como se o celular fosse uma lanterna. – São tão pequenininhos!

Bato nele.

– Ei, eu ainda estava olhando! – reclama ele. – São muito fofos.

– Guarda isso, por favor? – digo, empurrando-o. Eu o pego desprevenido e o David sai tropeçando de lado. Ele dá risadas e rola para ficar de costas.

– Olha, sou um anjo de areia! – cacareja ele, abrindo e fechando os braços e pernas.

Eu me levanto.

– Vamos lá, Kate – digo, cruzando os braços. – Estou morrendo de hipotermia aqui.

O David para de bater os braços e olha para mim.

– O que foi? – pergunto. – Por que você está me olhando desse jeito?

Ele fecha os olhos, com uma expressão de êxtase no rosto.

– Você me chamou de Kate.



37

Estou morrendo. Tenho que estar. Não há outra explicação. Minha cabeça está latejando e minha garganta parece cheia de lâminas de barbear. Eu rosno e me viro de lado. Levo alguns segundos para perceber onde estou, que não estou na minha cama do beliche na casa número sete da Sycamore Gardens, mas num colchão empelotado numa pousada em Tripton-on-Sea. Abro os olhos. As cortinas finas penduradas nas janelas não fazem nada para impedir que a luz inunde o quarto. Eu me encolho e enterro a cabeça embaixo do travesseiro antes de ter coragem de abri-los de novo, mais devagar, desta vez. No radiador, nossas coisas – minha calça jeans e meias, a meia-calça e o vestido do David – estão penduradas em desordem. Eu me viro. O David está encolhido de costas para mim, roncando baixinho. Na noite passada, pouco depois de informar que era a melhor noite da sua vida, ele vomitou no vaso do minúsculo banheiro da suíte. Depois, saiu tropeçando pelo quarto enquanto tirava as roupas, colidindo com o armário antes de por fim cair na cama.

Procuro meu celular no chão. Na noite passada, coloquei o despertador para as sete horas, para a gente poder tomar o café da manhã e acampar na porta da casa do meu pai às oito. Esfrego os olhos e os espremo para olhar a tela. Está em branco. Faço uma careta e aperto os botões. Nada. A bateria acabou.

– David – digo, cutucando suas costas. – David, acorda.

O David rosna e puxa o edredom com mais força.

– Não terminei – resmungo ele, colocando um travesseiro na cabeça.

O pânico aumenta no meu peito, e tropeço por cima do corpo adormecido dele, pegando seu celular na cômoda no lado dele da cama. Aperto o botão.

A tela pisca e acende: 11h46 da manhã. Solto o celular no chão e salto da cama, pegando minhas roupas.

Perdemos o café da manhã por mais de três horas, não que isso importe. A sra. Higgins solta um muxoxo alto quando desço a escada correndo, passo pela mesa da recepção, o David me seguindo, gritando meu nome.

Corro até a orla, desviando de pedestres, meus pulmões e panturrilhas em chamas, minha cabeça ainda latejando por causa da maior ressaca da minha vida. Só diminuo a velocidade quando entro na rua do meu pai, correndo pela calçada, contando os números até chegar ao dezoito. Não tem nenhum carro na frente da casa. Colo o rosto na janela, procurando sinais de vida.

– Merda! – grito.

– Quem você está procurando? – pergunta uma voz.

Eu me afasto da janela com um pulo.

Um senhor com um regador na mão está em pé no jardim da frente da casa ao lado.

– Hum, Jimmy, quero dizer, Jonathan, Jonathan Denton – digo. Parece estranho dizer o nome do meu pai em voz alta para um desconhecido.

– Ele acabou de sair. Volta mais tarde, acredito.

– Tá certo, obrigado.

O homem sorri e faz um sinal com a cabeça antes de entrar em casa.

Espero até ele sair de vista antes de chutar a porta do meu pai.

– Você ouviu o que ele disse, ele vai voltar – fala o David, que por fim me alcançou, ofegante. – Ai, uma pontada – acrescenta ele, massageando a barriga.

– Ele não sabe com certeza, né? – cuspo. – Ele pode ficar fora o dia e a noite toda.

– Mas provavelmente não – diz o David, continuando a esfregar a barriga.

Olho para ele furioso.

– Eu não devia ter bebido tanto ontem à noite. O que eu estava pensando? Na noite anterior a uma coisa importante como esta, como eu posso ser tão burro?

– Você estava se divertindo, Leo. Foi uma noite muito boa. Na verdade, risca isso, foi uma noite fantástica, uma das melhores que eu já tive.

– Mas não devia! – grito. – Você não entende?

O David se afasta e, por um segundo, acho que ele vai chorar. Mas não é o que ele faz; em vez disso, ajeita a peruca com cuidado. Está achatada de

um lado, sobre o qual ele dormiu, e a maquiagem de ontem está manchada e borrada.

– Então, o que a gente vai fazer? – pergunta ele.

– Vamos esperar.

Sento na murada da casa bem em frente à do meu pai, e o David se apoia relutante ao meu lado. Está frio, ainda mais que ontem, e, na corrida alucinada para sair da pousada, não peguei minhas luvas nem meu gorro. Para passar o tempo, o David tenta me estimular a brincar com ele – de espião ou de adivinhar –, mas eu me recuso. Não estou no clima. Além do mais, estou com muita raiva dele. Se eu tivesse vindo sozinho, nunca teria ficado naquele estado. Eu teria chegado aqui às oito horas em ponto, renovado, preparado e focado. Bloqueio a voz do David e encaro a casa do meu pai, com medo de que, se eu tirar os olhos dali, ela possa desaparecer. Por fim o David para de tentar conversar comigo e começa a jogar *Candy Crush Saga* no celular.

Depois de uma hora, meu estômago começa a roncar. Depois de duas horas, o som é quase ensurdecedor.

– Precisamos comer, Leo – diz o David baixinho.

– Estou bem.

– Eu sei que você gosta de pensar que não é humano, mas você é. Além do mais, se eu não comer em breve, posso desmaiar ou vomitar.

– Faz o que você quiser.

O David se levanta e vai para a avenida Marine na direção oposta ao mar. Ele volta alguns minutos depois.

– Olha, tem uma cafeteria literalmente no fim da rua. Vem se aquecer por alguns minutos, comer alguma coisa e voltar renovado.

Meu estômago ronca de novo, com raiva.

A cafeteria é quentinha e cheia de vapor, com toalhas de plástico xadrez vermelho e branco sobre as mesas e Ketchup e mostarda em enormes bisnagas. Pedimos uma montanha de queijo sobre torradas e xícaras de chocolate quente fumegante. Apesar de eu estar morto de fome, tenho que forçar a comida goela abaixo, mal sentindo o sabor. Enquanto estou catando as últimas migalhas, o David vai até o banheiro para ajeitar o cabelo e a maquiagem. Ele exagera no blush, mas não tenho forças para dizer isso a ele.

Quando voltamos para nosso ponto, um Volvo azul brilhante está estacionado na frente da casa do meu pai.

Ele voltou.

Encaro a casa.

– Tá pronto? – pergunta o David.

Eu me levanto e começo a atravessar a rua, com o David logo atrás.

Apesar de eu ter imaginado versões deste momento durante anos e anos, ainda não tenho ideia do que vou encontrar atrás da porta do número dezoito. É claro que tenho minha versão fantasiosa do que vai acontecer. Meu pai me reconhece na mesma hora, envolvendo os braços em mim de tanta alegria. Ele logo aceita que sua filhinha é um menino adolescente e me convida para morar com ele, e recomeço a vida do zero, renovado e limpo. Isso é o que aconteceria se a vida fosse um agradável filme de família; um filme com uma trilha sonora de piano e atores bonitos em todos os papéis. Mas a minha vida nunca foi um agradável filme de família. Nem de perto. Então, talvez essa seja minha hora. Talvez enfim aconteça alguma coisa boa.

Abro o portão da frente, e é como se eu fosse uma marionete, e um titereiro no céu estivesse controlando meus movimentos e me conduzindo pelo caminho curto até a porta da frente, como se eu estivesse quase flutuando. De alguma forma, chego até a porta. Levanto a mão para bater, mas, antes que os nós dos dedos encontrem o vidro, a porta se abre.

Sei que é ele imediatamente. É como se ele tivesse saído da foto na minha carteira. Está com um garotinho sobre os ombros, que deve ter uns quatro anos e está usando uma fantasia de Homem-Aranha por baixo de um casacão azul-marinho com botões vermelhos e grandes. Sempre que pensei no meu pai ao longo dos anos, nunca, jamais, pensei nele com uma família, nem uma vez. Passei a vida toda imaginando-o como um andarilho, indo de um lugar para outro, um espírito livre. Nunca o imaginei com uma esposa nem com filhos. Eu me sinto burro.

– Posso ajudar? – pergunta ele. Sua voz é profunda e muito mais elegante do que eu esperava. Procuo algum reconhecimento nos seus olhos, mas não encontro.

Abro a boca para falar, mas não sai nenhum som. O David, que eu tinha esquecido que estava ao meu lado, interfere.

– Você é Jonathan Denton? – indaga ele, apesar de todos sabermos a resposta.

– Sou. Quem quer saber? – retruca meu pai, com um franzido leve na testa.

Deve ser assim que a gente se sente quando vê alguém famoso cara a cara. Você se convence de que conhece a pessoa porque já a viu na TV e em revistas, mas não está preparado para ver a pessoa tão de perto. E você acha que sabe exatamente como vai agir quando isso acontecer, mas, quando o momento chega, você meio que desaba.

Por fim encontro minha voz, mas ela não parece pertencer a mim.

– Você conhece Samantha Binley? – pergunto.

O rosto do meu pai muda, então fica meio que sombrio. Ele deixa o Homem-Aranha deslizar pelo corpo. O Homem-Aranha olha para mim. Ele tem uma versão bebê dos olhos do meu pai. Verde com manchas âmbar. Meus olhos. Meu meio-irmão.

– Querido, as chaves estão com você? – pergunta uma voz feminina.

Meu pai dá um passo para o lado, e uma mulher aparece. Ela é bonita, com a pele bronzeada e cabelo cacheado castanho-escuro. A próxima coisa que percebo é que ela está grávida. Quando ela nos vê na porta, coloca a mão de um jeito protetor sobre a barriga. Uma aliança brilha na sua mão esquerda.

– O que é isso? – pergunta ela, delicada.

– Estão pedindo dinheiro pra caridade, né? – diz meu pai, tranquilo.

– Ah, qual é a causa? – indaga a mulher.

– Animais – diz o David. – Espécies ameaçadas.

– Leva o Archie pro carro – pede meu pai para a mulher. – Eu cuido disso.

– Tá bom, querido – concorda ela. – Vem, Archie, meu amor.

Archie me dá um último olhar curioso antes de correr atrás da mãe até o Volvo azul-brilhante. O Ford Fiesta da foto claramente já foi embora há muito tempo.

Assim que a mulher está de costas, a máscara do meu pai desaba.

– Vem – diz ele, irritado, nos conduzindo pelo corredor.

Vejo a cozinha. É clara e moderna. A geladeira é cheia de desenhos que o Archie deve ter pintado, todos com bonecos de palitinho em cores fortes, o mesmo trio repetidas vezes: mamãe, papai e Archie. Uma familiazinha perfeita.

– Você disse que estava aqui por causa da Sammy? – diz ele com a voz ligeira e comercial. Ele direciona a pergunta ao David, claramente sem saber quem sou, até agora.

– Sou filho dela – solto de repente.

Os olhos do meu pai se estreitam e vêm para mim.

– Você é um dos filhos da Sammy? – pergunta ele devagar.

Faço que sim com a cabeça.

– Sou Leo. Leo Denton.

Quando digo Denton, ele se encolhe um tiquinho.

– Sou uma das gêmeas – acrescento, com a voz quase sussurrada –, Megan e Amber. Sou a Megan. Só que não sou mais a Megan, sou o Leo.

Digo minha data de nascimento. O tempo todo, a expressão do meu pai continua neutra de um jeito artificial, como se ele estivesse tentando ao máximo não reagir a uma palavra sequer que digo.

– Sinto muito, mas não tenho ideia do que você está falando – diz ele, cruzando os braços, dando aquele sorriso que nem chega perto dos olhos, a voz calma e fria de um jeito artificial.

– Mas você precisa. Estou falando a verdade, eu juro. Posso te mostrar minha certidão de nascimento, se quiser. – Começo a procurar no bolso do meu moletom, as mãos tremendo, mas não consigo encontrar. Devo ter colocado em outro bolso. Começo a virar os bolsos do avesso, com muito medo de ter perdido.

– Não precisa de nada disso – diz meu pai apressado, apoiando a mão no meu braço. – Não sei por que você está aqui, garoto, se é dinheiro que você quer ou o quê, mas realmente não estou interessado.

Um novo pânico começa a crescer na minha barriga.

– Olha, isso não tem nada a ver com dinheiro nem com minha mãe, eu juro. Ela nem tem ideia de que eu estou aqui. Sou seu filho, juro que sou. Sou transgênero; isso significa que eu nasci no corpo errado. Sou o Leo agora, mas nasci Megan, uma das gêmeas, suas filhas gêmeas.

Meu pai esfrega a testa e xinga entre os dentes.

– Olha, acho que está na hora de vocês dois irem embora – diz ele, levantando o olhar e fazendo um movimento em direção à porta.

– Mas você pode ver que ele é seu filho! – interfere o David desesperado. – Qualquer idiota pode ver isso. Olha pros olhos dele; são exatamente como os seus. São idênticos. Olha pra eles!

E, por um segundo, meu pai faz isso, e percebo que ele também está vendo. Que sabe. Mas aí ele ajeita o rosto e nos empurra em direção à porta, com a mão na minha lombar.

Eu o afasto com uma sacudida e me viro para trás. Uma raiva quente e vermelha cresce dentro de mim, só que essa é diferente do tipo de sempre; é

repleta de algo mais – desespero em cima da raiva.

– Mas eu vim até aqui! – grito. – Você tem que me deixar conversar com você. Eu volto amanhã, se você quiser. Ou podemos nos encontrar na cidade ou alguma coisa assim. Não quero dinheiro nem provocar uma confusão nem nada, só quero te conhecer e que você me conheça.

Porque, neste momento, aceito qualquer coisa que conseguir.

Meu pai me pega pelos ombros e, por um décimo de segundo esperançoso, acho que ele vai mudar de ideia.

– Por favor? – peço.

O rosto todo do meu pai está sombrio e mau, a boca achatada numa linha firme.

– Olha, você veio atrás do homem errado – diz ele de um jeito bruto. – Então vou falar o que vai acontecer agora. Vocês, suas aberrações, vão sair por esta porta e nunca mais voltar. Entenderam?

Aberrações. Ele quase cospe a palavra.

– Querido, está tudo bem?! – grita a mulher do lado de fora.

– Aham, já estou indo – berra ele por sobre o ombro; de gelado para ensolarado num piscar de olhos.

Ele abre a porta e um sorriso de apresentador. E aí cai a ficha de que essa mulher, sua esposa, não tem ideia de mim e da Amber, nem da minha mãe nem de Cloverdale. Claro que não. É como se essa parte da vida do meu pai tivesse sido apagada.

O menino, Archie, está sentado numa cadeirinha no banco traseiro do carro, quicando. E, naquele momento, eu o odeio. Odeio essa criancinha inocente que não fez nada de errado. E também odeio o bebê que está na barriga da mulher. Eu os odeio tanto que poderia explodir.

Meu pai está atrás de nós, nos obrigando a sair pela porta e ir em direção à entrada da casa. Ele tranca a porta depois de sair e nos alcança, andando a passos largos e entrando no carro. Ele dá partida no motor e sai dirigindo, olhando, resoluto, para a frente o tempo todo, deixando a mim e David parados no jardim, congelados. A única pessoa que olha para nós é o Archie. Ele se vira na cadeirinha e me encara diretamente – seus olhos de bebê grudados na minha versão madura – até o carro virar a esquina e desaparecer.



38

– Leo? – sussurro.

Mas o Leo não olha para mim. Ele só fica em pé ali, perfeitamente parado, exceto pelos punhos, que se abrem e se fecham, devagar no início, depois cada vez mais rápido. Há um momento de silêncio absoluto antes de ele soltar um uivo terrível e sair pelo jardim, destruindo tudo como um animal selvagem. Ele arrasta a lata de lixo com rodinhas e a vira de cabeça para baixo, espalhando lixo em cima das pedras da calçada. E pega os potes de planta de terracota enfileirados sob o peitoril da janela e os esmaga um a um na parede, antes de pisotear as roseiras, de modo que elas se dobrassem e se quebrassem. Ele chuta a porta várias vezes e, por um instante, me preocupo com a possibilidade de ele chutar até entrar. Em seguida, soca a porta, os punhos batendo na madeira. E o tempo todo continua a uivar, e insisto para que pare, gritando, implorando. Uma vizinha do outro lado da rua abre a janela e grita com a gente, dizendo que vai chamar a polícia. O Leo levanta a cabeça e a xinga. Ela ofega e fecha a janela.

– Leo, por favor! – berro. Ele dá um último chute na porta antes de me empurrar para longe e sair pelo caminho, abrindo o portão com tanta força que acho que o portão vai soltar das dobradiças. Ele começa a andar pela rua em direção ao mar.

– Leo, espera! – grito. – Espera!

Mas ele continua andando, cada vez mais rápido, se aproveitando da minha lentidão por causa das botas Ugg idiotas, enquanto eu meio que corro, meio que me arrasto atrás dele.

Enfim o alcanço na frente de uma loja de presentes na orla, meu peito oscilando de exaustão.

– Leo! – grito, sem fôlego. – Fala comigo, por favor!

Ele não me responde. Nem olha para mim.

– Leo – digo, pegando sua mão.

Ele me afasta com uma sacudida, mas pelo menos para de andar e levanta os olhos para encontrar os meus. Mesmo sem querer, eu me encolho de medo. Seus olhos estão cintilando de fúria: sombrios e assassinos. Ele mantém meu olhar por alguns segundos antes de se afastar e continuar pela orla. Enquanto corro atrás dele, quase desejo que chorasse em vez de fazer isso. Eu saberia melhor o que fazer. Poderia abraçá-lo, consolá-lo, contê-lo de alguma forma. Mas ele não faz nada além de andar, com as mãos enfiadas nos bolsos, os olhos grudados no chão úmido diante de si.

– Leo, aonde você vai? – imploro de novo. Mas ele me ignora, e tudo que posso fazer é tentar mantê-lo no meu campo de visão enquanto ele apressa o passo.

Dez minutos depois, estamos na outra ponta do calçadão. Cartazes com luzes de néon que anunciam fliperamas com nomes do tipo “Flamingo” e “Terra Mágica” piscam, desgastados, algumas lâmpadas enfraquecidas ou arrancadas.

O Leo anda pelo corredor principal do maior fliperama. Ele para numa máquina de troco e coloca uma nota de dez libras, uma das dez que ele ganhou ontem à tarde no bingo, na abertura. Moedas saem emboladas. Ele as pega e coloca no bolso do moletom antes de ir para as máquinas de frutas. Ele para na frente de uma delas e enfia moedas na abertura. Não sei como as máquinas funcionam, então só fico olhando as luzes piscantes correndo e, de vez em quando, dou uma olhada para o rosto do Leo. Ele está encarando a máquina com tanta intensidade que seus olhos quase parecem estar em chamas, como se pudessem abrir um buraco na máquina se quisessem, tipo o Super-Homem.

Em certo momento, a máquina começa a piscar e fazer vários barulhos agudos. Poucos segundos depois, uma cascata de moedas desce batendo no recipiente na parte de baixo da máquina, fazendo-a transbordar. Um grupo de garotos no canto, em volta de uma máquina de jogo de tiro, olha na nossa direção com inveja, observando com desejo o brilho das moedas. Quero bater palmas ou gritar, mas, apesar da vitória, a expressão do Leo continua a mesma, e só consigo observar enquanto ele alimenta a máquina com as moedas que ganhou, todas elas, até o jogo acabar e as luzes fortes na parte da frente se apagarem. Ele para, agarrando com força a lateral da máquina, os nós dos dedos ficando brancos, como se fosse capaz de sair

voando para a atmosfera e se perder para sempre, se soltasse. Ele baixa a cabeça, e acho que finalmente vai chorar, mas não chora. Em vez disso, fica inacessível de novo e sai do fliperama, e saio correndo atrás dele mais uma vez. Do lado de fora, ele atravessa a rua na diagonal sem olhar. Um carro tem que frear de repente, e o motorista abre a janela e xinga. Mas o Leo mal pisca. Levanto a mão pedindo desculpas em nome do Leo e disparo atrás dele.

Quando chego do outro lado da rua, percebo que o Leo está indo na direção do píer. Ele se estende até o horizonte. Há cartazes enormes dizendo que é necessário pagar para usar o píer, mas não tem ninguém controlando o portão, então passamos direto.

– Leo, vai escurecer logo, eles vão fechar o píer – digo. – Não queremos ficar trancados aqui dentro.

Ele não responde. Visível através dos espaços entre as tábuas de madeira sob os nossos pés, o mar verde e sombrio lava o fundo de lama. Quanto mais andamos, mais silencioso fica, as luzes e os sons de Tripton sumindo atrás de nós, até que parece que o Leo e eu somos as únicas duas pessoas no universo. Mais de uma vez quase escorrego e tenho que me agarrar ao Leo para me equilibrar. Ele fica tenso com meu toque, mas me deixa retomar o equilíbrio antes de continuar.

– Leo, aonde estamos indo? – pergunto mais ou menos pela décima vez.

Nesse ponto, é uma pergunta bem idiota, porque não tem *nenhum* lugar para ir além da ponta do píer ou o caminho de volta. Mas ou o Leo não consegue me escutar ou prefere me ignorar, porque continua andando, sempre mantendo o ritmo. Levamos dez minutos para chegar à ponta do píer, e o tempo todo ele não fala nem uma palavra.

A ponta do píer se abre num espaço retangular salpicado com bancos de metal e binóculos antigos em mirantes. O Leo anda até a borda, apoia a mão na grade de metal e encara o mar. Eu paro atrás dele, sem saber o que fazer. Aqui, o mar é um pouco mais agitado, mas ainda está assustadoramente silencioso – o único som vem das ondas batendo sob nós. Não consigo deixar de pensar que o clima devia estar mais violento – tempestuoso e dramático –, e não essa versão estranha do silêncio. Em um dos bancos de metal estão amarrados vários buquês de flores murchas. Eu me pergunto que coisa terrível pode ter acontecido nesse local e aperto o casaco com mais força ao redor do corpo enquanto um arrepio sobe pelas minhas costas.

Ficamos assim durante vários minutos, o Leo encarando o mar enquanto continuo em pé atrás dele.

– Quando eu era pequeno – começa ele com a voz rouca –, eu queria muito uma garagem de brinquedo.

Tomo coragem para ir até o lado dele.

– Tinha cinco andares – continua ele, indicando a altura no ar – e um elevador, e eu achava incrível. Recortei uma foto da garagem do catálogo da Argos e coleí na minha cabeceira, e eu ficava deitado na cama durante horas só pra admirá-la. Acho que até sonhei com ela, de tanto que a queria. E, como eu a queria tanto, eu meio que me convenci de que, se a ganhasse, tudo ficaria bem. Era como se todas as outras coisas ruins fossem desaparecer só porque eu tinha a tal garagem. Enfim, acordei na manhã de Natal e desci a escada, e lá estava ela, embaixo da árvore, com uma fita vermelha enorme em cima, essa coisa com a qual eu sonhei durante meses. E fiquei muito empolgado e, durante uns dois dias, pensei que tinha funcionado, que tudo ia ficar bem, só porque esse monte de plástico que eu desejei era meu de verdade. Mas aí, o namorado da minha mãe na época, o Tony, pai da Tia, tropeçou na garagem e quebrou a rampa e nem pediu desculpas. E a Tia, que era só uma bebê, na verdade, colocava toda hora as mãos meladas na garagem e perdeu os carros e quebrou o elevador porque foi mexer nele com muita força, e, no Ano-Novo, a garagem estava destruída, e eu percebi que ela não tinha tornado as coisas melhores, nem de longe. E então eu me odiei por ser tão burro, por acreditar que tudo ia ficar bem por causa dela. Mas essa é a história da minha vida. Tudo que eu quero vira lixo, eu já devia ter aprendido isso.

– Você não pode falar assim – digo com urgência. – Você tem tanta coisa a seu favor, Leo.

– Não quero ouvir isso. Me deixa em paz, David.

Hoje eu sou o David. A Kate já foi esquecida.

– Não vou te deixar – digo a ele –, não enquanto você estiver desse jeito.

– Não estou pensando em me jogar da grade, se é com isso que você está preocupado – murmura ele de um jeito sombrio.

– Eu sei que não – blefo. – Mesmo assim, não vou sair daqui. Amigos não fazem isso.

Ele se vira para me encarar.

– Quantas vezes eu tenho que dizer isso? Não quero ser seu amigo nem de mais ninguém. Só quero que me deixem em paz.

Abro a boca para argumentar, mas ele fala primeiro.

– É sério. Some daqui, David, vai.

Fico onde estou.

– Vai! – grita ele, com lágrimas se acumulando nos olhos. – Me deixa em paz, David, simplesmente, por favor, some daqui!

Dou um passo em direção a ele.

– Vai embora! – berra pela última vez, antes de se virar de costas para mim e agarrar a grade com muita força. Eu me aproximo, coloco as mãos nos seus ombros e tento virá-lo a fim de olhar para mim. No início, ele resiste, se debatendo cheio de raiva. Sem desanimar, tento de novo, e desta vez sinto seu corpo exausto cedendo devagar, relaxando os braços, a cabeça caindo sobre meu ombro.

Eu o abraço apertado e o deixo chorar.

Caminhamos de volta para a Vista do Mar em silêncio. Ao longo do caminho, dou algumas olhadas para o rosto do Leo, pálido e sério. Ele não retorna os olhares, olhando direto para a frente o tempo todo. Paramos a fim de comprar uma pizza para viagem. Tenho que levar escondida para o andar de cima, passando pela sra. Higgins. Comemos na cama e vemos programas ruins na TV – *X Factor*, depois metade de um filme de ação idiota da década de 1980 com efeitos especiais muito ruins. O tempo todo, o Leo quase não fala.

– Tudo bem se a gente for dormir agora? – pergunta ele, quando os créditos do filme começam a passar. É o máximo que ele falou desde que estávamos no píer.

– Claro – digo. – O que você quiser.

Nós nos alternamos para usar o banheiro. Enquanto negociamos nossa movimentação pelo quarto minúsculo, pegando necessários e roupas de dormir, parece que estamos fazendo uma dancinha desajeitada juntos.

Quando terminamos, apago a luz e subo na cama ao lado do Leo. A cama se sacode quando ele se vira a fim de ficar de costas para mim. Eu também me viro para ficar na mesma direção, meu rosto a centímetros das suas costas encurvadas. Quero estender a mão e encostar nele, para ele saber que estou aqui se precisar, mas tenho medo de fazer isso, sem saber se iria forçar a barra.

– Leo? – sussurro.

– Sim?

– Você está bem?

Ele faz um som que não consigo decifrar.

– Leo, posso te falar uma coisa?

As cobertas farfalham. Decido entender isso como um sim.

– Acho que você é a pessoa mais corajosa que eu já conheci – digo.

O Leo solta uma gargalhada falsa.

– É porque você não conheceu muitas pessoas.

– É sério, você é mesmo – insisto. – E seu pai é louco por não querer te conhecer, maluco mesmo. Porque você é demais.

Faço uma pausa, preocupado por ter cometido um erro grave ao mencionar o Jimmy.

– Tem certeza de que não está bêbado de novo? – pergunta o Leo depois de um instante.

Entendo sua piada como um bom sinal e o cutuco com delicadeza nas costelas.

– Estou falando sério – acrescento depois de um instante. – Ele não é nem metade do homem que você já é.

A frase fica pendurada no ar como um eco.

E silêncio.

– Obrigado, David – murmura o Leo por fim, com a voz meio trêmula –, é muito legal você me dizer isso.

Meus dedos procuram hesitantes os do Leo no escuro. Eu os encontro, e meus dedos tomam coragem e se enroscam nos dele. Ouço o Leo respirar fundo antes de deixar a mão relaxar na minha. Sua mão parece pequena e macia na minha enorme raquete; quase como a de uma criança.

Ficamos deitados em silêncio durante um tempinho, nossa respiração entrando no ritmo.

– Leo?

– Sim?

– Acho que vou contar pra eles.

– Quem? Seus pais?

– É. Acho que vou contar pra eles amanhã, quando voltar pra casa. Antes de qualquer outra coisa.

– Você vai fazer a coisa certa.

– Você acha?

– Claro. Sua mãe me pareceu muito sensata quando me levou pra casa aquela vez.

– Espero que sim. Mas ainda estou apavorado.

– Como é seu pai? – pergunta o Leo baixinho.

– Dizem que eu pareço com ele, o que não é ideal, já que ele é quase um gigante.

– Não, quero dizer, como ele é como pessoa.

– Acho que ele é só um pai típico.

Assim que as palavras saem da minha boca, eu me arrependo delas.

– Merda, desculpa – digo na mesma hora. – Eu não quis dizer isso. Meu Deus, como eu fui idiota.

– Tudo bem – diz o Leo. – Continua.

Visualizo meu pai: grande, bobão e constrangedor.

– Bem, ele gosta de futebol, golfe, cerveja, carros e coisas assim – falo com cuidado. – E, quando eu era criança, ele costumava tentar me fazer jogar bola com ele no quintal e coisas desse tipo, mas, quando eu deixei claro que não curtia nada disso, ele nunca me pressionou nem me deu a impressão de que isso era um grande problema. E, quando eu pedia bonecas de Natal e quis pintar o meu quarto com cores de menina, ele nunca pestanejou ou, se fez isso, não me deixou ver. Acho que ele sempre me deixou livre.

– Ele parece muito legal – comenta o Leo.

– É – murmuro, percebendo que, ao descrevê-lo assim em voz alta, ele meio que parece mesmo.

– Por que você tem tanto medo de contar, se eles são tão legais? – pergunta o Leo, praticamente lendo minha mente.

– Porque tenho quase certeza de que eles não têm a menor ideia de que isso está acontecendo. Vou surpreender os dois e não tenho ideia de como eles vão reagir. Quero dizer, dificilmente vão soltar confete e pendurar cartazes, né?

– Eles vão aceitar, eu sei disso. Mesmo que eles fiquem chocados no início, vão acabar aceitando, eu aposto.

Aperto a mão do Leo com mais força.

– Obrigado, Leo, isso significa muito.

Ficamos deitados em silêncio durante alguns segundos.

– Você vai contar pra sua família o que aconteceu hoje? Pra Amber ou pra sua mãe ou alguém? – pergunto.

– Não sei. Acho que não. Que bem isso pode fazer? É engraçado, a Amber tinha sacado quem ele era desde o início, mas eu não via nada disso. Eu estava ofuscado pela ideia do meu pai. Jimmy, o herói...

A voz do Leo some.

– Olha, estou acabado, vou dormir agora – diz ele.

– Tá bom.

– Boa noite, David.

– Boa noite, Leo.

Fico deitado ali durante séculos antes de apagar. E, apesar de ele não dizer mais nem uma palavra, percebo que o Leo também está acordado. O tempo todo ele não solta a minha mão.



39

Acordamos ao amanhecer e escapamos da Vista do Mar antes do café da manhã.

O David viaja de volta usando roupas de menino.

– Você vai contar mesmo pra eles hoje? – pergunto.

Depois de dois dias como Kate, ele parece esquisito de volta na calça jeans de boca fina e moletom largo, com o cabelo de menino.

– Vou – responde o David com firmeza.

Mas ele parece petrificado.

Não conversamos muito durante o restante da viagem. Acho que falamos o suficiente nos últimos dias para durar a vida toda.

Nós nos despedimos na estação, no ponto de táxi em frente.

– Te vejo na escola amanhã? – indaga o David.

– Ainda não sei – admito.

– Aposto que você já é notícia velha – comenta ele, animado.

– Claro – digo, revirando os olhos, sem acreditar nisso nem por um segundo.

– Só precisamos que alguém libere uma filmagem caseira de sexo pra abafar o caso e tudo se resolve – acrescenta ele com um sorriso.

Dou um sorriso falso.

O David olha para os pés por um instante. Os cadarços do seu Converse são compridos demais e se arrastam na calçada.

– Piadas bobas à parte, eu espero mesmo que você volte.

– É, bem, vamos ver.

O David faz um sinal de positivo com a cabeça e ajeita o cachecol.

Viro-me para ir embora, e o David agarra minha mão e me puxa para um abraço. Eu me vejo retribuindo. Nós nos separamos e fazemos um sinal

com a cabeça antes de seguirmos caminhos diferentes. E é estranho, porque, enquanto atravesso a rua e vou em direção ao ponto de ônibus, eu meio que sinto falta dele.

Enquanto atravesso o conjunto habitacional, o local parece ter mudado de algum jeito, mas não sei definir como. Fiquei fora por pouco mais de quarenta e oito horas, mas parece mais tempo. Eu também me sinto diferente; ferido, como se uma camada de pele tivesse sido arrancada e por baixo estivesse tudo vermelho, delicado e doloroso ao toque.

Já passa de meio-dia, mas espero que todo mundo esteja na cama. Menos a Tia, talvez, que ainda acorda ao amanhecer como uma recém-nascida e deve estar grudada na TV há horas.

Estou procurando as chaves no fundo da mochila quando a porta se abre e a Tia joga seu corpinho em mim.

– Ele voltou! – grita ela. – O Leo voltou!

– Calma, Tia – digo. – Me deixa pelo menos entrar na maldita casa.

Estou tirando o tênis quando percebo uma silhueta na porta da sala de estar. No início, acho que é minha mãe. Levo um instante para perceber que é a tia Kerry, fumando furiosamente um cigarro e me encarando com raiva.

– O que você está fazendo aqui? – pergunto, me livrando da Tia, que ainda está com os bracinhos magros na minha cintura. Tem uma mancha molhada no meu moletom por causa das lágrimas dela.

– Tia, vai pra cima – diz a Kerry.

– Mas eu quero ver desenho com o Leo – protesta a Tia, entrelaçando os dedos nos meus.

– Eu disse pra cima! – grita a Kerry, fazendo o lábio inferior da Tia tremer.

– Vai lá, T – digo.

A Tia faz que sim com a cabeça e sobe a escada, com a cabeça baixa.

– Liga pra sua mãe e pro Spike – grita a Kerry para ela – e pra sua irmã! Diz que eles já podem voltar pra casa!

Ela se vira e entra na sala de estar. Percebo que ela quer que eu a siga. E espera até estarmos no centro da sala antes de se virar e me dar um tapa no rosto. Isso me choca mais do que dói.

– Onde diabos você estava? – late ela.

– Que diabos foi isso?! – grito com a mão no rosto.

– Responde à maldita pergunta, Leo, antes que eu realmente perca a paciência.

– Saí – murmuro.

– Saiu? Como assim saiu? Saiu pra onde?

– Por que todo esse drama? – pergunto. – Eu deixei um bilhete.

– Que bilhete? Ninguém viu bilhete nenhum.

– Deixei em cima da TV – digo, indo em direção à televisão. Mas o ponto onde deixei o bilhete está vazio. Procuro ao redor e acabo encontrando o bilhete atrás do aparelho, enfiado embaixo do aquecedor. Eu o pego e dou à Kerry. Ela não lê, apenas o joga na mesa de centro.

– É só isso? Você sai vagabundeando por duas porcarias de dias e nós só recebemos um bilhete de despedida?

– Achei que alguém ia ver – murmuro.

– Você sabe onde a sua mãe e o Spike estão agora? – pergunta ela, enfiando o dedo no meu peito. – Onde eles estiveram nas últimas duas noites?

Balanço a cabeça.

– Dirigindo por aí pra te procurar. A Tia está chorando desde ontem de manhã, a Amber e o Carl andaram pelo conjunto habitacional todo te procurando. A polícia, bem, eles não ajudaram em nada.

– Polícia? Por que vocês ligaram pra polícia?

– O que você esperava que a gente fizesse? Não tínhamos a menor ideia de onde você estava. Seu celular estava desligado.

– Eu esqueci o carregador – digo, olhando para os pés.

A Kerry continua me olhando furiosa.

– Achei que minha mãe não ia se importar – digo. – Achei que ela não ia nem perceber.

O rosto da Kerry assume um novo tom de vermelho.

– Sua mãe pode não merecer um prêmio de melhor mãe do mundo, mas eu pensaria com muito cuidado antes de acusá-la de não perceber que o próprio filho desapareceu.

– Ela parece fazer um bom trabalho em não perceber minha presença quando estou por perto, então, o que eu devo pensar? – retruco.

– Criar três filhos sozinha não é moleza, sabe.

– Não é culpa nossa se ela não consegue segurar os homens.

A Kerry me dá outro tapa. Com força. Desta vez, dói.

– Você não tem ideia, Leo – diz ela, apontando o dedo trêmulo para meu rosto. – Se você não viver a vida da sua mãe, não vai ter nenhuma ideia de

como é a vida dela, criando vocês três sozinha, então nem finge que você sabe como é.

Eu me jogo no sofá com os braços cruzados. Na minha frente, a Kerry procura o maço de cigarros no bolso da calça jeans. Ela pega um cigarro e o isqueiro cor-de-rosa de plástico na mesa de centro e o acende com as mãos ainda trêmulas. Ela faz tudo isso sem tirar os olhos de mim nem por um segundo.

– Leo, lembra aquele fim de semana em que a sua mãe voltou pra casa com o olho roxo?

Franzo a testa.

– Foi pouco depois de toda aquela confusão na escola – explica ela.

Toda aquela confusão. Quando alguém comenta o que aconteceu em fevereiro, sempre parece falar num código estranho.

– Aham – digo. – E daí?

– Qual era o nome dele mesmo? Do chefe do bando? – pergunta a Kerry.

– Alex Bonner – murmuro, minha voz sem emoção. O simples fato de dizer o nome dele em voz alta me faz sentir tonto e enjoado.

– Isso, aquele garotinho malvado. Sua mãe foi acertar as contas com o Alex, mas ele não estava em casa. Mas a mãe dele estava e falou um monte de besteira.

– O quê?

Eu conheço a mãe do Alex, todo mundo conhece. Ela é uma das pessoas do conjunto habitacional que é impossível não conhecer. Annette é o nome dela. Ela é igual ao Alex, com o mesmo cabelo preto retinto, rosto sério e constituição bruta.

– Espera, Annette Bonner deixou minha mãe com aquele olho roxo?

– Você devia ter visto a Annette. Ela estava destruída quando sua mãe terminou com ela. As pessoas tiveram que arrastar sua mãe, no fim, para separá-las.

Encaro a Kerry. Não consigo acreditar no que estou ouvindo. Minha mãe encarou a Annette Bonner por minha causa?

– Por que ela não me contou? – pergunto.

– Só Deus sabe. Só Deus sabe por que sua mãe faz um monte de coisas que ela faz.

Silêncio. Sinto a Kerry me observando enquanto fuma.

– Então vamos lá, onde você estava? – diz ela, respirando fundo e cruzando os braços. Assim como minha mãe, ela é miúda, com o porte de

um papagaio. Isso torna ainda mais incrível o fato de minha mãe ter dado uma surra na enorme Annette Bonner. Jesus.

– Vamos lá, não me deixa nesse maldito suspense – diz a Kerry, dando uma longa tragada no cigarro, a fumaça enevoando o ar entre nós. – Onde você estava?

– Você realmente quer saber? – pergunto.

– Quero, sim.

Respiro fundo.

– Eu estava em Kent.

A testa da Kerry se contrai, confusa.

– Kent? Mas fica a quilômetros de distância. Que diabos tem em Kent?

Pego minha carteira e tiro a foto do meu pai. Ela a pega e arregala os olhos. Ela baixa o olhar para mim.

– Onde foi que você conseguiu isso, Leo?

– Isso importa?

– Onde foi que você conseguiu isso, Leo? – repete ela.

– No quarto da minha mãe. Está comigo há anos.

– A gente virou a casa de pernas pro ar procurando isso – diz ela baixinho. – Sua mãe achou que tinha jogado no lixo sem querer.

Levanto o olhar. Sempre achei que minha mãe nunca tinha sentido falta da foto. Ela nunca disse nada a respeito, tenho certeza.

– Esse foi o primeiro carro dele – conta a Kerry, contornando a imagem com os dedos.

– Hoje em dia, ele está dirigindo um Volvo novinho. Azul meia-noite. Muito bonito – digo.

A Kerry levanta a cabeça de repente.

– Você o viu?

– Ah, sim. Tivemos uma bela conversa, eu e o velho Jimmy – falo com uma risada amarga.

Ela me encara, com a boca ligeiramente aberta.

– Ele não gostou muito de me ver de uma hora pra outra na porta dele – digo. – Na verdade, não gostou nada. Mas você já devia saber disso, né?

A Kerry afunda ao meu lado no sofá, a fotografia flutuando até cair no chão.

– Como ele estava? – pergunta ela.

– Desse jeito aí, só que mais velho – digo, me abaixando para pegar a foto. – Eu e a Amber temos os olhos dele – acrescento.

– Eu sabia – comenta a Kerry.

– Ele agora tem uma esposa e filhos – conto. – Uma casa elegante e tudo o mais.

– É mesmo? – murmura ela com o rosto pálido. Mas não é bem uma pergunta.

– Claro que ele não quis saber de nada. Me chamou de aberração.

– Ah, Leo.

Amasso a foto e a deixo cair. Mas não choro. Não estou planejando desperdiçar mais lágrimas por causa de Jonathan Denton.

– O que aconteceu, Kerry? Por que ele foi embora?

– Você quer dizer o que sua mãe fez pra ele ir embora? – dispara ela. – Eu sei que é isso que você está pensando, Leo.

Olho para os meus pés. Porque ela está certa: é exatamente isso que eu estava pensando.

– Eu e sua mãe sabemos muito bem que você sempre achou que ela era a vilã e seu pai era o herói – continua a Kerry. – A gente pode não ter se dado muito bem na escola e não ter passado em muitas provas, mas a gente sabe disso.

Ela pega o cigarro de novo. Está todo queimado. Ela solta um muxoxo e acende outro.

– Então me conta a verdade – digo.

Ela ergue as sobrancelhas.

– A verdade, é? Você quer a verdade?

Faço que sim com a cabeça.

– Tem certeza?

– Pelo amor de Deus, Kerry.

Ela dá uma tragada profunda no cigarro e deixa os olhos se fecharem enquanto expira. Seus cílios são macios e brilhantes. Ela os abre de novo.

– Sua mãe conheceu o Jimmy quando tinha vinte e um anos. Ele tinha vinte e três e era lindo de morrer. Todas as garotas de Cloverdale gostavam dele, mas ele escolheu sua mãe. De qualquer maneira, eles estavam saindo há seis meses quando ela descobriu que estava grávida de gêmeos. E, no início, o Jimmy ficou todo empolgado e saiu contando pra todo mundo que conhecia. Ele até a pediu em casamento, trouxe um anel ofuscante para ela. Todo mundo no bairro estava verde de inveja, até eu fiquei um pouco.

– E o que aconteceu?

– Ele começou a ficar distante, a chegar tarde em casa. Sua mãe achou que ele estava meio estressado porque o dinheiro andava curto. De qualquer maneira, um dia, umas seis semanas antes da data do parto, sua mãe chegou em casa depois de comprar comida e encontrou um bilhete na mesa de centro.

Olho para meu bilhete, embolado entre os cinzeiros e canecas.

– No início, a gente achou que era uma brincadeira – continua a Kerry. – Mas aí subimos pro andar de cima, e todas as roupas dele tinham sumido do armário, e ele não atendia ao telefone. Achei que ele ficaria com medo e iria voltar, mas ele não voltou. Sua mãe nunca mais ouviu falar dele.

– Mas isso não pode estar certo. Eu me lembro dele. Dele trocando minha fralda – digo.

A Kerry balança a cabeça.

– Você não tem como se lembrar, Leo. Ele foi embora mais de um mês antes de você nascer.

Fecho os olhos com força e tento me lembrar da imagem na minha cabeça, do meu pai cantando enquanto se inclinava sobre mim.

– Deve ser do meu ex, Chris, que você se lembra. Ele ajudou muito quando você e a Amber eram pequenos. Ou do seu avô, talvez, antes de morrer.

Balanço a cabeça com firmeza.

– Não, tenho certeza de que era ele, Kerry, eu consigo visualizar o rosto dele.

Mas já está desaparecendo, e as feições estão ficando mais confusas a cada segundo.

A Kerry coloca o cigarro no cinzeiro e pega minha mão, olhando direto nos meus olhos. Seus dedos são ásperos e estão frios de congelar.

– Não era ele, Leo. Confia em mim, não era.

Encaro o tapete com tanta intensidade que minha visão fica borrada.

– Por que ela não contou pra gente?

– O quê? Contar pra duas criancinhas que o pai delas fugiu antes mesmo de elas nascerem? Falar é fácil, Leo.

– Melhor do que não falar nada.

– Sua avó disse pra sua mãe contar pra você e pra Amber que ele tinha morrido, mas ela não conseguiu fazer isso. De qualquer maneira, assim que você aprendeu a falar, ficou obcecado na ideia do seu pai. Era mais fácil deixar você sonhar, mais fácil pra sua mãe ser a vilã que o afastou.

– Ela o amava? – pergunto.

Ela suspira e balança a cabeça.

– Amava, sim, aquela bobona.

Encaro o carpete.

– Eu sempre achei que ela tivesse afastado meu pai, como fez com todos os outros.

– Não, Leo.

– Mas esse é o motivo pra ela fazer isso – murmuro.

– Isso quê?

Levanto o olhar. Porque tudo começa a fazer sentido de um jeito estranho e confuso.

– Ela os afasta. Pra eles não irem embora como o Jimmy foi.

Não meu pai. Nunca mais. Jimmy.

A Kerry solta um suspiro pesado.

– Você e sua mãe deixaram esse homem assombrar vocês por tempo demais. É hora de seguir em frente, Leo. Vocês dois.



40

Viro a chave com cuidado na fechadura e abro a porta da frente devagar. O saguão está vazio. Entro me arrastando e encosto a orelha na porta da cozinha.

Ouçó minha família do outro lado: o farfalhar do jornal, vozes abafadas, o tinido ocasional de copos e talheres, a Rádio 4 tocando ao fundo. Uma cena de família perfeita. E estou prestes a virar tudo do avesso.

Recuo e subo a escada até meu quarto, onde jogo a mochila no chão e tiro o casaco. Procuro na minha mesa a carta que não mandei para os meus pais, aquela que quase coloquei embaixo da porta do quarto deles em agosto. Tiro-a do envelope e a leio antes de alisá-la e colá-la com cuidado na próxima página vazia do meu caderno de recortes.

Minha mãe e meu pai levantam o olhar, surpresos, quando entro na cozinha.

– Você voltou cedo – diz meu pai. – A gente achou que você viesse só pro jantar.

– Você está com uma aparência de merda – observa a Livvy.

– Livvy! – repreende minha mãe. – Olha o palavrão.

– Mas é verdade! – protesta a Livvy, apontando para mim com a colher do iogurte.

– Isso não é desculpa.

A Livvy solta a colher com um barulho e se levanta para sair da mesa.

– Senhorita, nesta casa, a gente tira os pratos da mesa quando termina.

A Livvy revira os olhos, mas vai até a lava-louças com os pratos sujos do café da manhã, colocando-os na máquina de um jeito barulhento antes de ir para a sala de estar e ligar a televisão. O tempo todo fico parado ali,

apertando meu caderno de recortes com tanta força que meus dedos começam a ficar dormentes.

Minha mãe olha para mim.

– Você realmente parece cansado, David – admite ela. – Ficou acordado a noite toda conversando, imagino. Bem, você quer um ovo mexido ou alguma coisa? Acho que deve ter um pouco de salmão defumado, se você tiver sorte.

Não digo nada.

Simplesmente me aproximo, coloco o caderno de recortes sobre a mesa e saio de novo, fechando a porta atrás de mim.

Subo a escada, me encolho na cama e espero.

A batida na porta acontece uma hora depois, mas parece que se passaram dias. E, apesar de eu esperar ouvi-la, mesmo assim dou um pulo.

– Entra – digo, sentando.

A porta se abre, e minha mãe e meu pai entram, o caderno de recortes embaixo do braço do meu pai, os dois com o rosto sério.

Eu os encaro e percebo que meu corpo todo está tremendo. Eu me pergunto se um dia meu corpo vai fazer o que quero que ele faça.

Meu pai pigarreja.

– David – diz ele –, antes de qualquer coisa, queremos que você saiba de uma coisa importante. Eu e sua mãe te amamos muito. Sempre amamos e sempre amaremos. Mas também precisamos de um tempo pra digerir isso, está bem?

Faço que sim com a cabeça.

– Bem, você tem certeza que é isso que você quer, David? – pergunta minha mãe, se aproximando um pouco. – Você não está apenas confuso?

– Não, eu tenho certeza, mãe. Tenho certeza há séculos.

– Entendi – diz ela baixinho, baixando os olhos.

Enquanto eu a observo se movendo pelo quarto, é quase como se eu visse todos os planos que ela fez para meu futuro desabando lentamente dentro da sua cabeça.

– Por que você não nos contou antes? – pergunta ela com os olhos brilhando de lágrimas enquanto senta na cama ao meu lado. Meu pai estende a mão e aperta a dela.

– Não sei – digo. – Acho que eu estava com medo. Tive medo de vocês me deserdarem ou sei lá.

E aí minha mãe começa a chorar de verdade. Claro que isso me faz chorar também e, em seguida, meu pai, o que é milagroso, porque eu não vejo meu pai chorar por nada que não seja futebol desde que os pais dele morreram. O choro barulhento deve ser genético, porque fazemos tanto barulho que a Livvy entra correndo, achando que a vovó deve ter acabado de morrer. Minha mãe a expulsa do quarto, garantindo que a vovó está bem viva. Ela acaba deixando a Livvy na casa da Cressy, para que nós três pudéssemos conversar sem interrupção.

Exploramos meu caderno de recortes página por página. Mostro para minha mãe e meu pai os vídeos a que tenho assistido no YouTube, os fóruns que visitei, os sites que li para me aprofundar no assunto. Conto para eles da clínica especializada em Londres, a que o Leo frequenta. Analiso o rosto dos dois pelo canto do olho enquanto eles encaram o monitor do computador, com os olhos arregalados, e quase consigo ver as engrenagens na cabeça deles girando na velocidade de cem rotações por segundo enquanto eles tentam processar tudo que estão vendo e ouvindo. As coisas mais explícitas fazem os dois franzirem a testa e se encolherem, e percebo que a minha mãe está segurando as lágrimas. Mas eles continuam assistindo, lendo, ouvindo. O tempo todo tenho que lembrar a mim mesmo que tive praticamente a vida toda para me acostumar aos poucos à ideia, enquanto eles só tiveram algumas horas.

Meu pai sai para fazer chá. Ele volta com uma bandeja cheia de biscoitos (os melhores, que a gente só serve quando tem visita), sanduíches de queijo e pickles e xícaras enormes de chá. Sentamos no chão do meu quarto e fazemos um tipo de piquenique, sentados num triângulo com os joelhos encostando uns nos outros.

– Me desculpem – digo enquanto bebemos o chá, minha garganta exausta, meus canais lacrimais inchados.

Minha mãe franze a testa.

– O que você quer dizer, David?

– Por não ser normal. Eu sei que seria mais fácil pra todo mundo se eu fosse.

Ela e meu pai trocam olhares.

– Não vou mentir pra você – diz ela. – Claro que eu ia preferir se as coisas fossem mais simples. Eu te amo e não quero te ver em dificuldades desnecessariamente. E o caminho pela frente, se isso for mesmo o que você quer fazer...

– É, sim – afirmo com firmeza.

– Bem, o caminho pela frente vai ser difícil. Vai ser longo e doloroso e frustrante, e você vai encontrar pessoas que não entendem. Eu nem sei se entendo neste momento.

– Eu sei. Mas estou pronto, juro que estou.

– O que eu estou tentando explicar, David – continua ela –, é que nós te amamos e vamos te apoiar.

– Além do mais – acrescenta meu pai –, quem quer ser normal, no fim das contas? Imagina isso no seu túmulo. ‘Aqui jaz Fulano-de-Tal. Totalmente normal.’

Dou um sorriso. Sei que ele está tentando ser corajoso com toda a alegria forçada. Isso me lembra de quando a mãe dele morreu, e ele estava todo animado e centrado no funeral, fazendo piadas e servindo os copos das pessoas, e mais tarde eu o ouvi chorando sozinho no banheiro.

O telefone toca. Minha mãe e meu pai acham que é para eles e me deixam sozinho com os restos do piquenique.

Quando a Livvy volta da casa da Cressy, jantamos ao redor da mesa, e minha mãe e meu pai agem como se nada tivesse mudado, quando, na verdade, três de nós quatro sabem que tudo mudou.

Vou para a cama cedo. Minha mãe me cobre, algo que ela não faz há anos. Ela andou chorando mais. Eu percebo porque seu rosto está coberto de novas manchas vermelhas.

– Posso te mostrar uma coisa? – pergunto quando ela se vira para sair.

– Claro – diz ela, apesar de parecer um pouco apreensiva.

Pego meu celular e procuro nos arquivos da câmera até encontrar a foto de mim e do Leo na outra noite em Tripton. Apesar dos protestos, o Leo está sorrindo para a câmera, os olhos brilhando. Ao lado dele, estou radiante, com o rosto corado, bêbado de álcool e de vida. Passo o celular para minha mãe e prendo a respiração. Ela encara a tela durante séculos.

– Quando foi que você tirou essa foto? – pergunta ela, sem tirar os olhos do celular.

– Há pouco tempo – respondo, mordendo o lábio.

Tento ler sua expressão, mas não consigo decifrá-la.

– Você parece muito feliz – diz ela por fim.

– Obrigado – sussurro.

Ela espia a foto mais de perto, e sua expressão muda um pouco. Ela levanta o olhar para mim, com um franzido na testa diferente do que havia no seu rosto a maior parte do dia.

– Essa foto foi tirada num pub? – pergunta ela.

– Claro que não – minto. – Você sabe que eu não bebo.



41

No dia seguinte, volto para a escola.

O David ignora meus protestos e me encontra no ponto de ônibus. No instante em que passo pelos portões da escola, os alunos me encaram boquiabertos como peixinhos dourados. Agora sei muito bem como os animais do zoológico devem se sentir. Na hora do almoço, a Essie grita “vai cuidar da sua vida!” para todo mundo que olha na nossa direção, o que acho que não ajuda muito. Mas gosto da ideia.

Na terça-feira, tenho aula de inglês. A Alicia não está na sala por causa dos ensaios de *Oh! Que bela guerra*. A visão da sua cadeira vazia ainda é suficiente para fazer minhas entranhas se revirarem.

Na quarta-feira, almoço com o David, a Essie e o Felix no refeitório. O Harry vem até nossa mesa e nos chama de “a mutante, o geek e as duas superaberrações” e pergunta se já pensamos em criar nosso próprio show itinerante. A Essie diz para ele “vazar e morrer”. Tento me levantar. O David agarra meu pulso e me puxa de volta. O Harry se afasta com um sorriso forçado.

Na quinta-feira, a Becky fica me chamando de Megan durante a chamada. Não caio na armadilha e fico olhando para a frente até o sinal tocar e eu poder escapar.

Mais tarde naquela manhã, estou andando sozinho pelo corredor quando um aluno do curso técnico me para e me pergunta se eu estaria interessado em participar da equipe do Desafio de Matemática. No início, acho que é um truque estranho e ele vai seguir com um insulto desagradável, mas não faz isso, apenas me dá um folheto.

– Precisamos de sangue novo – comenta ele –, e o sr. Steele me deu seu nome. Vai pensar no assunto?

Eu me vejo prometendo que vou pensar.

Na sexta-feira, passo pelo corredor todo sem ninguém falar nada desagradável. É só um pequeno triunfo, mas estou preparado para ele.

A questão é: eu sobrevivi à semana. E, se consigo sobreviver a uma semana, sobrevivo a mais do que isso.

Quando chego em casa da escola, minha mãe chama a mim e a Amber para a sala de estar. No início, ela não diz nada, fumando como uma chaminé enquanto mexe nos brincos de argola e não olha nos nossos olhos. Em certo momento, no entanto, ela deixa o cigarro e o isqueiro de lado, respira fundo e começa a falar.

E nós finalmente ouvimos tudo, desde o início, sem furos: a história da minha mãe nas palavras dela.



42

Quatro semanas depois

É a última sexta-feira do semestre antes do recesso de Natal, e a Essie e o Felix têm agido de um jeito estranho a semana toda; muitos sussurros urgentes quando eles acham que não estou olhando e sorrisos fixos quando acham que estou. No início, penso que é coisa de namorados, mas algo me diz que é mais do que isso.

Hoje definitivamente é o auge da estranheza dos dois. Na aula de história, a Essie está tagarelando sem parar, que nem uma doida. Até o Felix parece tenso.

– O que está acontecendo, pessoal? – pergunto, pelo menos pela centésima vez na semana.

– Nada – respondem os dois ao mesmo tempo.

– Está tudo certo pra hoje à noite, né? – pergunto.

– Claro que sim – responde a Essie. – Por que não estaria?

– Só estou confirmando – murmuro.

Pela primeira vez, decidimos boicotar o Baile de Natal. Em vez disso, vamos ficar na minha casa, devorar uma pizza (a Essie e eu, porque o Felix vai levar sua pizza alternativa de massa de couve-flor) e ver filmes de Natal. E, embora eu ache que a gente vai se divertir e tal, e apesar de, nos últimos três anos, o Baile de Natal ter provado ser a noite mais decepcionante do ano, não consigo deixar de sentir uma pequena pontada de arrependimento porque a noite de hoje vai acontecer sem mim.

A última aula antes do almoço é matemática. O sr. Steele aplica um teste de matemática. Tenho quase certeza de que “teste” é só uma palavra mais amigável para “prova”, mas eu me surpreendo me dando bem, não o

suficiente para um prêmio, mas bem. Depois da aula, vou para o refeitório. Estou descarregando minha bandeja quando sinto alguém do meu lado. Levanto o olhar. É o Leo.

Depois do seu retorno à escola após nosso fim de semana em Tripton, os professores enfim descobriram o que estava acontecendo e deram uma série de palestras especiais, explicando a situação do Leo e o que significa ser transgênero e deixando claro que todos que fossem considerados culpados de bullying enfrentariam uma punição grave. Embora os xingamentos e sussurros cruéis não tenham parado, certamente diminuíram.

Leo e eu temos saído mais. Fomos ao cinema algumas vezes, indo ao McDonald's ou ao Nando's depois. Ele foi à minha casa algumas vezes, também, e encantou minha mãe e, para minha surpresa, a Livvy. Algumas vezes por semana ele come comigo, com a Essie e o Felix. Ele nunca fala muito; só escuta e ocasionalmente faz um comentário sarcástico. No início da semana, nós quatro fomos ver a produção do clube de teatro para *Oh! Que bela guerra* no auditório da escola. A Alicia estava na peça. Ela estava muito bonita e fez dois solos. Enquanto ela cantava, os olhos do Leo pareciam sonhadores e tristes.

Ele mandou um e-mail para a psicóloga dele, a Jenny, falando de mim, e ela deu os contatos de alguns grupos de apoio para me passar e que podem me ajudar enquanto espero minha indicação para a clínica especializada em Londres ser aceita. O Leo jura que vai comigo no ano-novo, apesar de eu não ter certeza se isso vai acontecer quando chegar a hora. Ele evita o assunto do seu gênero sempre que possível, até mesmo comigo.

– Ei – digo, abrindo minha lata de Coca-Cola.

Percebo que o Leo não tem comida.

– Não me diga que você não ficou tentado pelo peru mais seco do mundo – ironizo, apresentando meu prato como se fosse o prêmio máximo de um game show.

– Não posso ficar – responde ele. – Só vim te dar isso.

Ele me dá um bilhete.

Franzo a testa e o abro, reconhecendo imediatamente a letra comprida e fina da Essie.

Se alguém perguntar, você não sabe onde estamos. Vemos você na sua casa hoje à noite. E & F x

Levanto o olhar.

– Você tem alguma ideia do que está acontecendo? – pergunto.

– Não. Eles só me pediram pra garantir que você ia receber isso. Por quê, o que está escrito?

– Que eles estão matando aula – digo. – Mas eles nunca matam aula.

Apesar de a Essie alegar ser uma rebelde, ela nunca falta à aula a menos que esteja perto de morrer.

O Leo dá de ombros.

– Não sei. Como eu disse, eles não falaram mais nada.

Ele se levanta e se vira para ir embora.

– Ei! – grito atrás dele. – Você vai ao baile hoje à noite?

– O que você acha?

– Eu, a Essie e o Felix vamos lá pra casa, se você quiser ir também.

– Obrigado pelo convite, mas acho que vou ficar em casa hoje.

Não deixo de me sentir decepcionado.

– Que chato. Nesse caso, acho que não vou te ver até o próximo semestre.

– Acho que não.

– Feliz Natal, então.

Ele sorri.

– É, Feliz Natal.

Eu o observo se afastando.

Naquela tarde, as aulas são canceladas e substituídas por DVDs ou jogos, o que torna o desaparecimento da Essie e do Felix ainda mais intrigante.

No caminho para casa, minha mãe toca músicas de Natal no carro.

No banco de trás, a Livvy não para de pular.

– Empolgada com seu primeiro baile, Livvy? – pergunto por sobre o ombro.

– Dã! – responde ela. – Claro que sim. Vai ser épico. Mãe, eu te contei que vai ter uma máquina de neve?

– Contou, querida – diz minha mãe, piscando para mim.

– Dez de nós vamos nos arrumar na casa da Cressy. A mãe dela alugou uma limusine e tudo, uma branca.

– Parece ótimo – murmuro.

– Não é só ótimo, é épico – comenta a Livvy de um jeito sonhador.

Depois de um surto inicial, a Livvy aceitou a notícia do que meus pais chamam de minhas “questões de gênero” bem melhor do que o esperado. Acho que o impacto deve ter sido aliviado pela promessa dos meus pais de complementarem minha primeira consulta na clínica em Londres com um passeio para ver *Wicked* depois. Mas às vezes percebo a Livvy olhando para mim, com os olhos semicerrados, como se estivesse tentando me entender por telepatia ou outro meio cósmico em vez de simplesmente vir me perguntar.

– Você comprou sorvete pra hoje à noite? – pergunto à minha mãe.

– Claro.

– Que sabores?

– Ah, você sabe, uma variedade – responde ela de um jeito vago.

– E você comprou um sem lactose pro Felix?

– Acho que sim...

Paramos na entrada. Enquanto estou saindo do carro, tenho certeza de que vejo a cortina se mexer, o que é estranho, porque meu pai normalmente não chega em casa do trabalho antes das cinco e meia, às vezes até mais tarde.

Minha mãe abre a porta, me empurrando para entrar na frente, e vejo a Essie e o Felix num tablado sobre a escada, a Essie com os braços estendidos e o Felix agachado ao lado dela.

– Surpresa! – gritam eles.

Percebo que a Essie está usando um par de asas de fada e tem purpurina espalhada no rosto, e o Felix está usando orelhas plásticas de rato e uma roupa que parece muito um collant prateado de corpo inteiro.

– Nem pergunta – diz ele.

– O que vocês estão fazendo aqui? – pergunto. – Vocês só iam chegar às sete.

– Estamos fazendo um teatrinho! – cantarola a Essie, toda feliz.

Viro-me para minha mãe.

– Você sabia disso?

Ela não faz nada exceto dar de ombros e depois leva a Livvy para a cozinha.

A Essie desce da escada, seguida do Felix, que está com as mãos em cima da virilha, constrangido.

– O que está acontecendo? – pergunto.

– Ela planejou uma coisa – sussurra o Felix.

– Ah. Ok.

A Essie pega uma varinha nas costas e começa a balançá-la em cima da própria cabeça.

– Não tema, minha pequena, porque hoje à noite, Cinderela, você vai ao baile! – grita ela numa voz teatral.

Ela aponta a varinha para o Felix, quase acertando seu olho. Ele corre escada acima, voltando alguns segundos depois com uma caixa preta e brilhante nas mãos. Eu a vejo e percebo que é um kit de maquiagem novinho em folha.

– É da Mac – digo, levantando o olhar. – Mas isso custa uma fortuna.

– A esposa do meu pai trabalha no escritório central – fala a Essie, dando de ombros.

– Mas você não suporta a mulher – comento.

– Ela tem sido tolerável nas últimas vezes que a vi – murmura a Essie, envergonhada.

A Essie acena com a varinha de novo e o Felix corre escada acima outra vez. Ele volta com uma peruca numa cabeça de isopor.

– Essa é *minha* peruca? – pergunto. Foi penteada para formar cachos suaves e tem uma pequena tiara em cima.

– Aham – responde a Essie, orgulhosa. – Tiro o chapéu pra sua mãe por ter roubado do seu quarto sem você perceber.

Espio pelo corredor, mas minha mãe fechou a porta da cozinha.

– E, agora, a peça principal! – grita a Essie.

Ela acena com a varinha pela última vez. O Felix corre escada acima de novo, voltando alguns segundos depois com um protetor de vestido.

– Abre – sussurra a Essie com os olhos cintilando.

Devagar, abro o zíper do protetor para revelar o vestido mais lindo que já vi. É azul-claro com alças delicadas, uma saia rodada e um cinto transparente.

– É como os vestidos de estrelas de cinema do meu caderno de recortes – sussurro, passando os dedos sobre o tecido sedoso.

– Eu sei – comenta a Essie, empolgada.

– É incrível, de verdade. Mas não posso usá-lo – digo, fechando o zíper. O rosto da Essie desaba.

– O que você quer dizer com não pode usá-lo? – exige saber ela.

– Tá falando sério? Vestir isso no baile? Com uma peruca e maquiagem e tudo o mais? Você consegue imaginar o que o Harry faria? Eu seria motivo

de risadas até o fim dos tempos. Olha, estou muito emocionado por vocês terem feito isso tudo por mim, estou impressionado, mas não posso ir ao baile vestindo isso, sinto muito. – Jogo o vestido nos braços do Felix, com lágrimas nos olhos.

– Quando a Ess disse ‘você vai ao baile’, ela não especificou qual baile – diz o Felix com delicadeza.

– O que você quer dizer?

– Quero dizer que não vamos ao Baile de Natal do Colégio Parque Eden – responde ele.

– Então, aonde nós vamos? Não vamos invadir o baile de outra escola, né?

– Não exatamente.

– Então, aonde nós vamos?

– Você vai ter que confiar na gente – diz a Essie.

Hesito.

– Olha, começa a se arrumar – continua ela. – Tudo vai se esclarecer, eu prometo. Ah, espera, mais uma coisa.

Ela corre até meu quarto e volta um minuto depois com uma caixa de sapato. Tiro a tampa e vejo um par de All Star prateado com lantejoulas.

– Tênis? – pergunto.

Ela sorri de um jeito misterioso.

– Já falei: tudo vai se esclarecer.

Minha mãe me maquiando provavelmente é um dos episódios mais surreais da minha vida até agora (e provavelmente da vida dela). É quase tão surreal quanto o Felix sentado na minha cama, vestido de rato, observando. Meu pai chega do trabalho e pede pizzas para nós (salada para o Felix) antes de levar a Livvy para a casa da Cressy. As coisas ficam ainda mais surreais quando sento à mesa da cozinha de roupão, totalmente maquiado, comendo uma fatia de pizza havaiana com meus pais como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Às seis e meia, estou em pé sozinho no meu banheiro, me encarando no espelho de corpo inteiro atrás da minha porta, sem saber exatamente o que pensar da pessoa que está me encarando de volta.

Ouçõ uma batida na porta.

– Sai logo! – grita a Essie. – A gente quer ver.

– Espera! – berro de volta.

Porque quero que este instante dure mais uns segundos. Apenas eu e o espelho. E finalmente gostando do que vejo no reflexo, mesmo que também me faça ter a sensação de que posso desmaiar ou vomitar ou fazer ambas as coisas a qualquer momento.

Mais batidas na porta.

– Tá bom, tá bom, estou indo – digo, dando uma olhada final. – Mas, primeiro, fechem os olhos.

– Estão fechados! – gritam a Essie e o Felix ao mesmo tempo.

Respiro fundo e saio do quarto com cuidado. A Essie e o Felix estão arrumados, de mãos dadas, os olhos bem fechados, o Felix vestindo um smoking ligeiramente grande para ele, a Essie num vestido lilás muito curto e uma meia-calça arrastão engenhosamente rasgada.

– Ok, podem abrir agora – instruo.

A Essie abre os olhos primeiro, ofega, me abraça e na mesma hora cai no choro.

– Espero que sejam lágrimas de alegria – digo enquanto ela soluça no meu ombro.

– Claro que sim! – choraminga ela, se afastando e se agarrando ao corrimão enquanto o rímel escorre pelo rosto.

O Felix dá a ela um lenço de papel limpo antes de abrir um sorriso e me puxar para um abraço.

– Você está um arraso – sussurra ele. – A caráter.

Dou uma risada e o abraço com mais força ainda.

A campainha toca.

– É o Leo – diz o Felix. – Eu abro.

– Leo? – pergunto.

– Ué, você não pode ir ao baile sem um acompanhante – comenta a Essie, piscando para afastar as lágrimas.

– Espera – começo a protestar. Mas o Felix já está descendo a escada. Meu pai chega à porta antes dele. A Essie e eu ficamos pendurados sobre o corrimão e observamos o Leo entrar no saguão, parecendo envergonhado num terno cinza com gravata azul.

A Essie assobia.

– Que roupa bonita, Denton! – grita ela.

Ele revira os olhos em resposta.

– Ah, olha a gravata do Leo – sussurra a Essie, enquanto meu pai pega o paletó do Leo e oferece a ele uma fatia da pizza que sobrou. – Combina com seu vestido!

– Nem começa – aviso a ela.

– Por que não? Você não tem ninguém, ele não tem ninguém...

– Somos só amigos, Ess.

– Mas vocês iam ficar tão fofos juntos!

– Ess, estou falando sério – digo com firmeza.

– Você não tem a menor graça – retruca ela. Mas também está sorrindo.

Mantive a promessa que fiz ao Leo. Não contei para a Essie nem para o Felix que estive com ele no fim de semana em que fui a Tripton. Mas eles suspeitam e devem estar loucos tentando descobrir o que fomos fazer lá. E talvez um dia, com a permissão do Leo, eu conte para eles, mas, por enquanto, aquele fim de semana é nosso segredo – só meu e do Leo.

A Essie pega minha mão e descemos a escada. Tropeço no vestido no último degrau, e o Leo tem que dar um pulo para me segurar, mas, tirando isso, foi uma descida perfeitamente graciosa.

– Você mentiu pra mim hoje à tarde – digo com leveza.

– Eu treinei muito – responde o Leo com uma das sobrancelhas erguida. Sorrimos um para o outro.

– Você está bem – diz ele.

– De verdade? Não consigo decidir se me sinto fantástico ou ridículo.

– Fica com o primeiro.

– Obrigado. Você também está ótimo. Está *terno*. Entendeu?

– Rá-rá.

– Eu tentei. Ei, você sabe pra onde a gente vai hoje à noite?

– Talvez.

– Mas você não vai me contar, né?

– Não.

Meus pais aparecem, munidos cada um com uma câmera, e fazem a gente posar para uma série de fotografias no saguão. Enquanto eles clicam sem parar, gritando instruções, eu me pergunto o que estão pensando; se estão surtando em silêncio por mandar o único filho para um baile desconhecido vestido de menina. Quaisquer que sejam seus sentimentos, eles estão escondendo bem, disfarçando com um entusiasmo alucinado. Desde que lhes contei, o comportamento dos dois tem sido levemente histérico, divididos entre a aceitação e o choque; mas tentando compensar a

parte do choque com um apoio visível. Só que outra noite ouvi minha mãe chorando de novo, meu pai acalmando-a, então estou com a sensação de que ainda temos um longo caminho a percorrer. Mas eu amo os dois por se esforçarem tanto, a ponto de meu coração doer, às vezes.

Enquanto posamos para meus pais, percebo que, em vez de usar sapatos de festa ou saltos altos, nós quatro estamos de tênis. Estou prestes a perguntar o porquê quando ouço uma buzina vindo lá de fora. A Essie corre até a sala de estar e coloca a cabeça entre as cortinas.

– A limusine chegou! – grita ela.

O Leo franze a testa.

– Uma limusine, Essie, sério? Você lembra aonde a gente está indo, né?

– Ah, relaxa, eu não resisti – comenta a Essie, dispensando-o. – Vamos, pessoal, está na hora de ir!

Sou o último a sair.

– Se cuida, filhote – diz meu pai, me abraçando.

– Pode deixar.

Minha mãe me puxa para seus braços e me aperta.

– Você está realmente maravilhoso – sussurra ela no meu ouvido.

– Obrigado, mãe.

Nós nos afastamos. Seus olhos estão molhados.

– Cuidem uns dos outros e divirtam-se – diz ela, secando os olhos com a manga. – E isso é uma ordem!

A limusine é cor-de-rosa com estofamento de estampa de leopardo e luzes piscantes. É o veículo mais horrível que já vi.

– É tão brega! Adorei! – revela a Essie, se espalhando nos assentos. – Pedi à empresa a limusine mais tosca que eles tinham, e não me decepcionaram!

– Sinto como se estivesse num videoclipe dos mais vagabundos – resmungo o Felix, sentando animado ao lado dela.

O Leo ainda está com a testa franzida.

– A gente não devia chamar a atenção pra nós, lembra? – sibila ele.

– E daí? – retruca a Essie, fazendo um biquinho.

– Detesto falar isso, mas acho que o Leo está certo – diz o Felix. – Vamos nos destacar como um dedo inchado nesta coisa.

– Será que alguém pode fazer o *favor* de me dizer aonde a gente vai? – pergunto.

Todo mundo me ignora.

A Essie suspira.

– Que tal a gente chegar a um quarteirão do local e fazer o resto do caminho a pé?

– Acho uma boa ideia – comenta o Leo, amargo.

Enquanto a limusine desvia do tráfego noturno, tento descobrir nosso possível destino. Saímos do Parque Eden, passando por várias limusines no sentido contrário, em direção à escola.

– Babacas! – grita a Essie pelo teto solar.

Depois disso, vamos para o sul, em direção ao centro da cidade, depois passamos por cima da ponte. Só então percebo aonde estamos indo.

Para Cloverdale.

O Leo orienta o motorista da limusine para chegar até os fundos do conjunto habitacional, evitando as ruas principais e nos deixando na esquina da rua Renton. Lar do antigo complexo aquático de Cloverdale. Enquanto o Leo me ajuda a saltar da limusine, percebo a fila de pessoas ao lado da cerca. Começo a me sentir nervoso, apertando a mão do Leo com força. Ele aperta de volta.

– Ai, meu Deus! – grita a Essie, agarrando o braço do Felix e dando pulinhos. – As pessoas vieram! Elas vieram de verdade!

Enquanto nos aproximamos, percebo que reconheço a maioria das pessoas na fila. Algumas das garotas da minha turma de arte têxtil, uns garotos emo do segundo ano do Ensino Médio, um casal de lésbicas do nono ano de mãos dadas, um grupo grande de góticos, de alunos do sétimo ano até os do último ano do Ensino Médio. Quando passamos por eles, sinto seus olhos em mim, as cutucadas e sussurros caindo como dominós. Minhas pernas parecem ser feitas de papel.

– Estou com você – sussurra o Leo enquanto me conduz para a frente da fila.

Chegamos lá e encontramos a Amber segurando uma prancheta, com o cabelo preso para trás num rabo de cavalo apertado do tipo não-brinca-comigo, acompanhada de um garoto musculoso de preto que é apresentado como seu namorado, Carl.

– Também conhecido como guarda-costas – diz a Essie, seus olhos passeando pelos braços do Carl.

– O que está acontecendo? – pergunto, enquanto a Essie se vira para falar com a Amber. – Vocês ficam dizendo ‘tudo vai se esclarecer’, mas até agora isso não aconteceu.

– Confia na gente – diz o Felix.

Olho para o Leo.

– É isso aí – acrescenta ele.

A Essie faz um sinal de positivo para o Carl. Ele afasta o painel solto da cerca. A Essie bate na cerca três vezes com o cotovelo. A multidão se cala.

– Declaro aberto o primeiro Baile de Natal Alternativo do Colégio Parque Eden! – grita ela e recebe aplausos educados.

Não tenho nem chance de fazer alguma pergunta, porque estou sendo empurrado para ficar de quatro. Um por um, engatinhamos através do buraco, cuidadosamente protegido com forro de plástico. Depois que passamos pelo buraco e nos levantamos, vejo que o caminho até o complexo aquático foi iluminado com centenas de luzes de Natal em potes de geleia. Seguimos até o saguão, onde há mais luzes, nos levando até a piscina em si. Nós quatro vamos na frente, e os murmúrios animados dos colegas de colégio nos seguem.

– Como foi que vocês trouxeram essas pessoas todas pra cá? – pergunto, olhando para trás.

– A gente fez uma campanha de propaganda secreta bem militante – responde o Felix de um jeito casual.

– E como foi isso?

– Ah, foi muito fácil – conta a Essie. – No instante em que o Leo descreveu este lugar, percebemos que tínhamos o espaço. Então demos uma alternativa pras pessoas: passar mais um baile de Natal odiando a raça humana e tudo que ela representa ou vir pra cá e se divertir, pra variar.

Enquanto nos aproximamos, percebo que ouço uma música.

– Isso é um DJ? – pergunto.

– Pode ser – responde o Felix, franzindo o rosto.

Quando viramos a esquina e chegamos à piscina, deixo escapar um suspiro. Porque está tudo fantástico. Há mais luzes, assim como balões brancos e faixas prateadas para todo lado. Além disso, suspensa no topo da plataforma de mergulho, tem uma bola de discoteca refletindo milhões de pontos de luz no espaço.

– Era isso que vocês estavam fazendo – digo – hoje à tarde.

– E ontem à noite. E na noite anterior – acrescenta a Essie. – Trazer um gerador pra cá não foi nada fácil, sabe.

Do outro lado da piscina, perto da parte rasa, deques espalhando músicas por um conjunto de alto-falantes enormes. O DJ parece muito com um dos irmãos mais velhos do Felix.

– Felix, aquele é o Nick? – pergunto, estreitando os olhos para a silhueta magra atrás dos deques.

– É.

– Ele não se importa de ser DJ de um baile do Ensino Médio?

O Felix vira-se para mim com o rosto sério.

– Não vou mentir pra você. Prometi ser escravo dele durante o Natal todo, em troca.

Olho para os três, seus rostos iluminados pelas velas acesas espalhadas por toda parte.

– Não acredito que vocês fizeram tudo isso – digo – só por mim.

Sinto que meus olhos estão se enchendo de lágrimas pela quinta vez esta noite.

– Ah, não! – grita a Essie. – Você não vai chorar hoje. Não é permitido, porque, pra começar, vai estragar toda a sua maquiagem. E, depois, suas emoções estão erradas: não é só por você. Dá uma olhada.

Faço o que ela manda. Aos poucos, o fundo da piscina, rebatizado de pista de dança por hoje à noite, está ficando cheio de garotos e garotas boquiabertos: os rejeitados do Colégio Parque Eden. Mas aí percebo que não são só os góticos, os emos e os nerds que estão ali na superfície escorregadia. Tem outras pessoas lá também, alunos que sempre considerei normais, que nunca imaginei que iam preferir um baile numa piscina abandonada em Cloverdale ao espetáculo da máquina de neve do Harry Beaumont.

Nick começa a tocar uma música do Bruno Mars.

– Vem – diz a Essie –, vamos dançar.

– Não sei – digo, plantando os pés no chão com firmeza.

Não consigo esquecer que estou aqui como uma menina, como Kate. E lá embaixo, na pista de dança, tem uma tonelada de alunos da escola cuja reação à minha aparência eu ainda não avaliei bem.

– Vai – sussurra o Leo no meu ouvido. Hesito antes de deixar a Essie me conduzir em direção à escada. Descemos com dificuldade até a pista de dança, cuja superfície se inclina de leve em direção à parte mais funda.

– Agora eu entendi o Converse – digo, apontando com a cabeça para os meus pés.

– Viu, eu te disse que tudo ia se esclarecer – comenta ela, sorrindo e me puxando para o meio da pista.

Quando chega o refrão, sinto as pessoas me olhando. A Essie começa a dançar no mesmo instante, jogando os braços para cima e cantando junto. Mas fico preso no mesmo lugar, com muito medo de fazer movimentos súbitos. Apesar de o Leo ter aberto o caminho na escola em relação a algumas coisas, eu ainda sou um menino vestido de menina para a maioria das pessoas; David Piper travestido.

A Essie pega minhas mãos.

– O que há de errado? – pergunta ela, balançando-as.

– Acho que não consigo fazer isso, Ess, todo mundo está olhando.

Ela grita alguma coisa que não consigo entender por causa da música.

– O quê?! – grito de volta.

– Dança como se ninguém estivesse olhando! – grita ela no meu ouvido.
– Finge que somos só você e eu!

Fecho os olhos por um segundo e tento imaginar que somos só a Essie e eu dançando no quarto dela. Começo a me mexer, só os braços no início, incluindo aos poucos o restante do corpo. Depois de vinte segundos, tomo coragem para abrir os olhos e, apesar de a metade dos alunos na pista de dança ainda estar me olhando boquiaberta, consigo bloqueá-los mais ou menos durante o restante da música, me concentrando apenas no rosto sorridente da minha melhor amiga maluca enquanto ela pula sem parar na minha frente.

Dançamos algumas músicas, e estou quase relaxando quando ouço:

– Show de Aberrações.

Olho por sobre o ombro, mas a pista de dança está lotada, e não consigo descobrir de onde veio. Paro de dançar.

– Você tá bem? – pergunta a Essie, pegando meu braço.

Faço que sim com a cabeça. Isso é coisa demais cedo demais. Tento continuar a me mexer, mas meus membros parecem pesados e desajeitados.

Na próxima vez, ouço com clareza. Viro-me de costas. Um grupo de alunos do ano abaixo do nosso está em pé num semicírculo, me encarando, os lábios retorcidos de repulsa.

– Traveco – diz um deles.

Os outros caem na gargalhada.

– É, você é uma drag queen ou o quê? – pergunta outro.

O Leo aparece do nada e os interrompe:

– Sai fora. Se vocês não conseguem ser legais, é melhor irem pro outro baile.

– É – interfere a Essie. – Se vocês têm problema com alguma coisa que estão vendo, não são bem-vindos aqui.

– E aí? – rosna o Leo. – Não vão falar mais nada?

Os alunos do nono ano se entreolham antes de se afastarem, lançando olhares de nojo para nós por sobre os ombros.

– Idiotas – resmunga a Essie. – Você tá bem?

– Tô – digo, apesar de estar tremendo. – Obrigado – murmuro para o Leo enquanto a próxima música começa.

Ele dá de ombros.

– Vai ser sempre assim? – pergunto.

– Por um tempo, sim. Mas vai melhorar, eu juro. Já melhorou pra mim. E isso vem de alguém com pouca experiência.

Faço um sinal de positivo com a cabeça, aliviado ao descobrir que parei de tremer.

Quando o Felix se junta a nós, começamos a dançar de novo, e o Leo me surpreende por não ser um dançarino tão ruim, apesar de acompanhar alguns dos passos de dança mais vergonhosos da Essie. Dançamos uma música atrás da outra, e olho ao redor lentamente e vejo que menos pessoas estão me encarando; estão ocupadas demais dançando. Nosso círculo de dança se expande aos poucos, até eu perceber que estou dançando ao lado de pessoas com quem nunca falei.

Em certo momento, percebo que Simon Allen está se mexendo ao meu lado, ainda com um cheiro inconfundível de massa de modelagem, apesar de estar vestindo o que parece ser um smoking alugado.

– Ei, Simon – digo.

– Ei – responde ele. – Olha, eu, hum, só queria dizer que acho que você tem muito colhão.

No instante em que as palavras saem da sua boca, ele fica vermelho como um tomate.

– Ai, meu Deus, me desculpa, péssima escolha de palavras – gagueja ele.

– O que eu quero dizer é que eu te acho muito, muito corajoso.

Fico meio surpreso. Em todos esses anos sentando um ao lado do outro na sala de chamada, o Simon e eu mal nos falamos. Sempre houve um

acordo não verbal entre nós de que interagir um com o outro poderia atrair uma atenção indesejada para nossa estranheza individual.

– Obrigado, Simon – digo. – Eu agradeço muito por você me dizer isso.

– De nada – murmura ele, olhando para os pés antes de se virar para se afastar de novo.

– Espera – digo.

Ele se vira com o rosto ainda vermelho.

– Dança com a gente?

Ele hesita antes de fazer que sim com a cabeça e acaba ficando durante mais duas músicas.

O Nick foi instruído para tocar o máximo possível de pedidos, então a música varia do rock ao pop, do punk ao folk.

– Quer uma bebida? – pergunta o Leo quando um rock gótico especialmente obscuro começa a tocar.

– Boa ideia.

Sentamos na borda da piscina com latas de Coca-Cola, observando nossos colegas dançando lá embaixo. Um grupo de alunos do sétimo ano está nos encarando de boca aberta.

– Bloqueia esse pessoal – instrui o Leo, como se estivesse lendo minha mente.

– É estranho? – pergunto depois de alguns segundos. – Ver seu local especial ser invadido desse jeito?

Eu mal consigo acreditar que este é o mesmo espaço em que eu e o Leo estivemos naquela noite congelante, sentados no que agora é uma pista de dança lotada de pessoas.

– Um pouco – admite o Leo. – Se bem que não vai ser meu por muito tempo. Eles vão derrubar no ano-novo.

– Não brinca?

– É. Vão destruir tudo. – Ele toma um longo gole de Coca-Cola. – Nah, é bom porque vai ser derrubado com estilo.

– Eu me pergunto como está o baile de verdade – reflito.

– Você sabia que eu ia levar a Alicia, naquela época? – conta o Leo, brincando com a argola da lata.

– Sério?

Ele faz que sim com a cabeça e parece muito triste por um segundo.

– Se vale de alguma coisa, ela tuitou que ia boicotar – comento. – Mas não faz muita diferença, na verdade, né?

– Acho que não.

Faço uma pausa. O Leo está olhando para o fundo da lata de Coca-Cola.

– Você ainda gosta muito dela, né?

Ele dá de ombros e desvia o olhar.

Bem nessa hora, a música para de repente, resultando num resmungo coletivo dos góticos na pista de dança. Levo alguns segundos para reconhecer a introdução da próxima música. “Have Yourself a Merry Little Christmas”, na versão do Nat King Cole. É a primeira música lenta da noite, e as pessoas logo começam a formar pares de um jeito tímido.

– Sua música de Natal preferida, certo? – diz o Leo.

Faço que sim com a cabeça.

Ele pula para o fundo da piscina.

– Quer dançar, então? – indaga ele, estendendo a mão.

– Sério? – pergunto, olhando ao redor.

– Ninguém está olhando – mente ele. – Vem.

Deixo o Leo me ajudar a descer para a pista de dança. Apesar de termos dividido uma cama, nos abraçado, ficado de mãos dadas e contado umas coisas bem pessoais um para o outro, de algum jeito, negociar onde nossas mãos devem ficar durante a dança de repente se torna a coisa mais constrangedora do mundo. Por fim nos ajeitamos e começamos a balançar junto com a música. Mantenho os olhos no Leo, num esforço para abafar os sussurros e cutucadas que surgem de todos os ângulos. Não que eu os culpe; de certa forma, é meio que uma grande novidade: nós dois juntos dançando uma música lenta.

– Sinto muito por eu não ser o Zachary – diz o Leo quando a música chega ao segundo verso.

– O que você quer dizer?

– Você sabe, sua fantasia? Dançar com um garoto no Baile de Natal?

Estou imaginando que isso não era exatamente o que você tinha em mente.

Olho para o Leo e sorrio.

– Você está certo, não é. Mas é melhor. Cem vezes melhor.

E juro que o Leo, rei da cara de paisagem, está corado.

Quando estamos dançando o refrão final, eu a vejo; em pé na lateral da piscina, vasculhando a pista de dança lotada, o rosto todo manchado de lágrimas.

A Livvy.

– Me dá licença? – digo para o Leo.

Ele franze a testa, mas me deixa ir.

– Livvy! – grito. Quando seus olhos enfim me encontram, há um momento de confusão antes de seu rosto se derreter ao me reconhecer.

– O que você está fazendo aqui? – pergunto enquanto subo a escada na lateral da piscina.

– Peguei um táxi – responde ela.

– Mas por quê? Por que você não está na escola?

Ela olha para os próprios pés.

– A Cressy e eu brigamos.

– Por quê?

– Ela começou – comenta a Livvy. – Dançou com o Daniel Addison. Ela nem gosta dele! E sabe o quanto eu gosto dele, porque eu já disse tipo um milhão de vezes.

Seus olhos começam a se encher de lágrimas de novo.

– Vem cá – chamo.

Ela me deixa abraçá-la.

– Sinto muito, Liv – digo, acariciando seu cabelo. – Foi muito errado o que a Cressy fez.

Ela faz que sim com a cabeça de um jeito intenso, com uma bolha de meleca saindo da narina direita.

– Aqui – digo, dando a ela um guardanapo da mesa de bebidas.

Ela assoa o nariz com força.

– Como foi o baile, tirando isso? – pergunto.

Ela dá de ombros.

– Nem um pouco como eu imaginei.

– É, é assim mesmo – comento.

– A máquina de neve não funcionou – conta ela. – Nevou durante uns três segundos e depois entupiu. Quando saí, o Harry Beaumont estava do lado de fora no celular, gritando com alguém por causa disso.

Dou um sorriso.

– Estou feliz por você estar aqui, Liv.

Ela faz um sinal de positivo com a cabeça e olha para a pista de dança.

– Gostei do seu vestido – elogia ela, espiando pelo canto do olho.

– Obrigado, Liv. Também gostei do seu.

Ela morde o lábio para evitar um sorriso.

– Por que você não vem dançar? – pergunto.

– Não sei. Acho que vou ficar sentada observando – diz ela, apontando para os assentos dobráveis atrás de si.

– Não seja idiota. Vem, dançar vai fazer você se sentir melhor, eu juro. Só que é melhor tirar o salto alto antes.

E é assim que passo a maior parte do baile dançando com minha irmãzinha.

É quase o fim da noite quando escuto as notas de abertura de uma música familiar. E, por um instante, estou de volta ao pub Sereia, em Tripton-on-Sea, bêbado de vida, enquanto o Leo se sacode nervoso no minúsculo palco diante de mim, agarrado ao microfone e dando a impressão de que quer me matar.

– Eu já volto, Liv – digo.

Ela me dispensa com um aceno, dançando feliz com um grupo de alunos do oitavo ano. Atravesso a pista de dança, procurando-o no meio de tantas cabeças balançando. Quando começa o refrão, xingo entre os dentes. Eu me viro fazendo um círculo lento. Ele tem que estar em algum lugar por aqui. E então eu o vejo, abrindo caminho na pista de dança na minha direção. Abro um sorriso e empurro a multidão. Colidimos no meio da pista de dança.

– É a sua música! – grito.

– Não é, não! – grita o Leo de volta. – É nossa!

A Essie e o Felix se juntam a nós nesse momento. Colocamos os braços ao redor uns dos outros e pulamos num círculo, cantando a letra no ouvido dos outros.

Neste momento, o tempo é nosso!

Então vamos voar mais alto!

Incendiar as estrelas!

Juntos nós vamos brilhar!

E, apesar de eu saber que tem uma tonelada de coisas pela frente das quais tenho tanto medo que às vezes nem consigo respirar, hoje à noite sei que, não importa se vai ser muito difícil, tudo vai ficar bem no fim.



43

É o dia depois do Natal. A Amber está na casa do Carl. Minha mãe e o Spike, vestindo macacões combinando, estão desmaiados no sofá, com chapéus de papel amassados e tortos na cabeça. Na frente deles, na mesa de centro, os restos do almoço: sanduíches de peru, batatas Pringles, pickles de cebola e tortas de carne moída. A Tia está sentada de pernas cruzadas no chão, vendo *Valente* no DVD, com um par de asas de fadas nas costas. A sala de estar ainda está uma bagunça por causa de ontem, com papel de presente e biscoitos espalhados pelo carpete todo e copos sujos e tigelas com migalhas em todas as superfícies.

Acabou sendo um dia legal. O Spike cozinha quase bem e cuidou do jantar de Natal enquanto a Amber e a Tia fizeram uma torta de framboesa para a sobremesa. A camada de gelatina não endureceu direito, então ficou meio derretida, mas o gosto estava bom. Minha mãe estava de bom humor e até concordou em jogar Monopoly Junior depois do almoço (deixamos a Tia ganhar). À noite, a tia Kerry e o namorado e alguns amigos do Spike apareceram. Um deles trouxe um ukulele e tocou várias músicas de Natal, enquanto o Spike batucava na mesa de centro. Todos nós cantamos os refrãos, e minha mãe cantou tão alto que perdeu a voz. Quando cantamos “The Fairytale of New York”, pensei no dia em que estava no Sereia com o David em Tripton. Parece que se passaram anos. Sempre que penso em Tripton, são essas coisas – a vitória no bingo, nadar no mar congelante, segurar o cabelo do David enquanto ele vomitava no banheiro da pousada – que surgem na minha cabeça. As outras partes, as coisas ruins com meu pai, deixo enterradas. A Jenny acha que preciso trabalhar essas coisas. E vou fazer isso. Mas, por enquanto, só quero esquecê-lo e seguir em frente.

A caixa de correio treme. Olho para minha mãe e para o Spike, mas eles estão em coma. Suspiro e saio da poltrona.

É a Kate, embaixo de várias camadas. Ela está de maquiagem, e vejo sua peruca aparecendo sob o gorro verde.

– Ei, alguém cortou a grama – comenta ela, apontando para o gramado atrás de si.

– Ah, é – digo. – O Spike e alguns amigos dele se encarregaram disso na semana passada. Demoraram o dia todo.

– Ficou bonito.

– É. A gente voltou a ter um caminho de entrada.

– Eu quase esqueci: Feliz Natal – diz ela, balançando as mãos.

– Feliz Natal – respondo. – Você, hum, quer entrar?

– Melhor não, está todo mundo esperando – diz ela. Por sobre seu ombro, vejo sua mãe e seu pai e a Livvy no carro. Eles acenam. Levanto a mão num cumprimento.

– Então, como foi seu Natal? – pergunto.

– Estranho, mas bom. Contamos pra minha avó ontem.

– Uau. E aí? Como foi que ela reagiu?

– Hum, bem, acho. Chocada. Tenho quase certeza que ela quase engasgou com o pudim de Natal. Ela claramente acha que é uma fase, mas, olha, ainda não fui deserdada, então acho que isso já é alguma coisa, né?

Faço que sim com a cabeça e dou uma risada.

– Ah, quer saber o que mais?

– O quê?

– Minha indicação pra clínica em Londres foi aceita. A carta chegou na noite de Natal, você acredita?

– Isso é uma ótima notícia – falo. E estou falando sério.

– Eu sei – diz a Kate, radiante. – Pode demorar mais uns três meses até eu conseguir um horário, mas é um passo na direção certa. Sinto como se as coisas finalmente estivessem acontecendo, sabe?

– Sei bem como é.

– E temos um horário marcado com o sr. Toolan no ano-novo, pra talvez conversar sobre eu ir pra escola a caráter, talvez já na Páscoa.

– Uau.

– Eu sei! Até agora, está assustador.

Mas ela está sorrindo de orelha a orelha.

– Mas, enfim, o motivo de eu estar aqui é pra deixar isso – continua ela, colocando a mão dentro do casaco e pegando um pacote fino embrulhado em papel prateado. Ela o joga nas minhas mãos.

– O que é isso? – pergunto.

– Dã. O que você acha que é. Um presente de Natal.

– Mas não tenho nada pra você.

– Tudo bem. É só uma coisinha. E aí, não vai abrir?

– Você quer que eu abra agora?

Ela faz que sim com a cabeça.

Rasgo o papel e revelo um livro. Viro e analiso a capa.

– *Alan Turing: o enigma* – leio em voz alta.

– Parece que ele foi um matemático fantástico – explica a Kate. – Ele desvendou códigos durante a Segunda Guerra Mundial e depois enlouqueceu.

– Acho que já ouvi falar dele – comento, folheando as páginas.

– Está muito bem avaliado na Amazon – acrescenta ela.

– Adorei, obrigado – digo, fechando-o.

– Você não está falando por falar? Fiquei com medo de ser meio chato.

– Nah, parece brilhante.

Ela sorri e relaxa de novo.

– E você? Como foi seu Natal? – pergunta ela.

Olho para trás, para a cena de relativa paz na sala de estar.

– Foi... legal, na verdade.

– Você teve notícias da Alicia?

– Não. Acho que acabou tudo mesmo – digo, sorrindo de um jeito tenso.

Sinto uma rajada de vento frio de repente. Fecho o moletom até o queixo.

– Se você quer saber, é ela que está perdendo – fala a Kate, sem olhar nos meus olhos.

– É, bem, acho que a vida é assim. Nem sempre a gente consegue o que quer.

– Pode repetir isso – diz ela.

O pai dela aperta a buzina.

– É melhor eu ir. A gente vai ver *O quebra-nozes* no teatro hoje à noite. Tradição da família no dia seguinte do Natal.

– Legal. Divirta-se.

– Homens usando meia-calça. Como não me divertir? – ironiza Kate.

– Obrigado de novo pelo presente – agradeço, pigarreando e levantando o livro. – Acho que vou ler um pouco hoje à noite.

– Por nada – responde ela. – Então, te vejo no próximo ano?

– Claro que sim, te vejo no próximo ano.

– O Harry vai pegar muito no nosso pé, eu aposto.

– Talvez sim, talvez não. O que ele vai fazer? De verdade?

Parece que o fracasso da máquina de neve foi o menor dos problemas do Harry na noite do baile. Depois de estourar muito o orçamento, o público reduzido deixou o comitê de planejamento do baile endividado com a escola. Não que isso tenha sido nossa culpa diretamente, mas não tenho dúvida de que o Harry vai dar um jeito de nos responsabilizar. Mas valeu a pena. Cem por cento.

Ficamos parados ali por um instante, sorrindo, sem precisar dizer nada.

O pai da Kate aperta a buzina mais uma vez.

– É melhor você ir – digo.

– É, tem razão.

Ela me abraça com força, antes de disparar pelo caminho de entrada.

Fico parado na porta de meias e observo o carro desaparecer na Sycamore Gardens.

Mais ou menos uma hora depois, quando está escurecendo, começa a nevar. Minha mãe e o Spike foram para o pub, e a Amber ainda está na casa do Carl, então só sobramos eu e a Tia em casa.

Assim que vê a neve, ela fica louca, correndo pela sala de estar e me implorando para ir ao quintal dos fundos e fazer um boneco de neve com ela.

– Não tem neve suficiente pra isso – digo a ela.

– Bolas de neve, então! – insiste ela.

No fim, fico observando da porta. Ainda não caiu neve suficiente para fazer uma boa bola de neve, então, depois de algumas tentativas frustradas, a Tia simplesmente fica parada lá fora, com os braços estendidos e a cabeça levantada para o céu, tentando capturar flocos de neve na boca aberta.

– Pelo menos, pega o casaco – grito para ela. Mas ela não escuta. É como se a neve a tivesse enfeitiçado.

Eu logo sinto frio por ficar parado ali observando, então volto para dentro. Mas a Tia fica lá fora por mais uns dez minutos, só de Crocs, calça jeans, camiseta e asas de fada. Quando ela resolve entrar, seu rosto está

muito vermelho e os dentes estão batendo. Quando encosto nas suas mãos, parecem blocos de gelo, mas ela nem parece perceber. Às vezes eu me pergunto se a Tia tem os parafusos no lugar. Faço um chocolate quente para ela e a deixo enrolada no sofá vendo *A bela e a fera*, com uma manta de piquenique velha sobre seu corpinho minúsculo.

Vou para o andar de cima e sento na cama da Amber, onde fico olhando a neve caindo rapidamente pela janela, os flocos cada vez mais grossos. E então me vem uma sensação estranha, tipo um *déjà-vu*, de estar na neve com o Jimmy quando eu era muito, muito pequeno. Claro que agora sei que isso é impossível; é só minha mente tentando me enganar. No passado, eu teria tentado me agarrar a essa coisa que poderia ou não ser uma lembrança, mas hoje à noite ela se dissolve no nada, da mesma forma que os flocos de neve na língua da Tia.

Quando olho pela janela, se eu tirar o foco dos olhos um pouco, posso imaginar que não estou em Cloverdale, e sim num lugar muito, muito distante. É engraçado como a neve muda isso, pega tudo que é feio e cinza – as latas de lixo e as pilhas de dejetos e os carros enferrujados – e esconde embaixo de uma cobertura branca e cintilante. Não vai durar. Até amanhã à noite, a neve já vai estar lamacenta e suja. Mas, hoje à noite, sem nem uma alma à vista, está perfeita. Abro um pouquinho a janela e escuto o silêncio absoluto. Eu me mexo na cama de modo a ficar de costas e conseguir ver apenas o céu, os flocos de neve iluminados de laranja pelo poste de luz lá fora.

Não sei há quanto tempo estou deitado assim quando ouço alguém batendo à porta. Deve ser minha mãe, que esqueceu a chave, imagino. Ou um coral de Natal atrasado em busca de uma grana.

Eu me sento e escuto a Tia abrir a caixa de correio e perguntar:

– O que você quer?

Alguns segundos depois, ela grita meu nome escada acima. Desço do beliche.

– É pra você – avisa a Tia, piscando para mim no vestibulo, as asas de fada amassadas porque ela estava deitada no sofá.

– Eu percebi – digo, impaciente. – Quem é?

Ela dá de ombros e volta para a sala de estar.

Desço para o primeiro andar. Atrás do vidro da porta da frente, há uma silhueta escura. Abro a porta.

É a Alicia. Está usando um casaco roxo e protetores de orelha fofinhos. Tem neve nos seus ombros e cabelo. Eu a encaro. Tenho quase certeza de que estou boquiaberto.

Ela respira fundo.

– Quero que você saiba que não fui eu – solta ela de repente. – Não contei pra ninguém o que você me contou. Eu não faria isso. Mas aí a Becky investigou na internet e saiu espalhando. Ela não é minha pessoa preferida no momento, se isso serve de consolo. Olha, o que quero dizer é que eu sinto muito. Por tudo, mas principalmente por ter demorado tanto pra dizer isso.

Ela fala tudo isso depressa, com os olhos arregalados e assustados, como se estivesse surpresa até mesmo por estar na minha porta.

– Não, eu que sinto muito – digo. – Eu devia ter te contado desde o início, não devia ter deixado as coisas irem tão longe.

Ela coloca o dedo nos meus lábios para me calar e olha nos meus olhos.

– Leo, posso te pedir uma coisa?

Faço que sim com a cabeça.

– Podemos, por favor, esquecer isso tudo e, não sei, começar de novo?

– Começar de novo?

– Como amigos.

– Amigos – repito.

Ela estende a mão e respira fundo de novo.

– Oi. Sou Alicia Baker. Prazer em te conhecer.

Hesito antes de apertar a mão dela.

– E eu sou Leo, Leo Denton.

Ela abre um sorriso. Aquele sorriso.

– Feliz Natal, Leo Denton.

Agradecimentos

Um obrigada enorme a todos que me apoiaram enquanto eu escrevia este livro, mas especialmente:

A Bella Pearson, não só por ser uma editora incrível, mas por acreditar em mim desde o início. Eu não teria conseguido sem você.

À equipe toda da David Fickling Books, incluindo David Fickling, por suas ideias editoriais inestimáveis, sábias palavras e aceitação calorosa no catálogo; Linda Sargent, por suas observações fantásticas; Phil Earle, por fazer com que eu me sentisse meio que uma estrela; e Rosie Fickling, por responder às minhas perguntas infinitas! Eu me considero privilegiada por ser uma autora da DFB.

A Alice Todd, por criar a capa perfeita. E a Ness Wood, da DFB, por encontrá-la!

A Margaret Ferguson, da Farrar, Straus and Giroux em Nova York, por suas observações editoriais maravilhosamente cuidadosas e por manter meu cronograma em dia! Estou muito empolgada para trabalhar outras vezes com você.

À minha agente incrível, Catherine Clarke, por me transmitir segurança a cada passo no caminho.

A Imogen Cooper e à equipe fantástica da The Golden Egg Academy, por serem exatamente o que eu precisava no momento certo. Tenho muito orgulho de me considerar uma “egger”.

Ao pessoal adorável da Curtis Brown Creative (CBC), especialmente Anna Davis e Chris Wakling, por perceberem meu potencial e delicadamente sugerirem que eu devia tentar escrever para jovens adultos (o pulo do gato!).

A cada um dos meus colegas de turma da CBC, especialmente a galera das noites de segunda-feira – Paul Golden, James Hall, Michael Hines, Dan MacDonald, Fiona Perrin, Christina Pishiris, Maria Realf e Sara-Mae

Tuson. Um agradecimento especial a Fiona por me “emprestar” suas filhas e os amigos delas para um curso relâmpago de uma tarde sobre coisas de “adolescentes”. Chloe Atkinson, Elyse Emanuel, Sienna Emanuel, Jacob Grosvenor-Brown, Bryony Ingram, Lewis Lehrfreund, Georgina Martin, Will Murray, Alex Pritchard, Lizzi Shearing, Kat Smith e Will Taylor – obrigada por me ensinarem com tanto brilhantismo!

A Jake Dorothy e Stef Williams, por me convidarem para sua casa e por serem tão generosos, francos e sinceros. Sua opinião foi vital.

À equipe magnífica do Serviço de Desenvolvimento de Identidade de Gênero no The Tavistock Centre, do passado e da atualidade, mas especialmente a Polly Carmichael, Sarah Davidson, Domenico de Ceglie, Keyur Joshi e Elin Skagerberg.

A Nikki Gibbard, Winnie Tang, Katherine Watson e David Whitfield (também conhecidos como melhores amigos), por serem incríveis em vários aspectos. Uma reverência especial a Nikki, por ser minha chefe de torcida organizada desde o início – isso significou muito para mim, na época, e ainda mais agora. Muito amor para todos vocês.

À minha família, por não surtar quando anunciei, depois de dez anos como atriz, que estava planejando dar uma chance à igualmente estável carreira de escritora! Seu orgulho silencioso de mim significa muito e garante que meus pés se mantenham firmes no chão.

Às pessoas adoráveis a seguir, por ajudarem a moldar o livro de maneira geral e nos detalhes (mas sempre importantes!): Gregory Ashton/Lesley Ross, Chloe Austin, Andrew Clarke, Barry Cunningham, Julia Green, Lisa Heathfield, Jill McLay e Anna Ramberg. Vocês todos são brilhantes!

E, finalmente, obrigada, Matt, por sua paciência, superioridade em todos os assuntos de ortografia, pontuação e gramática e pela energia positiva o tempo todo. Sou muito feliz por compartilhar esta aventura com você.

Título original
THE ART OF BEING NORMAL

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2015 por David Fickling Books,
31 Beaumont Street, Oxford, OX1 2NP

Copyright do texto © Lisa Williamson, 2015
Copyright das ilustrações © Alice Todd, 2015

O direito de Lisa Williamson de ser identificada como autora desta obra foi assegurado em conformidade com o Copyright, Designs and Patents Act 1988.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

ROCCO JOVENS LEITORES

GERENTE EDITORIAL
Ana Martins Bergin

EDITORA RESPONSÁVEL
Viviane Maurey

EDITORES ASSISTENTES

Elisa Menezes

Larissa Helena

Manon Bourgeade (arte)

Milena Vargas

ASSISTENTES

Gilvan Brito (arte)

Silvânia Rangel (produção gráfica)

REVISÃO

Sophia Lang

Wendell Setubal

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS

Mariana Moura

ROCCO DIGITAL

COORDENAÇÃO DIGITAL

Lúcia Reis

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO DIGITAL

Joana De Conti

REVISÃO DE ARQUIVO EPUB

Ana Slade

Edição digital: agosto, 2015.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W692a

Williamson, Lisa

A arte de ser normal [recurso eletrônico] / Lisa Williamson ; tradução Cláudia Mello
Belhassof. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.

recurso digital

Tradução de: The art of being normal

ISBN 978-85-8122-571-5 (recurso eletrônico)

1. Romance infantojuvenil inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Belhassof, Cláudia Mello. II.
Título.

15-22742 CDD: 940.53492

CDU: 94(100)'1939/1945'

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

A Autora

Lisa Williamson nasceu e cresceu em Nottingham. Estudou teatro na Middlesex University e trabalha, desde que se formou, como atriz de palco e televisão. Entre um papel e outro, ela busca empregos temporários em escritórios, onde aproveita para escrever suas histórias quando ninguém está por perto. Foi em um desses empregos, no setor especial para jovens com dificuldades de identificação de gênero do Serviço Nacional de Saúde da Inglaterra, que a autora se inspirou para escrever *A arte de ser normal*.

Lisa mora atualmente com o namorado, Matt, em North London.